A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JULHO DE 1995

Detalhe de *Cristo Lavando os Pés dos Apóstolos*, de Dirck Van Baburen (1595-1624)
Cortesia do Staatliche Museen zu Berlin Gemäldegalerie; Fotografado por Jorg P. Anders, Berlin
Após a última ceia juntos, Jesus lavou os pés de Seus Apóstolos como exemplo de amor e serviço. A princípio, Pedro opôs-se, mas Jesus disse: "Se eu te não lavar, não tens parte comigo." (Ver João 13:4-17.)

Relatório da 165ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e Procedimentos dos dias 1º e 2 de abril de 1995, no Tabernáculo da Praça do Templo, na Cidade de Salt Lake, Utah

Irmãos e irmãs, é chegado o tempo de tomarmos mais consciência, vermos mais além e ampliarmos nossa visão para melhor compreender e entender a grandiosa missão da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em relação ao milênio. É hora de sermos fortes. É hora de prosseguirmos sem hesitar, conhecendo bem o significado, a amplitude e a importância de nossa missão. É hora de fazermos o que é certo, a despeito das conseqüências. É hora de guardarmos os mandamentos. É hora de demonstrarmos delicadeza e amor por aqueles que sofrem e que vagam na dor e escuridão. É o momento de termos consideração, bondade, honestidade e cortesia uns para com os outros em todos os tipos de relacionamento. Em outras palavras, de nos tornarmos mais semelhantes a Cristo.

Nada temos a temer. Deus está no comando. Para o bem de Seu trabalho, Ele reinará supremo. Ele derramará bênçãos sobre os que obedecem a Seus mandamentos. É esta a Sua promessa. Nenhum de nós pode duvidar de seu cumprimento, disse o Presidente Hinckley.

As palavras do Presidente Hinckley foram pronunciadas um dia depois da assembléia solene, realizada na manhã de sábado do dia 1º de abril, na qual foi apoiado pelos membros da Igreja de todo o mundo, junto com seus conselheiros, o Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência e o Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência e os membros do Quórum dos Doze Apóstolos. Incluído no apoio dado na assembléia solene a esses profetas, videntes e reveladores do Senhor, estava o Élder Henry B. Eyring, que pertencia anteriormente ao Primeiro Quórum dos Setenta e que foi chamado para preencher a vaga no Quórum dos Doze Apóstolos.

Após os apoios da assembléia solene, foram apoiados quatro novos membros do Primeiro Quórum dos Setenta, assim como um novo membro do Segundo Quórum dos Setenta. Do Segundo Quórum dos Setenta, foram chamados para o Primeiro Quórum dos Setenta os Élderes David E. Sorensen, Jay E. Jensen e John B. Dickson e, apoiado como nova Autoridade Geral para o Primeiro Quórum, W. Craig Swick, da cidade de Salt Lake. Como nova Autoridade Geral para o Segundo Quórum dos Setenta, foi chamado Bruce D. Porter, de Provo, Utah.

Além desses atos administrativos, o Presidente Hinckley anunciou na sessão do sacerdócio no sábado à noite a desobrigação honrosa de todos os representantes regionais, a partir de 15 de agosto deste ano, e anunciou a criação de um novo cargo de liderança local. Esses novos líderes serão chamados de autoridade de área. Serão sumos sacerdotes escolhidos dentre os líderes atuais e antigos da Igreja. Eles continuarão em seus empregos atuais, morarão em suas próprias casas e servirão na Igreja como voluntários. A duração do chamado será flexível, mas geralmente será de cerca de seis anos. Eles serão diretamente ligados às presidências de área, disse ele.

—Os Redatores

A LIAHONA

JULHO DE 1995, Vol. 19, nº 7
A LIAHONA, 95987 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring

Editor: Joe J. Christensen

Consultores: Spencer J. Condie, Loren C. Dunn

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Assistente de Publicação: Beth Dayley

Equipe de Desenho:
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Diretora de Produção: Jane Ann Peters
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell

Equipe de Subscrições:
Diretor: B. Rex Harris
Diretor de Distribuição: Kris Christensen
Gerente de Marketing: Joyce Hansen, Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 10,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,85**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P. O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P. O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, U.S.A.

ÍNDICE DE ASSUNTOS E ORADORES

Conferência Geral de Abril de 1995 e Reunião Geral das Moças

Sacerdócio Aarônico 20, 21
Adversidade 10
Arbítrio 10, 33, 34
Apostasia 33
Apóstolos 2
Autoridade de Área 22
Expiação 10, 26, 29
Autoridade 2
Batismo 30
Controle de Natalidade 4
Livro de Mórmon 3
Reino Celestial 33, 34
Filhos 15, 27
A Igreja de Jesus Cristo 22, 34
Confissão 29
Namoro 25
Convênios 4, 12, 14, 15, 30
Morte 5, 15
Páscoa 31
Idosos 27
Perseverança 13
Energia 34
Fé 2, 10, 13, 34
Família 4, 15, 25, 26, 28, 32
Pais 17, 20
Primeira Presidência 20, 22
Primeira Visão 33
Deus 10, 33
Espírito Santo 4
Lar 32
Ensino Familiar 19, 20
Ajuda Humanitária 24
Humildade 11, 12
Maridos 20
Imoralidade 26
Jesus Cristo 2, 5, 7, 11, 26, 27, 29, 31, 33
Chaves 2
Estilo de Vida 29
A Igreja do Senhor 20
Casamento 15, 25
Misericórdia 23
Obra Missionária 21
Mortalidade 10, 12
Homem Natural 26
Obediência 10, 29
Pais 26, 27, 33
Plano de Salvação 3, 10, 25
Oração 13, 32, 42
Sacerdócio 17, 20, 21, 22, 23
Profetas 6
Quórum dos Doze 2
Representantes Regionais 22
Arrependimento 29
Restauração 6, 33
Direitos 27
Leitura de Escrituras 37, 42
Auto-estima 24, 43
Pecado 28, 29
Assembléia Solene 5, 6, 17
Talentos 43
Ensino 2
Televisão 34
Templos 4
Tentação 29
Dízimo 17, 25
Unidade 24, 32
Guerra 23, 34

Os oradores da Conferência Geral e da Reunião Geral da Moças estão alistados em ordem alfabética

Allen, Andrea 99
Ayala, Eduardo 29
Ballard, M. Russell 23
Bateman, Merril J. 13
Brough, Monte J. 43
Christensen, Joe J. 68
Clyde, Aileen H. 27
Cole, Hilarie 100
Curtis, LeGrand R. 87
Dellenbach, Robert K. 9
Eaton, Melanie 98
Eyring, Henry B. 26
Faust, James E. 48, 65
Haight, David B. 38
Hales, Janette C. 96
Hales, Robert D. 15
Hinckley, Gordon B. 54, 74, 92, 104
Holland, Jeffrey R. 40
Martins, Helvécio 46
Maxwell, Karen 101
Maxwell, Neal A. 71
Monson, Thomas S. 4, 51, 61, 102
Nelson, Russell M. 33
Oaks, Dallin H. 89
Packer, Boyd K. 6
Parkin, Bonnie D. 83, 95
Pearce, Virginia H. 94
Perry, L. Tom 77
Peterson, Andrew W. 85
Samuelson, Cecil O., Jr. 31
Scott, Richard G. 80
Washburn, J. Ballard 11
Wirthlin, Joseph B. 18

As fotos desta edição são de Jed Clark, Welden Andersen, Craig Dimond, John Luke, Maren Younce, Don Thorpe and Tamra Hamblin.

ÍNDICE

Relatório da 165ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 1

Sessão Matutina de Sábado

Assembléia Solene
Presidente Thomas S. Monson 4

"O Escudo da Fé"
Presidente Boyd K. Packer 6

O Milagre da Tradução do Livro de Mórmon
Élder Robert K. Dellenbach 9

O Templo É um Assunto de Família
Élder J. Ballard Washburn 11

O Poder de Curar a Partir do Interior
Bispo Merrill J. Bateman 13

Escutem a Voz do Profeta e Obedeçam
Élder Robert D. Hales 15

Água Viva para Saciar a Sede Espiritual
Élder Joseph B. Wirthlin 18

Sessão Vespertina de Sábado

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja
Ted. E. Davis 21

Relatório Estatístico de 1994
F. Michael Watson 22

Respostas a Questões da Vida
Élder M. Russell Ballard 23

"Recordá-lo Sempre"
Élder Henry B. Eyring 26

Convênio de Amor
Aileen H. Clyde 27

Guardamos a Fé
Élder Eduardo Ayala 29

Como Jesus Nos Vê
Élder Cecil O. Samuelson Jr. 31

Filhos do Convênio
Élder Russell M. Nelson 33

Apoiar um Novo Profeta
Élder David B. Haight 38

Sessão do Sacerdócio

Nosso Legado do Sacerdócio
Élder Jeffrey R. Holland 40

A Busca da Identidade
Élder Monte J. Brough 43

Atalaia na Torre
Élder Helvécio Martins 46

Responsabilidades dos Pastores
Presidente James E. Faust 48

Para que Todos Ouçam
Presidente Thomas S. Monson 51

Esta Obra Diz Respeito a Pessoas
Presidente Gordon B. Hinckley 54

Sessão Matutina de Domingo

Misericórdia—O Divino Dom
Presidente Thomas S. Monson 61

Herdeiros do Reino de Deus
Presidente James E. Faust 65

O Casamento e o Grande Plano de Felicidade
Élder Joe J. Christensen 68

"Negai-vos a Toda Iniqüidade"
Élder Neal A. Maxwell 71

Esta É a Obra do Mestre
Presidente Gordon B. Hinckley 74

Sessão Vespertina de Domingo

Uma Mulher Eleita
Élder L. Tom Perry 77

Encontrar o Perdão
Élder Richard G. Scott 80

Celebrar os Convênios
Bonnie D. Parkin 83

Reflexões sobre a Páscoa
Élder Andrew W. Peterson 85

Uma Mesa Rodeada de Amor
Élder LeGrand R. Curtis 87

Apostasia e Restauração
Élder Dallin H. Oaks 89

Temos um Trabalho a Fazer
Presidente Gordon B. Hinckley 92

Reunião Geral das Moças

Pôr à Prova a Palavra de Deus
Virginia H. Pearce 94

Banquetear-se com a Palavra de Deus
Bonnie D. Parkin 95

"Banquetear-vos-eis com Esse Fruto"
Presidente Janette C. Hales 96

A Recompensa Vale a Pena
Melanie Eaton 98

Confiar no Senhor
Andrea Allen 99

Ele Estará Lá para Ajudar
Hilarie Cole 100

Ser um Líder que Promova o Crescimento
Karen Maxwell 101

Uma Época de Fazer Escolhas
Presidente Thomas S. Monson 102

A Luz Interior de Cada Uma
Presidente Gordon B. Hinckley 104

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 58

Eles Falaram para Nós 107

Notícias da Igreja 108

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO
1º de abril de 1995

Assembléia Solene de Apoio aos Oficiais da Igreja

Apresentada pelo Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Irmãos e irmãs, o Presidente Hinckley pediu-me que me encarregasse dos assuntos da assembléia solene para a qual estamos reunidos. Esta é uma ocasião de grande significado para os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em todo o mundo. Votaremos por quóruns e grupos. Onde quer que estejam, são convidados a levantar-se, quando solicitados e a demonstrar pelo braço erguido, se apóiam os nomes que lhes serão apresentados. Os que estiverem em pé quando, chamados de maneira adequada, são os que têm o privilégio do voto.

As Autoridades Gerais designadas para o Assembly Hall (Sala de Assembléia) na Praça do Templo ou para o Memorial de Joseph Smith observarão a votação nesses locais. Nas capelas de estaca, um membro da presidência da estaca observará a votação. Caso existam votos negativos, solicitamos que nos avisem. Daremos prosseguimento agora aos assuntos desta assembléia solene.

Queira a Primeira Presidência levantar-se. É proposto que a Primeira Presidência apóie Gordon Bitner Hinckley como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que a Primeira Presidência apóie Thomas Spencer Monson como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência da Igreja e James Esdras Faust como Segundo Conselheiro. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que a Primeira Presidência apóie Thomas Spencer Monson como Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos e Boyd Kenneth Packer como Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem.

É proposto que a Primeira Presidência apóie os membros do Quórum dos Doze Apóstolos: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland e Henry B. Eyring. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem.

É proposto que a Primeira Presidência apóie os Conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem. Queira a Primeira Presidência sentar-se. Convidamos o Élder Eyring a agora tomar seu lugar no Conselho dos Doze.

Queiram os membros do Quórum dos Doze Apóstolos levantar-se. É proposto que o Quórum dos Doze Apóstolos apóie Gordon Bitner Hinckley como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados pela Primeira Presidência. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem. Queiram sentar-se.

Os membros do Primeiro e Segundo Quóruns dos Setenta e do Bispado Presidente queiram levantar-se. É proposto que os membros dos Quóruns dos Setenta e do Bispado Presidente apóiem Gordon Bitner Hinckley como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados pela Primeira Presidência. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem. Queiram sentar-se.

Queiram os seguintes levantar-se onde quer que estejam participando. Todos os patriarcas ordenados e todos os membros dos quóruns de sumos sacerdotes e élderes, queiram levantar-se. É proposto que Gordon Bitner Hinckley seja apoiado como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem. Queiram sentar-se.

Queiram todos os membros do Sacerdócio Aarônico levantar-se, ou seja, todos os sacerdotes, mestres e diáconos ordenados. É proposto que Gordon Bitner Hinckley seja apoiado como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados. Os que forem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem. Queiram sentar-se.

Queiram todas as irmãs pertencentes à Sociedade de Socorro, ou seja, todas as mulheres de dezoito anos e acima, levantar-se. É proposto que Gordon Bitner Hinckley seja apoiado como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados. As que forem a favor, manifestem-se levantando o braço direito. Obrigado. As que se opuserem poderão indicá-lo. Queiram sentar-se.

Queiram as moças, ou seja, as moças de doze a dezoito anos, levantar-se. É proposto que Gordon Bitner Hinckley seja apoiado como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados. As que forem a favor, manifestem-se levantando o braço direito. Obrigado. As que se opuserem poderão indicá-lo. Queiram sentar-se.

Agora, queira toda a congregação levantar-se, incluindo todos os que já o fizeram anteriormente. É proposto que apoiemos Gordon Bitner Hinckley como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus Conselheiros e membros do Quórum dos Doze Apóstolos conforme apresentados e votados. Os que forem a favor, manifestem-se levantando o braço direito. Obrigado. Os que se opuserem poderão indicá-lo. Obrigado. Queiram sentar-se.

Permaneceremos sentados agora ao apoiarmos outras Autoridades Gerais e presidências gerais das auxiliares da Igreja. É proposto que apoiemos como Presidência dos Quóruns dos Setenta os Élderes Rex. D. Pinegar, Carlos E. Asay, Charles Didier, L. Aldin Porter, Joe. J. Christensen, Monte J. Brough e W. Eugene Hansen. Como membros adicionais do Primeiro Quórum dos Setenta: Loren C. Dunn, Gene R. Cook, William R. Bradford, John H. Groberg, Vaughn J Featherstone, Dean L. Larsen, Robert E. Wells,

James M. Paramore, Hugh W. Pinnock, F. Enzio Busche, Yoshihiko Kikuchi, Ronald E. Poelman, F. Burton Howard, Ted E. Brewerton, Jack H Goaslind, Angel Abrea, John K. Carmack, J. Richard Clarke, Hans B. Ringger, Marlin K. Jensen, Earl C. Tingey, Alexander B. Morrison, L. Lionel Kendrick, Harold G. Hillam, Carlos H. Amado, Ben B. Banks, Spencer J. Condie, Robert K. Dellenbach, Glenn L. Pace, F. Melvin Hammond, Kenneth Johnson, Lynn A. Mickelsen, Neil L. Andersen, D. Todd Christofferson, Cree-L Kofford, Dennis B. Neuenschwander, Andrew Wayne Peterson, Cecil O. Samuelson, Jr., John B. Dickson, Jay E. Jensen, David E. Sorensen, e W. Craig Zwick.

Como membros do Segundo Quórum dos Setenta: Eduardo Ayala, LeGrand R. Curtis, Helvécio Martins, J Ballard Washburn, Durrel A. Woolsey, W. Mackenzie Lawrence, Rulon G. Craven, Joseph C. Muren, Graham W. Doxey, Jorge A. Rojas, Julio E. Dávila, In Sang Han, Stephen D. Nadauld, Sam K. Shimabukuro, Lino Alvarez, Dallas N. Archibald, C. Max Caldwell, Gary J. Coleman, John E. Fowler, Augusto A. Lim, John M. Madsen, V. Dallas Merrell, F. David Stanley, Kwok Yuen Tai, Lowell D. Wood, Claudio R. Mendes Costa, W. Don Ladd, James O. Mason, Dieter F. Uchtdorf, Lance B. Wickman, e Bruce D. Porter.

Como Bispado Presidente: Bispos Merrill J. Bateman, Bispo Presidente; H. David Burton, Primeiro Conselheiro; e Richard C. Edgley, Segundo Conselheiro. Todos a favor, manifestem-se. Caso haja alguém contrário, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos as presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas. Aqueles a favor, manifestem-se. Alguém que se oponha, pode manifestar-se.

Presidente Hinckley, até onde pude observar, a votação no Tabernáculo foi unânime a favor dos nomes apresentados. Convidamos os novos membros dos Setenta a agora tomarem seu lugar junto ao púlpito. Aproximem-se, irmãos. □

O Escudo da Fé

Presidente Boyd K. Packer
Presidente Interino do Quórum dos Doze

O propósito maior de tudo que ensinamos é unir pais e filhos na fé do Senhor Jesus Cristo.

Há dez meses o Presidente Ezra Taft Benson faleceu e, sem qualquer interrupção, iniciou-se a breve e notável administração do Presidente Howard W. Hunter. Abençoadas sejam as reminiscências desse grande profeta! Novamente, sem qualquer interrupção, a ordem das coisas confirmadas nas revelações foi implantada com nossa plena participação, e a Igreja prossegue em seu curso.

Essa prática de erguermos o braço em sinal de apoio a quem é chamado para liderar ou ensinar na Igreja é de importância sagrada. O voto de apoio é dado nas reuniões, e o apoio da Primeira Presidência, agora transmitido à Igreja ao redor do mundo, ajusta-se com a revelação do Senhor. "Eu vos digo que a ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja." (D&C 42:11)

Falando pelo Quórum dos Doze Apóstolos, que "conforme a instituição do céu" deve "oficiar sob a direção da Presidência da Igreja e em nome do Senhor" (D&C 107:33), afirmamos aos irmãos que, ao apoiar o Presidente Gordon B. Hinckley e seus conselheiros, o Quórum dos Doze é um. Pois, ao erguermos nosso braço para apoiar o Presidente da Igreja, seguimos a linha de autoridade ininterrupta desde o início da Restauração.

Alguns supõem que as chaves da presidência passam de um homem para outro como o bastão em uma corrida de revezamento. Outros acreditam que o Profeta Joseph Smith, secreta ou particularmente, conferiu as chaves da presidência a um sucessor.

Essa, porém, não é a ordem das coisas. O Presidente Ezra Taft Benson não ordenou Howard W. Hunter como Presidente da Igreja, nem o Presidente Howard W. Hunter ordenou Gordon B. Hinckley como Presidente da Igreja.

Os Doze unem a linha de autoridade de uma administração para outra e não quebram essa linha.

Pouco antes de seu assassinato, em uma reunião de que participaram nove integrantes dos Doze, o Profeta Joseph Smith profeticamente declarou: "Irmãos, o Senhor ordenou-me que acelerasse a obra em que estamos envolvidos. Alguns incidentes importantes ocorrerão

em breve. Talvez eu seja morto por inimigos. Se atingirem seu propósito e as chaves e o poder que repousam sobre mim não forem transmitidos a vós, deixarão de existir na Terra. Mas se eu tiver êxito em conferi-los sobre vossa cabeça, então, se Deus assim o consentir, poderei cair vítima de mãos assassinas, e irei com todo contentamento e satisfação, sabendo que meu trabalho foi concluído e que se assentou o alicerce em que o reino de Deus será levantado nesta dispensação da plenitude dos tempos. Sobre os ombros dos Doze deve, deste momento em diante, repousar a responsabilidade de guiar esta igreja até que indiqueis outros para suceder-vos." [*Draft Declaration of the Twelve* (Minuta de Declaração dos Doze Apóstolos), que relatou a reunião dos Doze em março de 1844, *Brigham Young Papers* (Anotações de Brigham Young), Arquivos da Igreja.]

Individual e coletivamente, os Doze possuem as chaves e confirmaram a autoridade para exercer todas elas ao Apóstolo mais antigo, o homem que deve presidir a Igreja.

O Senhor preparou um sistema em que não há aspiração nem manobras para se conseguir posição ou poder, nem mesmo insinuação para pedirem-se votos ou tráfico de influência. O sistema não o permite, e muito menos o Senhor o permitiria. O sistema que orienta a Igreja não funciona da forma como o homem geralmente trabalha, e é assim que deve ser. O Senhor lembrou ao profeta Isaías: "Os meus caminhos são mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos". (Isaías 55:9)

Erguer o braço é um costume que existe desde os tempos antigos, demonstrando quando Moisés lutou com os ladrões amalequitas, os destruidores do deserto.

"Disse Moisés a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, peleja contra Amaleque; amanhã eu estarei sobre o cume do outeiro, e a vara de Deus estará na minha mão.

E fez Josué como Moisés lhe

dissera, pelejando contra Amaleque; mas Moisés, Arão, e Hur subiram ao cume do outeiro.

E aconteceu que, quando Moisés levantava a sua mão, Israel prevalecia; mas quando ele baixava a sua mão, Amaleque prevalecia.

Porém as mãos de Moisés eram pesadas, por isso tomaram uma pedra, e a puseram debaixo dele, para assentar-se sobre ela; e Arão e Hur sustentaram as suas mãos, um de um lado e o outro do outro; assim ficaram as suas mãos firmes até que o sol se pôs.

E assim Josué desfez a Amaleque e a seu povo, ao fio da espada." (Êxodo 17:9–13)

Os iníquos que agora se opõem à obra do Senhor, apesar de serem diferentes dos saqueadores amalequitas, não são menos terríveis. O apoio ao profeta é ainda essencial à contínua proteção do povo. Caso a idade e a doença tornem seus braços pesados, eles serão sustentados por seus conselheiros, que estão a seu lado. Ambos são profetas, videntes e reveladores e integrantes do Quórum dos Doze.

Em 1976, após uma conferência em Copenhague, na Dinamarca, o Presidente Spencer W. Kimball convidou-nos a ir até uma pequena igreja para ver as estátuas de Cristo e dos Doze Apóstolos de Bertel Thorvaldsen. O "*Christus*" se ergue em um nicho acima do altar. Dispostos em seqüência, nas laterais da capela, encontravam-se as estátuas dos Doze, com Paulo substituindo Judas Iscariotes.

O Presidente Kimball disse ao velho zelador que, na mesma época em que Thorvaldsen criava aquelas lindas esculturas na Dinamarca, a restauração do evangelho de Jesus Cristo ocorria nos Estados Unidos e Apóstolos e profetas recebiam a autoridade daqueles que a possuíam na antigüidade.

Reunindo os presentes junto de si, ele disse ao zelador, "Nós somos Apóstolos vivos do Senhor Jesus Cristo", e, indicando Élder Pinegar, disse: "Eis aqui um Setenta como aqueles mencionados no Novo Testamento."

Estávamos em pé ao lado da estátua de Pedro, a quem o escultor retratara com chaves nas mãos, simbolizando as chaves do reino. O Presidente Kimball disse: "Possuímos as chaves reais, como Pedro possuiu, e utilizamo-las todos os dias."

Então, tive uma experiência de que nunca me esquecerei. O Presidente Kimball, aquele profeta tão manso, voltou-se para o Presidente Johan H. Benthin, da Estaca Copenhague, e com voz imperativa, disse: "Quero que diga a todos os prelados da Dinamarca que eles NÃO possuem as chaves! EU

POSSUO AS CHAVES!"

O que ocorreu comigo foi uma experiência conhecida dos santos dos últimos dias, porém difícil de ser descrita a alguém que ainda não a tenha vivenciado—uma luz, um poder atravessando a alma—e eu sabia que, indiscutivelmente, ali estava o profeta vivo que possuía as chaves.

O Senhor revelou por que "Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas". É para "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo: Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus." (Efésios 4:11–13). O ministério dos Apóstolos—a Presidência e os Doze—é, pois, trazer-nos à unidade da fé.

Como tem acontecido desde o princípio, o adversário deseja dividir-nos, derrubar-nos e, se puder, destruir-nos. Mas o Senhor disse: "Erguei vossos corações e rejubilai, cingi os vossos lombos e tomai sobre vós toda a minha armadura para que possais resistir ao mau dia, (. . .) tomando o escudo da fé com o qual podeis apagar todos os dardos inflamados do maligno." (D&C 27:15, 17)

O ministério dos profetas e Apóstolos é sempre voltado para o lar e para a família. Esse Escudo de fé não é desenvolvido em uma indústria, mas é de fabricação caseira.

O propósito maior de tudo que ensinamos é unir pais e filhos na fé do Senhor Jesus Cristo, para que sejam felizes em seu lar, selados em um casamento eterno, ligados a suas gerações passadas e futuras e seguros de sua exaltação na presença de nosso Pai Celestial. Para que pais e filhos não sejam "levados em roda", nem iludidos pela "astúcia" de homens que "enganam fraudulosamente" (Efésios 4:14), o plano de nosso Pai requer que, como a geração da própria vida, o escudo da fé seja feito e adaptado à família. Não existem dois escudos exatamente iguais. Cada um deve ser feito para atender a especificações individuais.

O plano elaborado pelo Pai tenciona que, cada homem e mulher, marido e esposa, trabalhando juntos, ajustem em cada criança, individualmente, um escudo de fé, feito para afivelar-se com tanta firmeza que não possa ser tirado nem trasspassado por esses dardos inflamados.

É necessária a força constante de um pai para forjar o metal e as mãos ternas de uma mãe para poli-lo e ajustá-lo. Algumas vezes, um pai ou a mãe precisa fazer tudo sozinho. É difícil, mas não impossível.

Na Igreja podemos ensinar a respeito dos materiais usados para se fazer o escudo da fé: reverência, coragem, castidade, arrependimento, perdão, compaixão. Nela podemos aprender como montá-los e adaptá-los. Mas a fabricação e o ajuste real do escudo da fé pertencem ao círculo familiar. De outro modo ele talvez fique frouxo e saia do lugar durante uma crise.

Os profetas e Apóstolos sabem muito bem que os tempos trabalhosos profetizados por Paulo para os últimos dias estão *agora* diante de nós: "(. . .) homens [são] amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos (. . .)" (ver II Timóteo 3:1–7).

Sabendo que isso ocorreria, o Senhor advertiu que "se em Sião ou em qualquer de suas estacas (. . .) houver pais que tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo e do dom do Espírito Santo, (. . .) sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

Pois isto será lei para os habitantes de Sião (. . .). E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (Ver D&C 68:25–28.)

Esse escudo de fé não é fabricado em uma linha de montagem; pode ser feito à mão, em uma indústria caseira. Portanto, nossos líderes instam os membros a compreenderem que as coisas de maior valor precisam ser feitas no lar. Alguns ainda não perceberam que muitas atividades fora de casa, mesmo que bem intencionadas, deixam muito pouco tempo para se fabricar e ajustar, no lar, o escudo da fé.

Embora nossos pensamentos estejam concentrados nesta sagrada e solene assembléia, nos nobres títulos de Sumo Sacerdote, Presidente, Apóstolo, Profeta, Vidente, Revelador, os céus não se ofenderão se simultaneamente falarmos de pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, família: e até mesmo de paizinho, mãezinha, vovó, vovô, bebê.

Se forem reverentes, devotos e obedientes, dia virá em que lhes será revelado por que o Deus do céu ordenou-nos que nos dirigíssemos a Ele como Pai, e ao Senhor do Universo como Filho. Então descobrirão a Pérola de Grande Valor mencionada nas escrituras e voluntariamente venderão tudo o que têm para adquiri-la. O grande plano de felicidade revelado aos profetas (ver Alma 42:8, 16) é o plano de uma família feliz. É uma história de amor entre marido e mulher, pais e filhos, que se renova através das eras.

E assim, agora com uma linha de autoridade do sacerdócio ininterrupta, uma linha de poder do sacerdócio contínua, podemos ir avante confiantemente, em unidade e fé guiados por Cristo, o Redentor, que é o cabeça desta Igreja, e por seu profeta terreno, por intermédio de quem Ele falará. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Milagre da Tradução do Livro de Mórmon

Élder Robert K. Dellenbach
Dos Setenta

O Livro de Mórmon é uma obra miraculosa, para ser examinada pelo mundo. Essa divina centelha do céu, mais de 165 anos atrás, acendeu uma chama que está fazendo nascer um novo dia.

Queridos irmãos e irmãs, será que nos damos conta do profundo milagre que é a tradução do Livro de Mórmon? Um milagre é "qualquer manifestação da presença ativa de Deus na história humana" (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, "*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*" 2ª ed. revista e aumentada Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.) De acordo com essa definição, a tradução do Livro de Mórmon por Joseph Smith é, na verdade, um milagre de nossos dias.

O Livro de Mórmon está atualmente sendo impresso em mais de oitenta línguas e está sendo traduzido ou preparado para publicação em muitas, muitas mais. Consideremos o processo atual usado na Igreja para a tradução do Livro de Mórmon, do inglês para outras línguas. A Igreja contrata tradutores capazes e experientes, fluentes em inglês e em sua língua natal, que sejam membros íntegros e de elevado caráter moral, de modo que seu trabalho seja guiado por inspiração. Assim como nos dias de Joseph Smith, a capacidade de traduzir escritos sagrados é hoje um dom espiritual de Deus.

Diferentemente dos dias de Joseph Smith, entretanto, muitos de nossos tradutores se utilizam hoje de computadores e processadores de texto, léxicons e enciclopédias para ajudá-los e guiá-los em sua tarefa sagrada. O trabalho hoje é extenso e cada passo precisa ser minuciosamente analisado por especialistas em tradução da Igreja. Sim, mesmo com os mais competentes tradutores e com a avançada tecnologia disponível, o processo total, do início até a publicação, requer aproximadamente quatro anos.

Agora comparemos a tradução do Livro de Mórmon feita pelo jovem Joseph Smith. Joseph foi criado em uma fazenda na parte norte de Nova York e tinha apenas 24 anos de idade quando terminou a tradução deste registro sagrado, do egípcio reformado para o inglês.

Tinha poucos recursos financeiros e sustentava a mulher e a família. Por necessidade, plantava e colhia, cortava lenha, puxava água e cuidava de animais.

As condições nas quais Joseph traduzia eram pouco favoráveis. Sua vida estava ameaçada e turbas tentavam roubar-lhe as placas, o que exigia que ele escondesse os registros antigos e muitas vezes os levasse de um lugar para outro (ver JS–H 1:60). Joseph não tinha telefone nem ditafone, fax, processador de textos, copiadora—nem mesmo luz elétrica.

Joseph tinha pouca educação formal, talvez não mais de três anos de escola primária. Para traduzir, Joseph não freqüentara uma universidade. Não se entregavam revistas literárias nem periódicos acadêmicos a sua porta. Ele nunca visitou a América do Sul ou o Oriente Médio. Não pertencia a qualquer sociedade profissional, não realizara projetos importantes de pesquisa nem tinha colegas eruditos com quem discutir o texto antigo encontrado nas placas. Deve ter aprendido a ler, a escrever, a fazer contas, e talvez conhecesse um pouco da história americana. Sabemos que lia a Bíblia em inglês, mas, pelos padrões do mundo, Joseph não era nem um erudito nem um teólogo, quanto mais um tradutor profissional das santas escrituras.

Que aptidões possuía Joseph para ajudá-lo em sua tradução? Oliver Cowdery, que foi o principal escriba do Livro de Mórmon, disse o seguinte sobre a fonte do poder de tradução de Joseph: O Profeta Joseph Smith (. . .) traduziu [o Livro de Mórmon] pelo poder e dom de Deus, com a [ajuda do] Urim e Tumim" [*Last Days of Oliver Cowdery*," (Os Últimos Dias de Oliver Cowdery), *Deseret News*, 13 de abril de 1859, p. 48].

Normalmente, uma obra literária passa por extensas revisões e correções antes da preparação de sua versão final. Por exemplo, Abraham Lincoln reescreveu seu Discurso de Gettysburg cinco vezes, sendo que cada versão variava ligeiramente da outra. (Ver *World Book Encyclopedia*, 1992, ed., s.v. *Gettysburg Address*.)

Ao preparar-me para discursar nesta conferência, tive a gloriosa experiência de examinar várias páginas do manuscrito original de Joseph, que está bem guardado nos arquivos da Igreja. Fiquei maravilhado com a pureza da transcrição, que continha

Os membros da Primeira Presidência na conferência. A partir da esquerda: Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro; Presidente Gordon B. Hinckley; e Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro.

apenas algumas correções insignificantes, como uma palavra grafada erradamente. O manuscrito original de Joseph é tão perfeito que poderia ter vindo apenas de uma fonte—revelação divina. Sobre os ombros de Joseph estavam não apenas a responsabilidade da tradução do Livro de Mórmon, mas também da restauração e do restabelecimento da Igreja de Jesus Cristo. Mesmo enquanto traduzia, Joseph recebeu muitas revelações e visitas de mensageiros celestiais, que lhe deram importantes designações, como a restauração do sacerdócio e a revelação sobre o batismo. (Ver JS–H 1:68–75.) As muitas responsabilidades de Joseph freqüentemente interrompiam o processo de tradução, às vezes durante meses. Entretanto, quando Joseph ficava livre para dedicar-se totalmente à tradução, o trabalho avançava e ele traduzia de oito a dez páginas por dia, completando a maior parte do Livro de Mórmon em aproximadamente sessenta e três dias de trabalho. [Ver John W. Welch e Tim Rathbone, The Translation of the Book of Mormon: Basic Historical Information (A Tradução do Livro de Mórmon: Informações Históricas Básicas) Provo, Utah; F.A.R.M.S., 1986, p. 14.] Oliver, refletindo sobre esse evento maravilhoso, testificou: "Dia após dia eu continuava, ininterruptamente, a escrever as palavras de sua boca, enquanto ele traduzia (. . .) a história ou relato chamado 'Livro de Mórmon'". (*Latter Day Saints' Messenger and Advocate*, out. de 1834, pp. 14–16.)

Joseph foi a primeira pessoa em mais de mil e quatrocentos anos a ler as palavras do Salvador como registradas por Néfi, Alma, Mórmon, Morôni e outros profetas do Livro de Mórmon. Sua habilidade para traduzir era "uma obra maravilhosa e um assombro". (2 Néfi 25:17)

A tradução inglesa original de Joseph, a não ser por algumas pequenas correções gramaticais e no texto, é o mesmo texto que usamos hoje e que serve de padrão para as traduções do Livro de Mórmon em todas as outras línguas em todo o mundo. [Ver Encyclopedia of Mormonism, (Enciclopédia do Mormonismo) org. Daniel H. Ludlow, 4 vols., Nova York, Macmillan, 1992, s.v. *Book of Mormon Manuscripts*.) Como Néfi profetizou, suas "palavras silvarão até os confins da Terra, como um estandarte para (seu) povo". (2 Néfi 29:2)

Poderia um de nós, hoje, produzir tal obra? Poderiam mil dos melhores teólogos e eruditos em línguas antigas do mundo escrever um livro de valor tão divino e transcendente?

Nenhuma outra pessoa, de escolaridade e recursos limitados como Joseph, traduziu sozinha, num período tão curto de tempo, mais de quinhentas páginas de texto escriturístico antigo. Essa tradução está sendo distribuída agora na forma de setenta e três milhões de livros.

A tradução de Joseph dessas escrituras antigas e sagradas enfrentou o escrutínio de muitos céticos. O Livro de Mórmon é uma obra miraculosa para ser examinada pelo mundo. Essa divina centelha do céu, mais de 165 anos atrás, acendeu uma chama que está fazendo nascer um novo dia. Não é de admirar que o Espírito de Deus "tal como um facho de luz (venha) ardendo"! (Hinos, nº 2). Em todo o mundo, as pessoas estão procurando o testemunho de Jesus Cristo como encontrado no Livro de Mórmon. São pessoas de todas as nações, tribos, línguas e povos. Como foi revelado ao Profeta Joseph Smith, "Os confins da Terra inquirirão pelo teu nome". (D&C 122:1.) E por que estão indagando a respeito do nome de Joseph Smith? Porque o Livro de Mórmon testifica a divindade e a expiação do Salvador Jesus Cristo. Porque Joseph é o profeta da restauração.

Com profunda gratidão pelo milagre que é a tradução do Livro de Mórmon, cantamos:

Hoje ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus (. . .)
E na mansão celestial para sempre
Entre profetas nomeado será.
(*Hinos*, nº 14)

Testifico que o milagre da tradução do Livro de Mórmon evidencia claramente que Joseph é um profeta de Deus, chamado para "estabelecer o alicerce desta igreja (de Cristo) e tirá-la da obscuridade e das trevas, a única igreja verdadeira e viva sobre a face da Terra". (D&C 1:30.) O Livro de Mórmon é a "pedra angular de nossa religião e que um homem chegaria mais próximo a Deus vivendo seus preceitos que os de qualquer outro livro" (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 189.) Que apreciemos este milagre de tradução e tenhamos o desejo de conhecer e seguir o Salvador por meio de Seus ensinamentos contidos no Livro de Mórmon, é minha oração humilde em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Templo É um Assunto de Família

Élder J Ballard Washburn
Dos Setenta

Vamos ao templo para fazer convênios; porém, vamos para casa guardar esses convênios.

Queridos irmãos e irmãs, é uma honra e um privilégio unir-me à congregação para demonstrar amor e apoio ao Presidente Hinckley, ao Presidente Monson, ao Presidente Faust, ao Presidente Packer e aos Doze. É com alegria que externo meu amor por todos eles. Sinto-me grato por ser um com eles na obra do reino.

Recentemente, após uma conferência de estaca, conversei com uma família que tinha filhos adolescentes. Disse a eles: "Devem viver dignamente para um dia irem ao templo com seus pais." Uma filha de dezesseis anos respondeu: "Ah, nós vamos ao templo com eles quase todas as semanas. Fazemos batismos pelos parentes que se encontram nos registros da família." Pensei como é maravilhoso as famílias irem juntas ao templo!

Quando Jesus tinha doze anos, Seus pais O levaram ao templo. Creio que não seja simples coincidência nossos filhos poderem ir ao templo conosco quando atingem a idade de doze anos. José e Maria não perguntaram: "Bispo, devemos levar nosso filho ao Templo?" Eles O levaram.

Deveríamos concentrar nossos esforços como pais, alas e estacas, na ajuda à juventude para que vivam dignamente a fim de entrar no templo agora. A meta é a mesma para os rapazes e para as moças—sejam dignos agora. Na entrevista que o bispo faz com os jovens todos os anos, está incluída uma entrevista de dignidade.

Que meta maravilhosa para os líderes do sacerdócio e para as líderes das moças é ajudar os pais a inspirar todas as moças e rapazes a ir ao templo todos os anos! Que grande bênção é os pais irem ao templo com os filhos que já têm idade para isso, pelo menos uma vez por ano, quando as circunstâncias o permitirem.

Se tivermos o Espírito Santo conosco sentiremos um enorme desejo de estar no templo.

Duas coisas importantes são necessárias para termos o Espírito Santo conosco: Primeiro, precisamos viver de maneira digna e, segundo, precisamos buscá-Lo.

"Pedi ao Pai em Meu nome, crendo com fé, que recebereis e tereis o Espírito Santo, o qual manifesta todas as coisas que são proveitosas para os filhos dos homens." [1]

Se pedirmos com fé, receberemos o Espírito Santo e Ele nos conduzirá ao templo.

Gostaria de preveni-los: Não podemos entrar nessa casa sagrada, sendo indignos, sem trazermos sobre nós os julgamentos de Deus, pois Ele não será escarnecido.

Quando um casal que não se arrependeu completamente de pecados cometidos no passado vai ao templo casar-se, está começando o casamento em um terreno muito inseguro. Creio que essa é uma das principais causas de divórcio em casamentos realizados no templo. Se um homem desonesto na vida pessoal, seja no que diz respeito à esposa, aos filhos ou aos negócios, freqüenta o templo, está trazendo condenação para a própria alma e precisa arrepender-se muito.

O Presidente Hunter disse: "É o meu mais profundo desejo que todo membro da Igreja seja digno de entrar no templo." [2] Se nossos rapazes ou moças, a caminho do campo missionário, entrarem no templo sem ser dignos estarão cometendo um grande erro. Precisamos prepará-los primeiramente para o templo, e então estarão preparados para a missão. O Presidente Hunter disse: "Preparemos todo missionário para entrar no templo dignamente e fazer dessa experiência um ponto ainda mais importante do que receber o chamado para a missão." [3]

As maiores bênçãos da eternidade chegam a nós por meio do templo. O maior dom de Deus, a vida eterna, somente pode ser concedido ao homem e à mulher juntos. E toda pessoa digna algum dia receberá essa bênção. Em Doutrina e Convênios 131 lemos:

"Na glória celestial há três céus ou graus;

E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do sacerdócio [significando, o novo e eterno convênio do casamento];

E, se não, não poderá obtê-lo.

Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não

poderá ter progênie." (Vers. 1–4)

Vemos, portanto, que no casamento marido e mulher entram em uma ordem do sacerdócio chamada de novo e eterno convênio do casamento. Ele inclui a disposição de ter filhos e de ensinar-lhes o evangelho. Muitos problemas ocorrem hoje no mundo quando os pais não aceitam as responsabilidades desse convênio. É uma contradição evitar o nascimento de filhos se os pais gozarem de boa saúde.

Há trinta e cinco anos, quando comecei a exercer a medicina, era raro uma mulher casada procurar informações a respeito de como evitar filhos. Quando me aposentei era raro uma mulher casada, com exceção de algumas que são membros fiéis da Igreja, desejar ter mais de um ou dois filhos, sendo que algumas nem mesmo queriam filhos. Nós, da Igreja, não nos devemos deixar enganar pelas falsas doutrinas do mundo que nos fazem quebrar os convênios sagrados do templo.

Vamos ao templo para fazer convênios; porém, vamos para casa guardar esses convênios. O lar é um campo de provas. É no lar que aprendemos a ser mais semelhantes a Cristo. O lar é onde aprendemos a sobrepujar o egoísmo e a dar de nós mesmos em prol dos outros.

Espero não considerarem simplista dizer que importantes são as "pequenas coisas" como a oração familiar e a noite familiar. Pequenas coisas, como um pai ajudar os filhos a orar antes de dormir e contar-lhes uma história em vez de assistir à TV. Pequenas coisas, como planejar um horário para ler as escrituras em família. Pequenas coisas, como o marido ter a coragem de dizer: "Querida, desculpe-me. Eu não devia ter dito isso. Não acontecerá outra vez." Ou a mãe dizer ao filho: "Desculpe-me por ter ficado zangada. Por favor, perdoe-me." Sim, são as pequenas coisas que acontecem todos os dias e todas as semanas que fazem a diferença.

Se guardarem os convênios feitos no templo, todos os filhos de Deus poderão ser exaltados. Torno a dizer que vamos ao templo para fazer convênios; porém, vamos para casa guardar esses convênios.

Conta-se a seguinte história a respeito do Élder Boyd K. Packer: Após viajar pelo mundo todo e ver muitos lugares exóticos, perguntaram-lhe: "Se pudesse ir a qualquer parte do mundo, para onde desejaria ir?" Ele respondeu: "Iria para casa." Concordo com ele. Se me fizessem essa pergunta, responderia: "Iria para casa, sentaria em uma grande cadeira de balanço e pegaria alguns de meus netinhos no colo, na esperança de que um pouquinho do pó celestial que ainda trazem consigo se impregnasse em mim." Sou grato por lares onde aprendemos a amar, a dividir, a ser mais semelhantes a Cristo.

Sou grato pelos templos onde selamos nossa família para a eternidade. Sou grato pelos templos onde oramos e adoramos, onde invocamos as bênçãos dos céus sobre nossos familiares. Sou grato pelos templos onde juntos fortalecemos os laços que nos ajudarão a tornar-nos famílias eternas, onde realizamos a grande obra redentora por nossos antepassados que não podem fazê-la por si mesmos . . . da mesma forma que Jesus fez por nós aquilo que não podemos fazer por nós mesmos. Sou grato a Deus, que em Sua eterna sabedoria, colocou essas bênçãos ao alcance de todos os Seus filhos. Alguns, no entanto, têm que esperar até a vida futura para usufruí-las. Todos os que viverem de modo digno, porém, receberão cada uma das bênçãos. Testifico que Jesus gostava de ir ao templo. Para sermos mais semelhantes a Ele é preciso aprendermos a gostar de ir ao templo. Oro para que nos tornemos famílias eternas a fim de alcançarmos a vida eterna. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS:

1. D&C 18:18.
2. *A Liahona*, janeiro de 1995, p.8.
3. *A Liahona*, janeiro de 1995, p.97.

O Poder de Curar a Partir do Interior

Bispo Merrill J. Bateman
Bispo Presidente

Em virtude do seu poder redentor, Jesus pode remover o aguilhão da morte ou restaurar a saúde espiritual de uma alma em conflito.

Irmãos e irmãs, desejo expressar minha profunda gratidão pelo maravilhoso impacto que o Presidente Howard W. Hunter teve sobre os membros da Igreja no curto período em que serviu como profeta. Do Havaí à África Oriental vi membros respondendo ao desafio que ele nos lançou de sermos mais cristãos e freqüentadores do templo. Hoje apóio o Presidente Gordon B. Hinckley como profeta, vidente e revelador, bem como Presidente da Igreja. Assistindo à entrevista coletiva em que se anunciou a nova Primeira Presidência, recebi o testemunho do Santo Espírito sobre seu chamado profético e a preparação que o precedeu. Também senti naquele momento e sinto agora a mesma confirmação a respeito do Presidente Thomas S. Monson e do Presidente James E. Faust, como seus conselheiros, e do Presidente Boyd K. Packer como Presidente Interino do Quórum dos Doze. E hoje sinto o Espírito com relação ao Élder Henry B. Eyring. A maneira do Senhor de preparar profetas é uma obra maravilhosa e um assombro.

Pouco tempo atrás fui ao enterro do filho de um amigo. No início da semana o rapaz voltava para casa com amigos, tarde da noite, quando o motorista de outro carro adormeceu. O segundo carro atravessou a área central que divide a pista e chocou-se de frente com o primeiro. O acidente ocorreu tão rapidamente que quase não havia marcas de pneus na estrada e os dois carros ficaram destruídos. O acidente ceifou três vidas, incluindo a do filho de meu amigo, que tinha dezessete anos.

Refletindo sobre o ocorrido, pensei nas lições ensinadas pela morte—especialmente a morte de pessoas queridas. A primeira lição é que a vida é curta, morra-se aos dezessete ou aos oitenta anos. Para um jovem de dezessete anos, oitenta anos parece uma eternidade. Mas para alguém de setenta, oitenta anos não é um longo período probatório.

Segundo, a morte lembra-nos de que existe um espírito no homem. Ao vermos o que restou de nosso jovem amigo, era óbvio que algo além de sangue deixara seu corpo. A luz do espírito já não lhe animava o semblante nem brilhava em seus olhos. Ele, também, entregara o espírito, mas ainda bem jovem.

Outra lição ensinada pela morte é a importância das famílias eternas. Assim como há pais que recebem um recém-nascido na Terra, as escrituras ensinam que familiares amorosos recebem os espíritos no paraíso e ajudam-nos a ajustar-se à nova vida. (Ver Gên. 25:8; 35:29; 49:33.) Enquanto me encontrava diante do caixão, pensei que a separação não era apenas um choque para os pais, mas também para o jovem, ao encontrar-se de repente do outro lado do véu. Suponho que ele tivesse desejado dizer uma vez mais a seus pais o quanto os amava. Irmãos e irmãs, o céu somente existe se as famílias forem eternas.

A quarta lição, e talvez a mais importante, trata do propósito da vida. A fim de ser significativa, a vida precisa constituir-se de mais do que os prazeres efêmeros da juventude. É preciso que exista um plano. A morte, mesmo que acidental, precisa fazer parte do plano. Desenvolver a fé no Criador e vir a conhecê-lo é o âmago do plano. Ter esperança com relação ao próprio destino eterno e experimentar alegria também deve fazer parte do propósito da vida.

A morte ensina que não recebemos uma plenitude de alegria na mortalidade e que a alegria eterna pode ser conseguida apenas com a ajuda do Mestre. (Ver D&C 93:33–34.) Assim como o paralítico, junto ao tanque de Betesda, precisava de alguém mais forte do que ele para curar-se (ver João 5:1–9), nós também dependemos dos milagres da expiação de Cristo para que nossa alma liberte-se da dor, do sofrimento e do pecado. Se pais que estão sofrendo e seus entes queridos tiverem fé no Salvador e em Seu plano, o aguilhão da morte será suavizado, pois Jesus toma para Si a dor dos que crêem e consola-os por meio de Seu Santo Espírito. Por intermédio de Cristo, curam-se corações partidos e a paz substitui a ansiedade e a dor. Na semana passada, recebi uma carta dos pais do rapaz, contando-me a paz que encontraram pela sua fé em Cristo. Sabem que tornarão a ver o

filho e estarão com ele nas eternidades. Como disse Isaías a respeito do Salvador: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou (. . .) e pelas suas pisaduras fomos sarados." (Isaías 53:4–5)

O profeta Alma também falou sobre o poder curador de Cristo, ao ensinar os gideonitas. Referindo-se a Cristo, Alma afirmou que Ele "tomará sobre si as suas enfermidades, para que se lhe encham de misericórdia as entranhas, (. . .) para que saiba, segundo a carne, como socorrer seu povo". (Alma 7:11–12.) Seja qual for a origem da dor, Jesus compreende e cura o espírito, assim como o corpo.

O Salvador, como membro da Trindade, conhece cada um de nós pessoalmente. Isaías e o profeta Abinádi afirmaram que, quando Cristo pusesse Sua alma "por expiação do pecado, (veria) a sua posteridade". (Isaías 53:10; comparar com Mosias 15:10.) Abinádi explica que "sua semente" são os justos, aqueles que seguem os profetas. (Ver Mosias 15:11.) No jardim e na cruz, Jesus viu cada um de nós e não apenas tomou sobre si nossos pecados, mas também experimentou nossos sentimentos mais profundos, para saber como consolar-nos e fortalecer-nos.

Como parte de Seu poder redentor, Jesus pode remover o aguilhão da morte ou restaurar a saúde espiritual de uma alma sofredora. As escrituras estão cheias de exemplos, mas uma jovem irmã coreana ensinou-me indelevelmente esta lição. No início de 1994, em uma conferência de estaca em Seul, Coréia, conheci Kim Young Hee, uma jovem na casa dos vinte. Observei seu belo rosto enquanto esperava sua vez de falar, sentada em uma cadeira de rodas. Quando chegou sua vez, um irmão empurrou a cadeira para o púlpito, mas um pouco de lado, de modo que ela pudesse ver e ser vista. Deu-lhe um microfone e ela contou sua história.

Quando jovem era saudável, tinha um ótimo emprego e estava satisfeita com a vida. Não era cristã. Em 1987, sofreu um terrível acidente de carro que a deixou paralítica da cintura para baixo. Após sua recuperação em um hospital, voltou para a casa dos pais, imaginando o que a vida lhe reservava. Sentia-se desanimada e vazia. Um dia bateram a sua porta. A mãe atendeu e duas mulheres americanas perguntaram se podiam transmitir-lhes uma mensagem sobre Jesus Cristo. A mãe hesitou, mas a filha ouviu as vozes e convidou-as a entrar. Elas eram missionárias de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Kim Yount Hee aceitou o convite para receber as palestras missionárias. Leu o Livro de Mórmon, orou sobre sua veracidade, começou a freqüentar a Igreja e recebeu um testemunho da divindade da restauração. Ela foi batizada.

Ao prestar testemunho na conferência da estaca, disse: "Sei que o Pai Celestial não olha para a aparência exterior, mas para o coração. Sei também que o verdadeiro milagre é a cura interior, a mudança no coração, a perda do orgulho. Embora meu corpo físico talvez não seja curado na mortalidade, meu espírito sentiu o poder de cura do Espírito Santo. E, na ressurreição, um corpo físico restaurado e perfeito abrigará novamente meu espírito e eu receberei a plenitude da alegria."

Ao ouvi-la, o Espírito testificou-me os grandes milagres da expiação e o poder do Salvador para curar corações quebrantados, para curar a partir do interior. A parábola do Salvador sobre os dez leprosos adquiriu novo significado. Lucas descreveu o encontro de Jesus com os leprosos. Ao verem o Salvador, clamaram: "Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós." Jesus respondeu: "Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes." Ao seguirem seu caminho, ficaram limpos. Um deles voltou, caiu aos pés do Mestre com o rosto em terra, e agradeceu. Jesus perguntou: "Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?" E então Jesus disse àquele que voltara: "Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou." (Ver Lucas 17:12–19.) Ao ficar são, o leproso grato foi curado em seu interior, assim como no exterior. Naquele dia, nove leprosos foram curados exteriormente, mas apenas um teve a fé para tornar-se são. O décimo leproso e a irmã Hee foram transformados eternamente por sua fé no Salvador e pelo poder curador de Sua expiação.

A expiação do Salvador no jardim e na cruz é íntima e infinita. Infinita porque vigora nas eternidades. Íntima porque o Salvador sentiu as dores, sofrimentos e enfermidades de cada um. Conseqüentemente, Ele sabe como tomar sobre Si nossos sofrimentos e aliviar nossas cargas a fim de que sejamos curados a partir do interior, sejamos pessoas sãs e recebamos alegria eterna em Seu reino. Que nossa fé no Pai e no Filho ajude cada um de nós a tornar-se são. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Escutem a Voz do Profeta e Obedeçam

Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Se escutarmos os conselhos do profeta, nos tornaremos mais fortes e conseguiremos resistir aos testes da mortalidade.

Presidente Hinckley, Presidente Monson, Presidente Faust, ao erguermos o braço na lei do comum acordo durante esta assembléia solene, manifestamos fidelidade, amor e devoção ao profeta e apoio à Primeira Presidência.

"Graças damos, ó Deus por um profeta
Que nos guia no tempo atual"
(*Hinos*, 1991, nº 9).

Duas vezes no intervalo de um ano perdemos profetas muito queridos, o Presidente Ezra Taft Benson e o Presidente Howard W. Hunter. Esses dois grandes profetas de Deus trouxeram verdade, luz e alegria a nossa vida. Transmitiram-nos a palavra do Senhor. Ensinaram-nos acerca da importância da família, de estudarmos o Livro de Mórmon e de vivermos de um modo que nos leve para mais perto de Deus. Ensinaram-nos sobre a importância de sermos amáveis uns para com os outros, de obedecermos aos mandamentos e mostraram-nos o que devemos fazer para sentir a plenitude da alegria e merecer a vida eterna. Pediram que vivêssemos de modo mais semelhante a Cristo, seguíssemos o exemplo do Salvador em todas as nossas ações e nos qualificássemos para as bênçãos da salvação e da exaltação que existem nos sagrados templos do Senhor. Disseram-nos palavras de incentivo e deram-nos conselhos sábios para que haja mais felicidade e paz em nossa vida e no mundo. Nós os amamos pela obediência que demonstraram e por sua preocupação em relação a nós.

Hoje, uno-me aos demais membros da Igreja para apoiar o Presidente Gordon B. Hinckley como profeta, vidente, revelador e Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Vivemos em um mundo tumultuado, onde se vê tristeza e destruição em cada esquina—na maior parte dos casos porque o homem não dá ouvidos às palavras dos verdadeiros profetas de Deus. Como teria sido diferente a vida dos que viveram em todas as dispensações se houvessem dado ouvido ao profeta Moisés e obedecido aos Dez Mandamentos!

Sempre houve uma necessidade desesperadora da voz firme e tranqüilizadora de um profeta de Deus: alguém que nos faça conhecer a vontade do Senhor, mostrando-nos o caminho da segurança espiritual e da paz e felicidade pessoal.

Nosso amoroso Pai Celestial colocou profetas no mundo desde os dias de Adão. Os profetas antigos nos instruíram bem a respeito da importância de ouvirmos a voz dos profetas. A história de Jeosafá, em II Crônicas 20, é um exemplo. Exércitos numerosos marchavam em direção ao Rei Jeosafá, na tentativa de apoderar-se de suas terras. É compreensível que ele estivesse apavorado. Determinou que se realizasse jejum em todo o reino e reuniu o povo de Judá para implorar ao Senhor que os orientasse. Jeosafá orou humilde e sinceramente: "Ah! nosso Deus, (. . .) em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em ti." (Vers. 12)

O Senhor então respondeu por meio do profeta Jaaziel: "Dai ouvidos todo o Judá, e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Jeosafá; assim o Senhor vos diz: Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão; pois a peleja não é vossa, mas de Deus (. . .). Não temais, nem vos assusteis; (. . .) porque o Senhor será convosco." (Vers. 15, 17)

Jeosafá e todos os moradores de Jerusalém prostraram-se perante o Senhor e renderam-lhe graças.

Depois, Jeosafá deu um conselho muito importante que seria bom seguirmos hoje. Na verdade, como aconteceu com o povo de Judá, nossa vida está nas mãos do Senhor sim, nossa vida eterna: "(. . .) Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e prosperareis (. . .)." (Vers. 20)

Conforme prometera, o Senhor protegeu o digno povo de Judá. O exército de Jeosafá viu as forças que se aproximavam para pelejar contra eles lutarem tão impetuosamente entre si que acabaram por destruir-se, completamente antes mesmo de alcançar o povo de Judá. Escutem a voz do profeta e obedeçam.

Estaremos seguros se seguirmos o profeta vivo.

Uma característica dos profetas de todas as épocas é que, indiferentes às conseqüências, tiveram coragem de falar a palavra de Deus com clareza e sinceridade. Ao encerrar seus registros, Néfi ensinou:

"E as palavras que escrevi em fraqueza tornar-se-ão fortes para eles; porque os persuadem a fazer o bem; fazem com que saibam a respeito de seus pais; e falam de Jesus, persuadindo-os a acreditar nele e a perseverar até o fim, que é *vida* eterna.

E falam asperamente contra o pecado, segundo a clareza da verdade; portanto nenhum homem se zangará com as palavras que (eu, o profeta,) escrevi, a não ser que ele pertença ao espírito do diabo.

Glorio-me na clareza; glorio-me na verdade; glorio-me em meu Jesus, pois redimiu minha alma do inferno." (2 Néfi 33:4–6)

Outro incidente ocorrido com Jeosafá ilustra como os profetas falam direta e claramente a palavra de Deus sem se importar com as conseqüências. Acabe, rei de Israel, perguntou a Jeosafá, rei de Judá, se lutaria a seu lado contra a Síria. Jeosafá pediu a Acabe que inquirisse o Senhor para saber se deveriam guerrear contra os sírios.

Após quatrocentos dos chamados profetas de Acabe haverem dito apenas o que ele desejava ouvir, ou seja, que venceria a Síria, Jeosafá perguntou se não havia algum outro profeta. Acabe respondeu: "Ainda há um homem (. . .) porém eu o odeio, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas só o mal; este é Micaías (. . .)" (I Reis 22:8). Jeosafá convenceu Acabe a ouvir as palavras do profeta Micaías. O mensageiro enviado para levar Micaías aos reis aconselhou-o a dizer apenas o que Acabe queria ouvir. "Porém Micaías disse: Vive o Senhor que o que o Senhor me disser isso falarei." (I Reis 22:14). Micaías disse a Acabe que Israel não se sairia vitoriosa e que Acabe morreria.

Acabe não seguiu o conselho do profeta; foi guerrear, perdeu a vida e Israel foi derrotada.

Micaías, como todos os profetas que o antecederam e que o sucederam, transmitiu a palavra de Deus com clareza e sinceridade, não se importando com as conseqüências.

"Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas, etc." (Sexta Regra de Fé). O Presidente Joseph Fielding Smith disse que era necessário a Igreja de Jesus Cristo ser restaurada nesta dispensação e que "todas as chaves e poderes do sacerdócio possuídos pelos profetas de dispensações passadas têm que ser conferidos aos representantes eleitos de Deus na Terra." (*Doutrinas de Salvação*. Bruce R. McConkie, comp. 3 volumes. São Paulo, Centro Editorial Brasileiro, 1976, Vol. 1, p. 183)

O profeta Wilford Woodruff disse: "Esta é a última dispensação. Ele (o Senhor) levantou homens e mulheres para levar sua obra avante (. . .) Muitos de nós fomos reservados na existência pré-mortal para a geração em que vivemos, desde a organização deste mundo" [*Journal of Discourses*, (Coletânea de Discursos) 21:284].

Joseph Smith, profeta escolhido pelo Senhor para anunciar a restauração, registrou as seguintes visões ocorridas no Templo de Kirtland em 1836:

"Depois que esta visão se encerrou", as escrituras nos dizem: "os céus outra vez se nos abriram, e Moisés apareceu diante de nós e conferiu-nos as chaves da coligação de Israel das quatro partes da terra e da condução das dez tribos da terra do norte.

Depois disto, Elias apareceu e nos conferiu a dispensação do evangelho de Abraão, dizendo que em nós e em nossa semente todas as gerações depois de nós seriam abençoadas.

Depois que esta visão se encerrara, outra e grande gloriosa visão fulgurou sobre nós; pois Elias, o profeta, que foi transladado aos céus sem ter experimentado a morte, estava em pé diante de nós, e disse:

Eis que chegado é o tempo exato do qual falou Malaquias—testificando que ele [Elias] seria enviado, antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse—

Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição—

Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isto podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, mesmo às portas." (D&C 110:11–16)

Com a restauração do sacerdócio em 1829, voltamos a ter profetas nesta dispensação. Profetas vivos guiam esta igreja hoje.

A melhor maneira dos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se protegerem é aprendendo a escutar e a obedecer às palavras e os mandamentos que o Senhor dá por meio dos profetas vivos. Gostaria que o mundo compreendesse a importância de termos um profeta vivo na Terra em nossos dias.

As escrituras nos dizem que os profetas recebem os mandamentos "andando em toda santidade diante de Mim;

Pois suas palavras recebereis como de Minha própria boca, em toda paciência e fé." (D&C 21:4–5)

Cantamos um hino que nos faz lembrar disso:

"Vinde ao profeta escutar,
Ouvi a voz de Deus (. . .)
Antigamente Deus mandou
Profetas a pregar,
Um novo servo enviou
O evangelho restaurar."
(*Hinos*, 1991, nº 10)

Outro hino nos ensina o seguinte:

Escutamos a voz do profeta e ouvimos também o Salvador.
Ele nos pede gentilmente que façamos a obra do Senhor.
Com seu chamado divino prega-nos a palavra de Deus,
Que é a barra de ferro guiando os filhos seus (. . .)
O profeta nos confirma que o Pai conhece cada um de nós.

Quatro membros do Quórum dos Doze Apóstolos, antes de uma sessão da conferência. A partir da esquerda: Élderes Henry B. Eyring, Jeffrey R. Holland, Robert D. Hales e Richard G. Scott.

Escutai, ó terra! O profeta fala;
ouvi e obedecei a sua voz.
Ele é o homem que possui as chaves
do sacerdócio hoje.

(*Hymns*, 1985, nº 22. Tradução livre para o português.)

Durante minha própria vida, ao conviver com profetas, tenho observado como eles são preparados pelo Senhor. No momento em que se tornam profetas, sua maior preocupação é de que os membros da Igreja sejam bons e obedientes. Demonstram o amor e a gratidão que sentem pelos santos fiéis e por todos os que contribuem com benevolência e serviço, edificando e fortalecendo o próximo. Eles têm o objetivo de transmitir o desejo do Senhor concernente aos nossos dias. Presto testemunho de que os profetas atuais possuem as qualidades dos profetas antigos e dos demais profetas desta dispensação.

Todos eles procuram humilde e fervorosamente conhecer e seguir o desejo do Senhor em seu ministério pessoal. Cada um deles tomou a resolução de dizer ao Pai Celestial, como o fez Jesus Cristo em um exemplo de obediência: "Não se faça a minha vontade, mas a tua". (Lucas 22:42)

O desejo dos profetas é auxiliar nosso Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo a realizarem os grandes desígnios do plano de salvação, ou, como um antigo profeta o chamou, "o grande plano de felicidade". (Alma 42:8)

Se escutássemos os profetas atuais, a pobreza seria substituída pela preocupação de cuidar dos pobres e necessitados. Muitos problemas de saúde graves e fatais seriam evitados pela obediência à Palavra de Sabedoria e às leis de pureza sexual. Ao pagarmos o dízimo, todos seríamos abençoados e teríamos o suficiente para nossas necessidades. Se seguirmos os conselhos dos profetas, podemos viver na mortalidade de modo a não termos que passar por sofrimentos e auto destruição desnecessários. Isto não significa que não tenhamos desafios. Nós os teremos. Isso não significa que não sejamos provados. Sê-lo-emos, pois essa é uma das razões de estarmos na Terra. Porém, se escutarmos os conselhos do profeta, nos tornaremos mais fortes e conseguiremos resistir aos testes da mortalidade. Teremos esperança e alegria. Os profetas de todas as gerações nos deram conselhos para nos fortalecermos e termos a capacidade de fortalecer outros.

Declaramos sobriamente, e também com a autoridade de Deus em nós investida, que temos um profeta atualmente. O Presidente da Igreja, como profeta, é o representante de Deus na Terra e é designado para guiar Sua Igreja. Isso aconteceu no passado conforme registrado nos Velho e Novo Testamentos, no Livro de Mórmon e nesta última dispensação da plenitude dos tempos, com a restauração da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Aquele que possui todas as chaves do sacerdócio autorizando essas bênçãos salvadoras é o profeta vivo. O Senhor declarou: "(. . .) e nunca há senão um na Terra, num mesmo tempo, a quem este poder e as chaves deste sacerdócio são conferidas (. . .)". (D&C 132:7). Testifico-vos que o Presidente Gordon B. Hinckley é aquele que possui atualmente essas chaves.

Ele é o nosso profeta hoje. Foi preparado e preordenado antes da fundação do mundo. Durante mais de meio século, aprendeu com os apóstolos e profetas com quem trabalhou. É sábio. É solícito. Fala em nome do Senhor. Dele é a voz que agora devemos ouvir. Nossa segurança espiritual está em nos voltarmos para a voz clara do profeta vivo. Se escutarmos sua voz e obedecermos a seus conselhos, conseguiremos viver da maneira que Cristo gostaria que vivêssemos e perseverar até o fim, para um dia, juntamente com nossa família, voltarmos à presença do Pai Celestial e do Salvador Jesus Cristo.

Acrescento humildemente meu testemunho ao de todos os que apoiaram o profeta hoje, nesta assembléia solene. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Água Viva para Saciar a Sede Espiritual

Élder Joseph B. Wirthlin
do Quórum dos Doze Apóstolos

Vivendo o evangelho de Jesus Cristo, desenvolvemos em nós uma fonte de água viva que saciará eternamente nossa sede espiritual de felicidade, paz e vida eterna.

No início de Seu ministério mortal, o Salvador e Seus discípulos passaram por Samaria quando viajavam da Judéia para a Galiléia. Cansados, famintos e sedentos por causa da viagem, sentaram-se junto à fonte de Jacó, na cidade de Sicar. Enquanto os discípulos saíam para comprar comida, o Salvador permaneceu junto à fonte e pediu um pouco d'água a uma mulher samaritana que havia ido tirar água do poço. Como os judeus e samaritanos odiavam-se a ponto de não se falarem, a mulher respondeu ao pedido do Salvador com uma pergunta: "Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?"[1]

No Novo Testamento, o Salvador utilizou este simples encontro na fonte para ensinar verdades vigorosas e eternas. Embora cansado e com sede, o Mestre aproveitou esta oportunidade para atestar Seu papel divino como Redentor do mundo e proclamar peremptoriamente Sua verdadeira identidade como o Messias há muito prometido. Com paciência, porém bondosamente, respondeu à mulher: "Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva."[2]

Intrigada, mas cética, e vendo que Jesus não tinha com o que tirar a água, a mulher inquiriu: "Onde, pois, tens água viva?"[3] Numa promessa maravilhosa, Jesus então declarou ser a fonte da água viva e da vida eterna, dizendo: "Qualquer que beber desta água tornará a ter sede;

Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água viva que salte para a vida eterna."[4]

Não conseguindo captar o significado da mensagem espiritual do Senhor, a mulher, pensando apenas na satisfação física de sua sede e na própria conveniência, pediu: "Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la."[5]

Comentando a conversa entre o Salvador e a mulher, o Élder Robert L. Simpson ensinou:

"No decorrer da história, os homens sempre procuraram o meio mais fácil para tudo. [Alguns] dedicaram a vida à procura da 'fonte da juventude', uma água milagrosa que lhes daria a vida eterna. Hoje, [muitos] ainda procuram (. . .) alguma 'fonte' mágica que lhes [traga] sucesso, realização e felicidade. Mas a maior parte dessa busca é em vão (. . .) Somente esta 'água viva', o evangelho de Jesus Cristo, pode trazer e trará felicidade, triunfo e vida eterna aos filhos dos homens."[6]

A promessa do Salvador àquela mulher estende-se a todos os filhos do Pai Celestial. Vivendo o evangelho de Jesus Cristo, desenvolvemos em nós uma fonte de água viva que saciará eternamente nossa sede de felicidade, paz e vida eterna. O Senhor explica claramente em Doutrina e Convênios que apenas a estrita obediência pode abrir a fonte de água viva que refresca e aviva a alma: "Mas ao que guarda os Meus mandamentos Eu darei os mistérios do Meu Reino, e isso lhe será como uma fonte de água viva, vertendo para a vida eterna."[7]

Quando a mulher disse saber da vinda do Messias, Jesus respondeu: "Eu o sou, eu que falo contigo."[8] Cristo demonstrou Seu poder profético, revelando à mulher detalhes de sua vida pessoal que somente alguém com visão divina poderia saber.

Perplexa, a mulher samaritana largou o pote de água e correu para contar aos outros sua conversa com o Senhor, dizendo: "Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?"[9] Enquanto reunia os habitantes da cidade para ouvir o Mestre, Jesus ensinou aos discípulos quando estes retornaram: "(. . .) uma comida tenho para comer, que vós não conheceis."[10] Os discípulos, tendo nas mãos a comida que haviam comprado, ficaram confusos. Jesus explicou: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra."[11]

Quando a multidão curiosa de samaritanos chegou para ver e ouvir o homem que proclamara ser o Messias, "rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias."[12] As

escrituras nos dizem que muitos acreditaram nos ensinamentos do Salvador. Ouvindo as palavras de Cristo, sua curiosidade inicial transformou-se em testemunho e declararam: "Nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo."[13]

Há uma grande sede espiritual no mundo, hoje. Muita gente está procurando intensamente uma fonte de refrigério que lhe sacie a ânsia de significado e direção na vida. Imploram um gole fresco de compreensão e conhecimento que lhes sacie a alma ressequida. O espírito dessas pessoas clama por paz e calma que lhes acalente e alegre o coração sofrido.

Na verdade, "(. . .) existem ainda muitos na terra entre todas as seitas, partidos e denominações, que são cegados pelas sutis astúcias dos homens, pelas quais espreitam para poder enganar, e que só estão afastados da verdade por não saberem onde encontrá-la".[14] Vamos trabalhar com todo o coração, poder, mente e força para mostrar a nossos irmãos e irmãs sedentos onde podem encontrar a fonte de água viva do evangelho, para que venham beber da água que "salta para a vida eterna".

O Senhor fornece a água viva que pode saciar a sede ardente daqueles cuja vida está ressequida por uma seca ou ausência da verdade. Ele espera que lhes forneçamos a plenitude do evangelho, dando-lhes as escrituras e as palavras dos profetas e prestando-lhes testemunho pessoal quanto à veracidade do evangelho restaurado, a fim de aliviar-lhes a sede. Quando beberem da taça do conhecimento do evangelho, sua sede será satisfeita, pois compreenderão o grande plano de felicidade do Pai Celestial.

Como na fonte de Jacó, hoje também o Senhor Jesus Cristo é a única fonte de água viva. Ela saciará a sede dos que enfrentam a seca da verdade divina que tanto aflige o mundo. As palavras do Senhor à antiga Israel, transmitidas pelo profeta Jeremias, descrevem a condição

de muitos dos filhos de Deus nos dias de hoje: "O meu povo (. . .) a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas."[15] Muitos dos filhos do Pai Celestial desperdiçam sua preciosa vida cavando cisternas rotas, de ganhos mundanos, as quais não podem reter a água viva que lhes satisfaz completamente a sede natural da verdade eterna.

No último dia da festa dos tabernáculos, o Salvador, tendo retornado a Jerusalém, fez este convite eterno e universal: "Se alguém tem sede, venha a mim, e beba."[16] O Élder Bruce R. McConkie definiu água viva como "as palavras da vida eterna, a mensagem da salvação, as verdades sobre Deus e Seu reino; as doutrinas do evangelho." Ele continua, explicando: "Onde há profetas de Deus, aí haverão rios de água viva, fontes repletas de verdades eternas, mananciais jorrando a dádiva de vida que salva da morte espiritual."[17]

O Senhor declarou que se é "pela minha própria voz, ou pela de Meus servos, não importa."[18] Somos abençoados por vivermos numa época em que existem Apóstolos e profetas na Terra. Por intermédio deles temos refrigério constante do rio abundante de verdades eternas que, se obedecidas, trazem a água viva do Senhor para nossa vida. Repetindo as palavras daqueles samaritanos que ouviram o Salvador na fonte de Jacó, podemos também dizer com fé e firme convicção: "Nós mesmos o temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo."[19]

Sentimos falta da voz do Presidente Howard W. Hunter. Certamente foram o amor, a esperança e a compaixão de Jesus Cristo que ouvimos na eloqüência simples do Presidente Hunter. Ele ampliou nosso conhecimento e recomendou-nos veementemente renovarmos nosso compromisso de guardarmos os convênios sagrados. Lembrou-nos de que "(. . .) [o] supremo sacrifício [de Cristo] só pode encontrar total frutificação em nossa vida se aceitarmos o convite de segui-Lo."[20] Quando o Presidente Hunter nos pediu que "[nos tratássemos] uns aos outros com mais bondade, cortesia, humildade, paciência e perdão"[21], seu próprio exemplo dessas virtudes cristãs ensinou-nos com um poder tão persuasivo que transcendeu suas palavras inesquecíveis. Ele nos incentivou a beber mais vezes e mais abundantemente da água viva, a fim de enriquecermos nossa vida espiritual.

O Presidente Howard W. Hunter disse: "O meu mais profundo desejo é que todos os membros da Igreja se tornem dignos de entrar no templo. Espero que todo membro adulto seja

digno de possuir uma recomendação válida, mesmo se não puder fazer uso freqüente dela devido à distância entre o templo e sua moradia." Ele queria que todos nós nos fortalecêssemos pela "santidade e segurança que gozamos dentro das abençoadas e santificadas paredes"[22] da casa do Senhor. Existe modo melhor de conhecermos o Salvador e de fortalecermos o compromisso de sermos mais semelhantes a Ele do que visitando freqüentemente Sua casa santa e bebendo profusamente das águas vivas que lá existem? O Presidente Hunter queria que nos qualificássemos por meio de uma vida reta, para recebermos as bênçãos da perfeição, revelação e paz que podem ser desfrutadas nos templos. Daí, seu tão insistente convite de "tornar o templo (. . .) o grande símbolo de [nossa] condição de membros"[23] da igreja do Senhor.

Hoje, apoiamos o sucessor do Presidente Hunter. Alegro-me com todos aqui com a oportunidade de apoiar, nesta assembléia solene, o Presidente Gordon B. Hinckley como profeta, vidente e revelador e como porta-voz do Senhor Jesus Cristo aqui na Terra. Ele é o ungido do Senhor e possui todas as chaves do sacerdócio, estando autorizado a exercê-las na liderança e direção do reino de Deus. O Presidente Hinckley é um servo fiel, cujo coração e voz conhecemos bem. Aprendemos a amá-lo nos seus trinta e sete anos de ministério como Autoridade Geral da Igreja. Há quase trinta e quatro anos, foi ordenado Apóstolo, uma testemunha especial do Senhor Jesus Cristo. Ele é a Autoridade Geral mais antiga servindo atualmente. Quando o Presidente Hinckley foi chamado para os Doze, a Igreja tinha 1.900.000 membros e 336 estacas, sendo que hoje temos 9.000.000 de membros e mais de 2.000 estacas.

Filho de um pai de nobre caráter e de uma mãe virtuosa, o Presidente Hinckley aprendeu com os pais fiéis, quando jovem, as verdades do evangelho restaurado. Ele tem profundo respeito por sua herança pioneira e valoriza-a imensamente. Foi um valoroso missionário na Inglaterra. Na vida adulta, trabalhou incansavelmente na edificação do reino. Serviu sob a liderança de oito presidentes da Igreja, incluindo quatorze anos como conselheiro dos últimos três: Presidentes Spencer W. Kimball, Ezra Taft Benson e Howard W. Hunter.

A preparação do Presidente Hinckley para seu atual chamado levou a vida inteira. Como nos lembrou recentemente o Presidente Boyd K. Packer: "Nenhum homem chega a ser Presidente desta Igreja a menos que tenha sido preparado durante toda a vida."[24] Aprendemos nas escrituras que aqueles que servem como profetas foram "(. . .) preparados desde a fundação do mundo, segundo a presciência de Deus(. . .)".[25]

Presto testemunho de que o Presidente Hinckley foi preordenado, levantado, preparado e chamado por Deus "(. . .) para anunciar sua palavra ao povo, a fim de que tenham vida eterna."[26] Eu o conheço bem desde a juventude e tenho observado pessoalmente que na textura de seu nobre caráter não há um fio sequer de má qualidade. Da água viva do Senhor e de Seu evangelho restaurado, o Presidente Hinckley bebeu profusamente durante toda a vida. Devido a sua estrita obediência, rios de água viva jorraram e continuarão jorrando dele para saciar a sede de um mundo espiritualmente ressequido.

Sou grato por poder apoiar hoje o Presidente Thomas S. Monson e o Presidente James E. Faust como conselheiros na Primeira Presidência. Eles também foram provados e testados no serviço a Deus e a toda a humanidade por muitos anos. São homens valentes e fiéis. Esses três sumo-sacerdotes presidentes da Primeira Presidência merecem nossa lealdade e devoção. Podemos segui-los com absoluta fidelidade e confiança.

Como também sou uma testemunha especial, acrescento meu testemunho aos daqueles samaritanos fiéis de tempos atrás. Irmãos e irmãs, a todos os que estão aqui e ao mundo todo, testifico com toda a seriedade que esse mesmo Jesus de Nazaré que falou com a mulher na fonte de Jacó "é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo".[28] Ele vive e é nosso Redentor e nosso Advogado junto ao Pai. Ele é o cabeça desta igreja que leva Seu nome. A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos são Seus servos devidamente autorizados, encarregados da sagrada e solene responsabilidade de guiar Sua Igreja nestes últimos dias. Nossa responsabilidade "é fazer a vontade daquele que [nos] enviou"[29] e trazer aquela água viva a todos os que estão com sede. Assim testifico no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS:

1. João 4:9.
2. João 4:10.
3. João 4:11.
4. João 4:13–14.
5. João 4:15.
6. *Conference Report* (Relatório da Conferência), out. 1968, p. 96.
7. D&C 63:23.
8. João 4:26.
9. João 4:29.
10. João 4:32.
11. João 4:34.
12. João 4:40.
13. João 4:42.
14. D&C 123:12.
15. Jer. 2:13.
16. João 7:37.
17. *Doctrinal New Testament Commentary* (Comentários Doutrinários sobre o Novo Testamento), 3 vols. (Salt Lake City: Bookcraft, 1965–73), 1:151–52.
18. D&C 1:38.
19. João 4:42.
20. *Ensign*, set. 1994, p.2.
21. *Ensign*, julho 1994, p. 4.
22. Ibid., p. 5.
23. Ibid.
24. *Ensign*, abr. 1995, p. 30.
25. Alma 13:3.
26. 3 Néfi 3:13.
27. Ver João 7:38; D&C 63:23.
28. João 4:42.
29. João 4:34.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
1° de Abril de 1995

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por Ted E. Davis
Comitê de Auditoria da Igreja

À Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

O Comitê de Auditoria da Igreja é independente de todos os oficiais, funcionários, operações e departamentos da Igreja e responde diretamente à Primeira Presidência. Temos acesso a todos os registros relativos aos departamentos e operações, necessários para cumprirmos nossa responsabilidade. Examinamos as normas e procedimentos de finanças que fornecem os controles de recibos e dispêndio de fundos e que salvaguardam os bens da Igreja e das organizações que ela controla, incluindo os sistemas de orçamento, contabilidade e prestação de contas e os sistemas de auditoria e relatórios, relativos ao exercício findo em 31 de dezembro de 1994.

O dispêndio dos fundos da Igreja para o ano foi autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, de acordo com as normas traçadas. O Conselho é composto pela Primeira Presidência, Quórum dos Doze Apóstolos e Bispado Presidente, como prescrito por revelação. A administração dos orçamentos aprovados é controlada pelo Departamento de Orçamentos sob a direção dos Comitês de Dotação e Orçamento.

O Departamento de Auditoria da Igreja está realizando atualmente uma auditoria das atividades financeiras da Igreja e de suas companhias coligadas para o exercício findo em 31 de dezembro de 1994, de acordo com os padrões reconhecidos de auditoria. Também realiza auditorias financeiras, operacionais e auditorias de sistemas de informação computadorizados de todas as operações da Igreja. Seu quadro de profissionais é formado por contadores credenciados e auditores igualmente qualificados, sendo independente de todas as outras operações e departamentos da Igreja e respondendo diretamente à Primeira Presidência. As empresas associadas ou controladas pela Igreja mantêm seu próprio sistema contábil e de prestação de contas, de acordo com procedimentos correntes no mundo dos negócios, e sua auditoria é feita pelo Departamento de Auditoria da Igreja e/ou firmas de contabilidade independentes. A Universidade Brigham Young e outras instituições de ensino superior têm sua auditoria feita por firmas independentes. O Departamento de Auditoria da Igreja estabeleceu, procedimentos de auditoria para unidades eclesiásticas locais e também acompanha seus resultados e despesas das unidades locais.

O Comitê de Auditoria da Igreja, baseado na análise das políticas e procedimentos de finanças e controle e de todos os relatórios de auditoria emitidos em 1994 e das respectivas respostas, é de opinião que em todos os aspectos materiais, os fundos da Igreja recebidos e gastos durante o ano findo em 31 de dezembro de 1994 foram controlados e contabilizados de acordo com as normas e procedimentos estabelecidos pela Igreja. □

Submetemos respeitosamente,
COMITÊ DE AUDITORIA
DA IGREJA
Ted E. Davis, Presidente
Donald D. Salmon
James B. Jacobson

Relatório Estatístico de 1994

Apresentado por F. Michael Watson
Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência publicou o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento da Igreja até 31 de dezembro de 1994. (As estatísticas são baseadas nos relatórios de 1994, disponíveis antes desta conferência.)

Número de Unidades da Igreja

Estacas 2.008
Distritos 709
Missões 303
Alas e ramos 21.774
Países e territórios com alas e ramos organizados 156

Membros da Igreja

Total de membros 9.024.569
Crianças com oito anos registradas batizadas durante 1994 . . . . .72.538
Conversos batizados durante 1994 . . . . . .300.730

Missionários

Missionários de tempo integral 47.311

Membros Preeminentes Falecidos desde Abril do Ano Passado:

Presidente Ezra Taft Benson, décimo terceiro Presidente da Igreja, aos 94 anos, em 30 de maio de 1994; *Presidente Howard W. Hunter,* décimo quarto Presidente da Igreja, aos 87 anos, em 3 de março de 1995; *Élder Clinton L. Cutler,* integrante do Segundo Quórum dos Setenta; *Élder Sterling W. Sill,* autoridade Geral Emérita; *Eudora Widtsoe Durham,* viúva do Élder G. Homer Durham, antigo membro da Presidência dos Setenta; *Weston Eugene Hamilton,* integrante do Comitê Geral de Finanças da Igreja; *Oakley S. Evans,* antigo presidente do Coro do Tabernáculo. □

Respostas a Questões da Vida

Élder M. Russell Ballard
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quando o Plano do Pai Celestial for compreendido, as respostas a questões da vida serão encontradas no evangelho de Jesus Cristo.

As questões mais desafiadoras da vida parecem iniciar-se com o termo "por quê". "Por que a vida é tão difícil?" "Por que há tanta tristeza, ódio e infelicidade no mundo?" "Por que a morte leva os jovens?" "Por que o inocente precisa sofrer?" Todos nós nos debatemos com essas questões de tempos em tempos, ao enfrentarmos as vicissitudes da vida. Falarei em particular aos integrantes mais jovens da família de Deus a respeito de por que eu acredito que as únicas respostas satisfatórias a tais perguntas venham da perspectiva confortante da fé em nosso Pai Celestial e em Seu plano eterno para nossa felicidade.

O profeta Alma chamou o plano de "o grande plano de felicidade" (Alma 42:8). É mais conhecido como o plano de salvação. É belo, em sua simplicidade, para todos os que buscam devotamente conhecer e compreender o verdadeiro significado e propósito da vida.

Por intermédio dos profetas passados e atuais, Deus revelou as doutrinas de Seu "grande plano de felicidade", que consistem de princípios infinitos, eternos, absolutos e imutáveis. Com Alma aprendemos que, "depois de ter-lhes revelado *o plano de redenção*, Deus lhes deu mandamentos (. . .)". (Alma 12:32; grifo nosso). O plano ensina que todos os que viveram ou vivem na Terra são filhos espirituais de pais celestiais. Vivemos com eles antes de virmos para esta Terra a fim de recebermos nosso corpo de carne e ossos.

"Se Adão [e Eva] não [houvessem] transgredido, não [teriam] caído, mas permanecido no jardim do Éden (. . .). E não teriam tido filhos; portanto teriam permanecido num estado de inocência, não sentindo alegria (. . .).

Adão caiu para que os homens existissem; e os homens existem para que tenham alegria." (2 Néfi 2:22–23, 25)

Após a queda, Deus instruiu Adão a unir-se a sua mulher, Eva (ver Moisés 3:24; D&C 42:22). "E Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gên. 1:28), um mandamento que jamais foi revogado.

O plano de nosso Pai provê a redenção da Queda por meio da expiação de Jesus Cristo. Como o Filho Unigênito de Deus e a única pessoa sem qualquer pecado a viver nesta Terra, Ele realizou uma expiação perfeita por toda a humanidade, que se aplica a todos, incondicionalmente, no que diz respeito à ressurreição da morte física, pois todos se levantarão da morte com um corpo imortal, como resultado da Expiação. Ela, contudo, é condicional no que se refere aos pecados de cada pessoa. A expiação atinge cada um na extensão de sua fé em Jesus Cristo, de seu arrependimento e de sua obediência ao evangelho. A exaltação e a vida eterna com Deus são reservadas para aqueles que guardam os mandamentos.

A mortalidade, portanto, é o período em que se testa nossa capacidade para compreender o plano de nosso Pai Celestial e, naturalmente, nossa disposição para obedecer. A obediência é essencial para obtermos a exaltação e a vida eterna. O rei Benjamim explicou que "o Senhor Deus enviou seus santos profetas a todos os filhos dos homens que declararem estas coisas a toda a tribo, nação e língua, para que, assim, todo aquele que acreditar (. . .) [em] Cristo receba a remissão de seus pecados e regozije-se com grande alegria (. . .)." (Mosias 3:13)

Ele também ensinou ao povo: "(. . .) quisera que considerásseis o estado abençoado e feliz daqueles que guardam os mandamentos de Deus. Pois eis que são abençoados em todas as coisas, tanto materiais como espirituais; e se eles se conservarem fiéis até o fim, serão recebidos no céu, para que assim possam habitar com Deus em um estado de felicidade sem fim.(. . .)" (Mosias 2:41)

Que coisa maravilhosa e tranqüilizadora é saber que o objetivo primário de Deus no céu é a "imortalidade e vida eterna ao homem" (Moisés 1:39), ou, em outras palavras, nossa felicidade e alegria eternas. Às vezes imagino se realmente apreciamos o que isso significa e a maneira como afeta nossa vida. Precisamos dar atenção adequada às doutrinas da felicidade—da felicidade real, infinita e

eterna. Elas devem ser o objetivo de tudo o que ensinamos na Igreja e de tudo o que fazemos.

O Profeta Joseph Smith disse: "Não podemos guardar todos os mandamentos se não os conhecemos, e nem sabê-los todos, ou conhecer mais do que conhecemos, a menos que cumpramos ou guardemos os que já tivermos recebido". (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p.249). Precisamos entender as doutrinas básicas e receber as ordenanças salvadoras que são essenciais a nossa exaltação e felicidade eternas. Nosso presente estado mortal coloca um véu do esquecimento em nossa mente, permitindo que provemos ser capazes de "[fazer] todas as coisas que o Senhor [nosso] Deus [nos] mandar". (Abr. 3:25). Mas muito embora nossa visão da eternidade, de longa distância, seja limitada, o Senhor não nos deixou sem orientação. Ele nos deu as escrituras e os Apóstolos e profetas por intermédio de quem revelou Seu plano para nossa exaltação e felicidade eternas. E temos o Consolador o Espírito Santo, para guiar-nos.

O Profeta Joseph Smith ensinou que "na obediência há prazer e paz imaculados, genuínos; e como Deus designou a nossa felicidade (. . .) Ele jamais instituiu ou jamais instituirá uma ordenança ou dará mandamento algum a Seu povo, que em Sua natureza não tenha por objetivo promover essa felicidade que Ele designou, ou que não resulte em maior bem e glória para aqueles que recebem Sua lei e ordenanças". (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p.250).

O que é essencial para nosso conhecimento do plano de felicidade é a compreensão do grande princípio governante do livre-arbítrio. Uma pessoa não tem que passar muito tempo na sala de aula da mortalidade para perceber que o plano do Pai Celestial não traz plena felicidade a cada passo de nossa jornada mortal. A vida está repleta de duras realidades, que nos atingem o coração e afligem-nos a alma.

Não se pode olhar para o sofrimento, a despeito de suas causas ou origens, sem sentir dor e compaixão. Posso entender por que alguém que não tenha uma perspectiva eterna e assista às terríveis notícias sobre crianças famintas e sobre a falta de humanidade do homem para com seus semelhantes, volte-se, com os punhos cerrados, para o céu e clame: "Se existe um Deus, como Ele permite que tais coisas aconteçam?"

A resposta não é fácil, mas, tampouco, é complicada demais. Deus colocou Seu plano em funcionamento, e ele prossegue por meio das leis naturais que são, na verdade, leis de Deus. Uma vez que as fez, Ele está limitado por elas, da forma como são. Reconheço que por razões não compreendidas por nós, mortais, o Senhor pode controlar os elementos. Contudo, na maioria das vezes, Ele não induz a natureza, mas permite que ela prossiga seu curso.

Neste mundo imperfeito, acontecem coisas ruins. A camada Rochosa da Terra ocasionalmente desloca-se e se move, resultando em terremotos. Certos padrões climáticos provocam furacões, inundações, tufões e seca. Muitas adversidades são provocadas pelo homem. O coração do ser humano esfria e o espírito de Satanás controla suas ações. Predizendo a época de sofrimento em nossa época, o Senhor disse: "O amor dos homens esfriará, e a iniqüidade abundará." (D&C 45:27). A violência, a imoralidade e outros males correm ferozes pela Terra. Muitas adversidades tiveram sua origem no princípio do livre-arbítrio.

Tendemos a pensar em arbítrio como um assunto pessoal. Se pedirmos que alguém defina "arbítrio moral", a resposta será provavelmente algo assim: "Arbítrio moral significa que estou livre para fazer as escolhas por mim mesmo." Ignora-se, com freqüência, o fato de que escolhas trazem conseqüências; esquecemos também que o arbítrio oferece o mesmo privilégio de escolhas a outros. Às vezes, seremos afetados adversamente pela forma que

as pessoas exercitam seu arbítrio. Nosso Pai Celestial dá uma importância tão grande à preservação de nosso arbítrio, que Ele permite a Seus filhos que o exercitem, seja para o bem ou para o mal.

O plano de felicidade está à disposição de todos os Seus filhos. Se o mundo adotá-lo e vivê-lo, a paz, a alegria e a plenitude sobejarão na Terra. Grande parte do sofrimento que conhecemos hoje deixaria de existir se as pessoas de todo o mundo compreendessem e vivessem o evangelho.

Nós, mortais, temos uma limitada visão da vida no que se refere à perspectiva eterna. Mas se conhecermos e compreendermos o plano do Pai Celestial, perceberemos que lidar com a adversidade é uma das principais formas de sermos testados. A fé que temos em nosso Pai Celestial e em Seu Filho Amado, Jesus Cristo, é nossa fonte de força interior. Por meio da fé encontramos a paz, o consolo e a coragem para perseverar. Se de todo o coração, confiarmos em Deus e em Seu plano para nossa felicidade, e não nos estribarmos em nosso próprio entendimento (ver Prov. 3:5), a esperança brotará. A esperança cresce da fé e dá significado e propósito a tudo o que fazemos. Dá-nos consolo diante da adversidade, força em momentos de provação e paz quando temos dúvidas ou estamos angustiados.

Concentrando-nos nos princípios do plano do Pai Celestial para nossa felicidade eterna e vivendo-os, podemos isolar-nos da iniqüidade do mundo. Se estivermos ancorados na compreensão correta de quem somos, do por quê de estarmos *aqui* nesta Terra e de para onde iremos após a vida mortal, Satanás não poderá ameaçar nossa felicidade com qualquer forma de tentação. Se estivermos decididos a viver de acordo com o plano do Pai Celestial, utilizaremos o arbítrio moral dado por Deus para tomar decisões baseadas na verdade revelada, não nas opiniões de outros ou na tendência atual de pensamento do mundo. Por exemplo, movemo-nos rumo a uma era em que as infovias terão condições de abrir um largo caminho que vai entrar diretamente em nossa casa. Com a tecnologia de computadores com fibras óticas, pode-se ligar uma casa a uma variedade incrível de mensagens e influências. Essa infovia poderá ser o conduto de informações que terão o poder de mudar nossa cultura e, portanto, nossa própria vida. Ao considerarmos a importância de nutrir nosso intelecto com o potencial promissor dos recursos das infovias, devemos ser sempre cautelosos quanto às escolhas de programas e ao impacto da mídia em nossa vida. Os que compreendem o plano eterno de nosso Pai Celestial para a alegria e felicidade de Seus filhos, estarão melhor preparados para fazer boas escolhas à medida que as infovias percorrerem o mundo. O computador, a televisão, o satélite, o *microchip* e até mesmo o telefone, todos podem abençoar e elevar nossa vida—ou pode torná-la deplorável.

Eis por que é tão importante tomarmos as decisões de nossa vida baseando-nos no plano do Pai Celestial. Se verdadeiramente acreditarmos que somos Seus filhos e que estamos aqui na Terra para aprendermos a viver pela fé os ensinamentos de Deus e de Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, faremos as escolhas que nos possibilitarão a, algum dia, retornar a Sua presença.

Compreender o evangelho de Jesus Cristo e segui-Lo como nosso Salvador e Redentor influenciará cada aspecto de nossa vida, inclusive nossas escolhas individuais. Os que vivem de acordo com o plano eterno do Pai Celestial não terão o desejo de absorver quaisquer informações ilícitas ou impróprias, nem destruirão sua sensibilidade espiritual com atos imorais ou pelo consumo de substâncias nocivas. Tampouco buscarão brechas doutrinárias a fim de encontrar motivos para desafiar a liderança ordenada da Igreja, como também não deturparão as simples verdades do evangelho. Não tentarão justificar qualquer estilo de vida contrário ao plano de felicidade. Caso façam qualquer uma dessas coisas, jamais encontrarão a paz interior e a alegria de viver o evangelho. Todos os filhos de nosso Pai podem aprender a saber sinceramente quem são e podem encontrar a felicidade real, se obedecerem aos mandamentos de Deus e perseverarem até o fim. O Presidente Howard W. Hunter disse: "Não há nada triste ou sombrio em uma pessoa que aceita as verdades do evangelho e incorpora esses princípios à sua vida diária. Deus quer que Seus filhos encontrem alegria e felicidade; podemos ter essa bênção se estivermos dispostos a guardar os Seus mandamentos e viver de acordo com Sua palavra em tudo o que fizermos (*Conference Report*, set/out de 1961, p. 108). Quando o plano do Pai Celestial for compreendido, as respostas a questões da vida serão encontradas no evangelho de Cristo. Espero que aprendamos a aceitar com fé as doutrinas e ensinamentos do evangelho e acreditemos no plano de salvação com nosso coração e nossa mente. Saibam que, em todos os momentos, irmãos e irmãs, os líderes da Igreja compreendem e aceitam o plano do evangelho e irão defendê-lo em todas as situações e em todos os lugares.

Meu testemunho é o mesmo que o testemunho do Apóstolo João, o Amado: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes." (João 13:17). Que busquemos as doutrinas e os mandamentos do grande plano de felicidade; e, quando os aprendermos, adotemo-los voluntariamente. Assim encontraremos alegria, felicidade e paz eterna. Jesus disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27)

Presto testemunho aos irmãos de que a promessa de paz do Senhor se cumpre quando conhecemos e vivemos os princípios do plano de felicidade de nosso Pai Celestial. Que esta paz e alegria sejam nossas companheiras constantes, oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Recordá-Lo Sempre"

Élder Henry B. Eyring
do Quórum dos Doze Apóstolos

Por causa Dele, ressuscitaremos. Por causa da expiação, poderemos ser exaltados.

Muitos anos atrás, fui ao Brasil a fim de cumprir uma designação. Como parte da viagem, eu deveria ir de carro de São Paulo para uma conferência numa cidade a duas horas de distância. Um membro do Quórum dos Doze fora enviado para presidir aquela conferência, e eu esperava poder viajar no mesmo carro que ele para aprender alguma coisa. Ele, contudo, sugeriu que eu fosse no outro carro com os missionários e disse-me: "Ensine-os enquanto viajam." Quando entrei no carro e sentei-me no banco da frente, soube que duas jovens missionárias, companheiras, estavam sendo transferidas para aquela cidade. Após termos sido apresentados, inclinei-me para trás e perguntei: "Sobre o que gostariam de conversar?" Ambas responderam ansiosamente, quase em coro: "Fale-nos sobre como podemos ser mais humildes."

Suponho que tivessem achado difícil falar sobre esse assunto, como eu achei. Lembro-me apenas das verdes colinas do Brasil passando por mim enquanto tentava responder às jovens, e do fracasso que senti no final. Se ao menos eu tivesse aquela oportunidade hoje, outra vez, neste lindo dia! Aprendi algumas coisas sobre esse assunto quando o Presidente Hinckley convidou-me para vê-lo ontem e chamou-me para este sagrado ofício. Acho que hoje poderia tê-las ajudado um pouco mais.

Em primeiro lugar, teria percebido que elas já tinham aprendido a primeira lição. O simples fato de pedirem significava que haviam passado do estágio de dúvidas acerca de si mesmas para a esperança de que, se apenas se entregassem a Deus, se pelo menos soubessem o que fazer, poderiam ser melhores. Se eu tivesse essa chance outra vez, diria isso a elas e daria somente um pequeno conselho: "Lembrem-se sempre Dele." (Ver Morô. 4:3; 5:2; D&C 20:77, 79.)

Tentaria ajudá-las, levando-as mentalmente a um jardim onde ouviriam as palavras do Salvador do mundo: "Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua." (Lucas 22:42)

Depois, eu as levaria adiante no tempo, àquele dia glorioso registrado no Livro de Mórmon no qual o Senhor ressuscitado apareceu ao povo nas Américas e disse: "E eis que eu sou a luz e a vida do mundo; e bebi da taça amarga que o Pai me deu e glorifiquei o Pai, tomando sobre mim os pecados do mundo, no que me submeti à vontade do Pai em todas as coisas desde o princípio." (3 Néfi 11:11)

Sei, pela suavidade que ouvi na voz e vi no olhar daquelas jovens, que elas se lembrariam e talvez sempre se lembrassem Dele. E, por causa de Seu exemplo perfeito, devem ter sentido o coração quebrantado e recebido a resposta a sua súplica: "Como podemos ser mais humildes?"

Quando nos separamos delas ao chegarmos à cidade, ficaram à espera de um ônibus. Olhei para trás e lá estavam elas sozinhas. Quisera ter sabido na ocasião o que aprendi na noite passada, a fim de ler para elas, enquanto viajávamos, estas palavras extraídas do versículo 23 da seção 1 de Doutrina e Convênios: "Para que a plenitude do Meu evangelho seja proclamada pelos fracos e humildes aos confins do mundo, e diante de reis e governadores." Depois, iniciando no versículo vinte e seis:

"E se buscassem sabedoria, fossem instruídos;

E se pecassem, fossem repreendidos, para que se arrependessem;

E, sendo humildes, fossem fortalecidos e abençoados pelo alto e recebessem conhecimento de tempos em tempos." (Vers. 26–28)

Elas saberiam que o Salvador se referia a elas e, em sua humildade, descobririam que lhes fora dado poder para proclamar Seu nome.

Nas últimas horas, compreendi outras bênçãos com respeito a "recordá-Lo sempre". Estava pensando numa família de Albuquerque, no Estado do Novo México, que conheci anos atrás: pai, mãe e duas filhas adolescentes que não eram filiados a nenhuma igreja mas que liam a Bíblia diariamente. Essa família meditava sobre a vida do Salvador e Suas palavras. Quando os conhecemos, haviam chegado à conclusão de que Cristo devia ter uma igreja e que eles a encontrariam. Sabiam que deveria ter profetas e apóstolos na sua organização, pois era o que Cristo havia deixado em Sua igreja no meridiano

dos tempos, e sabiam que o Senhor ressurreto aparecera aos Apóstolos.

Então, quando testificamos que Deus, o Pai, e Seu Filho, o Salvador do mundo, apareceram a um menino profeta, Joseph Smith, isso lhes pareceu natural. Quando nos ouviram testificar sobre a restauração do sacerdócio por Pedro, Tiago e João, sabiam que tal fato deveria ter acontecido. O Espírito Santo, que eles também reconheceram, revelou-lhes a verdade. Percebi, em algum momento na noite passada ou esta manhã, que eles reconheceram a verdade de que esta é a Igreja de Jesus Cristo principalmente porque sempre se lembravam Dele. Todos os dias a família reunia-se para ler sobre o Senhor e Suas palavras, portanto eles se lembravam Dele. Após o batismo, estavam prontos para seguir o profeta vivo, porque sabiam que o Salvador sempre fala a Seus profetas para abençoar o povo.

Guardarei o convênio de tomar sobre mim o nome de Cristo e recordá-Lo sempre. Irei aonde quer que me mandarem para ensinar a Seu respeito e oferecer as ordenanças pelas quais podemos tomar sobre nós o Seu nome e prometer que sempre nos lembraremos Dele e guardaremos Seus mandamentos.

Se aceitarem o convite, saberão o que eu sei: Deus, nosso Pai, vive. Seu Filho, Jesus, o Cristo, fez a vontade do Pai e expiou todos os nossos pecados. Por causa Dele, ressuscitaremos. Por causa da expiação, poderemos ser exaltados. O Senhor enviou mensageiros celestiais para conferir chaves a Seu profeta, Joseph Smith. O Senhor chamou Seu profeta hoje, Gordon B. Hinckley, e falará a nós e a todo o mundo por seu intermédio.

Aqueles que ouvirem e tomarem o nome do Salvador sobre si, que sempre se lembrarem Dele e guardarem os mandamentos, finalmente encontrarão o Mestre e Ele os levará para casa, para o Seu Pai e nosso Pai, onde poderemos viver para sempre em família. Testifico que isso é verdade, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. □

Convênio de Amor

Aileen H. Clyde
Segunda Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

Por causa de nosso relacionamento com o Senhor, podemos transmitir luz e carinho uns aos outros e ser donos de nossa própria alma por toda a eternidade.

"Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão abalados; porém a minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará, diz o Senhor (. . .)". (Isaías 54:10; ver também 3 Néfi 22:10.)

Essa linguagem das escrituras transcende meu raciocínio e inunda-me novamente com a realidade do amor de Deus e de nossa importância para Ele. Teria Ele falado de igual maneira às inteligências reunidas naquele longínquo conselho, em que compreendemos o suficiente para tomar a decisão de seguir a Cristo? Certamente foi naquela ocasião, antes da experiência mortal, que começamos a cumprir nossa parte da aliança com o Salvador, essencial para alcançarmos a vida eterna. Creio que lá escolhemos ser guiados, como ainda hoje precisamos ser guiados, pelo desvelado amor que Ele tem pela pessoa divina e única que somos. A decisão que lá tomamos foi de suma importância. Quando estivermos diante de encruzilhadas e dilemas, podemos recorrer à mesma fonte de coragem para prosseguir em nossa jornada.

"Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça." (Isaías 41:10)

De todas as inúmeras bênçãos que recebi por conhecer o evangelho de Cristo, minha maior gratidão é pela doutrina que nos ensina que a vida mortal tem significado eterno e visa à glória de Deus. Somos o ponto central de Sua grande obra. Ele nos ensina que, quando recebemos Sua luz, podemos refleti-la para o mundo.

Estamos em constante luta para contrapor nosso conhecimento da luz ao erro e o temor peculiares a este mundo. Atualmente vemos as velhas tentações em roupa nova; elas podem ser ampliadas e multicoloridas pela tecnologia, que lhes dá acesso a todo lugar. Essa manifestação visa atingir os jovens, os ingênuos e os vulneráveis; na verdade, visa atingir a todos nós. A violência é retratada em todos os seus aspectos em jogos eletrônicos, e vemos, até em nossa própria vizinhança, terríveis atos de violência. Em meio ao perigo, nosso amor esfria e acabamos procurando defender-nos com as mesmas armas que nos ameaçam. Pior ainda, podemos ser levados pelo medo a procurar proteção uns dos outros, ao invés de cumprir

nossa promessa de oferecer luz e proteção uns aos outros.

A tradução de Joseph Smith do capítulo 16 de Mateus esclarece distinções que os discípulos de Cristo precisam compreender; Ele diz que não devemos quebrar Seus mandamentos para salvar nossa vida, pois todo aquele que salvar sua vida neste mundo, perdê-la-á no mundo vindouro. E todo aquele que perder sua vida neste mundo, por amor a Ele, achá-la-á no mundo vindouro. Diz-nos para renunciar, portanto, ao mundo e salvar nossa alma.

Dependemos da luz de Cristo para compreender esse ensinamento, mas não podemos permitir que o temor nos leve a perder nossa alma. Atentem para o que está registrado na seção 101 de Doutrina e Convênios:

"Portanto, não temais nem mesmo a morte; pois neste mundo a vossa alegria não é completa, mas em Mim a vossa alegria é completa.

Portanto, não vos preocupeis com o corpo, nem com a vida do corpo; mas preocupai-vos com a alma, e com a vida da alma.

E procurai sempre o rosto do Senhor, para que em paciência possuais as vossas almas, e tereis vida eterna." (Versículos 36–38)

É a alma que responde quando sentimos e aceitamos as promessas carinhosas que Cristo nos faz. Isaías descreveu o que o Senhor já fez por nós:

"Assim diz Deus, o Senhor, que criou os céus, e os estendeu, e espraiou a terra, e a tudo quanto produz; que dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela." (Isaías 42:5)

Isaías registrou o carinho que eleva a alma, o amor e a bondade contidos em Suas promessas:

"Eu, o Senhor, te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para luz dos gentios (. . .)

Eis que as primeiras coisas já se cumpriram, e as novas eu vos anuncio, e , antes que venham à luz, vo-las faço ouvir.

Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor desde a extremidade da terra (. . .)". (Isaías 46:2, 9-10)

O Livro de Alma ensina-nos qual é o cântico que o Senhor nos anima a cantar: o cântico do amor que redime (ver Alma 5:26). Mais tarde, na Palestina, quando instado a declarar qual o primeiro e maior mandamento, o Salvador disse, sem hesitação:

"(. . .) Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento (. . .)

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37,39)

Essas declarações são claras e compreensíveis. Sugerem como podemos começar a nos engajar em Seu convênio. Como Ele nos conhece, certamente nada exigiu de nós que não pudéssemos cumprir.

O amor ordenado por Cristo requer grande mudança e muita humildade. Exige que abandonemos o orgulho e nos livremos da inveja. Requer que jamais façamos pouco caso de nossos irmãos e irmãs nem persigamos qualquer pessoa. Cristo sabia que a simples procura de tais características em nós mesmos seria algo penoso e exigiria grande esforço de nossa parte. Ele disse: "(. . .) se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti (. . .)". (Mateus 18:8)

Não estava sugerindo que nos mutilássemos, mas, sim, demonstrava compreender quão doloroso seria o processo de libertar-nos de nossas ofensas. Quando fizermos as mudanças que somente nós podemos fazer, receberemos por meio do sangue expiatório de Cristo o perdão que somente Ele nos pode dar. A natureza recíproca dessas ações denota a grande confiança e respeito que o Senhor dedica a nossa capacidade. Todo aquele que experimentou o amor do Senhor conhece a firme coragem que sentimos ao cumprir nossa parte desse acordo de confiança e honra, procurando Seu Espírito e vivendo da melhor maneira

possível. Ele nos diz novamente:

"(. . .) Minha benignidade não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não mudará (. . .)" (Isaías 54:10; 3 Néfi 22:10). "(. . .)

Eis que eu assentarei as tuas pedras com cores formosas e com safiras assentarei os teus alicerces." (3 Néfi 22:11; ver também Isaías 54:11.)

Essa linguagem das escrituras prende-me toda a atenção. Neste mundo atribulado, os alicerces em que confio assentam-se em meus convênios com o Senhor. São realmente como safiras e tesouros inestimáveis. Por meio deles, estou eternamente ligada a meus entes queridos e a Deus. Refiro-me aos princípios e ordenanças restaurados do evangelho de Jesus Cristo, aos quais todo homem ou mulher justa pode ter acesso por meio do poder do santo sacerdócio de Deus. Incluem: o batismo, o dom do Espírito Santo, o sacramento e os convênios do templo. São esses os meios que nos foram oferecidos, os quais somos livres para aceitar a fim de garantirmos nossa vida eterna.

"E agora, por causa do convênio que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, porque eis que neste dia ele vos gerou espiritualmente; pois dizeis que vosso coração se transformou pela fé em seu nome; portanto nascestes dele e vos tornastes seus filhos e suas filhas." (Mosias 5:7)

Somos, portanto, por causa de Seu grande amor e de nosso desejo de sermos guiados por Sua luz, parte da família de Cristo. Por causa de nossos convênios, somos protegidos da solidão e da alienação. Por causa de nosso relacionamento com o Senhor, podemos transmitir luz e carinho uns aos outros e ser donos de nossa própria alma por toda a eternidade.

Testifico que é uma grande bênção conhecer essas coisas. Sinto-me humildemente grata pelo testemunho das escrituras e por meu conhecimento de que Cristo vive e dirige esta Igreja. Sei que Ele pode estar vivo em cada um de nós, se guardarmos Seus mandamentos. Digo isso humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Guardamos a Fé

Élder Eduardo Ayala
Dos Setenta

Podemos encontrar ensinamentos maravilhosos em lugares distantes e isolados, onde é difícil estabelecer uma religião ou viver os princípios do evangelho.

Devido à natureza do chamado de uma Autoridade Geral, devemos visitar várias nações, lugares e grupos. Em alguns desses locais existem riscos e perigos. Essas áreas operam sob circunstâncias que, freqüentemente, nos impedem de chegar aos lugares que devemos visitar.

Certa vez recebi a designação de visitar uma estaca localizada nas belas montanhas do Peru. Havia mais de dois anos que essa unidade da Igreja não era visitada por uma Autoridade Geral, por causa dos perigos da viagem. Após conseguirmos a devida autorização e com o auxílio do presidente da missão, iniciamos uma viagem de cinco horas até o magnífico vale do Rio Mantaro.

Quando chegamos à sede da estaca, fomos recebidos pelo presidente e seus conselheiros. No momento em que nos viram, seus rostos iluminaram-se e abraçamo-nos forte e fraternalmente. Três anos antes, dois de nossos queridos missionários haviam sido assassinados naquela cidade. Depois de abraçar o presidente perto de meu coração, na tentativa de transmitir-lhe todo o meu amor, perguntei: "Sofreram muito nesse período que não pudemos vir?" Com os olhos cheios de lágrimas, respondeu: "Nós sofremos muito, mas guardamos a fé." Esta simples frase tocou-nos o coração e sentimos que a mão do Senhor estivera com eles nos momentos difíceis que passaram como povo e como membros da Igreja.

Durante nossa reunião aprendemos muitas coisas, uma das quais foi como guardar a fé em áreas como aquela, longe das grandes cidades e da sede da Igreja. Fomos capazes de distinguir, com as coisas que aprendemos, pelo menos cinco princípios que os ajudaram a vencer as dificuldades.

Primeiro: Eles nunca deixaram de confiar no Senhor e depositaram Nele toda a sua fé. Este era o alicerce de sua confiança. Confiavam no fato de que Ele os protegeria e guiaria. O Senhor disse: "Se tiverdes fé em mim, tereis poder para fazer tudo quanto me parecer conveniente." (Morôni 7:33)

Às vezes, no desespero, procuramos outros caminhos, outros guias; mas por não compreenderem nossas necessidades espirituais, nem sempre estão preparados para ajudar. Não estão preparados para dar-nos os conselhos e as revelações necessárias nas situações difíceis.

Temos o grande exemplo dos filhos de Mosias, que suportaram muitas adversidades e provações. Devido a sua confiança no Senhor, "(. . .) o Senhor os visitou com seu Espírito e disse-lhes: Consolai-vos; e eles foram consolados. (. . .) Contudo sereis pacientes nos sofrimentos e aflições, para dar-lhes bons exemplos em mim; e farei de vós instrumentos em minhas mãos para a salvação de muitas almas." (Alma 17:10–11)

Segundo: Eles continuaram a orar. Todo membro, seja adulto, criança ou adolescente, cumpriu fervorosamente este santo dever, orando em particular e em família com toda sua fé. Como sabemos, a oração é o meio de nos comunicarmos com nosso Pai Celestial. Ele nos ouve porque somos Seus filhos e porque nos ama; Ele estará pronto para abençoar-nos quando guardarmos Seus mandamentos.

Instruindo os nefitas, o Salvador ensinou: "Orai ao Pai no seio de vossa família, sempre em meu nome, a fim de que vossas mulheres e vossos filhos sejam abençoados." (3 Néfi 18:21). Ninguém lhes poderia dar mais certeza de que o Pai os ouviria do que Seu próprio Filho.

Terceiro: Eles nunca deixaram de estudar as escrituras. Nelas encontraram fé para vencer o medo, soluções para seus problemas, o divino consolo do Mestre, o terno conselho do Pai e, especialmente, a certeza de estarem sendo guiados para a vida eterna com justiça.

"Examinais as escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam." (João 5:39). Eles cumpriram esse mandamento, apesar de suas dificuldades. Um dos santos de lá disse: "Nunca estivemos tão próximos do Senhor como quando estávamos lendo as escrituras."

Quarto: Eles cumpriram os programas do sacerdócio. Devido ao incidente fatal ocorrido no lugar, foi necessário retirar os missionários de tempo integral. A fim de substituir o auxílio perdido, tornou-se necessário organizar os ex-missionários para ensinar o evangelho aos que desejavam ouvi-lo. Receberam-se referências dos membros. O ensino familiar progrediu. Ninguém foi esquecido. Como disseram, eles guardaram a fé.

Quinto: Humilharam-se perante o Senhor. Purificaram sua vida; arrependeram-se; tentaram viver juntos como santos, dividindo a maior parte do que tinham, jejuando quando surgiam problemas ou eram ameaçados.

Estes princípios simples e vigorosos permitiram que se sentissem apoiados, fossem preservados e continuassem fiéis e ativos como membros da Igreja.

Podemos encontrar ensinamentos maravilhosos em lugares distantes e isolados, onde é difícil estabelecer uma religião ou viver os princípios do evangelho. Também podemos pensar que é difícil viver em tais lugares e guardar a fé. Apenas sua confiança em Deus e sua fé em Jesus Cristo os ampara, muda e purifica.

Guardar a fé também deve ser um desafio para os que estão sozinhos na Igreja, para aqueles cujas famílias não se converteram, para aqueles que perderam um companheiro, cônjuge ou filho. É preciso muita coragem para prosseguir, mas sempre recebemos consolo do alto.

Nossos pioneiros não reclamaram; não negaram a fé nem retrocederam. É difícil imaginar a profunda solidão do povo da Igreja durante aqueles primeiros anos em que eram um pequeno grupo, os únicos membros da Igreja em toda a face da Terra. Foram perseguidos, humilhados, expulsos e alguns foram assassinados. A fé, que desenvolveram no Senhor em face de tanta adversidade, tornou-os fortes e também humildes. Deve ter sido muito difícil guardar a fé com tanta oposição, tanta solidão, tanta angústia. Foi uma época gloriosa, uma época de mártires, uma época em que se estabeleceu o alicerce de uma religião corajosa e inspiradora como a nossa.

A respeito desse assunto, disse o Presidente Kimball: "O sofrimento pode transformar pessoas em santos, ao aprenderem paciência, longanimidade e autocontrole. Os sofrimentos de nosso Salvador fizeram parte de seu aprendizado." [*Tragedy or Destiny* (Tragédia ou Destino), *Brigham Young University Speeches of the Year*, Provo, Utah; *BYU Extension Division*, 6 de dezembro de 1955, p. 5.]

Como somos gratos por aqueles que, com seu exemplo singelo, nos possibilitam perseverar, sem esmorecer, na tentativa de retornar a nosso Pai! Talvez o isolamento faça com que as cidades pequenas e distantes se tornem mais fortes e mais puras.

Ao término da conferência daquela estaca, assegurei aos membros que Deus os amava, que a Primeira Presidência e os Doze Apóstolos estavam atentos a eles e que por esse motivo estávamos lá—para prestar-lhes nosso testemunho de que eles faziam parte da Igreja, de que não os havíamos esquecido e que orávamos por eles. Havia gratidão em seus corações e tornaram a sorrir como membros que haviam sido consolados pelo Espírito do Senhor.

Fazendo a última oração em uma das sessões da conferência, um senhor de aproximadamente oitenta anos de idade mostrou bem como eles se lembram dos profetas. Disse ele na oração: "Pai Celestial, agradecemos-Te

por trazeres um de Teus servos ao Vale Mantaro, lugar onde Teu amado servo, o Presidente Kimball, ajoelhou-se para abençoar esta terra, a fim de que nos alimentasse e sempre nos desse o sustento."

Como somos privilegiados por estarmos hoje na presença dos profetas de Deus e receber sua terna influência. Devido ao crescimento mundial da Igreja, muitos de nossos bons membros nunca tiveram o privilégio de estar perto destes maravilhosos líderes; eu, porém, vos testifico que eles amam as Autoridades Gerais, que seguem seus ensinamentos e aguardam humilde e pacientemente o dia em que poderão estar aos pés dos profetas.

As condições dos povos e das nações modificam-se devido ao progresso mundial; contudo, em muitos lugares, seja nas montanhas geladas, nos agradáveis vales, às margens dos rios ou nos lugares desolados, onde se puderem encontrar membros da igreja, sempre haverá quem viva esses princípios básicos; e, por assim fazer, abençoam o restante do povo. Que enfrentemos corajosamente nossos desafios terrenos, a despeito de onde vivermos ou que situações difíceis sejamos chamados a enfrentar. Guardemos a fé.

Somos felizes, hoje, por termos a oportunidade de apoiar um novo profeta e seus conselheiros, que amamos e sustemos. Nos próximos dias, em quase todas as nações da Terra, mesmo nos povoados e cidades mais remotos, nossos membros também terão o privilégio de erguer a mão, com prazer, para apoiá-los da forma que fizemos hoje.

Algum dia nossa jornada terrena terminará e retornaremos à presença de nosso Pai Celestial. Oro para que nesse dia tenhamos a mesma coragem do Apóstolo Paulo e prestemos o mesmo testemunho que ele prestou a Timóteo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé." (II Timóteo 4:7)

Que o Senhor nos abençoe para continuarmos sendo valentes, humildes e fiéis. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Como Jesus Nos Vê

Élder Cecil O. Samuelson Jr.
dos Setenta

Ele providenciou, por meio da grandeza de Sua expiação, tudo o que nos é necessário para compensar nossas faltas, erros, pecados e frustrações.

Ao externar meu apreço pelo privilégio de estar aqui nesta conferência histórica e pela oportunidade de apoiar nosso amado profeta e seus companheiros, devo também agradecer, em primeiro lugar, ao Senhor, pela oportunidade de servir neste santo chamado; em segundo, a todos os que me instruíram, admoestaram e apoiaram. Minha família, especialmente minha mulher, Sharon, sempre esteve disposta a suprir minhas necessidades. Muitos amigos e colegas, tanto fora quanto dentro da Igreja, tentaram entender o que esta designação significava para mim, foram extremamente atenciosos comigo e deram-me muito incentivo. As Autoridades Gerais foram particularmente pacientes e bondosas, e serei sempre grato àqueles que com todo o amor me ajudaram durante essas várias semanas de auto-avaliação e adaptação.

Durante esse recente processo de auto-exame, confesso ter imaginado o que as outras pessoas poderiam estar pensando sobre a designação que recebi. Refleti nas palavras do poeta Robert Burns, as quais modernizei, mas sem qualquer intenção de desrespeitar seu trabalho: "Ó, que (. . .) dádiva para nós nos vermos como os outros nos vêem" ("*To a Louse*"). Se for interessante e importante saber como somos vistos pelos outros, principalmente por aqueles de quem mais gostamos, então, que dádiva deve ser compreender como o Salvador nos vê.

De que forma sabemos como somos vistos por Jesus Cristo? Pelo quão próximo estamos dos padrões que Ele estabeleceu para nós e pela pureza dos intentos do nosso coração. Ele deu o exemplo e o padrão perfeito para toda a humanidade, não somente por tudo o que Ele é e fez, mas pela pergunta direta e objetiva: "Que tipo de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27). Fazer o que Ele pede e ser o que devemos ser, assegura-nos Sua aprovação; porém, agir de outra forma O desaponta.

Ele, que não somente nos conhece mais que todos, como nos ama mais do que qualquer outra pessoa, providenciou, por meio da grandeza de Sua expiação, tudo o de que precisamos para compensar nossas faltas, erros, pecados e frustrações, bastando que aceitemos Seu convite de nos aproximarmos Dele pelo caminho estreito e pela porta apertada mencionada pelos profetas (ver 2 Néfi 31), e obtendo

as bênçãos que estão à disposição de todos que as buscarem por intermédio de Seus representantes autorizados.

Àqueles que amam o Salvador e se esforçam em agradá-Lo, o Presidente Gordon B. Hinckley lembrou tempos atrás: "Como Seus seguidores, não podemos fazer nada vil, falso, ou desagradável sem manchar Sua imagem. Nem tampouco fazer algo bom, cortês e generoso sem abrilhantar ainda mais o símbolo Daquele cujo nome tomamos sobre nós." [*Be Thou an Example* ("Sede um Exemplo"), Salt Lake City: Deseret Book Co., 1981, p. 90.]

Na parábola do Bom Samaritano, o Filho de Deus esclareceu Suas expectativas quanto a todas as pessoas que gostariam de ser como Ele (ver Lucas 10:30–37). Jesus não somente deu o modelo e ensinou-nos as atitudes e ações que Ele espera e requer de nós, como forneceu as ordenanças e convênios pelos quais nós, por intermédio de Seus servos devidamente designados, poderíamos obter todas as bênçãos prometidas tanto nesta vida quanto na eternidade.

Com Seu grandioso poder e maravilhosa compaixão, o Salvador foi capaz de alimentar miraculosamente multidões de pessoas quando assim requeriam as circunstâncias (ver Lucas 9:10–17), mas estava também disposto a fornecer a "água viva", com sua orientação para a vida eterna, ao solitário pecador, professamente de baixa condição social (ver João 4:7–26).

Cristo, com toda a Sua bondade, pregou o evangelho a congregações imensas, mas também se dispôs a responder ao aparentemente insignificante Natanael e suas perguntas pessoais. (Ver João 1:45–51.)

Ele, que sob a direção do Pai, criou o mundo e literalmente poderia ter feito tudo sozinho, envolveu outros em Seu ministério. Na ocasião de Sua crucificação, pediu ao amado João que tomasse conta de Sua mãe, Maria, como se fosse sua própria mãe (ver João 19:25–27). Em nossa época, o próprio Jesus Cristo, juntamente com o Pai, apareceu ao Profeta Joseph Smith; porém, a Morôni foi dado o privilégio e a honra de ser o responsável por trazer à luz o Livro de Mórmon. Esta é a Igreja do Salvador e, contudo, Ele chamou o Presidente Gordon B. Hinckley para presidir-nos nesta época. Asseguro a todos com gratidão, mas também com o devido temor, que o Senhor chamou a mim e a todos aqui para representá-Lo de várias maneiras e em deveres importantes, independente de parecerem pequenos ou grandes para nós. Ao nos esforçarmos para compreender melhor como Jesus nos vê e contemplarmos nossas próprias tentativas de viver como o Redentor gostaria que vivêssemos, lembremo-nos de Suas observações instrutivas e de sua aplicação universal em literalmente tudo o que fazemos: "Se me amais, guardai os meus mandamentos" (João 14:15) e "quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mt. 25:40). Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Filhos do Convênio

Élder Russell M. Nelson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quando soubermos quem somos e o que Deus espera de nós; quando Sua "(. . .) lei [estiver] escrita em [nossos] corações (. . .)"[34] estaremos espiritualmente protegidos.

O título de minha mensagem é a expressão tirada das escrituras "filhos do convênio".[1] Ao introduzir este assunto, gostaria de fazer algumas reflexões sobre os acontecimentos recentes que vivenciei como companheiro do Presidente Howard W. Hunter e como pai, além de algumas experiências anteriores como médico.

As últimas semanas foram penosas para mim e minha esposa. Não apenas tivemos que nos despedir de nosso amado Presidente Hunter, mas trinta e três dias antes sofremos a perda de nossa preciosa filha, Emily. Tinha cinco filhos pequenos e acabara de completar trinta e sete anos quando foi chamada para o outro lado do véu.

O Presidente Hunter influenciou a vida de Emily de modo muito real. Ela aceitou prazerosamente sua admoestação de que todo membro adulto da Igreja deveria possuir recomendação para o templo. Para ela e o marido, Bradley Wittwer, sua ida regular ao templo era um privilégio sagrado. Consideravam o templo "o grande símbolo de sua condição de membros e o cenário celestial para seus convênios mais sagrados". Ela procurava imitar o "exemplo do Senhor Jesus Cristo".[2]

Apesar de a doença ter-lhes trazido intenso sofrimento, tanto o Presidente Hunter quanto Emily jamais expressaram ira. Pelo contrário, decidiram perseverar até o fim com fé e amor. Quando amigos e familiares bem-intencionados manifestavam preocupação, Emily alegremente dizia: "Não se preocupem, estou bem!" Até mesmo ao encerrar uma conversa telefônica, não se despedia com o costumeiro "até logo". Sempre dizia: "Amo você!"

Quando o Presidente Boyd K. Packer e eu o visitamos pela última vez, o Presidente Hunter chamou a esposa com um gesto, tomou-lhe a mão e disse, com um sorriso: "Sinto-me melhor quando está perto de mim".

Derramei lágrimas sentidas, desejando poder fazer mais por nossa filha e por nosso Presidente. Se eu tivesse o poder de ressurreição, teria ficado tentado a trazê-los de volta. Apesar de ser um Apóstolo ordenado, a quem foram confiadas todas as chaves do reino de Deus, não possuo as chaves da ressurreição. Jesus Cristo possui essas chaves e irá utilizá-las em favor de Emily, do Presidente Hunter e de todas as pessoas, no devido tempo do Senhor.[3]

Emily e o Presidente Hunter não temiam a morte. Fizeram e honraram sagrados convênios com o Senhor, sabendo que Ele cumpriria Sua parte com igual fidelidade.[4] Viveram nobremente como "filhos do convênio".

Há muitos anos, quando eu era um jovem estudante de medicina, vi muitos pacientes acometidos por doenças que hoje podem ser prevenidas. Atualmente é possível imunizar as pessoas contra enfermidades que incapacitavam ou matavam no passado. Um dos métodos da medicina pelo qual é conferida essa imunidade é a vacinação (N.T.: em inglês *inoculation*). A palavra *inoculate* (vacinar) é muito interessante. Provém de duas raízes latinas: in, que significa "dentro"; e oculus, que significa "um olho". O verbo *to inoculate* (vacinar), portanto, significa literalmente "introduzir um olho", ou seja, monitorizar o organismo para evitar a doença.

Uma enfermidade como a poliomielite pode aleijar ou destruir o corpo. A enfermidade do pecado pode incapacitar ou destruir o espírito. As conseqüências da poliomielite podem ser prevenidas pela imunização, mas as conseqüências do pecado exigem outras formas de prevenção. Os médicos não podem aplicar vacinas contra a iniqüidade. A proteção espiritual é obtida somente por intermédio do Senhor[5] e a Seu próprio modo. Jesus não escolheu a vacinação, mas, sim, a doutrinação. Seu método não emprega injeções; utiliza o ensino da doutrina divina — "um olho interior" que nos governa — para a proteção do espírito eterno do homem.

IDENTIFICAÇÃO E DOUTRINAÇÃO

Ao ensinar dessa maneira, Jesus geralmente declarava sua própria identidade[6] e depois a de seus seguidores. Citando Suas palavras ao povo da América antiga: "(. . .) *Eu* sou Jesus Cristo, o Filho de Deus (. . .)".[7]

"(. . .) Todos os profetas, desde

Samuel e os que vieram depois (. . .) deram testemunho de mim.

E eis que vós sois os filhos dos profetas; e vós sois da casa de Israel; e vós sois do convênio que o Pai fez com vossos antepassados, dizendo a Abraão: E em tua semente serão benditas todas as famílias da Terra.

O Pai ressuscitou-me para vir primeiramente a vós e enviou-me para abençoar-vos, desviando cada um de vós de vossas iniqüidades; e isto porque sois os filhos do convênio."[8]

Damos um enorme passo na direção da imunização espiritual quando compreendemos o significado da expressão "filhos do convênio". A que convênio se referia o Salvador? "(. . .) O convênio que fez com Abraão(. . .)".[9] O Senhor prossegue, dizendo: "E lembrar-me-ei do convênio que fiz com meu povo; e com eles fiz o convênio de que os reuniria em meu próprio e devido tempo (. . .)".[10]

O CONVÊNIO ABRAÂMICO

O convênio que o Senhor fez primeiramente com Abraão[11] e renovou com Isaque[12] e Jacó[12] tem significado transcendental. Ele contém várias promessas:

- A posteridade de Abraão seria numerosa, aumentaria eternamente e possuiria o sacerdócio;
- Abraão tornar-se-ia pai de muitas nações;
- Cristo e diversos reis nasceriam da linhagem de Abraão;
- Certas terras seriam herdadas;
- Todas as nações da Terra seriam abençoadas por sua semente;
- Esse convênio seria eterno, prescrito para "mil gerações".[14]

Algumas dessas promessas já foram cumpridas; outras ainda estão por cumprir-se. Cito uma profecia feita por volta de 600 a.C.: "Nosso pai não falou, portanto, apenas de nossos descendentes, mas também de toda a casa de Israel, indicando o convênio que haveria de ser cumprido nos últimos dias, convênio esse que o Senhor fez com nosso pai Abraão (. . .)"[15]

Tal como fora prometido, o Mestre apareceu nestes últimos dias para renovar o convênio abraâmico. O Senhor declarou ao Profeta Joseph Smith: "Abraão recebeu promessas relativas à sua semente e ao fruto de seus lombos — dos quais tu provéns, Meu servo Joseph —(. . .) Esta promessa é tua também, porque és de Abraão."[16]

Nós também somos filhos do convênio. Recebemos, como os antigos no passado, o santo sacerdócio e o evangelho eterno. Abraão, Isaque e Jacó são nossos antepassados. Somos da casa de Israel. Temos o direito de receber o evangelho, as bênçãos do sacerdócio e a vida eterna. As nações da Terra serão abençoadas por nosso trabalho e o de nossa posteridade. A semente literal de Abraão e os que forem adotados em sua família receberão as bênçãos prometidas, desde que aceitem o Senhor e obedeçam a Seus mandamentos.

O profeta Elias veio para plantar o conhecimento das promessas feitas a nossos pais.[17] Posteriormente, o Livro de Mórmon foi trazido à luz como sinal de que o Senhor havia começado a reunir os filhos do convênio.[18] Esse livro, escrito para nossos dias, declara: "(. . .) Então sabereis que o convênio que o Pai fez com os filhos de Israel (. . .) já está começando a ser cumprido (. . .)

Pois eis que o Senhor se lembrará do convênio que fez com seu povo da casa de Israel."[19]

O NOVO E ETERNO CONVÊNIO

Realmente, o Senhor não se esqueceu de nós. E para que não O esqueçamos, os filhos do convênio

recebem Sua doutrina e fazem-no por convênio. Brigham Young disse: "Todos os santos dos últimos dias fazem o novo e eterno convênio ao entrarem para esta Igreja. (. . .) Eles entram no novo e eterno convênio para apoiar o reino de Deus, e nenhum outro mais."[20]

No batismo, fazemos o convênio de servir ao Senhor e cumprir Seus mandamentos. Quando partilhamos do sacramento, renovamos esses convênios. Podemos receber os convênios do sacerdócio[21] e as supremas bênçãos das investiduras, da doutrina e dos convênios que somente podem ser recebidos no santo templo.

O novo e eterno convênio do evangelho permite que nos qualifiquemos para o casamento no templo e a bênção de "(. . .) [surgir] na primeira ressurreição (. . .)" e "(. . .) [herdar] tronos, reinos, principados e poderes, domínios (. . .) para [nossa] exaltação e glória em todas as coisas (. . .)"[22].

Os filhos daqueles que se casaram dessa maneira são herdeiros naturais das bênçãos do sacerdócio. Por esse motivo, "nenhum rito de adoção ou ligamento é necessário para assegurar-lhes lugar entre os da posteridade da promessa".[23]

As recompensas da obediência aos mandamentos estão quase além da compreensão mortal. Neste mundo, os filhos do convênio tornam-se uma linhagem de almas resistentes ao pecado. No mundo vindouro, o Presidente Hunter, Emily, outros filhos do convênio e "cada geração estabelecerá um elo com a precedente (. . .) na família divina de Deus"[24]. É grande o consolo de sabermos que estamos ligados a nossos entes queridos por meio dos convênios.

UNIÃO ENTRE OS FILHOS DO CONVÊNIO

Os santos dos últimos dias compreendem a palavra do Senhor, que declarou: "(. . .) Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus."[25]

"Essa grande união é a principal característica da verdadeira igreja de Cristo", disse o Presidente Gordon B. Hinckley. "É observada no meio de nosso povo em todo o mundo." O Presidente Hinckley prossegue: "Oramos uns pelos outros para que possamos continuar em união e força."[26]

No mundo inteiro, porém, vozes ásperas estão engajadas em disputas e atos de discriminação, que separam as pessoas umas das outras. Freqüentemente as pessoas têm o nome acrescido de apelidos ou mesmo substituído por eles. Infelizmente, a verdadeira identidade dos filhos do convênio fica obscurecida pelas alcunhas e gracejos.

Por outro lado, Deus emprega nomes que unem e santificam. Quando abraçamos o evangelho e somos batizados, nascemos de novo e tomamos sobre nós o sagrado nome de Jesus Cristo.[27] Somos adotados como Seus filhos e filhas e passamos a nos chamar de irmãos e irmãs. Ele é o Pai de nossa nova vida. Tornamo-nos co-herdeiros das promessas feitas pelo Senhor a Abraão, Isaque, Jacó e sua posteridade.[28]

Pedro usou termos enaltecedores em uma profecia referente aos dias de hoje. Identificou os membros da Igreja como "a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido."[29] Reconhecemos como enaltecedores os adjetivos: eleita, real e santa. Mas e quanto a adquirido? (N.T.: Na Versão em língua inglesa, lê-se *peculiar*.) Encontramos em um moderno dicionário (da língua inglesa) a palavra *peculiar* definida como: "incomum", "ecêntrico" ou "estranho".[30] Que tipo de elogio é esse?

Mas a palavra *peculiar* usada nas escrituras tem significado bem diferente. No Velho Testamento, a palavra hebraica que foi traduzida (em inglês) por *peculiar* é segullah, que significa "propriedade valiosa" ou "tesouro".[31] No Novo Testamento, a palavra grega que foi traduzida (em inglês) por *peculiar* é peripoiesis, que significa "posse" ou "aquisição".[32]

Vemos, portanto, que a palavra *peculiar*, encontrada nas escrituras, significa: "tesouro valioso", "feito" ou "escolhido por Deus".[33] Sermos identificados pelos servos do Senhor como Seu povo adquirido é um elogio da mais alta grandeza. Quando soubermos quem somos e o que Deus espera de nós; quando Sua "(. . .) lei [estiver] escrita em [nossos] corações (. . .)"[34] estaremos espiritualmente protegidos. Tornar-nos-emos pessoas melhores. Quando os nefitas eram verdadeiramente justos, evitavam apelidos discriminatórios e "(. . .) não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que existia no coração do povo."[35]

"Não (. . .) havia lamanitas nem qualquer espécie de itas, mas eram um, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus."[36]

Essa lição da história sugere que também devemos apagar de nosso vocabulário pessoal nomes que segregam e apelidos que separam. Paulo ensinou que "(. . .) não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus."[37]

Cristo convida todos a "virem a ele e a participarem de sua bondade; e não repudia quem quer que o procure, negro e branco, escravo e livre, homem e mulher; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios."[38]

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi restaurada nestes últimos dias para cumprir antigas promessas do Senhor. É parte da "restauração de tudo."[39]

Os filhos dedicados do convênio permanecerão firmes, mesmo quando cercados pela adversidade. Seremos "(. . .) castigados e provados, mesmo como Abraão, a quem se mandou oferecer o seu único filho."[40] Somos, contudo, fortalecidos pela promessa do Senhor: "(. . .) Sois herdeiros legais, e fostes escondidos do mundo com Cristo, em Deus.

Portanto, a vossa vida e o sacerdócio permaneceram, e é necessário que permaneçam através de vós e de vossa linhagem, até a restauração de todas as coisas (. . .)

Portanto, bem-aventurados sois

se continuais fiéis à minha bondade, sendo uma luz aos gentios, e por meio deste sacerdócio, um salvador ao Meu povo, Israel."[41]

Com essa doutrina implantada profundamente na alma, ameniza-se a dor da morte e provê-se proteção espiritual. Os filhos do convênio serão abençoados, nesta vida e na futura—eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

NOTAS

1. 3 Néfi 20:26.

2. Howard W. Hunter, citado em *A Liahona*, novembro de 1994, pp. 3–4.

3. Ver *Discursos de Brigham Young*, compilados por John A. Widtsoe (São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. s/d), pp. 396–397; Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, compilado por Bruce R. McConkie, 3 vols. (São Paulo, Centro Editorial Brasileiro, 1976), 1:134–35.

4. Ver D&C 82:10.

5. Entretanto, as leis do livre-arbítrio e da responsabilidade individual ainda são válidas. O livre-arbítrio e a responsabilidade individual são dons divinos quase tão precioso quanto a própria vida. "Até mesmo os filhos do convênio serão rejeitados, a menos que validem seu título com boas obras" (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, s/d, p. 522). Os filhos do convênio devem guardar o dia do Senhor e mantê-lo sagrado (ver Êxodo 31:12–13, 16–17; Ezequiel 20:20) e obedecer a todos os mandamentos de Deus.

6. Por exemplo: ver 3 Néfi 9:15; 11:10; 20:31; Éter 3:14; D&C 6:21; 10:57; 11:28; 14:9; 19:24; 35:2; 36:8; 43:34; 49:28; 51:20; 52:44.

7. 3 Néfi 20:31; grifo nosso.

8. 3 Néfi 20:24–26.

9. 3 Néfi 20:27.

10. 3 Néfi 20:29; Ver também I Pedro 5:6; 3 Néfi 5:25; Mórmon 5:12; D&C 93:19.

11. Ver Gênesis 17:1–10; 22:15–18; Gálatas 3:28–29; Abraão 2:9–11.

12. Ver Gênesis 26:1–5, 24.

13. Ver Gênesis 28:1–4, 10–14; 35:9–13; 48:3–4.

14. I Crônicas 16:15. Ver também Gênesis 17:1–10, 19; Levítico 26:42; Atos 3:25; LDS Bible Dictionary (Dicionário Bíblico SUD), "Abraham, Covenant of" (Abraão, Convênio de), p. 602.

15. 1 Néfi 15:18; grifo nosso. Outras profecias encerram significado semelhante. Por exemplo:

"(. . .)Por muitas gerações depois que o Messias se manifestar em pessoa aos filhos dos homens, então a plenitude do evangelho do Messias chegará aos gentios; e dos gentios, aos remanescentes de nossos descendentes —

E naquele dia virão os nossos descendentes a saber que são da casa de Israel e que são o povo do convênio do Senhor; e saberão, daí, quem eram seus antepassados e terão também conhecimento do Redentor e do evangelho que foi por ele ministrado a seus pais. Portanto virão a conhecer seu Redentor e os pontos essenciais de sua doutrina, para que saibam como chegar a ele e ser salvos." (1 Néfi 15:13–14)

"Então os reunirei das quatro partes da Terra; e então cumprirei o convênio que o Pai fez com todo o povo da casa de Israel." (3 Néfi 16:5)

"E então me lembrarei do convênio que fiz com meu povo, ó casa de Israel, e levar-lhes-ei meu evangelho.

E mostrar-te-ei, ó casa de Israel, que os gentios não terão poder sobre ti; lembrar-me-ei, porém de meu convênio contigo, ó casa de Israel, e terás conhecimento da plenitude do meu evangelho." (3 Néfi 16:11–12)

16. D&C 132:30–31. O Senhor disse também ao Profeta Joseph Smith: "E, como eu disse a Abraão concernente às tribos da terra, assim também digo ao meu servo Joseph: Em ti e em tua semente as descendências da terra serão abençoadas." (D&C 124:58)

17. Ver D&C 2:1–3.

18. Ver 3 Néfi 29:1–9.

19. 3 Néfi 29:1, 3. Como parte dessa promessa, certas terras seriam herdadas. Apesar de quase todos os descendentes de Israel terem recebido sua herança no Oriente Médio, a seleta terra das Américas foi reservada para José (ver Éter 13:8). Ela seria o repositório das placas das quais o Livro de Mórmon seria traduzido. Também estava destinada a tornar-se a sede mundial de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Dela sairia o evangelho restaurado para abençoar todas as nações da Terra, de acordo com a promessa. Homens, mulheres e crianças devotas seriam reunidos em nossos dias, voltando-se para a salvação da qual nunca tinham ouvido falar.

O Livro de Mórmon contém muitas profecias referentes à Nova e à Antiga Jerusalém. Por exemplo: "(. . .) Então este convênio que o Pai fez com seu povo será cumprido; e então Jerusalém será novamente habitada por meu povo e será a terra de sua herança." (3 Néfi 20:46)

"E que ela era o lugar da Nova Jerusalém, que desceria do céu, e o sagrado santuário do Senhor.

Eis que Éter viu os dias de Cristo e falou a respeito de uma Nova Jerusalém nesta terra.

E falou também a respeito da casa de Israel e da Jerusalém de onde Leí viria, que depois de destruída, seria reedificada, uma cidade santa para o Senhor; portanto ela não poderia ser uma Nova Jerusalém, porque já havia existido na antigüidade; mas seria reconstruída e tornar-se-ia uma cidade sagrada do Senhor; e seria edificada para a casa de Israel—

E que uma nova Jerusalém seria construída nesta terra para os remanescentes da semente de José, para o que houve um modelo." (Éter 13:3–6)

20. Discursos de Brigham Young, p.160

21. Ver D&C 84:39–40.

22. D&C 132:19.

23. James E. Talmage, Regras de Fé (São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, s/d), p. 402.

24. Joseph Fielding Smith, Conference Report, outubro de 1950, pp.13–14.

25. D&C 38:27. "Cristo será um com Seu povo" [Hymns, 1985, no.3 (tradução livre)].

26. ENSIGN, novembro de 1983, p.5.

27. Ver D&C 20:37.

28. Ver Gálatas 3:29; D&C 86:8–11.

29. I Pedro 2:9; grifo nosso. Moisés também empregou essa palavra ao dizer: "Porque és povo santo ao Senhor teu Deus; e o Senhor te escolheu, de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe seres o seu próprio povo." (Deuteronômio 14:2;)

30. The American Heritage Dictionary of the English Language (New York, Houghton Mifflin Co., 1980), p. 965.

31. Ver LDS Bible Dictionary (Dicionário Bíblico SUD) "Peculiar",

p. 748; "Hebrew and Chaldee Dictionary" (Dicionário de Hebraico e Caldeu), Strong's Exhaustive Concordance of the Bible (New York, Abingdon Press, 1983), p. 82, palavra 5459.

32. Formas do sufixo grego "poiesis" aparecem em palavras de uso corrente na língua portuguesa. Por exemplo: Os médicos e farmacêuticos utilizam um livro denominado "farmacopéia", que se refere à posse ou aquisição de medicamentos. A palavra onomatopéia refere-se a palavras cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada, como, por exemplo, mugir, miar ou tique-taque. O termo usado para a produção de sangue no corpo é hematopoese.

33. A *palavra peculiar* (N.T.: na versão inglesa) é usada em apenas sete versículos da Bíblia. No Velho Testamento, é usada cinco vezes (ver Êxodo 19:5; Deuteronômio 14:2; 26:18; Salmos 135:4; Eclesiastes 2:8). Em cada um dos casos, a palavra foi traduzida do termo hebraico que significa "tesouro valioso". No Novo Testamento, *peculiar* é usado apenas duas vezes (ver Tito 2:14; I Pedro 2:9). Nos dois casos, ela foi traduzida do termo grego que significa "posse" ou "aqueles que foram escolhidos por Deus como seu próprio povo".

34. Romanos 2:15; ver também Jeremias 31:33; Mosias 13:11.

35. 4 Néfi 1:15.

36. 4 Néfi 1:17.

37. Gálatas 3:28; ver também Colossenses 3:11. Com referência ao uso correto dos nomes, lembramo-nos da declaração feita pelo Senhor: "Pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias." (D&C 115:4). Ele não disse: "Este será o nome da minha igreja". Ele disse: "Assim será a minha igreja chamada". Os líderes da Igreja têm alertado os membros da seguinte maneira: "Sentimos que muitos poderão ser desviados pelo uso demasiado freqüente do termo 'Igreja Mórmon'." (Curso do Membro Missionário, Manual do Professor, São Paulo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1982, p.2).

38. 2 Néfi 26:33. Outras escrituras declaram que Deus "fez o mundo e tudo que nele há, (. . .) e de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra (. . .)" (Atos 17:24, 26).

O mandamento de amar ao próximo sem discriminação é verdadeiro. Mas não deve ser mal compreendido. Ele se aplica em termos gerais. A escolha da pessoa com quem se casar, por outro lado, envolve critérios específicos e não gerais. Afinal de contas, só é possível casar-se com uma pessoa.

Sabe-se que as probabilidades de sucesso no casamento são muito maiores quando o marido e a mulher têm ambos a mesma religião, língua, cultura e origem étnica. Sendo assim, é necessário sabedoria para a escolha de um companheiro eterno. É melhor não tentar voar contra o vento que sopra constantemente na direção contrária a nossa. As turbulências ocasionais já são um desafio suficiente. Depois que os votos matrimoniais forem feitos, é essencial que nos mantenhamos fiéis ao Senhor e ao cônjuge.

39. Atos 3:21.

40. D&C 101:4.

41. D&C 86:9–11.

Apoiar um Novo Profeta

Élder David B. Haight
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Por seu intermédio—como se deu por intermédio dos profetas antigos—teremos as revelações para enfrentar os desafios de uma sociedade moderna e levar avante a missão da Igreja em todo o mundo.

Irmãos e irmãs, este tem sido um dia histórico e afortunado. Tendo testemunhado a maneira inspirada pela qual o Presidente Gordon B. Hinckley cumpriu seu chamado como conselheiro dos Presidentes Spencer W. Kimball, depois Ezra Taft Benson e, finalmente, Howard W. Hunter—durante os períodos em que sua saúde definhava—alegro-me convosco ao apoiá-lo como o profeta ungido de Deus.

Com toda minha inspiração e amor, testifico que Gordon B. Hinckley foi preordenado para tornar-se Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, para ser o porta-voz de Deus na Terra nesta época e para liderar o povo de Deus como profeta, vidente e revelador.

O Presidente Hinckley foi inspirado ao chamar Thomas S. Monson para continuar sua eficiente administração na Primeira Presidência, agora como Primeiro Conselheiro, e James E . Faust como Segundo Conselheiro. O Presidente Monson demonstra rara habilidade para liderar e inspirar outras pessoas—membros desta Igreja ou de outras organizações—em seu desejo de servir ao Mestre. Como recém-chamado Assistente do Conselho dos Doze Apóstolos, vinte e cinco anos atrás, minhas designações eram estabelecidas pelo então Élder Thomas S. Monson. Ele era um mestre gentil, mas eficaz—instruindo-me em um entendimento mais preciso da missão da Igreja em todo o mundo e dos deveres e bênçãos à disposição de um recém-chamado servo de Deus. Ele era muitíssimo eficaz e gentil para comigo.

O Presidente James E. Faust impressiona-me não apenas por suas habilidades, experiência e conhecimento desta obra divina, mas também como um estimado amigo e consultor—sentando-se junto a mim em nossas reuniões de conselho durante todos esses anos. Ele é dotado de grande sabedoria e de controle e discernimento espiritual extraordinários, que serão uma bênção para a Igreja.

Estas palavras do profeta Alma são bem apropriadas para a ocasião:

"E este é o modo pelo qual foram ordenados—sendo chamados e preparados desde a fundação do mundo, segundo a presciência de Deus, por causa de sua grande fé e boas obras, (. . .) portanto, tendo escolhido o bem e exercendo uma fé muito grande, são chamados com uma santa vocação (. . .)". (Alma 13:3)

O Profeta Joseph Smith ensinou: "Todo homem que recebe o chamado para exercer seu ministério a favor dos habitantes do mundo, foi ordenado precisamente para esse propósito no grande conselho dos céus, antes que este mundo existisse." O Profeta Joseph prosseguiu: "Suponho que me tenha sido conferido este ofício naquele grande conselho." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 357)

O Presidente Gordon B. Hinckley agora veste o manto entregue ao Profeta Joseph Smith. Ele foi preordenado para este elevado e santo chamado nos conselhos pré-mortais.

Aqueles de nós que servimos sob a direção do Presidente Hinckley, Presidente Monson e Presidente Faust maravilhamo-nos com sua sabedoria, entendimento e defesa das coisas sagradas. A mão de Deus dirige esta obra. Ele prepara Seus servos. Ele conhece-lhes o coração. Ele conhece o fim desde o princípio e levanta os servos que levarão adiante Seus desígnios.

Estes são líderes capazes e humildes, chamados por Deus para presidir Seu reino na Terra nestes últimos dias. São servos verdadeiros e fiéis, experientes e purificados por meio de circunstâncias extremas. São mestres e pregadores da retidão, exemplos ao mundo de excelência e obediência aos mandamentos de Deus. Seria bom—para nós e nossa posteridade—dar ouvidos a seus conselhos.

Um antigo apóstolo, o Élder Orson Hyde, disse: "Sempre que um indivíduo é ordenado e indicado para liderar o povo, já passou por tribulações e testes, e provou a Deus e a Seu povo que é digno da [posição] que ocupa (. . .) A Igreja será dirigida por [aquele] que compreender o Espírito e os conselhos do Todo-Poderoso." (*Journal of*

Discourses, 1:123).

Nenhum homem compreende melhor a Igreja, ou é mais conhecido por seus membros, do que o Presidente Gordon B. Hinckley.

Em 6 de abril de 1830—data da organização da Igreja de Cristo restaurada (há cento e sessenta e cinco anos, completados esta semana)—Joseph Smith e Oliver Cowdery foram apoiados como oficiais presidentes da Igreja. Chamado por Deus, Joseph foi designado por revelação para ser vidente, tradutor, profeta e Apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, o Pai, e a graça de nosso Senhor Jesus Cristo. (Ver D&C 20:1–2; 21:1.) O Senhor assim instruiu o pequeno grupo de santos fiéis:

"Portanto, no que concerne à Igreja, devereis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de mim;

Pois suas palavras recebereis como de Minha própria boca, em toda paciência e fé.

(. . .) Eu o inspirei para promover a causa de Sião com grande poder e para o bem, e a sua diligência Eu conheço, e suas orações ouvi" (D&C 21:4–5, 7).

É importante que cada profeta e Presidente da Igreja, bem como os membros, dêem ouvidos a esta revelação transmitida ao Profeta Joseph Smith.

Testifico que o Presidente Gordon B. Hincley foi cuidadosamente preparado para seu chamado divino, desde antes da fundação do mundo, nos conselhos celestiais.

Ele nasceu em uma família de pessoas fiéis e devotadas às preciosas verdades de salvação contidas nas sagradas escrituras e nas revelações recebidas pelo Profeta Joseph Smith. Seus pais deram-lhe exemplos elevados e ensinaram-no a trabalhar, perseverar, o que o motivou a sair-se bem nos estudos e a ter o desejo de servir à humanidade.

Ele aceitou os desafios da obra missionária e recebeu as bênçãos de compartilhar o evangelho com outras pessoas quando chamado

para a missão na Inglaterra.

Desenvolveu novos talentos ao auxiliar seu presidente de missão, produzindo material publicitário sobre a Igreja para os meios de comunicação, os membros e todo o mundo. Tal interesse continuou através dos anos e persiste, é claro, até os dias atuais.

Suas responsabilidades no programa missionário da Igreja contribuíram com novos métodos e oportunidades de proclamar os princípios do evangelho, e sua atuação foi de fundamental importância para a notável expansão da obra missionária, principalmente por todo o fértil e vasto Oriente.

Participou da dedicação de mais templos novos e reformados do que qualquer outro oficial presidente da Igreja. Isso não apenas demonstra seu amor pela obra do templo, mas reflete a necessidade de participarmos ativamente do trabalho de redenção de nossos antepassados falecidos.

O casamento do Presidente Hinckley com sua namorada, Marjorie Pay, deu-lhe mais força espiritual e um desejo ainda maior de levar avante a obra de nosso Senhor. Ela tem sido uma companheira inspiradora durante quase cinqüenta e oito anos.

O Presidente Hinckley não é apenas um homem versátil no tocante às coisas da Igreja—mas também às do mundo.

Ele tem sido nosso porta-voz em reuniões com representantes de governos e de grandes organizações mundiais que aqui vêm para prestar homenagens à Igreja.

Em um recente banquete em homenagem ao Presidente Hinckley, o apresentador disse a seu respeito: "Entendo porque os membros da Igreja em todo o mundo sempre demonstram a afeição por ele. Todos [aqui] esperamos que a homenagem, o tributo e o amor mencionados esta noite (. . .) [por membros de] diversas igrejas e credos lhe tragam, e aos seus, lembranças afetuosas que o confortem e inspirem por toda a vida" (Dr. Nick S. Vidalakis, jantar anual da Conferência Nacional de Cristãos e Judeus, 21 de fevereiro de 1995).

A breve, porém inspirada, administração do Presidente Howard W. Hunter chegou ao fim. Ele amava o Senhor e Sua obra—e sabemos que o Senhor o amava. O Presidente Hunter nos ensinou como ser mais dóceis, amáveis, atenciosos e dignos em nossos esforços para nos tornarmos mais semelhantes a Cristo.

E agora iniciamos uma nova era na administração da Igreja, com o Presidente Gordon B. Hinckley—amado por todos—nosso décimo quinto presidente desde a restauração da Igreja em 1830.

Conforme a maneira prescrita, nós o aceitamos e apoiamos. Por seu intermédio—como se deu por intermédio dos profetas antigos—teremos as revelações para enfrentar os desafios de uma sociedade moderna e levar avante a missão da Igreja em todo o mundo.

E as revelações nos serão dadas da maneira adequada e no momento oportuno, como ficou demonstrado aqui, neste dia, com o chamado de Henry B. Eyring como membro do Quórum dos Doze, para ser um Apóstolo de nosso Senhor Jesus Cristo.

Esta obra é verdadeira. Ela seguirá adiante para realizar todos os planos divinos de nosso Pai Celestial. Presto-lhes este testemunho neste dia sagrado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém. □

SESSÃO DO SACERDÓCIO
1° de abril de 1995

Nosso Legado do Sacerdócio

Élder Jeffrey R. Holland
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A história nos revela (. . .) que o futuro pode assustar, mas os rapazes estão à altura da tarefa.

É um prazer e um desafio estar nesta reunião do sacerdócio, perante uma congregação tão notável. É impossível expressar adequadamente minha gratidão pelo sacerdócio que possuímos, especialmente em momentos da história da Igreja como esta conferência geral. Nesses dias, vemos a história em primeira mão e, com o braço erguido, estamos, em assembléia solene, escrevendo esta história. Certa vez Oliver Cowdery afirmou o seguinte sobre esses privilégios da restauração: "Estes foram dias inolvidáveis (. . .)" (Joseph Smith 2:71, nota de rodapé).

Sentimos falta do Presidente Howard W. Hunter nesta conferência, mas sentimos alegria por saber que ele agora está sentado com os nobres e grandes de toda a eternidade; e eu, como também outros o fizeram nesta conferência, testifico, como testemunha pessoal, o divino chamado do Presidente Gordon B. Hinckley para esse santo ofício e essa designação sagrada para os quais foi bem preparado por longo período. E não queremos dizer que essa "preparação" constitua-se somente das diversas experiências que ele teve desde a juventude, mas também significa a doutrina ensinada por Alma de que tais homens são "chamados e preparados desde a fundação do mundo, segundo a presciência de Deus (. . .)", um chamado baseado, pelo menos em parte, na "fé e boas obras" demonstradas antes de o Presidente Hinckley vir a esta Terra. (Ver Alma 13:1–3.) Incluo, neste testemunho e expressão de amor, e meu reconhecimento pelos novos chamados do Presidente Thomas S. Monson, do Presidente James E. Faust e também do Presidente Boyd K. Packer. Dou as boas-vindas no Quórum dos Doze Apóstolos ao Élder Henry B. Eyring. Espero sentar a seu lado e ser seu companheiro por muitos anos.

Seguindo o espírito de momentos memoráveis da história da Igreja, gostaria de dirigir-me especificamente aos rapazes portadores do Sacerdócio Aarônico reunidos esta noite. Gostaria de incutir nos jovens um senso histórico, algo do que significa ou ainda significará pertencer à verdadeira igreja de Deus e ser portador de importantes ofícios do sacerdócio agora e no futuro.

Muito do que fazemos nesta Igreja é direcionado à juventude, os que o Livro de Mórmon chama de "a nova geração" (Mosias 26:1; Alma 5:49). Nós, que já caminhamos por essa parte da vida em que agora estão, tentamos ensinar-lhes algo do que aprendemos. Desejamos que tenham coragem. Tentamos adverti-los das armadilhas ou perigos do caminho. Sempre que possível, tentamos caminhar com nossos jovens e mantê-los a nosso lado.

Acreditem ou não, também já fomos jovens; mas sei que isso é exigir demais de sua compreensão. Igualmente inimaginável é o fato de que seus pais também já foram jovens, assim como seus bispos e consultores. Com o passar dos anos aprendemos muitas lições, além das lições da juventude—por exemplo, a esposa de Noé não se chamava Joana d'Arc (N.T. "Joana da Arca" em inglês—daí o trocadilho) e, até onde sabemos, Pôncio Pilatos não era nenhum piloto.[N.T. "Pilate" (Pilatos) e "pilot" (piloto) são pronunciados da mesma maneira em inglês—daí o trocadilho] Por que pensam que nos preocupamos tanto e queremos o melhor para os jovens? É porque já tivemos sua idade e vocês nunca tiveram a nossa; e já aprendemos algumas coisas que ainda não sabem.

Nem todas as questões e dificuldades da vida surgem na juventude, mas elas surgirão; e, infelizmente para sua geração, surgirão cada vez mais cedo. O evangelho de Jesus Cristo demarca o único caminho seguro. Por isso, os mais velhos, pessoas maduras—transmitindo o legado da história—continuam a ensinar a juventude.

Um dos motivos de realizarmos reuniões do sacerdócio com os pais sentados perto dos filhos e os líderes do sacerdócio ao lado daqueles cujos

pais estão ausentes é para que uma geração ensine a outra. Foi numa reunião do sacerdócio da estaca, parecida com a de hoje, que Gordon B. Hinckley estava, com doze anos, no fundo da capela da Ala Salt Lake 10—sua primeira reunião do sacerdócio da estaca como diácono recém-ordenado—sentindo-se um pouco solitário e deslocado.

Contudo, ao ouvir os homens da estaca cantarem o comovente hino de W. W. Phelps, "Hoje, ao Profeta Louvemos", esse menino, que um dia seria um profeta, gravou na alma que Joseph Smith era, de fato, um profeta de Deus; que ele verdadeiramente "conversou com Jeová"; que "milhões tornarão a encontrar o 'Irmão Joseph'" [Tradução livre de Praise to the Man (Hoje, ao Profeta Louvemos), *Hymns*, 1985, nº 27]. Sim, parte da preparação para esta assembléia solene iniciou-se quando um diácono de doze anos de idade ouviu homens fiéis e experientes cantarem hinos de Sião em uma reunião do sacerdócio.

Ora, poucos meninos de doze anos crescerão e se tornarão o Presidente da Igreja; nem mesmo precisamos sê-lo para provar nossa fidelidade. Porém, jamais nos esqueçamos de que "em todo lugar onde agora se encontra um homem, havia um menino"; e todos os rapazes têm a oportunidade—e a responsabilidade—de serem fiéis de modo a obter um testemunho e defender a verdade, como os homens que apoiamos como profetas, videntes e reveladores através das dispensações. Na verdade, esta é uma das coisas que a história nos revela—que o futuro pode assustar, mas os rapazes estão à altura da tarefa.

O nome Rudger Clawson, infelizmente, talvez seja desconhecido para a maioria. O irmão Clawson foi membro do Quórum dos Doze Apóstolos durante quarenta e cinco anos e serviu como presidente desse quórum durante vinte e dois anos. Contudo, muito tempo antes de receber qualquer dessas responsabilidades, ele teve a chance de provar sua fidelidade e, na juventude, demonstrar sua disposição para defender suas crenças, mesmo em perigo de vida.

Élderes David E. Sorensen e F. David Stanley, dos Setenta, conversam entre sessões da conferência.

Quando era rapaz, o irmão Clawson foi chamado para ser missionário no Sul dos Estados Unidos. Naquela época da história americana, há mais de cem anos, ainda existiam turbas maldosas, foras-da-lei que ameaçavam a segurança de membros da Igreja e de outras pessoas. O Élder Clawson e seu companheiro, o Élder Joseph Standing, caminhavam para uma conferência de missionários quando, já próximos de seu destino, foram surpreendidos por doze cavaleiros armados e muito zangados.

Estando na mira de rifles e revólveres engatilhados, os dois élderes foram espancados e golpeados até cair no chão, sendo tirados de seu caminho original e forçados a entrar nas espessas matas das redondezas. O Élder Standing, sabendo o que estaria reservado para eles, tomou uma atitude corajosa e pegou uma pistola que estava ao seu alcance. Imediatamente, um dos assaltantes apontou a arma para o jovem Standing e atirou. Outro marginal, apontando para o Élder Clawson, disse: "Atirem nele!" Então todos apontaram as armas para ele.

Para esse jovem élder parecia que seu destino seria o mesmo que o do irmão caído a seu lado. Disse ele: "Eu (. . .) imediatamente percebi que não havia como escapar. Minha hora havia chegado (. . .) Minha vez de seguir Joseph Standing era iminente." Ele cruzou os braços, olhou nos olhos dos assaltantes e disse: "Atirem."

Talvez assombrado pela coragem desse jovem élder ou já conscientes do que haviam causado ao outro rapaz—não sabemos a razão—alguém, naquele momento decisivo, gritou: "Não atirem!" e, um por um, eles baixaram as armas. Muito abalado, mas incentivado pela lealdade ao companheiro, o Élder Clawson continuou a afrontar a turba. Sem saber se ainda levaria um tiro, o jovem Rudger, caminhando de costas para a turba, carregou o corpo do companheiro morto para um lugar seguro onde fez uma última boa ação em favor do amigo. Limpou gentilmente as manchas de sangue do corpo do missionário e preparou-o para a longa viagem de trem para casa." [em David S. Hoopes and Roy Hoopes, *The Making of a Mormon Apostle: The Story of Rudger Clawson* (A Formação de um Apóstolo Mórmon: A História de Rudger Clawson), Nova York; Madison Books, 1990, pp. 23–31.)

Conto esta história com certa preocupação, esperando que ninguém fique remoendo a morte de um jovem missionário nem pense que o evangelho só causou aflições e tragédias naqueles dias. Faço este relato

para uma geração da Igreja mais jovem e mais nova, que talvez não conheça as dádivas que homens e mulheres do passado—inclusive rapazes e moças—nos deixaram, expressas em nosso novo filme em uma única e simples palavra—Legado.

Felizmente, na maioria das vezes, já não enfrentamos ameaças físicas. Geralmente, nossa coragem é mais silenciosa e menos dramática mas, da mesma forma, crucial e necessária. Gostaria de usar um exemplo tirado da história recente, um exemplo que demonstra a fé e a lealdade mais semelhantes ao que seremos chamados a mostrar. Assim fazendo, elogio os pais fiéis que servem como o estandarte da força para os filhos que estão crescendo e são menos experientes.

Há alguns anos, muito depois de voltar da missão, o bispo J. Richard Yates, da Ala Durham 3, Estaca Carolina do Norte Durham, estava na fazenda da família, ajudando o pai a ordenhar as vacas e cumprindo a rotina noturna. Devido aos limitados recursos de sua família, o pai de Richard, o irmão Tom Yates, não pôde servir como missionário quando era jovem. Essa frustração, contudo, serviu para fortalecer a promessa do irmão Yates de que seus filhos fariam aquilo que não lhe foi possível—uma missão de tempo integral para o Senhor—não importando o sacrifício exigido.

Naquela época, na zona rural do Estado de Idaho, era costume dar aos rapazes um bezerro assim que tivessem idade suficiente para cuidar dele. A intenção era o rapaz criar o animal, conservar alguns filhotes e vender outros para ajudar a custear sua alimentação. Pais prudentes compreendiam que essa era uma forma de ensinar os filhos a terem responsabilidade, ao mesmo tempo em que ganhavam dinheiro para a missão.

O jovem Richard prosperou com o bezerro que recebeu de presente e, trabalhando arduamente, multiplicou o rebanho por oito. Depois, ele investiu parte da renda proveniente da venda de leite na compra de filhotes de porco; tinha quase sessenta quando finalmente seu chamado chegou. A família havia planejado vender os próximos filhotes para complementar a renda da venda do leite e, assim, cobrir os custos da missão de Richard.

Naquela noite, no celeiro, muito tempo depois de concluir com segurança os vinte e quatro maravilhosos meses, esse jovem ouviu algo sobre o que não soubera absolutamente nada quando estava na missão. Seu pai disse que, no primeiro mês após sua partida, o veterinário local, um amigo da família e incansável trabalhador da comunidade, havia vacinado os porcos contra uma ameaça local de cólera. Em um infeliz erro profissional, o médico deu aos animais a vacina viva, mas esqueceu-se do soro de anticorpos, o que fez com que todo os porcos contraíssem a moléstia; em poucas semanas, a maioria dos animais havia morrido e os poucos restantes tiveram que ser sacrificados.

Com a morte dos porcos, obviamente a venda do leite não seria suficiente para manter Richard na missão; por essa razão, seu pai planejou vender, cabeça por cabeça, o rebanho leiteiro da família a fim de cobrir as despesas. Contudo, virtualmente em todos os vinte e três meses restantes, morria uma vaca da família ou de Richard, quando seus pais iam enviar-lhe dinheiro. Isso começou a acontecer a partir do segundo mês da missão de Richard. Desta maneira, o rebanho diminuiu duas vezes mais rápido que o esperado. Parecia inacreditável a extensão da desgraça.

Nessa época difícil, venceu uma nota promissória no banco local. Devido a tudo o que havia acontecido e aos muitos problemas financeiros que estavam enfrentando, o irmão Yates simplesmente não tinha dinheiro suficiente para pagar a dívida. Tudo indicava que perderiam a fazenda inteira. Após muita oração e ansiedade, sem contar ao filho que estava na missão, o irmão Yates foi conversar com o presidente do banco, homem que não era membro da Igreja e que a comunidade achava ser inflexível e pouco sociável.

Depois de ouvir a explicação dessa grande infelicidade, o banqueiro sentou-se um instante, olhando nos olhos de um homem que, humilde e silenciosamente, estava resistindo aos problemas, à oposição e ao medo tão fielmente quanto Rudger Clawson e Joseph Standing. Suponho que, naquela situação, o irmão Yates não poderia dizer ao banqueiro outra coisa além de "atire".

Vagarosamente, o presidente do banco inclinou-se para frente e fez uma única pergunta. "Tom", disse ele, "você está pagando o dízimo?" Inseguro da reação à resposta, o irmão Yates respondeu suavemente, mas sem hesitação: "Sim, senhor, eu

estou." O banqueiro depois disse: "Continue a pagar seu dízimo e mantenha seu filho na missão. Eu cuidarei da promissória. Tenho certeza de que me pagará quando puder."

Nenhum documento foi assinado. Não houve ameaças nem advertências. Dois homens honrados e bondosos simplesmente se levantaram e apertaram as mãos. Um acordo foi assumido e esse acordo foi cumprido.

O bispo Yates conta que lembra ter ouvido essa história, então desconhecida, com grande emoção; ele perguntou ao pai—a promissória do banco já havia sido paga—se toda aquela preocupação, medo e sacrifício somente para tentar viver o evangelho e manter um filho na missão foram válidos. "Sim, filho," disse ele, "valeu todo o esforço; e eu faria muito mais se o Senhor me pedisse"; e ele continuou seu trabalho rotineiro.

Tom Yates tinha baixa estatura—um metro e setenta de altura, pesando menos de sessenta e oito quilos. Seu corpo não se desenvolveu completamente porque contraiu poliomielite na infância. Richard diz, contudo, que nunca pensa na estatura física do pai, de uma maneira ou de outra. Para o filho ele era, simplesmente, um gigante espiritual, que estava sempre acima de tudo, que deixou para os filhos um legado de devoção e coragem mais extenso que toda a eternidade.

A esses pais, e também aos pais de nossa fé, àqueles que tiveram uma vida íntegra, apesar dos sacrifícios, às gerações desta e de todas as dispensações que enfrentaram com firmeza o medo, as aflições e mesmo a morte, expresso minha gratidão. Elogio os rapazes pela determinação de viver o evangelho de Jesus Cristo. Assumo, com vocês, a responsabilidade colocada sobre os ombros de cada um dos que têm o sacerdócio de Deus. Peço que nos lembremos de que na obra do Senhor devemos enfrentar os desafios freqüentes e nunca desistir. Comprometo-me a ser leal e fiel ao Senhor Jesus Cristo, a quem pertence esta Igreja, como também louvo o legado de lealdade que nos deixaram os que já se foram. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. □

A Busca da Identidade

Élder Monte J. Brough
da Presidência dos Setenta

Sem dúvida alguma, o ambiente que reina em nosso lar e em nossa família é o maior determinante de nossa identidade.

Alguém aqui já teve a experiência de, ao sair de casa para uma atividade dos jovens, ouvir a mãe dizer: "Agora, filho, lembre-se de quem é"? E depois ficou curioso para saber por que ela sempre diz isso? A propósito, quem sou eu afinal?

Outras pessoas já fizeram essa importante pergunta:

"Moisés disse a Deus: Quem sou eu?"[1]

"Então entrou o rei Davi, e ficou perante o Senhor, e disse: Quem sou eu, Senhor Deus?"[2]

Entre os magníficos e numerosos ensinamentos do Presidente Howard W. Hunter, encontra-se esta declaração: "A maior busca de nosso tempo é a da identidade e da dignidade humana."[3] Essa busca da identidade é essencialmente uma busca de modelos que nos instruam quanto a nosso estilo de vida. Com bem poucas exceções, um jovem não encontra exemplos adequados entre os esportistas, artistas ou músicos profissionais. Essas pessoas conhecidas do público, em vez de fornecerem bons exemplos, são, muitas vezes, o inverso do tipo de modelo aceitável pela maioria de nós. O acesso a esses ídolos contemporâneos é caro e improdutivo. Ficamos quase sempre decepcionados quando observamos os padrões superficiais e obscuros que são objeto do louvor do público. Não é de se estranhar que as áreas públicas de muitas cidades se encham de jovens com esses padrões de comportamento superficiais e obscuros. Todavia, há um grande número de exemplos bem mais acessíveis e que podem nos influenciar mais profundamente. A maioria de nós, com um esforço relativamente pequeno e com gasto muito menor, pode fornecer à família uma autêntica lista de exemplos positivos. Essa lista pode surgir de uma simples pesquisa da vida de nossos antepassados. Por exemplo:

Há alguns anos, como presente de aniversário para minha esposa, recorri ao sistema FamilySearch® (N.T. Programa computadorizado de pesquisa familiar da Igreja) para extrair todos os registros de sua árvore genealógica. Isso foi um grave erro de minha parte. O computador revelou que minha esposa é descendente da realeza européia. Desde esse dia, ficou difícil para mim conviver com ela. Acho que, por conhecer a história de seus antepassados, sinto-me mais inclinado a tratá-la como a rainha de nosso lar. Mas o problema maior, naturalmente, é que meus

filhos pertencem também à linhagem real, o que faz de mim o único "plebeu" da família.

Manasseh Byrd Kearl, nascido em 1870 e criado perto do Lago Bear, no norte de Utah, conta uma história maravilhosa que pode ser educativa para seus descendentes, entre os quais me encontro. Gostaria de ler algo de seu diário:

"Naquele outono, meu pai comprou gado para John Dikens, um rebanho grande. Dikens tinha uma enorme fazenda no Rio Bear (. . .). Lembro-me de que Jimmie estava no norte comprando gado e escreveu ao pai pedindo mais dinheiro. Então o pai mandou que eu lhe levasse o dinheiro. A mãe costurou seiscentos dólares nas minhas roupas de baixo e o pai colocou-me em cima de um cavalo e disse: 'Agora, Byrdie, meu rapaz, não desça desse cavalo até encontrar seu irmão Jimmie, e mantenha a boca fechada. Se alguém lhe fizer perguntas não responda nem diga aonde está indo, e, não importa o que lhe digam, não dê esse dinheiro a ninguém exceto a Jimmie.' Bem, quando cheguei a DingleDell, fiquei sabendo que Jimmie estava em Montpelier. Em Montpelier fui falar com Joe Rich, amigo do pai. Ele disse que Jimmie tinha voltado para casa e convidou-me para entrar e comer algo. Eu disse que não, que meu pai me dissera que não descesse do cavalo até que encontrasse Jim, e assim eu fiz. Tomei a direção de casa. Quando cheguei em Bears Valley, (. . .) mal podia andar. O sr. Potter tentou convencer-me a parar e descansar, mas não concordei. Finalmente, cheguei em casa. Jimmie tirou-me do cavalo e levou-me para dentro. A mãe chorou só de pensar que eu cavalgara oitenta milhas sem apear."[4]

Vejamos, também, a eloqüente linguagem de Gustave Henriod:

"O gentil leitor destas palavras jamais conhecerá os divertimentos e reveses, alegrias e medos, risos e decepções, pesares e encantos, anseios e realizações, esperanças e desesperos, ansiedades e contentamentos, dores e prazeres, que são, ou

Élder L. Tom Perry, do Quórum dos Doze, e um jovem, na conferência.

melhor, foram meus constantes companheiros no ano de 1853, entre Omaha e a Cidade de Salt Lake. Emparelhar bois bravos toda manhã, montar a barraca toda noite, catar esterco seco de búfalo a fim de fazer fogo para a comida, carregar e descarregar caixas e roupas de cama de manhã e à noite, vigiar os animais a cavalo ou a pé toda noite e conduzir o gado solto durante o dia, abrir valas em volta das barracas para protegê-las da água das tempestades, cantar os hinos de Sião, consertar um carroção quebrado, (. . .) lavar as próprias roupas—ninguém se lembrou de trazer um varal."[5]

Outra importante qualidade que serve de exemplo é o humor ante o desafio. Hannah Cornaby, outro membro da migração de 1853, escreveu:

"Passaram-se exatamente três anos desde aquele memorável 1º de junho, quando, com a chegada de nossos bois, deixamos Keokuk. Quero dedicar uma página à descrição de nossa partida. Os bois eram bravos. Ver os homens emparelhando-os foi a coisa mais engraçada que meus olhos já testemunharam; todos dando ordens e ninguém sabendo como cumpri-las. Se os homens não fossem membros da Igreja, certamente haveria muito xingamento; para os bois, contudo, isso não fazia diferença, já que não sabiam inglês. Mas era realmente engraçado ver a feição desnorteada de certo irmão simplório que, depois de lidar uma hora ou mais para prender [um boi] (. . .) numa das cangas do carroção, segurava a outra canga no alto, tentando persuadir [o segundo boi] (. . .) a entrar embaixo, só para, no fim, ver [o primeiro boi] disparar velozmente pelo campo, a canga chicoteando o ar, e o boi não dando sequer uma pista de quando tencionava parar."[6]

Naturalmente, havia conflitos políticos e sociais na vida de alguns de nossos antepassados, mas mesmo

esses tornaram-se instrutivos devido ao modo como foram resolvidos. John Davies era legalista durante a Guerra da Independência Americana. Ele fora uma parte importante no estabelecimento da Igreja Anglicana nos Estados Unidos, que se tornou conhecida como Primeira Sociedade Episcopal de Litchfield. Esses primeiros imigrantes haviam aprendido que, após a religião, a lealdade era a virtude fundamental. Acreditavam honestamente que ninguém, senão um infiel traidor, ousaria falar de revolução contra a Pátria Mãe. Alguns deles argumentavam que qualquer tentativa de independência seria extrema ingratidão. Consideravam o rei não só o cabeça do governo, mas também da religião.

John Davies narra o desafio de construir sua primeira igreja em Litchfield, Connecticut, para depois vê-la ser seriamente danificada por soldados da Revolução. Seu gado foi afugentado pelos revolucionários e boa parte de sua propriedade ficou seriamente danificada por causa da grande perseguição contra os que se mantinham leais ao rei. Ouçam este relato a respeito de John Davies:

"Após o término da guerra, um homem que participara da dispersão de grande parte do gado de sua fazenda e cometera outros atos de pilhagem, estando agora em estado miserável, pediu ajuda, em sua extrema aflição, ao Sr. Davies, que não só lhe perdoou as injúrias cometidas, como também liberalmente o auxiliou em suas carências."[7]

O primeiro marido de Tamma Miner, Albert, morreu em janeiro de 1847, quando seu filho mais novo ainda não tinha dois anos de idade e o mais velho tinha apenas quinze. O pai de Tamma, Edmond, foi morto por uma turba em Nauvoo, Illinois, quando Tamma tinha trinta e dois anos e esperava o nono bebê. Sua filha, Melissa, morreu durante o tempo da perseguição com sete meses de idade; seu filho, Orson, morreu de febre aos dezessete anos; e outra filha, Sylvia, morreu aos dois anos. Tamma, com os cinco meninos e duas meninas restantes, iniciou a jornada para a Cidade de Salt Lake através das planícies, em 10 de junho de 1850. Os escritos de Tamma incluem esta maravilhosa declaração:

"Passei por todas as dificuldades, expulsões, incêndio, ataques e ameaças e permaneci com os santos em todas as suas perseguições, desde Huron County até Kirtland, de Kirtland a Missouri e de volta para Illinois e, depois, através do deserto. Escrevo isto para que meus filhos tenham uma pequena idéia do que seus pais enfrentaram. Espero que apreciem estas linhas, pois sinto-me altamente honrada em ser contada como santo dos últimos dias."[8]

Esses são alguns grandes exemplos que se encontram a nossa disposição quando aprendemos a respeito de nossa própria história familiar.

Recentemente, nos reunimos com uma executiva de uma grande empresa de entretenimento. Dentre suas várias e excelentes credenciais, estava a etnia judaica. Obviamente, ela apreciou a visita a nossa Biblioteca de História da Família e a demonstração de nosso empenho em reunir e preservar registros vitais de todo o mundo. Ao final de nosso encontro, perguntou-me: "Por que sua Igreja se interessa tanto por genealogia?"

Eu disse: "Gostaria de responder com a mesma pergunta: Por que os judeus se interessam por sua genealogia?"

Um pouco surpresa com minha questão, ela respondeu: "Por quê? Isso é de máxima importância. É como obtemos e mantemos nossa identidade. É como sei quem sou. A história e a vida de nossos antepassados representam os elos que unem toda a comunidade judaica." Concluindo, disse: "De que outro modo saberíamos quem somos?"

Respondi-lhe: "Essa é uma das razões por que nossa Igreja se interessa por genealogia."

Meus irmãos do sacerdócio, como respondemos a esta antiga pergunta: Quem sou eu?

Primeiramente, somos filhos de Deus, criados segundo Sua imagem. Somos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nossa ligação e identificação com a Igreja tem sido mantida por muitos de nossos membros por mais de um século e meio. Sem dúvida alguma, o ambiente que reina em nosso lar e em nossa família é o maior determinante de nossa identidade. Foi assim com a família de nossos pais e com a família dos pais de nossos pais. Não precisamos ir além de nossa própria família para encontrarmos maravilhosos modelos, cujos altos padrões são mais do que adequados a nossa busca de identidade. Como o Élder Russell M. Nelson nos ensinou esta tarde, somos filhos do convênio.

De nossa própria família vem esta magnífica promessa:

"Portanto, assim diz o Senhor a vós, com quem o sacerdócio tem continuado através da linhagem de vossos pais—

Pois de acordo com a carne, sois herdeiros legais, e fostes escondidos do mundo com Cristo, em Deus.

Portanto, a vossa vida e o sacerdócio permaneceram, e é necessário que permaneçam através de vós e de vossa linhagem, até a restauração de todas as coisas de que falaram as bocas de todos os santos profetas, desde o princípio do mundo."[9]

Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Êxodo 3:11.
2. II Samuel 7:18.
3. *Conference Report*: abril de 1967, p. 11.
4. Diário pessoal de Manasseh Byrd Kearl.
5. *Our Pioneer Heritage* (Nossa Herança Pioneira), comp. Kate B. Carter, 20 vols. (Salt Lake City, Daughters of Utah Pioneers, 1968), 11:320.
6. Hannah Cornaby, *Autobiography and Poems* (Autobiografia e Poemas), Salt Lake City, J. C. Graham, 1881, p. 32.
7. Henry Eugene Davies, *Davies Memoir* (Memórias dos Davies), (s.e., 1895) p. 21–22.
8. *Our Pioneer Heritage* (Nossa Herança Pioneira), 2:323.
9. D&C 86:8–10.

Atalaia na Torre

Élder Helvécio Martins
Dos Setenta

Algumas das minhas mais significativas experiências como um novo portador do sacerdócio foram vividas como Mestre Familiar.

O dia 8 de junho de 1978 é, sem dúvida, um dia inesquecível. Nesse dia, o sacerdócio e as bênçãos do templo foram estendidos a todos os homens dignos da Igreja. Memorável, mesmo, cujo impacto afetou a vida de incontáveis multidões. De milhões, que tinham pleno conhecimento do seu significado e de muitos outros que não chegaram ainda, talvez, ao conhecimento da plena extensão dos seus efeitos.

Naquela data, a Primeira Presidência anunciou a todo o mundo uma nova e especial Revelação do Senhor, que fora precedida de muitas orações e súplicas por Sua divina direção.

Que grandes mudanças aquela revelação operou nas vidas de tantos filhos do Senhor, dentre os quais, minha humilde família, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil!

Parecia inacreditável. Aquele era um acontecimento deveras inesperado. Jamais sonhado por aqueles, os quais o Pai, em Sua perfeita sabedoria, houvera por bem preservar até os dias de sua melhor preparação para corresponder às graves exigências desta verdadeiramente honrosa mordomia, que é o sacerdócio.

Apesar do relativo conhecimento, acumulado em seis anos como membro da Igreja verdadeira, o meu primeiro chamado como portador do Sacerdócio, não foi para servir como Autoridade Geral, ou Presidente da Missão Fortaleza, ou Bispo da Ala Tijuca ou membro das Presidências de duas Estacas no Estado do Rio de Janeiro. Também não foi para servir como Secretário Executivo na Estaca ou na Ala. Mas minha primeira designação e chamado foi para servir como Mestre Familiar. Este chamado precedeu todos os demais. É significativamente interessante pensar nisto.

A partir de então, eu tenho considerado ser este o meu mais importante e insubstituível chamado, visto que de todos os outros chamados eu tenho sido sucessivamente desobrigado, conservando, entretanto, intocada, aquela primeira mordomia.

"Não existe, na Igreja, maior chamado que o de mestre familiar. Não há maior serviço eclesiástico prestado aos filhos de nosso Pai nos céus que o de um mestre familiar humilde, dedicado e fiel." (Ezra Taft Benson, *A Liahona*, julho de 1987, p. 53.)

Após a Sua Ressurreição e antes da ascensão aos céus, perguntou Jesus a Simão Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas." (João 21:15). A pergunta foi repetida duas vezes, tendo Pedro respondido de igual modo e o Senhor replicado: "Apascenta as minhas ovelhas". (João 21:16, 17)

Este é o trabalho ou a mordomia do Mestre Familiar. Como pastor, alimentar, nutrir e saciar a sede das ovelhas que lhe tiverem sido designadas.

Nada tem representado maior prioridade e urgência na minha vida eclesiástica e, a seguir, nas vidas dos meus filhos, do que o dedicado, fiel e devotado cumprimento desta mordomia.

É digna de registro a forma como o Senhor preparou o meu Espírito e mente, sem que eu percebesse, para este elevado e atual entendimento.

Ainda visitava a Igreja como um simples pesquisador, quando, na segunda semana, recebi um telefonema do Presidente do Ramo, irmão Antonio Landelino de Barros, que me perguntava se poderia recebê-lo na noite seguinte.

Na hora combinada, o Presidente Barros chegou acompanhado de dois homens, todos formalmente vestidos. Diante da família reunida na sala, o Presidente Barros pediu autorização para oferecer uma oração. As palavras foram simples, mas inspiradoras súplicas ao Senhor pela direção do Seu Espírito e bênçãos especiais sobre minha família, para que todos pudéssemos entender o propósito daquela visita e beneficiar-nos dela para todo o sempre.

Brevemente, o Presidente Barros proferiu uma palestra sobre programa de ensino familiar e apresentou os seus acompanhantes, irmãos Nelson Bezerra dos Santos e Alfredo Orlando Torres Lima como nossos Mestres Familiares e, a partir de então, os nossos primeiros e mais diretos contatos junto a Igreja.

Que maravilhosa experiência! Que grande oportunidade e privilégio de servir! Aqueles irmãos acercaram-se da família todo o tempo em que ela residiu nos limites do Ramo.

O Presidente Marion G. Romney ensinou que o Mestre Familiar "tem a pesada e gloriosa responsabilidade de representar o Senhor Jesus Cristo ao cuidar do bem-estar de cada membro." (*Ensign*, março de 1973, pp. 12–13.)

Em todas as reuniões dominicais aqueles irmãos recepcionaram a família à porta da capela. Assentaram-se próximo durante as reuniões. Ensinaram os cânticos. Instruíram sobre os padrões do Reino. Telefonaram para informar sobre a morte do Presidente Joseph Fielding Smith e, posteriormente, sobre o chamado do novo profeta, o Presidente Harold B. Lee.

Eles se interessaram pelo progresso e bem-estar da família e sobre suas eventuais necessidades. Mesmo depois do batismo, adiado por dois meses e, ainda, mesmo após a mudança da família para a Ala Tijuca, aqueles dedicados Mestres Familiares e o Presidente Barros revezaram-se por três meses, aproximadamente, em telefonemas regulares para saber como a família se sentia na nova Ala. Se tudo ia bem. Se alguma ajuda era requerida, etc.

Apesar da mudança de residência, os Mestres Familiares não se sentiram completamente desobrigados das atenções, cuidados e interesse pela família.

É certo que tínhamos então novos pastores, mas eles continuavam sendo seus irmãos em Cristo.

Que atitude magnífica! Eles perderam a designação mas conservaram o interesse cristão. Que vínculos extraordinários foram estabelecidos! Quase 23 anos são passados. Várias outras duplas de Mestres Familiares sucederam àqueles irmãos. Seus nomes, com poucas exceções, são vagamente lembrados, mas os nomes e as figuras daqueles dois servos permanecem indeléveis, posto que serviram como genuínos pastores.

"O mais digno chamado na vida (. . .) é aquele em que o homem melhor serve a seu semelhante", ensinou o Presidente David O. McKay. (*Instructor*, março de 1961, pp. 73–74.)

Aqueles irmãos foram, de fato, guardiões, guardadores, apoio, suporte. Convém registrar que eles cumpriram suas mordomias com alegria. Seus semblantes refletiam tal estado de espírito.

O que faziam parecia ser honra e privilégio para eles. Pareciam conhecer muito bem os deveres dos anciãos e dos mancebos, conforme ensinamento do Apóstolo Pedro:

"Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto (. . .)" (I Pedro 5:2)

O exemplo desses irmãos dedicados serviu de embasamento para a futura conduta do novo portador do sacerdócio. Ao lembrar-me dessas experiências, sendo eu agora o Mestre Familiar, tinha um modelo bem próximo do Salvador Jesus Cristo para seguir.

Tenho, a partir de então, me empenhado com toda a minha alma, dando o melhor de meus esforços no cuidado das famílias a mim designadas. E algumas das minhas mais significativas experiências como um novo portador do sacerdócio foram vividas como Mestre Familiar.

Durante o seminário de representantes regionais realizado em 3 de abril de 1969, o Presidente Harold B. Lee ensinou que "os visitantes do sacerdócio devem ser atalaias na torre".

O Senhor deseja reunir "(. . .) o Seu povo assim como a galinha reúne sob as asas seus pintinhos (. . .)" (D&C 29:2) e os Mestres Familiares, e por extensão as Professoras Visitantes, têm papel de alta relevância para o cumprimento da vontade do Senhor.

Ensinou o Presidente Ezra Taft Benson: "[O ensino familiar é] um programa tão vital que, se fielmente cumprido, ajudará a renovar a Igreja espiritualmente e exaltar individualmente seus membros e famílias." (*A Liahona*, julho de 1987, p. 52.)

Oro para que, como portadores do Sacerdócio, possamos desenvolver um perfeito entendimento desta sagrada mordomia.

Deus vive, assim como Seu Filho Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor. O Senhor fala hoje por meio de Seu profeta, o Presidente Gordon B. Hinckley, o qual amamos e seguimos.

Presto este testemunho no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. □

Responsabilidades dos Pastores

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Pedimos que se concentrem nos princípios do evangelho—simples, sublimes, espiritualmente sustentadores e salvadores. Pedimos que se mantenham firmes.

Amados irmãos do sacerdócio, é com muita humildade que sinto a enorme força reunida aqui e nos muitos edifícios ao redor do mundo. Ao nos reunirmos esta noite, rendemos louvores ao nome do Presidente Howard W. Hunter por sua vida e ministério e por tudo que aprendemos dele. Abençoadas sejam suas reminiscências.

Irmãos, confesso não me sentir muito à vontade com o chamado que recebi. Desejo fervorosamente, com toda humildade, sua fé e orações. Se não tivesse a absoluta convicção de que "um homem deve ser chamado por Deus"[1] para qualquer ofício na Igreja, não poderia servir neste chamado nem mesmo durante uma hora. Manifesto minha profunda gratidão ao Presidente Gordon B. Hinckley pela honra e confiança demonstrada ao chamar-me para ser seu segundo conselheiro. Ele tem minha total lealdade e apoio.

Como expressei na entrevista à imprensa na segunda-feira, 13 de março de 1995, tive o grande privilégio de conviver, em várias designações da Igreja, com o Presidente Gordon B.Hinckley, durante quarenta anos. Conheço-lhe o coração. Conheço-lhe a alma. Sei de sua fé, dedicação e grande capacidade. Sei de seu amor pelo Senhor e pela santa obra de Deus. Tenho imensa afeição e estima pessoal por ele. Também sei que foi preordenado e maravilhosamente preparado para ser o Presidente desta Igreja em nossa época.

Meu convívio com o Presidente Thomas S. Monson também é longo e abençoado. Trabalhamos juntos durante décadas, em várias atribuições. Sua mente e memória são únicas; sua fé, simples e absoluta. O Presidente Monson é um grande homem, mas a parte maior dele é o enorme coração. Ele tem muito talento. Sinto-me humilde em servir com o Presidente Hinckley e o Presidente Monson. Tenho profundo respeito e admiração pelo Presidente Packer, cada um dos membros dos Doze, e todas as Autoridades Gerais. E dou boas-vindas ao Irmão Eyring na seleta associação do santo apostolado.

Esta noite, quero falar ao sacerdócio de Deus em sua atribuição de pastores do Senhor. O Élder Bruce R. McConkie declarou: "Qualquer um que sirva em alguma posição na Igreja na qual seja responsável pelo bem-estar espiritual ou físico de qualquer dos filhos do Senhor é um pastor dessas ovelhas. O Senhor responsabiliza seus pastores pela segurança (significando salvação) de suas ovelhas."[2] Um portador do sacerdócio tem esta grande responsabilidade, seja pai, avô, mestre familiar, presidente do quórum de élderes, bispo, presidente de estaca, ou tenha outro chamado na Igreja.

Inicialmente, falo aos jovens do Sacerdócio Aarônico dignos. Quando eu era um menino bem pequeno, meu pai encontrou um cordeiro completamente sozinho no deserto. O rebanho ao qual sua mãe pertencia afastara-se e, de alguma forma, o cordeiro separou-se da mãe, não tendo o pastor percebido que o cordeiro se perdera. Certo de que o cordeiro não sobreviveria sozinho no deserto, meu pai pegou-o e levou-o para casa. Deixar o cordeiro ali significaria morte certa, vítima de coiotes ou da inanição, pois ele era tão novo que ainda precisava de leite. Meu pai deu-me o cordeiro e tornei-me seu pastor.

Por várias semanas, esquentei leite de vaca em uma mamadeira e alimentei o cordeiro. Tornamo-nos amigos íntimos. Chamava-o de "Próximo"—não me lembro por quê. Ele começou a crescer. Meu cordeiro e eu costumávamos brincar no gramado. Às vezes deitávamos juntos na grama, eu colocava minha cabeça em seu flanco macio e fofo e olhava o céu azul e as nuvens brancas onduladas. Durante o dia, eu não costumava prender o cordeiro. Ele não fugia, e logo aprendeu a pastar. Para chamá-lo de qualquer ponto do quintal bastava imitar da melhor maneira possível o som de um balido: méé . . . méé . . .

Certa noite, caiu uma terrível tempestade. Esqueci de colocar o animal no celeiro aquela noite, como deveria ter feito. Fui dormir. Meu amiguinho estava atemorizado em meio à tempestade e eu ouvia-o

Élderes Jay E. Jensen e Marlin K. Jensen, dos Setenta, conversam na conferência.

balir. Sabia que devia ajudar meu bichinho de estimação, mas queria permanecer a salvo, quente e seco em minha cama. Não me levantei como deveria ter feito. Na manhã seguinte, ao sair, encontrei meu cordeiro morto. Um cão também ouvira seus pedidos de socorro e matara-o. Meu coração partiu-se. Eu não fora um bom pastor ou mordomo daquilo que meu pai me havia confiado. Meu pai disse: "Filho, não posso confiar em você para cuidar de um único cordeiro?" O comentário de meu pai feriu-me mais que a perda de meu amiguinho. Decidi naquele dia, ainda menino, que jamais iria negligenciar minha mordomia como pastor, caso viesse a ser colocado naquela posição novamente.

Não muitos anos depois, fui chamado como companheiro júnior de um mestre familiar. Havia ocasiões em que estava frio e chovia, e eu desejava permanecer confortavelmente em casa. Mas, em minha mente, eu podia ouvir meu cordeirinho balindo e sabia que precisava ser um bom pastor e sair com meu companheiro sênior. Durante todos aqueles anos, sempre que sentia o desejo de fugir de meus deveres, vinha-me a lembrança quão triste eu ficara naquela noite, muitos anos antes, quando não fui um bom pastor. Nem sempre fiz tudo o que devia, mas tenho tentado.

Quero falar um pouco sobre os deveres inerentes aos pastores do Senhor. Falo das responsabilidades contidas nas revelações dadas pelo próprio Senhor. Não há maior responsabilidade do que ser marido e pai, e dela não se é desobrigado. O Senhor disse: "Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra."[3] O Senhor disse também aos pais desta Igreja: "Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade."[4]

"E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.

E os habitantes de Sião observarão também o dia do Sábado, para o santificar."[5]

Outra grande responsabilidade é a do mestre familiar. "O dever do mestre é zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los;

E ver que não haja iniqüidade na igreja, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicências ou calúnias."[6] Um mandamento adicional é "ver que a igreja se reúna amiúde, e ver também que todos os membros cumpram as suas obrigações."[7] Eles devem "prevenir, explicar, exortar, ensinar e convidar todos para vir a Cristo."[8]

Os presidentes de quóruns do sacerdócio e seus conselheiros são também pastores do rebanho e têm a responsabilidade de cuidar afetuosamente dos membros de seu quórum. Os bispos da Igreja são alguns dos atalaias da torre. Disse Timóteo aos bispos da Igreja: "Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja.

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar;

Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento;

Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia;

(Porque, se alguém não sabe governar a sua propria casa, terá cuidado da igreja de Deus?)"[9]

Do Sacerdócio Aarônico, o Senhor disse: "O bispado é a presidência desse sacerdócio e possui as chaves ou a autoridade do mesmo."[10] Bispos, nossos rapazes estão passando pelas tempestades da vida. Há lobos indóceis rondando para devorá-los. Muitos deles estão como meu pequeno cordeiro, pedindo socorro. Rogamos aos bispos que façam tudo que puderem para mantê-los a salvo.

O presidente da estaca é também um oficial constitucional da Igreja, pois preside a estaca, que o Senhor disse existir "para defesa e refúgio contra a tempestade e ira, quando esta for derramada sem piedade sobre toda a terra."[11] As estacas são "as cortinas ou a força de Sião."[12] Devem ser fontes espirituais de retidão, força e proteção.

O Bispado Presidente, em que cada membro é um bispo ordenado, tem a responsabilidade de dirigir os assuntos administrativos da Igreja, conforme designados pela Primeira Presidência. Nesta grande Igreja mundial, a responsabilidade do Bispado Presidente é árdua e gigantesca.

O Senhor disse sobre os Setenta:

"Os setenta são também chamados para pregar o evangelho, e ser testemunhas especiais aos gentios no mundo todo—diferindo assim dos outros oficiais da igreja no que diz respeito aos deveres do seu

chamado (. . .)

Os setenta agirão em nome do Senhor, para a edificação da igreja e para a regularização dos seus negócios em todas as nações, primeiro entre os gentios e depois entre os judeus."[13]

Os Doze Apóstolos são as "testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo—diferindo assim dos outros oficiais da igreja no que diz respeito aos deveres do seu chamado."[14] O Senhor disse que "possuindo as chaves, são enviados para, pela proclamação do evangelho de Jesus Cristo, abrir a porta."[15] Os Doze são os embaixadores do Senhor.

A Primeira Presidência tem a responsabilidade final pelos assuntos do reino de Deus na Terra. A seu respeito disse o Senhor:

"Do Sacerdócio de Melquisedeque, três Sumos Sacerdotes Presidentes, escolhidos pelo grupo, e designados e ordenados a esse ofício, e apoiados pela confiança, fé e orações da igreja, formam o quórum da Presidência da Igreja (. . .)

E a Presidência do conselho do Sumo Sacerdócio terá poder para escolher outros sumos sacerdotes, mesmo doze, para assisti-lo como conselheiros; e assim, a presidência do Sumo Sacerdócio e seus conselheiros, terão o poder para fazer decisões baseando-se nos testemunhos apresentados de acordo com as leis da igreja."[16]

Do Presidente da Igreja, o Senhor disse que é o "Presidente do Sumo Sacerdócio da Igreja."[17] Ele deve "presidir sobre toda a igreja, e ser como Moisés—(. . .) ser um vidente, revelador, tradutor e profeta, possuindo todos os dons de Deus que Ele confere sobre a cabeça da igreja."[18]

O Presidente da Igreja administra o uso de todas as chaves e autoridade do sacerdócio e é a única pessoa que pode exercer todas elas, embora todos os Apóstolos ordenados as possuam, algumas em forma latente.

Irmãos, sou membro da Primeira Presidência há alguns dias. É como se minha visão fosse limitada antes deste chamado, e agora eu tivesse colocado óculos que me permitem

ver mais claramente, em detalhes, a magnitude da responsabilidade do Presidente da Igreja. Penso ser como o aristocrata que usava um monóculo em um olho. Dele se dizia: "Via mais do que podia compreender." Os homens que vêem mais claramente todo o panorama são estes gigantes do Senhor, o Presidente Hinckley e o Presidente Monson, que têm servido fielmente muitos anos como conselheiros dos presidentes anteriores da Igreja.

Agora, irmãos, em conclusão em uma igreja vasta e de longo alcance como a nossa, deve haver ordem. Precisamos, além das escrituras e revelações modernas, de diretrizes e procedimentos para que a Igreja prossiga por todo o mundo de forma bem ordenada. Há alguns elementos de burocracia que apenas produzem alguma irritação e, às vezes, frustração. Pedimos que relevem qualquer irritação ou inconveniência na administração da Igreja. Pedimos que se concentrem nos princípios do evangelho—simples, sublimes, espiritualmente sustentadores e salvadores. Pedimos que se mantenham firmes. Pedimos que sejam fiéis a suas mordomias como autoridades pastorais do sacerdócio da Igreja. Sejamos leais a nossos chamados e ao sacerdócio que possuímos. Sejamos unidos no apoio e auxílio àqueles que têm autoridade sobre nós.

Irmãos, após mais de sessenta anos, ainda ouço em minha mente os balidos amedrontados do cordeiro de minha infância, que eu não pastoreei como devia. Recordo também a reprimenda amorosa de meu pai: "Filho, não posso confiar em você para cuidar de um único cordeiro?" Se não formos bons pastores, imagino como nos sentiremos nas eternidades.

"Disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros.

Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: apascenta as minhas ovelhas.

Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo. Jesus disse-lhe: apascenta as minhas ovelhas."[19]

Que assim façamos nós, oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS:

1. Regras de Fé 1:5.
2. *Mormon Doctrine* (Doutrina Mórmon), (Salt Lake City: Bookcraft, 1966), p. 710.
3. D&C 42:22.
4. D&C 93:40.
5. D&C 68:28–29.
6. D&C 20:53–54.
7. D&C 20:55.
8. D&C 20:59.
9. I Tm. 3:1–5.
10. D&C 107:15.
11. D&C 115:6.
12. D&C 101:21.
13. D&C 107:25, 34.
14. D&C 107:23.
15. D&C 107:35.
16. D&C 107:22, 79.
17. D&C 107:65, 66.
18. D&C 107:91–92; ver também 21:1.
19. João 21:15–17.

Para Que Todos Ouçam

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência.

A colheita é realmente grandiosa. Que não haja dúvidas quanto a isso; a obra missionária é uma oportunidade única em nossa vida.

Irmãos, a visão que temos deste púlpito é inspiradora. É muito bom saber que, em milhares de capelas de todo o mundo, os portadores do sacerdócio de Deus estão recebendo esta transmissão por satélite. As nacionalidades variam e os idiomas são muitos, mas um laço comum nos une. O sacerdócio nos foi confiado para agirmos em nome de Deus. Recebemos uma responsabilidade sagrada. Muito se espera de nós. Despedimo-nos, com os olhos marejados e o coração condoído, daquele meigo homem gigante, sim, um profeta de Deus, o Presidente Howard W. Hunter. Apoiamos hoje o Presidente Gordon B. Hinckley como Presidente da Igreja e profeta, vidente e revelador de Deus. Sei que o Presidente Hinckley foi chamado por nosso Pai Celestial como profeta e que ele nos guiará pelos caminhos traçados pelo Salvador. O trabalho prosseguirá, e o povo será abençoado. É uma honra e um indubitável privilégio servir com o Presidente Gordon B. Hinckley e com o Presidente James E. Faust na Primeira Presidência da Igreja.

Há muitos anos, um mandamento divino foi dado pelo nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, quando disse a Seus onze discípulos amados: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos."[1] Marcos registra que "eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor."[2]

Esta sagrada obrigação não foi anulada. Pelo contrário, foi mais uma vez salientada. O Profeta Joseph Smith estabeleceu o propósito da Igreja, quando disse que é: "levar os homens e mulheres a um conhecimento da verdade eterna de que Jesus é o Cristo, o Redentor e Salvador do mundo, e de que somente por meio da crença Nele, e da fé que se manifesta em boas obras, poderão os homens e as nações gozar de paz".

Será que o mundo em que vivemos continua necessitando dos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo? Para quase qualquer lado que olhemos, parece haver um desgaste na espiritualidade e na obediência aos mandamentos. Vê-se um descaso evidente pela alma preciosa do homem.

É quase como se o rosto de muitos se houvesse voltado para longe Dele—sim, do Senhor—que declarou solenemente: "O valor das almas é grande na vista de Deus."[3] As suaves palavras "Vem, e segue-me",[4] chegam a muitos cujos ouvidos estão obstruídos e cujo coração está fechado. Essas pessoas parecem estar em sintonia com outra voz.

Lembram-se da história aprendida na infância sobre aquele músico convincente, o Flautista de Hamelin? Ele entrou na cidade e ofereceu, mediante determinada quantia, livrá-la da praga que a assolava. Quando chegaram a um acordo, ele tocou sua flauta, e os ratos saíram dos edifícios e seguiram-no até o rio, onde se afogaram. Quando as autoridades da cidade se recusaram a pagar, ele voltou a tocar a flauta e atraiu as preciosas criancinhas para longe da segurança das famílias e de suas casas, e elas nunca mais voltaram.

Será que, ainda hoje, existem Flautistas de Hamelin? Estarão entoando melodias sedutoras a fim de conduzir à própria destruição aqueles que os ouvem e seguem? Esses "flautistas" tocam as melodias do orgulho e do prazer, do egoísmo e da ganância, deixando, em seu rastro, mentes confusas, corações amargurados, vidas vazias e sonhos destruídos.

O profundo anseio de multidões incontáveis está expresso na súplica de alguém que disse a Filipe: "Como poderei [encontrar meu caminho], se alguém não me ensinar?"[5]

Irmãos do sacerdócio, o mundo necessita de sua ajuda. Existem pés a firmar, mãos a segurar, espíritos a encorajar, corações a inspirar, e almas a salvar. A colheita é realmente grandiosa. Que não haja dúvidas quanto a isso; a obra missionária é uma oportunidade única em nossa vida. As bênçãos da eternidade os aguardam. É um privilégio para nós não sermos apenas espectadores, mas, sim, protagonistas no palco do sacerdócio.

Àqueles que possuem o Sacerdócio Aarônico, digo: preparem-se para uma missão de tempo

integral. Irão fazer parte desse valoroso exército do Senhor, cujo número chega atualmente a cinqüenta mil.

De que maneira poderão atender melhor ao chamado? Sugiro uma receita que lhes garantirá sucesso como missionários:

1. Preparem-se tendo em vista um propósito;

2. Ensinem com testemunho;

3. Trabalhem com amor.

Primeiro, **preparem-se tendo em vista um propósito.** Lembrem-se da declaração feita pelo Mestre: "Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente."[6] O trabalho missionário é árduo. Sobrecarrega as energias do indivíduo, exige o máximo de sua capacidade, requer seus maiores esforços—com freqüência, uma segunda milha. Nenhum outro trabalho exige mais horas, maior devoção, tanto sacrifício e orações fervorosas.

O Presidente John Taylor resumiu os requisitos: O tipo de homem que desejamos como portadores da mensagem deste evangelho são aqueles que têm fé em Deus, que têm fé em sua religião; homens que honram o sacerdócio; em quem as pessoas confiam, e em quem Deus confia. (. . .)

Queremos homens cheios do Espírito Santo e do poder de Deus. (. . .) Homens que levam as palavras da vida às nações devem ser honrados, íntegros, virtuosos e puros; e, sendo esta a ordem que Deus nos dá, tentaremos segui-la.

Segundo, **ensinar com testemunho.** Pedro e João, pescadores convertidos que se tornaram Apóstolos, foram advertidos a não falar nem pregar em nome de Jesus Cristo, que fora crucificado. A resposta que deram foi firme: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus. Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido."[8]

Paulo, o Apóstolo, excelente testificador da verdade, estava falando a todos nós—tanto membros como missionários—quando aconselhou seu querido amigo Timóteo: "Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza."[9]

Élder Helvécio Martins, dos Setenta, à direita, com um visitante, na conferência.

O Élder Delbert L. Stapley, que serviu como membro do Conselho dos Doze há alguns anos, citou Paulo em sua epístola aos romanos: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação."[10] E então o Élder Stapley acrescentou: "Se não nos envergonhamos do evangelho de Cristo, não devemos nos envergonhar de vivê-lo. E se não nos envergonhamos de vivê-lo, não devemos nos envergonhar de partilhá-lo."

Terceiro, **trabalhar com amor.** Nada substitui o amor. Em geral, esse amor é despertado na infância pela mãe, desenvolvido pelo pai, e conservado palpitante por meio do serviço a Deus. Lembrem-se do conselho do Senhor: "E a fé, a esperança, a caridade e o amor, com os olhos fitos na glória de Deus, o qualificam para o trabalho."[11] Cada um de nós poderia perguntar-se: Será que hoje aperfeiçoei-me na fé, na esperança, na caridade, no amor? Quando nossa vida está de acordo com o padrão de Deus e trabalhamos com amor a fim de trazer-Lhe almas, aqueles que se encontram dentro de nossa esfera de influência nunca lamentam: "Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos."[12]

Os jovens missionários sempre imaginam onde gostariam de servir. Geralmente é em um lugar longínquo, com um nome estranho.

Certo dia, eu estava no departamento de roupas masculinas de uma grande loja quando me encontrei com dois missionários acompanhados das mães. Não é difícil reconhecer os missionários ou suas mães. Os dois élderes estavam conversando e um disse ao outro: "Para onde você vai na missão?"

O outro respondeu: "Vou para a Áustria."

O primeiro missionário redarguiu: "Rapaz de sorte, vai para a Áustria! Os lindos Alpes, aquela música maravilhosa, um povo tão agradável! Eu gostaria de ir para lá!"

"Para onde é que você vai?" perguntou o missionário designado para a Áustria.

"Para a Califórnia", foi a resposta. Sabe como é, a menos de duas horas de distância, de avião. Passamos as férias lá todos os anos."

Pude ver, pela expressão do rosto das mães e pelas lágrimas que quase brotavam dos olhos de um dos missionários, que estava na hora de

intervir. "Você disse Califórnia?" perguntei. "Já supervisionei aquela área. Você recebeu um chamado inspirado, Élder. Já pensou no que tem a Califórnia para ajudá-lo? Terá capelas e sedes de estaca em todo o estado, e elas estarão cheias de santos dos últimos dias que poderão ser inspirados a ajudá-lo na pregação do evangelho. Você é um missionário de sorte por estar indo para lá." Olhei para a outra mãe, que disse: "Irmão Monson, por favor, diga depressa alguma coisa sobre a Áustria!" E eu disse.

Rapazes, o lugar para onde forem chamados será o local certo para cada um, e aprenderão a amar sua missão.

Irmãos, todos nós podemos participar, assim como nossas esposas e filhos, do trabalho de trazer almas a Cristo, por meio de um esforço cooperativo com os missionários de estaca e de tempo integral. Uma forma de muito sucesso e muito satisfatória é a realização de reuniões para pesquisadores em suas capelas. Os bispos e presidentes de estacas receberam um vídeo com apresentação do o Élder Jeffrey R. Holland, que é excelente para ser usado numa reunião para visitantes da Igreja. Usem-no. O número de membros da Igreja aumentará, e o Espírito do Senhor estará conosco quando o fizermos.

Preparem-se tendo em vista um propósito. Ensinem com testemunho. Trabalhem com amor. Testifico quanto à eficácia desta receita e, na verdade, deste trabalho divino do Senhor.

Muitos anos atrás, tomei um avião de San Francisco, para Los Angeles. Quando me sentei, o lugar ao meu lado estava vazio. No entanto, logo foi ocupado por uma mocinha muito agradável. Ao decolarmos, notei que ela estava lendo um livro. Como de praxe, dei uma espiada no título: Uma Obra Maravilhosa e um Assombro. Reuni coragem e dirigi-me a ela: "Com licença. Você deve ser mórmon, não é?"

Ela respondeu: "Oh! não. Por que está perguntando?" Eu disse: "Bem, você está lendo um livro escrito por LeGrand Richards, um líder muito preeminente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

Ela respondeu: "É mesmo? Uma amiga me deu este livro, mas não sei muita coisa a respeito dele. No entanto, despertou minha curiosidade."

Meditei se deveria prosseguir e falar mais a respeito da Igreja. As palavras do Apóstolo Pedro passaram-me pela cabeça: "Estai sempre preparados para responder (. . .) a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós."[13] Decidi que tinha chegado a hora de compartilhar com ela meu testemunho. Disse-lhe que tivera o privilédio de, anos antes, ajudar o Élder Richards, quando imprimiu esse livro. Mencionei o grande espírito missionário que esse homem possuía e contei-lhe sobre os milhares de pessoas que haviam abraçado a verdade, depois de ler o que ele escrevera. Tive, então, o privilégio, durante o resto da viagem, de responder a suas perguntas sobre a Igreja—perguntas inteligentes, saídas do coração, que notei ser um coração à procura da verdade. Perguntei-lhe se me concederia uma oportunidade de mandar os missionários visitá-la. Convidei-a a visitar uma de nossas alas em San Francisco, cidade em que morava. Suas respostas foram afirmativas. Ela forneceu-me seu nome—Yvonne Ramirez—e informou que era uma comissária de bordo a caminho do trabalho.

Ao voltar para casa, escrevi ao presidente da missão e ao presidente da estaca, inteirando-os de minha conversa e de que eu havia escrito à moça mandando-lhe alguns livros e folhetos. A propósito, rapazes, recomendei que, em vez de enviar dois élderes a essa bonita comissária de bordo de folga e sua bela companheira de apartamento, deveriam ser designadas duas missionárias para a visita.

Passaram-se muitos meses. Recebi, então, um telefonema do presidente da estaca, que perguntou: "Irmão Monson, lembra-se de haver-se sentado ao lado de uma comissária de bordo em uma viagem de San Francisco a Los Angeles, pouco antes do fim do ano?" Respondi afirmativamente. Ele continuou: "Achei que gostaria de saber que Yvonne Ramirez acaba de se tornar o membro mais recentemente batizado e confirmado da Igreja. Ela gostaria de conversar com o senhor."

Uma voz suave chegou-me pelo telefone: "Irmão Monson, muito obrigada por ter compartilhado comigo seu testemunho. Sou a pessoa mais feliz de todo o mundo."

Com lágrimas marejando os olhos e gratidão a Deus enchendo-me a alma, agradeci-lhe e elogiei-a por sua busca da verdade e por, tendo-a encontrado, decidir entrar nas águas que limpam, purificam e levam à vida eterna.

Fiquei sentado durante alguns minutos, depois de colocar o telefone no gancho. As palavras do Salvador passaram-me pela mente: "E onde vos receberem, aí estarei também, pois irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o Meu Espírito estará em vossos corações, e os meus anjos ao vosso redor, para vos suster."[14]

Essa é a promessa a todos nós, quando buscamos oportunidades missionárias, seguimos os conselhos e obedecemos aos mandamentos de Jesus de Nazaré, nosso Salvador e nosso Rei. Ele vive—isto testifico. Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Mat. 28:19–20.
2. Marcos 16:20.
3. D&C 18:10.
4. Lucas 18:22.
5. Atos 3:31.
6. D&C 64:34.
7. Em Journal of Discourses, 21:375.
8. Atos 4:19–20.
9. I Tim. 4:12.
10. Rom. 1:16.
11. D&C 4:5.
12. Jer. 8:20.
13. I Pedro 3:15.
14. D&C 84:88.

Esta Obra Diz Respeito a Pessoas

Presidente Gordon B. Hinckley

Estamo-nos tornando uma grande sociedade global. Nosso interesse e preocupação, no entanto, deve ser sempre com o indivíduo.

Obrigado, irmãos, pelo esforço feito para comparecerem a esta reunião do sacerdócio mundial. Onde quer que estejam, agradecemos-lhes e cumprimentamo-los pela fé, lealdade para com a obra do Senhor e pelos esforços feitos na vida diária para serem dignos do sagrado sacerdócio que possuem.

Esta manhã, todos participamos de uma assembléia solene. Ela é exatamente o que o nome indica: uma reunião dos membros onde cada posição individual iguala-se a todas as outras ao exercer com seriedade e em solenidade seu direito de apoiar ou não aqueles que, de acordo com os procedimentos determinados pelas revelações, foram escolhidos para liderar.

O processo de apoiar é muito mais do que um ritual onde se levanta o braço. É um compromisso de se confirmar, apoiar e auxiliar os que foram escolhidos.

No tocante à Primeira Presidência, o Senhor disse: "Do Sacerdócio de Melquisedeque, três Sumo Sacerdotes Presidentes, escolhidos pelo grupo, e designados e ordenados a esse ofício, e apoiados pela confiança, fé e orações da igreja (. . .)". (D&C 107:22)

Destaco estas palavras: "apoiados pela confiança, fé e orações da igreja".

Seus braços erguidos na assembléia solene desta manhã demonstram sua disposição e desejo de nos apoiar, seus irmãos e servos, com sua confiança, fé e orações. Sinto-me profundamente grato por essa demonstração. Agradeço a cada um. Garanto-lhes, como já o sabem, que nos métodos do Senhor ninguém ambiciona ofícios. Como disse o Senhor a Seus discípulos: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós (. . .)". (João 15:16). Não se aspira a este ofício. O direito de escolha pertence ao Senhor. Ele é o mestre da vida e da morte. É Seu o poder de chamar. É Seu o poder de levar embora. É Seu o poder de reter. Tudo está em Suas mãos. Não sei por que, em Seu grandioso plano, alguém como eu encontraria um lugar. Tendo, porém, esse manto recaído sobre mim, dedico mais uma vez o que tiver em termos de forças, tempo, talentos ou vida à obra de meu Mestre, no serviço de meus irmãos e irmãs. Mais uma vez agradeço-lhes, amados irmãos, pelo que fizeram hoje. O que mais peço em minhas orações é que eu seja digno. Espero ser lembrado em suas orações.

No decorrer do trabalho, às vezes ocorrem mudanças administrativas. A doutrina permanece constante. De tempos em tempos, há alterações organizacionais e administrativas, feitas de acordo com as medidas estabelecidas nas revelações.

Por exemplo: Há vinte e oito anos, a Primeira Presidência foi inspirada a chamar homens para servirem como representantes regionais dos Doze. Naquela época, era um novo cargo na Igreja. A Presidência declarou que ele era necessário devido ao "crescimento constante da Igreja" o que evidenciava "maior necessidade de se treinarem nossos líderes das estacas e alas nos programas da Igreja para que eles, por sua vez, treinassem os membros em suas responsabilidades perante o Senhor".

Naquela época, havia 69 representantes regionais. Hoje há 284. A organização tornou-se um tanto difícil de manejar.

Mais recentemente, a Presidência foi inspirada a chamar homens dentre os Setenta para servirem em presidências de área. Com o crescimento do trabalho em todo o mundo, tornou-se necessário descentralizar a organização administrativa para manter as Autoridades Gerais mais próximas às pessoas. Temos agora as presidências de área bem estabelecidas e funcionando com eficiência.

Sente-se agora que é desejável firmar-se mais a organização administrada pelas presidências de área. Com esse propósito, anunciamos a desobrigação honrosa de todos os representantes regionais, a partir de 15 de agosto deste ano. A esses irmãos devotados e capazes, expressamos nossa profunda gratidão pelo imenso trabalho que desempenharam, por sua lealdade, fidelidade e devoção para fazer progredir a causa de nosso Pai Celestial. Não há limites para o quanto se possa elogiar esses homens. Eles sacrificaram tempo e recursos. Foram aonde quer que tenham sido enviados, em qualquer momento em que foram solicitados. Ajudaram muito os presidentes de

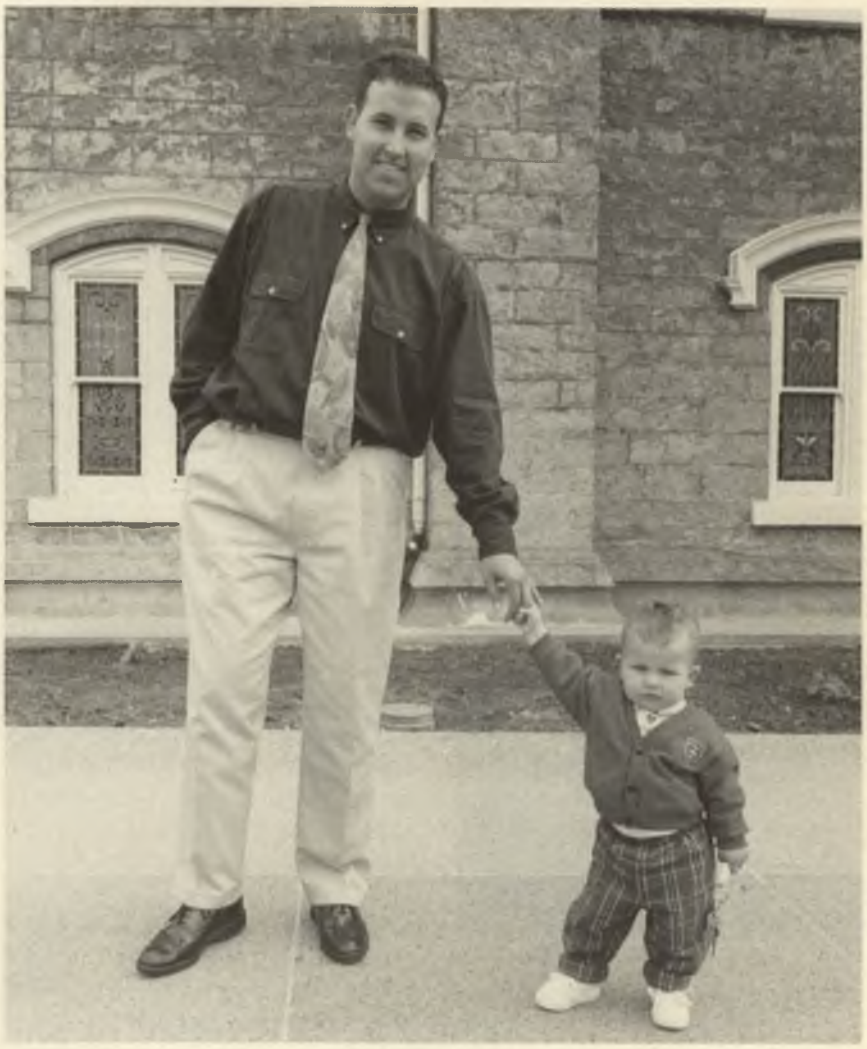
estaca e bispos, dando-lhes conselhos sábios e orientação por meio de treinamento habilidoso e de instruções. Agradecemos a todos individualmente e oramos para que, nos anos vindouros, o Senhor os abençoe com a certeza de que cada um deles deu uma contribuição significativa para a obra, e que seu trabalho foi aceito por Ele.

Anunciamos agora o chamado de novos oficiais locais a serem conhecidos como autoridades de área. Serão sumos sacerdotes escolhidos dentre os líderes atuais e antigos da Igreja. Eles continuarão em seus empregos atuais, morarão em suas próprias casas e servirão na Igreja como voluntários. A duração do chamado será flexível, mas geralmente será de cerca de seis anos. Eles serão diretamente ligados às presidências de área. Serão em número menor que os representantes regionais. Somos guiados a estabelecer essa nova equipe de oficiais de área do mesmo modo que o foram nossos irmãos antes de nós ao chamarem os representantes regionais, ou seja, pelas providências contidas na revelação acerca do sacerdócio, na seção 107 de Doutrina e Convênios. Após dar instruções aos Doze e aos Setenta, a revelação declara:

"Embora outros oficiais da igreja, não pertencentes aos Doze, nem aos Setentas, possuam ofícios de igual altura e responsabilidade na igreja, contudo não se acham sob a responsabilidade de viajar por todas as nações, mas sob a de viajar como lhes permitirem as suas circunstâncias." (Versículo 98)

Repito: As mudanças não acontecerão até 15 de agosto deste ano.

Agora, irmãos, algumas palavras sobre um assunto correlato. A Igreja está-se tornando uma organização muito grande e complexa. Temos membros agora em mais de 150 países. Somos nove milhões, e crescemos a um ritmo aproximado de um milhão a cada três anos e meio. Além de programas regulares como reuniões sacramentais, ensino familiar, reuniões dos quóruns do



sacerdócio e das auxiliares, todas programadas para atender às necessidades dos membros vivos da Igreja, mantemos um enorme programa que envolve realizações como o arquivo de dados genealógicos e de história da família maior do mundo; o funcionamento da maior universidade particular dos Estados Unidos, talvez do mundo; um programa de seminários e institutos com centenas de milhares de alunos; a gestão da maior organização missionária da qual tenho conhecimento, beirando agora cinqüenta mil missionários; um programa de construção contínuo, de proporções sem precedência; o funcionamento de instalações editoriais muito grandes e eficientes; e o treinamento e motivação da maior organização de oficiais eclesiásticos sem remuneração dentre qualquer instituição que eu conheça. Hesito em utilizar superlativos, mas penso que eles se encaixam bem aqui.

Estamo-nos tornando uma grande sociedade global. Nosso interesse e preocupação, no entanto, deve ser sempre com o indivíduo. Cada membro desta Igreja é um homem, mulher, menino ou menina individual. Nossa grande responsabilidade é providenciar para que sejam "lembrados e nutridos pela boa palavra de Deus" (Morôni 6:4), para que cada um tenha a oportunidade de crescer, expressar-se e ser treinado no trabalho e nas maneiras do Senhor, para que a nenhum deles faltem as necessidades da vida, para que se atendam às necessidades dos pobres, para que cada membro seja encorajado, treinado e tenha a oportunidade de progredir no caminho da imortalidade e vida eterna. Este, sugiro eu, é o espírito inspirado desta obra, a obra do Senhor. A organização pode vir a crescer e

multiplicar-se numericamente, o que certamente acontecerá. O evangelho deve ser levado a toda nação, tribo, língua e povo. Não pode haver jamais no futuro uma interrupção ou malogro na busca, na continuidade, na construção e no crescimento de Sião em todo o mundo. Apesar disso, deve continuar a haver um relacionamento pastoral íntimo entre cada membro e um sábio e preocupado bispo ou presidente de ramo. São eles os pastores do rebanho, cuja responsabilidade é cuidar das pessoas em número relativamente pequenos, de modo que nenhuma seja esquecida, negligenciada ou descuidada.

Jesus foi o verdadeiro pastor que buscou os que sofriam, um de cada vez, dando uma bênção individual a cada um. O Presidente Lee disse-nos, em mais de uma ocasião, que inspecionássemos grandes campos e cultivássemos pequenos campos. Ele dizia que precisamos ter uma visão ampla e trabalhar com afinco no nicho que nos foi designado e, ao fazermos isso, concentramo-nos nas necessidades do indivíduo.

Esta obra diz respeito a pessoas, a cada filho e filha de Deus. Ao descrever o que foi alcançado, falamos em termos de números, mas todos os nossos esforços devem ser dedicados ao desenvolvimento do indivíduo.

O Presidente Hunter, por exemplo, exortou-nos a uma maior atividade no templo. Esse trabalho sagrado diz respeito a toda a família humana, do passado e do presente. Ele realiza-se, porém, de maneira individual, com os que já receberam suas próprias ordenanças servindo, individualmente, como representantes de outros.

De modo semelhante, a obra missionária é um trabalho pessoal, em que os missionários ensinam e prestam testemunho ao pesquisador, que deve buscar e orar sozinho, consigo mesmo, se quiser obter o conhecimento da verdade.

Receber um testemunho forte e seguro é privilégio e oportunidade de cada membro individual da Igreja. O Mestre disse: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo." (João 7:17)

O serviço em benifício de outrem, o estudo e a oração conduzem à fé nesta obra e, conseqüentemente, ao conhecimento da verdade. Isso foi sempre um empreendimento individual, como deve sê-lo sempre no futuro. Falamos freqüentemente da conversão dos "United Brethren" ("Irmãos Unidos") na Inglaterra, por Wilford Woodruff, quando cerca de mil e oitocentos deles foram batizados na Igreja. Mas não nos esqueçamos de que cada um deles teve que passar pelo solitário caminho do arrependimento, da fé no Senhor Jesus Cristo e da aceitação do fato de que o antigo evangelho estava de novo na Terra, nesta prometida dispensação da plenitude dos tempos.

As decisões que tomamos, individual e pessoalmente, formam a textura de nossa vida. Ela será bela ou feia, de acordo com os fios usados para tecê-la. Desejo dizer, em especial aos rapazes aqui presentes, que não podem assumir comportamentos inadequados sem ferir a beleza da textura de sua vida. Atos imorais de qualquer tipo enfeiarão os fios. A desonestidade, de qualquer tipo, cria manchas. O linguajar sujo rouba a textura de sua beleza.

"Faze o bem escolhendo o que é certo" é o chamado feito a cada um. (*Hinos*, 1990. nº 148.)

Para concluir, digo que me glorio no admirável, corajoso e vitorioso passado desta grande obra. Maravilho-me com o presente, quando cada um de nós fica de atalaia na torre. Vejo o futuro com esperança, segurança e fé confiante. Deus, nosso Pai Eterno, vive. Esta é a Sua obra, planejada para ajudá-Lo a "proporcionar a imortalidade e a vida eterna" a Seus filhos e filhas de todas as gerações do tempo. (Moisés 1:39)

Jesus é o Cristo, o Messias prometido, que veio à Terra na mais humilde das circunstâncias, que andou pelos caminhos poeirentos da Palestina, ensinando e curando, que morreu na desumana cruz no Gólgota e ressuscitou no terceiro dia. Esta é a Sua Igreja. Ela leva o Seu nome. Somos Seus servos, cada um de nós. O sacerdócio que possuímos é o Seu sacerdócio e exercemo-lo em Seu nome. Foi conferido a Joseph Smith e Oliver Cowdery por aqueles que o possuíam na antigüidade, tendo-o recebido do próprio Senhor. O evangelho é o meio para termos paz, progresso, segurança, salvação e exaltação. Esta última e final dispensação foi iniciada pela gloriosa aparição do Pai e do Filho ao menino Joseph Smith. Nós, irmãos, recebemos o santo sacerdócio pela imposição das mãos de quem tem autoridade. Devemos viver de modo a sermos dignos dele. Devemos protegê-lo. Devemos honrá-lo. Devemos usá-lo em retidão para abençoar outros. Que Deus nos ajude a sermos fiéis ao grandioso e sagrado crédito concedido a cada um de nós, oro humildemente, ao deixar-lhes minha bênção, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro

Presidente Gordon B. Hinckley

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro

QUÓRUM DOS DOZE

Boyd K. Packer

L. Tom Perry

David B. Haight

Neal A. Maxwell

Russell M. Nelson

Dallin H. Oaks

M. Russell Ballard

Joseph B. Wirthlin

Richard G. Scott

Robert D. Hales

Jeffrey R. Holland

Henry B. Eyring

PRESIDÊNCIA DOS SETENTA

Rex D. Pinegar

Carlos E. Asay

Charles Didier

L. Aldin Porter

Joe J. Christensen

Monte J. Brough

W. Eugene Hansen

PRIMEIRO QUÓRUM DOS SETENTA

Ángel Abrea | Carlos H. Amado | Neil L. Andersen | Ben B. Banks | William R. Bradford | Ted E. Brewerton | F. Enzio Busche

John K. Carmack | D. Todd Christofferson | J. Richard Clarke | Spencer J. Condie | Gene R. Cook | Robert K. Dellenbach | John B. Dickson

Loren C. Dunn | Vaughn J Featherstone | Jack H Goaslind | John H. Groberg | F. Melvin Hammond | Harold G. Hillam | F. Burton Howard

Jay E. Jensen | Marlin K. Jensen | Kenneth Johnson | L. Lionel Kendrick | Yoshihiko Kikuchi | Cree-L Kofford | Dean L. Larsen

Lynn A. Mickelsen | Alexander B. Morrison | Dennis B. Neuenschwander | Glenn L. Pace | James M. Paramore | Andrew W. Peterson | Hugh W. Pinnock

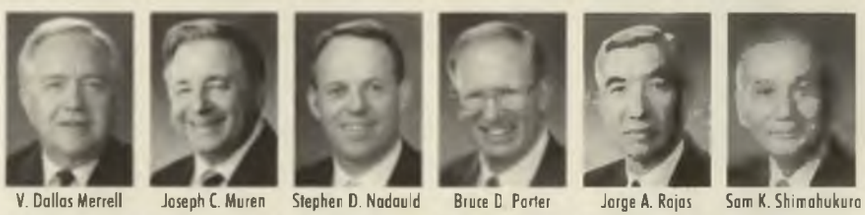
Ronald E. Poelman | Hans B. Ringger | Cecil O. Samuelson, Jr. | David E. Sorensen | Earl C. Tingey | Robert E. Wells | W. Craig Zwick

SEGUNDO QUÓRUM DOS SETENTA

Lino Alvarez | Dallas N. Archibald | Eduardo Ayala | C. Max Caldwell | Gary J. Coleman | Claudio R. M. Costa

Rulon G. Craven | LeGrand R. Curtis | Julio E. Dávila | Graham W. Doxey | John E. Fowler | In Sang Han

W. Don Ladd | W. Mack Lawrence | Augusto A. Lim | John M. Madsen | Helvécio Martins | James O. Mason



V. Dallas Merrell | Joseph C. Muren | Stephen D. Nadauld | Bruce D. Porter | Jorge A. Rojas | Sam K. Shimahukuro

F. David Stanley | Kwok Yuen Tai | Dieter F. Uchtdorf | J Ballard Washburn | Lance B. Wickman | Lowell D. Wood

Durrel A. Woolsey

BISPADO PRESIDENTE

H. David Burton, primeiro Conselheiro | Merrill J. Bateman, Bispo Presidente | Richard C. Edgley, Segundo Conselheiro

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
2 de abril de 1995

Misericórdia— O Divino Dom

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Caso tenhamos procedido mal com outra pessoa, devemos tomar providências para corrigir o problema e depois seguir em frente.

Há pouco tempo li um longo relatório sobre a violência e o derramamento de sangue que continuam a afligir a região antes conhecida como Iugoslávia. A matança e as mutilações parecem prosseguir, apesar dos esforços envidados para se alcançar a paz. O relato sobre um franco-atirador que alvejou e tirou a vida de uma criancinha causou-me muita tristeza. Em silêncio perguntei-me: Onde encontrar o divino atributo da misericórdia?

A crueldade da guerra parece trazer à tona ódio pelas pessoas e desprezo pela vida humana. Sempre foi assim; contudo, em tal degradação, às vezes brilha a luz inextinguível da misericórdia.

Nos documentários exibidos na televisão durante o quinquagésimo aniversário do Dia D, quando ocorreu a invasão da Normandia durante a Segunda Guerra Mundial, a terrível perda de vidas foi ilustrada vividamente e apresentaram-se em primeira mão, experiências emocionantes de soldados que lá estiveram. Particularmente, lembro-me dos comentários de um soldado de infantaria contando que, após um dia de combate feroz, olhou de relance para fora da trincheira rasa em que se encontrava e viu um soldado inimigo com o cano da arma apontado para seu coração. O soldado de infantaria disse: "Senti que em breve cruzaria a ponte da morte que leva à eternidade. Para minha surpresa, o inimigo disse-me, em um péssimo inglês: 'Soldado, para você esta guerra acabou!' Fez-me prisioneiro e assim salvou-me a vida. De tal misericórdia lembrar-me-ei eternamente."

Em uma época anterior e em outro conflito—a Guerra Civil Americana—um registro histórico ilustra a coragem mesclada com a misericórdia.

De 11 a 13 de dezembro de 1862, as forças da União atacaram *Marye's Heights*, uma colina alta que se elevava acima da cidade de Fredericksburg, no estado da Virgínia, onde seis mil rebeldes os aguardavam. As tropas do sul estavam em firmes posições defensivas, atrás de um muro de pedras que serpenteava por toda a base do monte e numa vala de cerca de um metro e meio de profundidade por trás do muro, longe da vista dos soldados da União.

As tropas da União—mais de quarenta mil homens—desfecharam uma série de ataques suicidas através de terreno aberto. Foram dizimados por uma barragem de fogo de artilharia; ninguém chegou a menos de 40 metros do muro de pedra.

Em pouco tempo, havia centenas, e depois milhares de corpos de soldados da União em seus uniformes azuis—mais de doze mil antes do pôr-do-sol, cobrindo o solo diante das posições confederadas. Clamando por socorro, os feridos lá ficaram no frio cortante daquela terrível noite.

O dia seguinte, um domingo, amanheceu frio e nebuloso. Ao dissipar-se a névoa da manhã, os gritos agonizantes dos feridos ainda se faziam ouvir. Finalmente, um jovem soldado confederado, um sargento de dezenove anos de idade, não agüentou mais. Seu nome era Richard Rowland Kirtland. Kirtland disse a seu comandante: "Durante toda noite e o dia inteiro venho escutando esses pobres homens pedindo água. Não agüento mais. (. . .) Peço permissão para dar-lhes água." No início a solicitação foi

negada, pois seria muito perigoso. Mas, finalmente, foi-lhe concedida a permissão e, logo, milhares de homens espantados, de ambos os lados, viram o jovem soldado, com vários cantis em torno de seu pescoço, galgar o muro e caminhar na direção do inimigo, para o soldado ferido mais próximo. Ergueu a cabeça do homem, suavemente ajudou-o a beber e cobriu-o com seu próprio casaco. Dirigiu-se, então, para o próximo ferido—e para outro e mais outro. Quando as intenções de Kirtland ficaram claras, novos pedidos de "Água, água, pelo amor de Deus, água" surgiram de todo o campo.

No início, os soldados da União ficaram surpresos demais para atirar. Em pouco tempo estavam dando vivas ao jovem sulista quando perceberam o que fazia. Durante mais de uma hora e meia, o Sargento Kirtland continuou sua obra de misericórdia.

Tragicamente, Richard Kirtland foi morto poucos meses mais tarde na batalha de Chicamauga. Suas últimas palavras aos companheiros foram: "Salvem-se e digam a meu pai que morri fazendo o melhor possível."

A compaixão cristã demonstrada por Kirtland fez de seu nome um sinônimo de misericórdia para a geração que se seguiu à Guerra Civil Americana, tanto no norte quanto no sul. Ele tornou-se conhecido pelos soldados de ambos os lados do conflito como "o anjo de *Marie's Heights*". Sua dedicada missão de misericórdia é homenageada por um monumento de bronze que se ergue hoje em frente ao muro de pedras em Fredericksburg. Ele retrata o sargento Kirtland erguendo a cabeça de um soldado da União, ferido, para dar-lhe um pouco de água fresca. Uma placa comemorativa em honra de Kirtland está colocada na igreja Episcopal em Gettysburg, no estado da Pensilvânia. Com uma simplicidade expressiva, captura a essência da missão misericordiosa do jovem soldado. Nela lê-se: "Um herói caridoso que, com risco da própria vida, deu de beber ao inimigo em Fredericksburg."[1]

As palavras de William Shakespeare descrevem a proeza de Kirtland:

A qualidade da misericórdia não é artificial;
Cai como a chuva mansa do céu
Sobre a terra abaixo de si: é duplamente consagrada;
Abençoa o que dá e o que recebe:
(. . .)
É um atributo do próprio Deus.[2]

Dois conselheiros brilhantes e cheios de fé do Presidente David O. McKay, deram-nos um conselho perene a respeito do maior ato de misericórdia que o homem conheceu. O Presidente Stephen L. Richards disse: "O próprio Salvador declarou que veio para cumprir a lei, não para suprimi-la; mas com a lei, trouxe o princípio de misericórdia para abrandar seu cumprimento e para dar esperança e ânimo aos pecadores, perdoando por meio [da misericórdia e] do arrependimento."[3]

O Presidente J. Reuben Clark, Jr., testificou: "Creio que Deus nos ajudará. Acredito que, se O buscarmos, nos dará sabedoria, caso vivamos dignamente. Creio que atenderá a nossas orações. Creio que nosso Pai Celestial quer salvar cada um de Seus filhos. Não acho que deseje deixar-nos de fora devido a uma pequena transgressão ou uma falha insignificante no cumprimento de alguma norma ou regra. Há os pontos básicos que precisamos cumprir, mas Ele não será mesquinho no tocante a coisas menos importantes.

Creio que o conceito do relacionamento de Deus com Seus filhos pode ser definido desta forma: Acredito que, em Sua justiça e misericórdia, Ele nos dará a recompensa máxima por nossas ações, dar-nos-á tudo que puder dar, e, por outro lado, creio que nos imporá a penalidade mínima possível."[4]

"Penso com freqüência que uma das coisas mais belas da vida de Cristo foram Suas palavras na cruz quando, sofrendo a agonia de uma morte que dizem ser a mais dolorosa já inventada, a morte na cruz e depois de ter sido, contra todas as leis da misericórdia, injusta e ilegalmente condenado e crucificado, estando pregado na cruz e prestes a entregar Sua vida, Ele disse ao Pai, conforme os que O ouviram, testificam: '(. . .) Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.' (Lucas 23:34)"[5]

No Livro de Mórmon, Alma, com suas próprias palavras, descreve de maneira bela o ocorrido: "O plano de misericórdia não poderia ser levado a efeito se não fosse feita uma expiação; portanto o próprio Deus expia os pecados do mundo, para efetuar o plano de misericórdia, para satisfazer os requisitos da justiça, a fim de que Deus seja um Deus perfeito, justo e também um Deus misericordioso."[6]

Com tal conhecimento, nos perguntamos: Por que, então, vemos de todos os lados, pessoas que deixam passar a oportunidade de perdoar e demonstrar o ato purificador da misericórdia e do perdão? O que atrapalha o caminho para que tal bálsamo cure as feridas humanas? Será teimosia? Poderia ser orgulho? Talvez ódio que ainda não desapareceu? "A culpa mantém as feridas abertas. Somente o perdão cura!"[7]

Li, recentemente, a respeito de um senhor idoso que contou no funeral do irmão, com quem desde o início da vida adulta dividira uma pequena casa de um cômodo próxima da Canisteo, Estado de Nova York. Após uma briga dividiram o cômodo pela metade com um risco de giz e nenhum deles atravessou a linha nem falou uma palavra com o outro a partir daquele dia—sessenta e dois anos antes! Que tragédia humana—tudo por falta de misericórdia e perdão.

Às vezes, vemos a necessidade de misericórdia bem perto de nosso lar e em situações simples. Temos um neto de quatro anos de idade chamado Jeffrey. Certo dia, seu irmão de quinze anos de idade, Alan, tinha acabado de fazer, no computador da família, um plano muito difícil e criativo de toda uma cidade. Quando Alan saiu da sala por só um instante, o pequeno Jeffrey aproximou-se do computador e acidentalmente apagou o programa. Quando voltou, Alan ficou furioso ao perceber o que o irmão fizera. Sentindo que seu fim estava próximo, Jeffrey ergueu o dedo e, apontando para Alan, declarou com todo o seu ser: "Lembre-se, Alan, Jesus disse 'Não machuque os menininhos'." Alan começou a rir; a raiva foi amainada e a misericórdia prevaleceu.

Há pessoas que se torturam por causa de sua incapacidade de demonstrar misericórdia e de perdoar alguma ofensa ou insulto, não importando quão pequeno ele seja. Algumas vezes se diz: "Jamais perdoarei [fulano ou cicrano]." Tal atitude é destrutiva. Pode corroer a alma e arruinar a vida. Em outros casos, um indivíduo consegue perdoar o outro mas não perdoa a si mesmo. Tal situação é ainda mais destrutiva.

No início de meu ministério como integrante do Quórum dos Doze, falei com o Presidente Hugh B. Brown a respeito da experiência que estava tendo com uma pessoa excelente, que não podia ter um cargo em sua ala por não conseguir perdoar a si própria. A misericórdia estava, aparentemente, além de seu alcance. O Presidente Brown sugeriu-me que conversasse com essa pessoa e a aconselhasse, baseando-me no seguinte: "Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os hòmens."[8] Então citou Isaías e Doutrina e Convênios: "(. . .) ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã." "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro."[9]

Com um ar pensativo, o Presidente Brown acrescentou: "Diga a esse homem que ele não deve insistir em se lembrar de algo que o Senhor disse estar disposto a esquecer." Tal conselho ajudará a purificar a alma e renovar o espírito de qualquer pessoa que o aplique.

O Profeta Joseph Smith advertiu: "Sede misericordiosos e encontrareis misericórdia. Procurai salvar almas e não destruí-las, pois, sem dúvida, sabeis que 'haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento'."[10]

Às vezes um pequeno engano pode ferir e trazer angústia e pesar a quem se apega e insiste no assunto, sem corrigi-lo. Todos nós estamos sujeitos a tal experiência. Vou contar-lhes um exemplo com um lindo final. Recentemente recebi um bilhete juntamente com uma chave, dizendo o seguinte:

"Caro Presidente Monson, há treze anos meu marido e eu ficamos no Hotel Utah. Como recordação de nossas férias, peguei esta chave do hotel e me senti muito mal a respeito, desde aquela ocasião. Sei que a Igreja é a proprietária do antigo Hotel Utah e estou devolvendo esta chave ao senhor—à Igreja—para reparar meu erro. Peço muitas desculpas por ter levado a chave. Por favor, por favor, perdoe-me."

Pensei comigo mesmo: Que honestidade; que espírito terno a pessoa que escreveu o bilhete deve possuir. Respondi-lhe o seguinte: Querida irmã, agradeço por seu bilhete atencioso e por ter devolvido a chave do Hotel Utah. Fiquei emocionado com sua sinceridade. Embora a chave seja muito leve, aparentemente foi um fardo pesado

para carregar durante tanto tempo e, apesar de não ser valiosa, sua devolução tem um valor muito grande. Sinto-me honrado por aceitar a chave e saiba que está certamente perdoada. Peço que aceite o presente que estou lhe enviando, com meus mais sinceros votos."

A chave foi devolvida a ela, fixada em uma bonita placa.

Caso tenhamos procedido mal com outra pessoa, devemos tomar providências para corrigir o problema e depois seguir em frente. "Aquele que não perdoa seu semelhante, destrói a ponte por onde ele próprio terá que passar se quiser alcançar o céu; pois todos têm a necessidade de ser perdoados."[12]

Um dos exemplos mais tocantes de misericórdia e perdão é a tão lembrada experiência da vida de Jesus, quando Ele "(. . .) foi para o Monte das Oliveiras.

E pela manhã cedo tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava.

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e, pondo-a no meio, disseram-lhe:

Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando.

E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, o que dizes?

Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra.

E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.

E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.

Quando ouviram isto, redargüidos da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até os últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio.

E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão (. . .) teus acusadores? Ninguém te condenou?

E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais."[13]

O tempo apagou rapidamente o que o Salvador escrevera, mas Ele será eternamente lembrado pela misericórdia que demonstrou.

Assombro me causa o amor que me dá Jesus;
Confuso estou pela graça de sua luz
E tremo ao pensar que por mim sua vida deu;
Por mim tão humilde, seu sangue Jesus verteu (. . .).
Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar;
Pagou minha dívida, posso eu olvidar?
Não! Não! E por isso a Cristo exaltarei
A vida e tudo o que tenho eu lhe darei".[14]

Esse mesmo Jesus, "vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;

E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: (. . .)

Bem aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia."[15]

Minha sincera e humilde oração neste dia do Senhor é que cada um de nós receba o dom divino da misericórdia e seja, por sua vez, misericordioso. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. *The Battle Fredericksburg* (A Batalha de Fredericksburg), *Eastern Acorn Press*, 1990; "'*He Gave His Enemy Drink*'" (Ele Deu de Beber a Seu Inimigo), *CWT Illustrated*, outubro de 1982, pp. 38-39. As informações a respeito de Richard Kirtland foram fornecidas pelo Parque Militar Nacional de Fredericksburg e Spotsylvania, Serviço Nacional de Parques, Ministério do Interior dos Estados Unidos.

2. O Mercador de Veneza, ato 4, cena 1, linhas 184-195 (tradução livre).

3. *Conference Report* (Relatório da Conferência), 3 de abril de 1954, p.11.

4. *Conference Report*, 3 de outubro de 1953, p. 84.

5. J. Reuben Clark Jr., *Conference Report*, 30 de setembro de 1955, p. 24.

6. Alma 42:15.

7. De *O Pioneers!* (Ó Pioneiros!) de Willa Cather.

8. D&C 64:10.

9. Isaías 1:18.

10. D&C 58:42.

11. Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p.77.

12. George Herbert.

14. *Hinos*, 1985, nº 112.

15. Mateus 5:1–2,7.

Herdeiros do Reino de Deus

Presidente James E. Faust
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Nossa força real não está na diversidade, mas em nossa unidade espiritual e doutrinária.

Amados irmãos, irmãs e amigos, ao falar deste púlpito como o mais novo membro da Primeira Presidência desta Igreja, lembro as palavras de Salomão, que disse: "(. . .) sou apenas um menino pequeno; não sei como sair, nem como entrar."[1] Como Salomão, oro para que Deus me dê um coração compreensivo. Sentimos mais falta de nosso amado amigo e companheiro, Presidente Howard W. Hunter, do que conseguimos expressar. Homenageamos e enaltecemos seu nome. Sua memória será sempre ditosa para nós.

O Presidente Hinckley honrou-me além do que sou capaz de demonstrar ao pedir-me que seja seu segundo conselheiro. Creio que nem mesmo minha mãe jamais sonhou que seu filho viesse a sentar nessas cadeiras. Como expliquei na noite passada, na reunião geral do sacerdócio, o longo convívio com o Presidente Gordon B. Hinckley abençoou-me durante a maior parte de minha vida adulta. Como sabem, ele é um homem de dons e talentos notáveis. Por todos esses longos anos, vem ensinando, guiando e abençoando todos nós. Através dos anos, presenciamos seu fortalecimento ao ser chamado e engrandecido pelo Senhor, vez após vez. Teve responsabilidades cada vez mais pesadas em muitos chamados, incluindo a de conselheiro de três Presidentes da Igreja. Magnificou cada chamado com grande inspiração, inteligência e energia, de forma excepcional. Seu ministério favoreceu a obra de Deus em todo o mundo.

Também me sinto privilegiado em ter trabalhado com o Presidente Thomas S. Monson desde que ele era o mais novo dos Apóstolos. O Presidente Monson foi agraciado com mente e capacidade incomuns. Foi sempre um líder destacado, como menino e como homem. Grandes responsabilidades lhe foram precocemente impostas para ensiná-lo. É um homem de fé simples e extraordinária. Seu coração aberto e preocupado com o próximo abençoou imensamente as pessoas desta Igreja durante os muitos anos de seu ministério.

Hoje gostaria de falar aos membros da Igreja espalhados por todo o mundo. Espero que sobrepujemos qualquer diferença de hábitos, raças e línguas. Desde os primórdios da Igreja, as Autoridades Gerais e os missionários viajaram por quase todos os lugares para proclamar o evangelho de Jesus Cristo, restaurado pelo Profeta Joseph Smith, e para estabelecer a Igreja com chaves e autoridade em muitos países. Uma parte emocionante e agradável de nosso ministério tem sido adorar com pessoas maravilhosas de diversas civilizações e grupos étnicos. Dá prazer à alma sentir sua força espiritual e seu amor e amá-los também.

Agora as cortinas se abrem para mais e mais nações não industrializadas. Em alguns desses países, uma grande parte da população é pobre. Muitos têm pouco acesso aos confortos da vida ou até mesmo a algumas coisas indispensáveis. Vemos homens e mulheres trabalhando até a exaustão, de sol a sol, por uma migalha. Ainda assim, seus sorrisos francos e fisionomias radiantes mostram que encontraram alguma felicidade com seu quinhão na vida.

Alguns diriam: "É justo que alguns filhos de Deus possuam tanta saúde e bens materiais enquanto outros têm tão pouco?" Muitos dos que possuem bens em abundância não dão valor ao que desfrutam. Mas também presenciamos a generosidade de membros desta Igreja, que se preocupam imensamente com aqueles, em todo o mundo, que estão privados das necessidades da vida. Eles generosamente contribuem para ajudar os pobres de diversos países, mesmo onde não existam membros da Igreja. Cento e quatorze países receberam ajuda humanitária desde 1985.[2]

Aprendi a admirar, respeitar e amar as pessoas de todas as raças. culturas e nações que tive o privilégio de visitar. Minha experiência me diz que nenhuma raça ou classe parece superior a outra em espiritualidade e fidelidade. Os que demonstram se importar menos, espiritualmente falando, são aqueles indivíduos—independente de raça, civilização ou nacionalidade—que o Salvador disse, na parábola do semeador,

serem "sufocados com os cuidados e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição."[5]

Um dos mais eminentes pesquisadores de opinião pública desta nação, Richard Wirthlin, identificou, por meio de enquetes, as carências básicas das pessoas nos Estados Unidos. São elas: auto-estima, paz de espírito e satisfação pessoal. Creio serem as carências dos filhos de Deus em todo lugar. Como satisfazê-las? Penso que, por trás de cada uma, está a necessidade de estabelecer a própria identidade pessoal como progênie de Deus. Poderemos satisfazer as três carências, independentemente de antecedentes étnicos, civilizações ou país, se observarmos a natureza divina dentro de nós. Como disse o próprio Salvador: "E o Espírito dá luz a todo o homem [e mulher] que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo o homem [e mulher] no mundo, que atende à Sua voz."[6]

O Presidente David O. Mckay disse:

"Geralmente há no homem uma natureza divina que luta para levá-lo para a frente e para cima. Cremos que esse poder interior é o espírito que provém de Deus. O homem vivia antes de vir a esta Terra, e está aqui agora esforçando-se para aperfeiçoar o espírito interior. Em alguma época, nesta vida, todo homem é tomado por um desejo de entrar em contato com o Infinito. Seu espírito tenta alcançar Deus. Esse sentimento é universal, e todos os homens deveriam, com total sinceridade, engajar-se na mesma grande obra—a busca e o desenvolvimento de paz e liberdade espiritual."[7]

Ao viajar ao redor do mundo, nós, humildes servos de Deus—Autoridades Gerais, missionários e outros—sentimo-nos compelidos a perguntar: O que podemos fazer pelos povos da Terra? O que só nós podemos dar-lhes? O que poderia justificar o enorme dispêndio de esforço, tempo e recursos para "[ir] por todo o mundo",[8] como o Senhor mandou? Não podemos modificar a economia dos países. Não procuramos mudar governos. A resposta é simples. Podemos oferecer a promessa feita pelo Salvador: "Paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro."[9] As vidas se modificam quando os servos de Deus ensinam Seus filhos em todos os lugares a aceitarem e guardarem os mandamentos de Deus. Qualquer um, independente de civilização ou circunstâncias econômicas, pode ir às profundezas de seus poços espirituais e beber daquela água. Quem beber dessa água, como disse o Salvador, "nunca terá sede, porque . . . se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna."[10] As necessidades básicas da humanidade identificadas pelo Dr. Wirthlin—auto-estima, paz de espírito e satisfação pessoal—podem ser plenamente satisfeitas pela fiel obediência aos mandamentos de Deus. Isto é verdadeiro para qualquer pessoa de qualquer país ou civilização.

Embora muitos sintam falta das coisas necessárias da vida, conforto-os com as palavras de Néfi:"Mas eram um, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus."[9]

Ao nos estabelecermos em um número cada vez maior de países, encontramos uma rica diversidade de hábitos na Igreja. Porém, em todo lugar há uma "unidade da fé."[10] Cada grupo contribui com dons e talentos distintos para a mesa do Senhor. Podemos aprender muitas coisas de valor uns com os outros. Mas cada um de nós deve também procurar voluntariamente usufruir os convênios, ordenanças e doutrinas unificadoras e salvadoras do evangelho do Senhor Jesus Cristo. Em meio à grande diversidade de povos, civilizações e situações, lembramos que somos todos iguais perante o Senhor, como Paulo ensinou: "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus.

Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.

Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa."[11]

Não perdemos nossa identidade ao nos tornarmos membros desta igreja. Tornamo-nos herdeiros do reino de Deus, reunindo-nos ao corpo de Cristo e espiritualmente deixando de lado algumas diferenças pessoais para nos unirmos em torno de uma causa espiritual mais elevada. Dizemos a todos os que se uniram à Igreja que mantenham tudo o que for nobre, bom e edificante em sua civilização e identidade pessoal. Entretanto, sob a autoridade e poder das chaves do sacerdócio, todas as diferenças sucumbem ao tentarmos tornar-nos herdeiros do reino de Deus, unir-nos em obediência àqueles que possuem as chaves do sacerdócio e buscar a natureza divina dentro de nós. Todos são, aceitos e queridos. Mas há somente um reino celestial de Deus.

Nossa força real não está na diversidade, mas em nossa unidade espiritual e doutrinária. Por exemplo, a oração batismal e o batismo por imersão na água são os mesmos em todo o mundo. As orações sacramentais são iguais em qualquer lugar. Cantamos os mesmos hinos de louvor a Deus em todos os países.

Os elevados padrões morais desta Igreja aplicam-se a todos os membros em qualquer país. Ensina-se e espera-se a honestidade e a integridade em todo lugar. Exige-se a castidade dos membros da Igreja no mundo inteiro antes do casamento e a absoluta fidelidade ao cônjuge depois. Em qualquer lugar, os que violam esses elevados padrões de conduta moral arriscam sua condição de membros da Igreja.

Os requisitos para ir-se ao templo não mudam de um lugar para outro. Onde quer que exista um templo, as autoridades do sacerdócio concedem as mesmas bênçãos. O templo é o exemplo perfeito de nossa unidade como membros da Igreja. Todos respondemos às mesmas perguntas sobre dignidade para entrar no templo. Todos os homens vestem-se de maneira semelhante. Todas as mulheres vestem-se de maneira

semelhante. Deixamos as preocupações do mundo para trás ao entrarmos no templo. Todos recebem as mesmas bênçãos. Todos fazem os mesmos convênios. Todos são iguais perante o Senhor. Apesar de nossa unidade espiritual, há bastante espaço para a individualidade e expressão de cada um. Naquele ambiente, todos são herdeiros do reino de Deus. O Presidente Hunter disse bem: "A chave para uma igreja unificada é uma alma unificada, em paz consigo mesmo e não dada a conflitos e tensões interiores."[12]

A riqueza espiritual de nossas reuniões parece ter pouco a ver com os edifícios ou países onde nos reunimos. Muitos anos atrás, fomos a Manaus, uma cidade à margem do Rio Amazonas, rodeada pela selva, para nos reunirmos com missionários e um punhado de santos que lá residiam naquela época. Reunimo-nos em uma casa muito humilde, sem vidros nas janelas. O tempo estava demasiado quente. As crianças sentaram-se no chão. O presidente da missão, Presidente Hélio da Rocha Camargo, dirigia a reunião e convidou um irmão fiel para oferecer a oração de abertura. O homem humilde respondeu: "Ficarei feliz em orar, mas posso também prestar testemunho?" Uma irmã foi chamada para reger os hinos. Ela respondeu: "Adoraria reger os hinos. Mas, por favor, deixem-me também prestar testemunho."

E foi assim durante toda a reunião, com os que participavam de alguma forma. Todos se sentiam impelidos a prestar seu profundo testemunho do Salvador e Sua missão, e da restauração do evangelho de Jesus Cristo. Todos que lá se encontravam foram tocados nas profundezas do espírito, lembrando as palavras do Salvador de que "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles."[13] Fizeram isso mais como herdeiros do reino de Deus do que como membros brasileiros da Igreja.

A multiplicidade de línguas e civilizações é tanto uma oportunidade quanto um desafio para os membros da Igreja. Providenciar para que todos ouçam o evangelho em sua própria língua exige muitos esforços e recursos. Entretanto, o Espírito é uma forma de comunicação mais elevada do que o idioma. Estivemos em muitas reuniões nas quais as palavras eram totalmente ininteligíveis; não obstante, o Espírito prestou forte testemunho de Jesus Cristo, o Salvador e Redentor do mundo. Mesmo com diferenças de idioma, esperamos que nenhum grupo minoritário venha a sentir-se tão indesejado no "corpo de Cristo"[14] que deseje adorar exclusivamente dentro de sua própria cultura étnica. Esperamos que os pertencentes ao grupo étnico predominante auxiliem tais pessoas a se integrarem na irmandade e fraternidade do evangelho, estabelecendo uma comunidade de santos onde todos sintam-se queridos e indispensáveis.

A paz espiritual não se encontra na raça, civilização ou nacionalidade, mas em nosso compromisso com Deus e com os convênios e ordenanças do evangelho. Cada um de nós, independente de nacionalidade, precisa mergulhar nos mais íntimos recônditos da alma para encontrar a natureza divina que está profundamente arraigada em nós, e rogar sinceramente ao Senhor que nos dote de sabedoria e inspiração. Somente quando alcançarmos o que há de profundo em nosso ser, descobriremos nossa real identidade, nosso mérito próprio e nosso propósito na vida. Somente quando procurarmos nos livrar do egoísmo e da preocupação com recompensas e riquezas, encontraremos suave alívio das ansiedades, feridas, dores,

sofrimentos e inquietações deste mundo. Dessa maneira, como disse o Presidente J. Reuben Clark, seremos capazes de fazer "[frutificar] as riquezas do espírito".[15] Deus não apenas nos ajudará a encontrar alegria e satisfação sublimes e eternas, como também nos modificará, para que nos tornemos herdeiros do reino de Deus.

Esta é a verdadeira restauração de nossa natureza sagrada. Temos em nós autoridade para responder aos desafios da vida da maneira que escolhermos. Assim obtemos domínio em qualquer circunstância. Como disse o Salvador à mulher doente: "A tua fé te salvou."[16]

Tenho o conhecimento firme de que Jesus é nosso divino Salvador, Redentor e o Filho de Deus, o Pai. Sei de Sua veracidade por meio de uma percepção inabalável e tão sagrada que não consigo expressá-la em palavras. Sei e testifico com absoluta consciência que Joseph Smith restaurou as chaves da plenitude dos tempos e que cada Presidente da Igreja possuiu essas chaves, como as possui hoje o Presidente Gordon B. Hinckley. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS:

1. *I Rs. 3:7.*
2. *"Helping Hearts and Hands Span the Globe"* ("Ajudar Corações e Mãos a Cruzarem o Globo"), *Church News, 11 de fevereiro de 1995, pp. 8–10.*
3. *Lucas 8:14.*
4. *D&C 84:46.*
5. *Em Conference Report, outubro de 1963, p. 7.*
6. *Marcos 16:15.*
7. *D&C 59:23.*
8. *João 4:14.*
9. *4 Néfi 1:17.*
10. *Ef. 4:13.*
11. *Gl. 3:26–29.*
12. *"That We Might Have Joy"* ["Para Que Tenhamos Alegria"], *(Salt Lake City, Deseret Book Co., 1994), p. 50.*
13. *Mt. 18:20.*
14. *I Co. 10:16–17.*
15. *Conforme citado em "Prover à Maneira do Senhor: Um Guia de Bem-Estar para Líderes", p. i.*
16. *Mt. 9:22.*

O Casamento e o Grande Plano de Felicidade

Élder Joe J. Christensen
Da Presidência dos Setenta

Aqui estão oito sugestões práticas para que, espero, sejam de valor para fortalecer nosso casamento, agora e no futuro.

Barbara e eu fomos abençoados com seis filhos. Há alguns anos, quando levamos todos eles para ver os avós, meu pai disse: "Joe, acho que você e Barbara começaram algo que não vai ter fim."

Nesta Páscoa, declaramos ao mundo todo que Jesus é o Cristo e que por meio de Seu santo sacerdócio e do poder selador, o casamento e a família não precisam ter fim–não precisam terminar jamais.

Gostaria de falar-lhes a respeito do casamento. Aqui estão oito sugestões práticas que, espero, sejam de valor para fortalecer nosso casamento, agora e no futuro.

1. Lembrem-se da importância fundamental do casamento. Ouçam as seguintes palavras do Élder Bruce R. McConkie, com relação à importância do casamento no "grande plano de felicidade" do Pai Celestial (Alma 42:8):

"Desde o instante em que nascemos na mortalidade até o dia em que nos casamos no templo, todo o plano do evangelho tem a finalidade de preparar-nos e qualificar-nos para entrar na santa ordem do casamento que nos torna marido e mulher nesta vida e na próxima . . .

Não há nada neste mundo tão importante quanto a criação e o aperfeiçoamento da unidade familiar" [*Salvation is a Family Affair*, (A Salvação é um Assunto de Família), *Improvement Era*, junho de 1970, pp. 43-44].

2. Orem pelo sucesso de seu casamento. Há alguns anos, quando era comum as Autoridades Gerais visitarem as missões e entrevistarem todos os missionários, o Élder Spencer W. Kimball, na ocasião membro do Quórum dos Doze, estava entrevistando um élder prestes a terminar a missão.

"Élder, quando for desobrigado, o que pretende fazer?"

"Bem, pretendo voltar para a faculdade", e então, com um sorriso, disse: "Espero me apaixonar e casar."

O Élder Kimball deu-lhe este sábio conselho: "Bem, não ore simplesmente para se casar com a

pessoa que amar. Ore para amar a pessoa com quem se casar."

Devemos orar para nos tornarmos mais gentis, amáveis, humildes, pacientes, prontos a perdoar e, principalmente, menos esgoístas.

A fim de reconhecermos os problemas ou fraquezas pessoais que nos impedem de sermos melhores companheiros no casamento, devemos orar ao Senhor e colher os benefícios desta grande promessa contida no Livro de Mórmon: "Se os homens vierem a mim, mostrar-lhes-ei sua fraqueza (. . .) porque caso se humilhem perante mim e tenham fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes para eles." (Éter 12:27)

É por essa razão que precisamos orar. Muitos líderes da Igreja e terapeutas revelam não ter visto casamentos com sérios problemas quando os cônjuges ainda oravam juntos diariamente. Quando surgem os problemas e o casamento é ameaçado, a oração em conjunto pode ser o remédio mais eficaz.

3. Ouçam. Prestem atenção no que seu cônjuge diz; reservem um tempo para conversar. Conversem e avaliem seu desempenho como companheiros no casamento.

O Irmão Brent Barlow fez a seguinte pergunta a um grupo de portadores do sacerdócio: "Quantos aqui gostariam de receber revelação?" Todas as mãos se ergueram. Ele recomendou que todos fossem para casa e perguntassem à esposa como poderiam ser melhores maridos. E disse: "Segui meu próprio conselho e tive uma conversa bastante instrutiva com (minha esposa) Susan durante mais de uma hora naquela tarde!" (*Ensign*, setembro de 1992, p.17). Uma conversa desse tipo pode ser uma revelação para qualquer um de nós.

Alguém já ouviu a esposa dizer algo parecido com o que ouvi outro dia: "Joe, está me ouvindo?" Ela não foi a única a fazer essa pergunta. Algum tempo atrás, eu estava tirando uma soneca e nossa netinha, Allison, aproximou-se, levantou uma de minhas pálpebras e

perguntou: "Vovô, você está aí?" Sempre deve haver "alguém aí" para responder ao nosso companheiro.

4. Evitem ser "demasiadamente implicantes". "Não critiquem os erros um do outro. Reconheçam que nenhum de nós é perfeito. Todos temos que percorrer um longo caminho até nos tornarmos mais semelhantes a Cristo, do modo que nossos líderes têm nos recomendado.

Ao "sermos demasiadamente implicantes" (como disse o Presidente Kimball) podemos acabar com qualquer casamento [*Marriage and Divorce*, (Casamento e Divórcio), *Brigham Young University, 1976 Speeches of the Year, (Discursos do ano de 1976 da Universidade Brigham Young)* Provo, Utah, University Publications, *1977*, p. 148]. De modo geral, todos reconhecemos nossas fraquezas e não precisamos ser lembrados delas com freqüência. Poucas pessoas melhoraram em conseqüência de ouvirem críticas e reclamações constantes. Se não formos cuidadosos, aquilo que pensamos ser crítica construtiva, na verdade torna-se destrutivo.

Em certas ocasiões é melhor ficarmos calados. A Irmã Lola Walters, quando recém-casada, leu em uma revista que, para fortalecer o casamento, marido e mulher deveriam regularmente expor com franqueza as coisas que os aborreciam no comportamento do cônjuge. Ela escreveu:

"Iamos dizer cinco coisas que nos aborreciam e eu comecei . . . Disse a meu marido que não gostava da maneira como ele comia *pomelo*. Ele a descascava e comia como se fosse uma laranja! Eu não conhecia ninguém que comesse *pomelo* daquela maneira. Como uma mulher passaria toda a vida, e até mesmo a eternidade, vendo o marido comer *pomelo* como se fosse laranja? . . .

"Após terminar (meus cinco itens), chegou a vez de ele dizer o que não gostava em mim . . . (Ele) disse: 'Bom, para falar a verdade, não consigo pensar em nada que não goste em você, querida.'

Engoli em seco.

Virei-me rapidamente, porque não queria que visse as lágrimas que me enchiam os olhos e escorriam-me pelo rosto."

A Irmã Walters finalizou dizendo: "Sempre que ouço falar em incompatibilidade no casamento, fico imaginado se não estão sofrendo daquilo que agora chamo de síndrome do *pomelo* (*Ensign*, abril de 1993, p. 13).

Sim, em certas ocasiões é melhor ficarmos calados.

5. Mantenham acesa a chama do namoro. Reservem tempo para estarem juntos—só os dois. Tão

importante quanto estar com os filhos, em família, é ter um tempo juntos a sós. Se fizerem isso, seus filhos saberão que consideram o casamento algo muito importante, que requer cuidados. Para isso é necessário tomar uma decisão, planejar e reservar tempo.

Não é preciso fazer algo dispendioso. O mais importante será o tempo que passarem juntos.

Certa vez, quando meu sogro estava saindo de casa depois do almoço para voltar a trabalhar no campo, minha sogra disse: "Albert, volte já aqui e diga que me ama." Ele sorriu e disse brincando: "Elsie, quando nos casamos eu disse que amava você e, caso isso mude, não deixarei de informá-la." Nunca é demais dizermos "Eu te amo." Façam-no diariamente.

6. Digam prontamente: "Desculpe-me." Por mais difícil que seja formular as palavras, sejam rápidos em dizer "Por favor, desculpe-me", ainda que não tenha toda a culpa. Aqueles que estão dispostos a admitir prontamente os próprios erros e as ofensas conseguem desenvolver o verdadeiro amor.

Quando surgirem diferenças, é importante sermos capazes de conversar a respeito delas e resolvê-las: Há momentos, porém, em que é melhor esperar um pouco. É importante morder a língua, contar até dez ou, se preciso, até cem. E, ocasionalmente, se deixarmos a poeira assentar, encararemos o problema com mais tranqüilidade, mais calma e com maior probabilidade de chegar a uma solução.

Às vezes, ouvimos alguém dizer: "Estamos casados há cinqüenta anos e nunca tivemos uma divergência de opinião." Se isso é verdade, então um dos cônjuges é totalmente dominado pelo outro ou, como alguém disse, "desconhece a verdade". Qualquer casal inteligente tem divergências. O desafio é termos certeza de que sabemos resolvê-las. Isso faz parte do processo de melhoria de um bom casamento.

7. Aprendam a viver de acordo com suas posses. Alguns dos maiores problemas do casamento ocorrem na área financeira. "A *American Bar Association* (Ordem dos Advogados) (. . .) revelou que 89 por cento de todos os divórcios são decorrentes de discórdias e acusações relacionadas a dinheiro" (*Ensign*, julho de 1975, p.72). Adiem ou abram mão de algumas aquisições a fim de não saírem do orçamento. Paguem o dízimo em primeiro lugar e evitem as dívidas dentro do possível. Lembrem-se de que gastar cinqüenta dólares por mês a menos do que ganham é igual à felicidade, e gastar cinqüenta dólares a mais é igual à miséria. Talvez tenha chegado a hora de pegar a tesoura, os cartões de crédito e realizar aquilo que o Élder Holland chamou de "cirurgia plástica". (*Ensign*, junho de 1986, p.30)

8. Sejam verdadeiros companheiros nas responsabilidades do lar e da família. Não sejam como o marido que fica sentado esperando ser servido, achando que sua obrigação é prover o sustento da família enquanto a esposa é a única responsável pela casa e pelos filhos. Cuidar do lar e da família é responsabilidade de mais de uma pessoa.

Lembrem-se de que estão juntos nessa parceria. Barbara e eu descobrimos que conseguimos arrumar a cama todas as manhãs em menos de um minuto e ela fica arrumada o dia todo. Ela diz que me deixa ajudá-la para que eu me sinta bem comigo mesmo durante todo o dia, e acho que é verdade.

Reservem tempo para estudar as escrituras juntos e sigam este sábio conselho do Presidente Kimball: "Se marido e mulher vão freqüentemente ao templo sagrado juntos, ajoelham-se em oração no lar e com a família, vão juntos às reuniões da igreja, vivem uma vida mental e fisicamente casta (. . .) e trabalham na edificação do reino de Deus, significa que estão no auge da felicidade" [*Marriage and Divorce*,(Casamento e Divórcio), *Salt Lake City, Deseret Book Company*, 1976, p.24].

Em resumo:

- Lembrem-se da importância fundamental do casamento.
- Orem pelo sucesso do seu casamento.
- Ouçam.
- Evitem ser "demasiadamente implicantes."
- Mantenham acesa a chama do namoro.
- Digam prontamente: "Sinto muito."
- Aprendam a viver de acordo com suas posses.
- Sejam verdadeiros companheiros nas responsabilidades do lar e da família.

Testifico-lhes que Jesus é o Cristo. O sepulcro estava vazio naquele terceiro dia e "assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". (I Coríntios 15:22). Deste modo, com gratidão pelo poder selador existente no evangelho restaurado de Jesus Cristo, dizemos confiantemente as palavras do poema: "Eu te amarei ainda mais depois da morte" (Elizabeth Barrett Browning, *How Do I Love Thee?*, "Como Te Amo?"). Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Negai-vos a Toda Iniqüidade"

Élder Neal A. Maxwell
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A maioria dos problemas sociais e políticos simplesmente não podem ser resolvidos sem grandes doses de abnegação.

Bem-vindo, Élder Henry B. Eyring, ao Quórum dos Doze Apóstolos, tão bem presidido pelo Presidente Boyd K. Packer. Élder Eyring é uma mistura especial de vivacidade e doçura. Tenho grande prazer em apoiar o Presidente James E. Faust, que, durante quatorze anos, ocupou a cadeira ao lado da minha e que tem sido meu companheiro em várias atividades cívicas e designações da Igreja há mais de trinta anos. Fui abençoado com cinco maravilhosas irmãs, mas nenhum irmão. O Presidente Faust vem sendo esse irmão para mim há muitos anos.

Torno a expressar minha alegria em apoiar o Presidente Thomas S. Monson que, no mesmo espaço de tempo, proporcionou-me inúmeras oportunidades, guiou-me e incentivou-me. Ele, em geral, é mais conhecido por sua memória, mas os atos de bondade que pratica sem alarde são muito mais importantes.

Em 1935, depois de voltar de sua missão, o Élder Gordon B. Hinckley foi chamado para conversar com a Primeira Presidência sobre seu ótimo trabalho nas Ilhas Britânicas. Os quinze minutos que devia durar a entrevista transformaram-se em quase uma hora e meia. Impressionados, os membros da Primeira Presidência pediram-lhe que ajudasse a obra missionária e, a partir de então, pouco saiu do Edifício da Administração da Igreja. Só que agora ele se senta, humildemente, na cadeira central da Sala do Conselho da Primeira Presidência, sala à qual veio, com humildade, sessenta anos atrás!

O Presidente Hinckley é uma mescla ímpar do prático e do espiritual, possuindo uma mente aguçada, provida de princípios sólidos. Quando justamente o descrevemos como tendo bom discernimento, bom humor, boa vontade, e como sendo um bom ouvinte, o adjetivo comum é bom. A bondade é, portanto, a chave da formação do Presidente Hinckley, a quem prazerosamente apóio como nosso Presidente, profeta e revelador, alto chamado que este excepcional discípulo de Cristo recebeu após uma preparação incomum.

As instruções de Jesus a respeito do discipulado dizem-nos o que fazer e em que seqüência: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e *siga-me*." (Lucas 9:23; grifo nosso.) Morôni também declarou a necessidade de nos negarmos a "toda iniqüidade" (Morôni 10:32), incluindo, assim, tanto os grandes como os pequenos pecados. Enquanto as grandes pedras certamente nos bloqueiam o caminho, o cascalho solto também retarda o discipulado. Mesmo um pedregulho pode transformar-se em pedra de tropeço.

Tanto o rei Benjamim quanto Paulo salientaram a fraqueza congênita do homem natural, que se afasta de Deus e considera as coisas espirituais como "loucura". (Ver Mosias 3:19; I Cor. 2:13–14; Col. 3:9.) Dessa forma, grande parte do processo de negar-se a si mesmo consiste em abandonar os pontos de vista e os apetites do homem natural. Esse processo é, às vezes, acompanhado de grande vergonha e do refluxo do remorso. (Ver TJS, Lucas 14:28.)

Mesmo assim, no mundo de hoje, os apetites individuais, longe de serem negados, são verdadeiramente louvados! Como observou certo escritor, este mantra tem seu próprio ritmo incessante, que repete "Eu . . . Eu . . . Eu . . . Eu!" [Tom Wolfe. "The Me Decade and the Third Great Awakening" (A Década do Eu e o Terceiro Grande Despertar) in Purple Decade, Nova York, Farrar Straus Giroux, 1982, p. 293 *apud* David Frum, *Dead Right* (Certíssimo), Nova York, BasicBooks, 1994, p. 203.]

Contudo, a felicidade sensorial é uma felicidade ilusória. Até o prazer legítimo é tão transitório quanto as coisas que o produzem, como também a alegria é tão duradoura quanto as coisas que a produzem!

De todos os "ismos" malévolos da atualidade, o hedonismo (N.T. Doutrina que considera o prazer individual o único bem possível) é o que atinge o maior número de pessoas. É ingênuo dizer que os hedonistas simplesmente têm outra perspectiva. O mesmo se dava com os porcos gadarenos!

Um quarto de século atrás, o

historiador John Lukacs, com muita percepção, advertiu que a imoralidade sexual não era simplesmente uma condição periférica, mas estava, sim, no âmago da crise moral de nossa época. [Ver John Lukacs, *The Passing of the Modern Age*, (A Superficialidade da Era Moderna) Nova York, Harper & Row, Publishers, 1970, p. 169.] Houve quem achasse que Lukacs estava exagerando, mas consideremos a tragédia subseqüente de crianças gerando filhos, de mães solteiras, de filhos sem pais, de centenas de milhares de crianças abandonadas e a crescente infidelidade conjugal. Esses fatos e suas conseqüências ameaçam abortar o futuro da sociedade antes mesmo da chegada desse futuro! As pessoas carnais, entretanto, não desejam negar-se a si mesmas, embora toda a sociedade sofra com uma terrível avalanche de conseqüências!

Consideremos esta sombria previsão: "Cerca de 40 por cento das crianças dos Estados Unidos irão dormir em uma casa na qual seu pai não vive." [David Blankenhorn, "Life without Father" (Vida sem Pai), USA Weekend, 26 de fevereiro de 1995, pp. 6–7.]

Alguns calculam que essa porcentagem suba para 60 por cento. Esse mesmo comentarista escreveu: "A falta de um pai é a locomotiva que puxa nossos mais urgentes problemas sociais, do crime à gravidez de adolescentes e à violência doméstica" (Ibid.). Esses efeitos, irmãos e irmãs, infelizmente constituem o mais bruto produto interno dos Estados Unidos, produzido nas favelas do espírito pelo secularismo em expansão.

Em Provérbios, lemos: "Porque o mandamento é lâmpada." (Provérbios 6:23.) Uma vez obscurecida, a sociedade perde sua capacidade de distinguir o certo do errado e o desejo de afirmar que algumas coisas são erradas por si mesmas. Sem a lâmpada, nosso mundo tenta desesperadamente construir defesas temporárias, estabelecendo novos limites, sempre retrocedendo, sem coragem de expor-se a um confronto. Uma sociedade que tudo permite acabará perdendo tudo!

Membros do Quórum dos Doze Apóstolos cumprimentam a Primeira Presidência que chega para uma sessão da conferência. A partir da esquerda: Élderes Russell M. Nelson e Dallin H. Oaks; Presidente Gordon B. Hinckley, Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro; e Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro.

Portanto, quer se reconheça ou não, a moralidade individual é de enorme interesse para o público! Hoje, contudo, existe um excesso de hedonismo e de justificativas gritadas aos quatro ventos e uma carência de vergonha silenciosa. Os maus atos não são culpa de ninguém e para tudo se encontra uma desculpa com base em uma coisa ou outra.

Em meio a tais inversões, não é de admirar que, com freqüência, as vítimas sejam negligenciadas e os culpados, glorificados. Da mesma forma, em lugar de confissões reais, vemos variações múltiplas de "Espero poder perdoar a mim mesmo". Contrastando com essa atitude temos os apóstolos, que sabiam para onde se voltar; todos perguntaram ansiosamente a Jesus, referindo-se à traição iminente: "Porventura sou eu, Senhor?" (Mat. 26:22)

Os pecados sérios surgem ignominiosa e persistentemente do lodo da auto-indulgência e da autopiedade. Mas os pecados menores também se originam ali, como insetos na lama, incluindo-se o linguajar obsceno. E por que devemos esperar que aqueles que "se inclinam para as coisas da carne" se preocupem com o linguajar? (Rom. 8:5) Para alguns, seu deus "é o ventre" ou qualquer outra parte de sua anatomia! (Filip. 3:19). Alguns hedonistas verdadeiramente se gloriam na sua vergonha e até existe uma "avidez" em sua "impureza". (Ef. 4:18–19). É triste, também, o fato de que alguns invejam os iníquos. Ainda outros reclamam que os iníquos parecem safar-se de tudo! (Ver Prov. 23:17; Mal. 3:14-15.)

Ironicamente, em sua ânsia de experimentar certas coisas, os hedonistas perdem a sensibilidade. As pessoas que erradamente comemoram a própria capacidade de sentir chegam a um ponto em que perdem muito de sua capacidade de sentir! Nas palavras de três profetas diferentes, tais pessoas "perdem a sensibilidade". (Ver 1 Néfi 17:45; Ef. 4:19; Morô. 9:20.)

Quando um povo age "sem princípios", logo fica "sem civilização", "sem misericórdia" e "sem sentimentos" (ver Morô. 9:11–20). Essas pessoas não experimentam uma alegria verdadeira, como sentir-se profundamente gratas a um Deus generoso, ou ajudar a erguer os que estão "abatidos pelo pecado" (2 Néfi 4:28), ou alegremente renunciar a elogios e reconhecimentos, a fim de que sejam transferidos a alguma alma faminta de louvores.

Nosso ambiente físico, assim como familiar, também é ameaçado pelo egoísmo. Alguns, porém, preocupam-se apenas com buracos na camada de ozônio, enquanto que a estrutura de muitas famílias que não possuem a lâmpada está muito fragmentada.

Naturalmente, não podemos usar uma varinha de condão e consertar as famílias instantaneamente. Algumas barragens e sacos de areia devem ser colocados rio abaixo. O problema real, porém, está na formação da família. Muitas coisas não irão melhorar até que tenhamos melhores famílias, mas isto exigirá muito mais abnegação, não menos. A maioria dos grandes problemas sociais e políticos simplesmente não podem ser resolvidos sem grandes doses de abnegação; ironicamente, esta é uma qualidade que se desenvolve melhor em famílias amorosas, onde a lâmpada está acesa.

Entrementes, os mortais permanecem livres para escolher as coisas transitórias ou as coisas da eternidade (ver 2 Néfi 2:27). Dadas as escolhas feitas por alguns, nós todos acabaremos com mais proteção à pornografia do que com proteção às crianças. Naturalmente, o autocontrole é melhor que a censura, mas sugerir o autocontrole aos hedonistas é como pedir ao Drácula que se afaste do banco de sangue!

Não é de admirar que a maioria dos Dez Mandamentos tenham restritivos "nãos". O Pai Celestial ama Seus filhos perfeitamente, mas Ele também conhece nossas tendências perfeitamente. Mentir, roubar, assassinar, invejar, ser imoral sexualmente, negligenciar os pais, quebrar o Dia do Senhor e prestar falso testemunho—tudo isso ocorre porque a pessoa, erroneamente, procura agradar a si mesma no momento, independentemente dos padrões divinos ou das conseqüências humanas. Como profetizado, o relativismo ético está agora crescendo rapidamente: "Cada um segue seu próprio caminho, segundo a imagem de seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo (. . .)." (D&C 1:16.) Sem a perspectiva da lâmpada há grandes distorções (ver Jacó 4:13). Lembro-me de ler que um líder nazista costumava ouvir música de Haydn enquanto olhava os judeus sendo mortos na câmara de gás. Provavelmente sentia orgulho de apreciar a música.

Conta-se que Mussolini fez com que os trens da Itália andassem no horário, uma coisa muito conveniente para os passageiros, mas uma pobre compensação para as terríveis conseqüências de seu governo totalitário e para as dezenas de milhares de vidas que se perderam por sua causa.

Admiramos o jovem Davi por vencer Golias, mas a bravura de Davi não pode compensar o adultério praticado mais tarde com a mulher de Urias. Levando todos os fatos em consideração, irmãos e irmãs, em quem Davi desferiu o maior golpe—em Golias, em Urias? Ou em si próprio?

Seguindo o mesmo raciocínio, o segundo mandamento de Deus, de amar o próximo, claramente elimina qualquer espaço para o racismo. Contudo, não basta que nos livremos do racismo, caso, simultaneamente, formos escravizados por outros apetites. Jesus salientou a importância da proporção, dizendo que há coisas "mais importantes" mesmo entre as coisas boas (Mat. 23:23). Ao jovem que guardava os mandamentos, Jesus respondeu: "Falta-te uma coisa", referindo-se a um equivocado apego aos bens materiais (Marcos 10:21). A maioria de nós tem falta de mais de uma coisa. Se nos achegarmos mais ao Senhor, Ele prometeu "mostrar-[nos nossas] fraquezas" (Éter 12:27). Assim, a bondade generalizada não é desculpa para deixarmos de trabalhar em outras coisas que nos faltam.

Qualquer lista de nossas indulgências presentes e pessoais é, na verdade, o oposto de uma lista de alegrias, mas alegrias que não experimentaremos até negarmos a nós mesmos certas coisas. Entrementes, a ausência de graves pecados em nossa vida pode levar-nos a negligências com respeito a pecados aparentemente pequenos. Deixar de visitar os pais e de cuidar deles é uma falha quanto ao mandamento de honrar pai e mãe. Numa forma menor, a falta de autocontrole faz com que se digam palavras desagradáveis ao cônjuge, mas, em caso extremo, pode levar a maus-tratos nos lares e até ao assassinato. A tendência de revidarmos quando somos ofendidos torna-nos bruscos e rudes, como se os outros fossem apenas objetos e não nossos irmãos e irmãs. Assim, um ego excessivo é semelhante a um derramamento de substâncias tóxicas que se espalha e do qual fluem todos os pecados mortais. (Ver Prov. 6:16–19.) Os casais jovens sabem como uma simples meia xícara de leite derramado pode cobrir metade do chão da cozinha. Os pequenos pecados espalham-se da mesma forma.

Com Sua simetria perfeita e espiritual, Jesus realmente é "o caminho, a verdade e a vida", estando Seus caminhos em vívido contraste com os caminhos do mundo (João 14:6). O caráter perfeito de Jesus é, assim, não apenas santo, mas íntegro e integral. Sem o caráter sobrenatural, Jesus não poderia ter realizado a assombrosa expiação! E Ele pediu-nos que nos tornássemos muito mais semelhantes a Ele. (Ver Mat. 5:48; 3 Né. 12:48; 27:27.) Embora pesado, o fardo do discipulado pode tornar-se leve (ver Mat. 11:30). O Senhor pode "aliviar as cargas" e nossos ombros fortalecerem-se tanto que nós "as (possamos) suportar". (Mosias 24:14; I Cor. 10:13.)

Vemos, assim, que o sacrifício real, pessoal, nunca foi colocar-se um animal sobre o altar, mas, sim, o desejo de se colocar o animal que existe em nós sobre o altar, para que seja consumido! Esse é o "sacrifício ao Senhor (. . .) de um coração quebrantado e espírito contrito" (D&C 59:8), um pré-requisito para se tomar a cruz, abandonando "todos os (nossos) pecados" a fim de conhecermos a Deus (ver Alma 22:18), pois a negação de nós mesmos precede a aceitação plena Dele. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Esta É a Obra do Mestre

Presidente Gordon B. Hinckley

Estamos todos juntos neste grande empreendimento. Estamos aqui para ajudar nosso Pai em Sua obra e Sua glória.

Amados irmãos e irmãs, onde quer que estejam, queridos amigos e companheiros nesta grande obra: Como bem o compreendem, esta é uma ocasião muitíssimo solene e sagrada para mim. Busco humildemente a orientação do Espírito Santo ao esforçar-me para compartilhar os sentimentos que tenho no coração. Se, nestas circunstâncias, falo em tom muito pessoal, peço que me desculpem. Tentarei deixar de lado a primeira pessoa do singular.

Pranteamos há poucos dias o falecimento de nosso amado irmão e líder, Howard William Hunter, o décimo quarto Presidente da Igreja e profeta do povo. Sua presidência foi breve, mas a impressão positiva que nos legou é tremenda. Manso em seus hábitos, tranqüilo em seu proceder, foi ele, no entanto, homem cujas fortes convicções a respeito da veracidade desta obra fizeram-no um vigoroso defensor do modo de vida cristão.

Ele padeceu de muitos sofrimentos físicos até ter sido, finalmente, levado de entre nós na manhã de 3 de março de 1995. Mais de vinte e cinco mil homens, mulheres e crianças passaram por seu ataúde para ver o corpo que ficou exposto na bela rotunda do Edifício da Administração da Igreja. Com passos lentos, passaram, um a um, em reverência e com amor, pelo homem que haviam apoiado poucos meses antes.

Na quarta-feira, 8 de março de 1995, realizaram-se as cerimônias fúnebres neste histórico tabernáculo, tendo sido transmitidas, via rádio e televisão, para diversos lugares. Essas cerimônias foram uma homenagem adequada a um homem bom e grandioso, que agora pertence à história. Nosso coração está cheio de ternura e compaixão por sua desolada viúva e por seus filhos e suas famílias, que agora se estendem por três gerações. Que sejam confortados, apoiados e abençoados por Aquele que declarou: "Eu, eu sou aquele que vos consola (. . .)". (Isaías 51:12)

Com o falecimento do Presidente Hunter, dissolveu-se a Primeira Presidência. O irmão Monson e eu, que servíramos como seus conselheiros, tomamos nossos lugares no Quórum dos Doze, que se tornou a autoridade presidente da Igreja.

Três semanas atrás, todos os Apóstolos vivos ordenados reuniram-se em espírito de jejum e oração na sala superior do templo. Ali cantamos um hino sagrado e oramos juntos. Tomamos o sacramento da ceia do Senhor, renovando no sagrado e simbólico testamento, nossos convênios e nosso relacionamento com Aquele que é nosso Redentor divino.

A presidência foi então reorganizada, seguindo-se o precedente firmemente estabelecido há gerações passadas.

Não houve campanha alguma, nenhum concurso, nenhuma ambição pelo cargo. Foi tudo sereno, tranqüilo, simples e sagrado, feito de acordo com o modelo estabelecido pelo próprio Senhor.

Recebemos manifestações de apreço e congratulações de muitas pessoas, membros da Igreja, bem como outros pertencentes a diferentes religiões. Expresso a todos os meus mais profundos agradecimentos. Sei que os cumprimentos não se devem ao homem, mas sim ao cargo.

Ontem pela manhã, os membros da Igreja em todo o mundo reuniram-se em assembléia solene. Levantaram o braço sem compulsão e por vontade própria, para confirmar a decisão dos Apóstolos, tomada há três semanas, e para apoiar os que foram chamados a servir.

Como o sabem, tive o privilégio de servir como conselheiro de três grandes presidentes. Tenho algum conhecimento do que significam pesadas responsabilidades. Apesar disso, nestes últimos dias, sinto-me assoberbado ao sentir minha inadequação e total dependência do Senhor, que é meu líder e a quem esta Igreja pertence. Dependo também da força destes bons homens que são meus conselheiros, meus queridos irmãos dos Doze, dos Setenta e do Bispado Presidente e dos membros da Igreja em todo o mundo. Faltam-me palavras para demonstrar minha profunda gratidão e meu amor.

Anos atrás fiz um discurso sobre a solidão da liderança. Agora, pela primeira vez, percebo o significado pleno dessa solidão. Não sei por que o manto caiu sobre meus ombros. Acho que alguns outros também se perguntam a mesma coisa. Estamos, porém, aqui. Em circunstâncias como estas, os pensamentos de uma pessoa voltam-se para todos os anos de sua vida,

e ainda mais para trás. Sou apenas a terceira geração de minha família na Igreja. Meu avô foi batizado ainda menino, no verão de 1836, em Ontário, no Canadá. Sua mãe viúva acabou por trazer seus dois filhos para Springfield, no Estado de Illinois. De lá, meu avô foi a pé até Nauvoo, onde ouviu o Profeta Joseph Smith. Quando o êxodo de nosso povo ocorreu, em 1846, ele era um forte rapaz de dezoito anos, capaz e fervoroso. Era habilidoso na construção de carroções e era também ferreiro. Ele estava entre os que o Presidente Young pediu que ficassem em Iowa para ajudar os que ainda se dirigiam para o oeste. Casou-se em 1848 e partiu para este vale na primavera de 1850.

Em certo ponto do fatigante caminho, sua jovem esposa adoeceu e veio a falecer. Com suas próprias mãos, ele cavou a sepultura, cortou a madeira para fazer o caixão, amorosamente a sepultou e, com lágrimas nos olhos, pegou no colo seu bebê de onze meses e continuou em direção a este vale.

Ele estava entre os que eram repetidamente chamados pelo Presidente Young para desempenhar uma variedade de difíceis tarefas pertinentes ao estabelecimento de nosso povo nestes vales das montanhas. Foi presidente da Estaca Millard de Sião quando existiam apenas umas poucas estacas e quando ela incluía uma grande área da parte central de Utah, e viajou milhares de quilômetros a cavalo e de charrete no desempenho de seu ministério. Ele deu tanto de si no estabelecimento de escolas, que suas propriedades, a um tempo abundantes, eram escassas quando de sua morte.

Meu pai foi também um homem de grande fé, que serviu amplamente à Igreja, em muitas posições de confiança. Durante muitos anos ele presidiu o que era então uma das maiores estacas da Igreja, com mais de quinze mil membros. Minha mãe e avós eram também mulheres de grande fé, cuja vida nem sempre era fácil devido às exigências que lhes eram feitas pela Igreja. Elas, porém, não reclamavam. Cumpriam suas responsabilidades com alegria e devoção.

Sinto enorme gratidão e amor por esses antepassados, e uma quase esmagadora obrigação de manter a confiança que eles me passaram. Expresso gratidão a minha esposa que, no final desse mês, terá me acompanhado há cinqüenta e oito anos. Quão vazia seria nossa vida sem essas nossas maravilhosas companheiras! Sou muitíssimo grato por essa preciosa mulher, que me acompanha na alegria e na tristeza. Não somos mais tão eretos como antes, mas nosso amor um pelo outro não encolheu.

Agradeço também a meus filhos, netos e bisnetos, que nos honram com a excelência de sua vida.

Em especial, agradeço profundamente a cada um dos membros da Igreja. Tenho tido a oportunidade de viajar por toda a parte durante os trinta e sete anos de meu trabalho como Autoridade Geral. Em todos os lugares onde estive, encontrei pessoas maravilhosas. Há tanta coisa boa na vida dos santos dos últimos dias. Há inúmeras demonstrações de fé no trabalho que fazem. Conheço um pouco dos sacrifícios feitos por muitos. Desejaria ter a capacidade de demonstrar meu amor e gratidão a todos. Sou um servo e prometo-lhes, como prometo ao Senhor, esforçar-me para fazer o melhor ao requisitar sua fé, orações contínuas e apoio.

Estou plenamente consciente de que não sou mais um rapaz ao enfrentar este sagrado ofício. A irmã Hinckley e eu estamos aprendendo que os chamados anos dourados estão mesclados de chumbo. Mas penso poder dizer honestamente que não me sinto velho. Não posso negar minha certidão de nascimento, mas sinto ainda uma exuberância de jovem em meu entusiasmo por esta preciosa obra do Todo-Poderoso.

Amo o povo desta Igreja, de todas as idades, de todas as raças e de muitas nações.

Amo as crianças. Elas são as mesmas em qualquer lugar do mundo. A despeito da cor de sua pele e das circunstâncias em que vivam, elas têm em si a beleza que vem da inocência

e do fato de até bem pouco tempo estarem vivendo com o Pai Celestial. Quão encantadoras são as preciosas crianças, onde quer que vivam!

Amo a juventude da Igreja. Já disse repetidas vezes que penso nunca termos tido melhor geração do que esta. Quão grato sou por sua integridade, por seu desejo de treinar a mente e as mãos para fazerem um bom trabalho, por seu amor pela palavra do Senhor e por seu desejo de trilhar os caminhos da virtude, da verdade e da bondade!

Tenho um imenso respeito pelos pais que estão criando os filhos em luz e verdade, que oram em seus lares, que não os castigam fisicamente, mas guiam-nos com amor, vendo seus pequeninos como o bem mais precioso, os quais devem ser protegidos, treinados e abençoados.

Amo os idosos que passaram pelas tribulações da vida e que, a despeito do tamanho das dificuldades, seguiram em frente e mantiveram-se firmes na fé. Que seus anos de velhice

sejam plenos de alegria e de lembranças agradáveis de vidas bem vividas.

Irmãos e irmãs, desejo agora, ao concluir, deixar-lhes um pensamento que, espero, nunca irão esquecer.

Esta Igreja não pertence a seu presidente. Seu líder é o Senhor Jesus Cristo, cujo nome cada um de nós tomou sobre si. Estamos todos juntos neste grande empreendimento. Estamos aqui para ajudar nosso Pai em Sua obra e Sua glória—"proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem". (Moisés 1:39). A obrigação de cada um é tão séria em sua esfera de responsabilidade quanto o é a minha em minha esfera. Não há chamado nesta Igreja que seja pequeno ou de pouca conseqüência. Todos nós, ao cumprirmos nossas responsabilidades, tocamos as vidas de outrem. A cada um de nós, em nossas respectivas responsabilidades, o Senhor disse:

"Portanto, sê fiel; permanece no cargo para o qual te designei; socorre aos fracos, ergue as mãos que pendem e fortalece os joelhos enfraquecidos." (D&C 81:5)

"Assim fazendo, farás o maior bem aos teus semelhantes, e promoverás a glória Daquele que é o teu Senhor." (D&C 81:4)

E ainda: "E se fores fiel até o fim, terás uma coroa de imortalidade e vida eterna nas mansões que Eu preparei na casa de Meu Pai." (D&C 81:6)

Todos nós, nesta grande causa, somos unos no pensamento, na crença e na fé.

A oportunidade de sentir satisfação no desempenho de suas tarefas é tão grande quanto a minha. O progresso desta obra será determinado por nossos esforços conjuntos. Qualquer que seja o chamado, ele está tão cheio de oportunidades de fazer o bem quanto o meu. O que realmente importa é que esta é a obra do Mestre. Nossa tarefa é fazer o bem como Ele o fez.

Se ao servir ofendi alguém, ofereço minhas desculpas. Para os que, por qualquer razão, encontram-se fora dos braços da Igreja que em dado momento desfrutraram, convido-os a retornarem e partilharem da felicidade que um dia conheceram. Encontrarão muitas pessoas com os braços estendidos para calorosamente dar-lhes as boas-vindas e para ajudá-los. Imploro a nosso povo em todas as partes, que respeitem e tenham apreço pelas pessoas que não compartilham nossa fé. Há uma enorme necessidade de cortesia e respeito mútuo entre as pessoas de diferentes crenças e filosofias. Não devemos partilhar de teoria alguma que pregue a superioridade de qualquer raça. Vivemos em um mundo de diversidade. Podemos e devemos respeitar aqueles de cujos ensinamentos discordamos. Devemos estar prontos a defender os direitos de outros que sejam vítimas de intolerância.

Chamo sua atenção para as contundentes palavras de Joseph Smith em 1843:

"Se foi demonstrado que estou disposto a morrer por um "mórmon", tenho a coragem de declarar diante dos Céus que estou também disposto a morrer pelos direitos de um presbiteriano, batista ou outro bom homem de qualquer outra religião; pois qualquer princípio que viole os direitos de um santo dos últimos dias viola também os princípios de um católico ou de alguém pertencente a qualquer outra religião (. . .)". [*History of the Church* (História da Igreja), 5:498.]

Irmãos e irmãs, é chegado o tempo de tomarmos mais consciência, vermos mais além e ampliarmos nossa visão para melhor compreender e entender a grandiosa missão da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em relação ao milênio. É hora de sermos fortes. É hora de prosseguirmos sem hesitar, conhecendo bem o significado, a amplitude e a importância de nossa missão. É hora de fazermos o que é certo, a despeito das conseqüências. É hora de guardarmos os mandamentos. É hora de demonstrarmos delicadeza e amor por aqueles que sofrem e que vagam na dor e escuridão. É o momento de termos consideração, bondade, honestidade e cortesia uns para com os outros em todos os tipos de relacionamento. Em outras palavras, de nos tornarmos mais semelhantes a Cristo.

Nada temos a temer. Deus está no comando. Para o bem de Seu trabalho, Ele reinará supremo. Ele derramará bênçãos sobre os que obedecem a Seus mandamentos. É esta a Sua promessa. Nenhum de nós pode duvidar de seu cumprimento.

A pequena pedra que foi cortada do monte sem auxílio de mãos, na visão de Daniel, está rolando para encher toda a Terra. (Ver Daniel 2:44–45.) Não há força abaixo dos céus capaz de detê-la se andarmos em retidão e formos fiéis e verdadeiros. O próprio Todo-Poderoso está na dianteira. Nosso Salvador, que é nosso Redentor, o Grande Jeová, o poderoso Messias prometeu: "(. . .) irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o Meu Espírito estará em vossos corações, e os Meus anjos ao vosso redor, para vos suster." (D&C 84:88)

"Portanto", disse Ele "não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre a Minha rocha, eles não poderão prevalecer. (. . .)

Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais.

Vede as chagas que penetraram o Meu lado, e também as impressões dos pregos nas Minhas mãos e pés; sede fiéis, guardai os Meus mandamentos, e herdareis o reino dos céus." (D&C 6:34, 36–37)

Em união, trabalhando de mãos dadas, seguiremos em frente como servos do Deus vivo, fazendo a obra de Seu Filho Amado, nosso Mestre, a quem servimos e cujo nome procuramos glorificar.

Repito: Esta, irmãos e irmãs, é a obra do Todo-Poderoso. Ele vive, nosso Pai e amigo. É o trabalho de nosso Redentor que, devido a um amor que transcende nossa compreensão, deu a vida por todos nós. É uma obra divina, restaurada por um profeta escolhido. É uma obra à qual dedicamos nossa vida ao invocarmos bênçãos seletas sobre vós, amados companheiros, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
2 de abril de 1995

Uma Mulher Eleita

Élder L. Tom Perry
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Em meio a toda a confusão existente no mundo atual acerca do papel da mulher, a irmã Hinckley se ergue como exemplo digno para aquelas que ainda estão se esforçando para encontrar o equilíbrio correto na vida.

O casamento é uma instituição divina, ordenada por Deus. Alcançar sucesso no lar é um desafio sublime — nenhum outro sucesso pode compensá-lo. Entretanto, a menos que o marido e a mulher aprendam a ser um e trabalhem juntos, o casamento pode tornar-se uma provação insuportável. Existem casamentos infelizes em número demasiado no mundo atual; casamentos que não se mantêm no curso e terminam prematuramente em divórcio. Existe um excessivo número de filhos que sofrem silenciosamente a falta de carinho e cuidados, porque o casamento dos pais é infeliz ou foi desfeito.

Antes de criar a mulher, Deus sabia que o homem não podia permanecer sozinho. Depois da criação de Eva, a primeira mulher, o Senhor instituiu o vínculo do casamento e instruiu o primeiro homem, Adão, da seguinte maneira: "Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne." (Gênesis 2:24)

Adão aprendeu que os laços matrimoniais são mais fortes que qualquer outra relação familiar. Os sagrados laços do matrimônio propiciam a união, a fidelidade, o respeito e o auxílio mútuos. Sabemos, por meio das escrituras, que Adão e Eva aprenderam essa lição. Ao serem expulsos do jardim, registra-se que "(. . .) Adão começou a cultivar a terra, a exercer domínio sobre as bestas do campo e a comer seu pão com o suor do seu rosto, como Eu, o Senhor, mandara. E Eva, sua esposa, também trabalhava com ele." (Moisés 5:1)

Nenhum assunto causa maior preocupação aos líderes das igrejas e das nações do que o alarmante índice atual de casamentos desfeitos. As estatísticas mostram que os casamentos estáveis produzem famílias estáveis. A dissolução da família é a causa de sérios problemas sociais que estão destruindo nossas comunidades, inclusive aumentando a pobreza, o crime e a delinqüência.

A união entre marido e mulher não é algo a ser considerado levianamente. O convênio do casamento é essencial ao Senhor para o cumprimento de Seu propósito divino. Constantemente o Senhor declara que Suas leis divinas foram instituídas para a segurança e proteção da união sagrada entre marido e mulher.

Muito do que aprendemos, como membros da Igreja, decorre do exemplo. Nossos profetas têm-nos ensinado tanto por aquilo que fazem quanto pelo que dizem. Observando o Presidente Kimball, o Presidente Benson e o Presidente Hunter, os homens da Igreja aprenderam muito sobre como devem tratar a esposa: com gentileza, bondade e devoção. As mulheres da Igreja aprenderam uma lição semelhante ao observar as esposas desses grandes profetas. Aprenderam a ser uma pessoa realizada e equilibrada e, ao mesmo tempo, uma companheira dedicada ao marido. O terno relacionamento do Presidente Hinckley com a esposa oferece tanto aos homens quanto às mulheres da Igreja um maravilhoso exemplo a ser observado e imitado. Muito será dito, escrito e registrado a respeito do Presidente Hinckley durante o tempo em que presidir a Igreja. Muito menos será registrado a respeito de sua querida companheira, Marjorie. Para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer a irmã Hinckley, gostaria de dizer algo a respeito dela. Que exemplo ela tem sido e continuará a ser para as mulheres da Igreja e de todo o mundo! É uma companheira extremamente leal e dedicada ao nosso Presidente.

As raízes genealógicas da irmã Hinckley remontam aos grandes pioneiros, que deixaram uma marca indelével em sua vida e personalidade. Ela escreveu o seguinte a respeito de seu bisavô:

"Numa linda manhã de domingo, no outono de 1841, meu bisavô, William Minshall Evans, então com dezesseis anos de idade, caminhava pelas ruas de Liverpool, na Inglaterra, a caminho de sua igreja. De repente, ouviu um canto que o emocionou mais do que tudo que já ouvira até então. Seguiu o som até uma viela onde, subindo uma escada insegura, encontrou uma sala na qual algumas pessoas realizavam uma reunião. John Taylor, que mais tarde veio a tornar-se presidente da igreja e tinha uma

bela voz de tenor, era quem cantava. O hino era tão belo que William ficou para ouvir a pregação.

Ao voltar para casa, William foi repreendido pelo irmão mais velho, David, por não ter comparecido ao coro no qual habitualmente cantava. Instado a oferecer uma explicação, William disse: 'Estive onde devia ter estado e não me darei por satisfeito até que todos vocês ouçam a maravilhosa mensagem que ouvi esta manhã.'

(. . .) William e David converteram-se ao evangelho e ajudaram na conversão dos outros membros da família" (Ensign, Julho de 1981, p. 48).

O Presidente Hinckley contou a seguinte história a respeito do avô da irmã Hinckley, durante a dedicação do templo de Manti após uma reforma (quinta sessão, 15 de junho de 1985). Ele disse: "Ontem pela manhã, quando chegamos, minha esposa e eu fomos conduzidos até a porta leste do templo. Queriam levar-nos para dentro do templo sem causar alarde, creio eu. Seja como for, fomos conduzidos sozinhos até a porta leste do templo e esta foi aberta (existem duas portas ali, dois conjuntos) mas aquela pela qual entramos foi aberta. Era uma porta extremamente pesada, com quase oito centímetros de espessura. Era lindamente entalhada, montada e instalada, com ferragens de excelente qualidade. Foi uma experiência muito tocante pois o avô de minha esposa, que na época era um jovem de apenas 24 anos de idade, casado, pai de um filho e com outro a caminho, foi quem instalou aquelas portas. Durante o trabalho de instalação das portas extremamente pesadas, foi acometido de uma hérnia que veio a ficar estrangulada. Sofreu dores terríveis por alguns dias e depois faleceu. Foi literalmente um mártir de sua fé, a qual o levou a trabalhar no templo como marceneiro por um longo período de tempo, sem receber qualquer pagamento além de meio quilo de manteiga ou uma dúzia de ovos ocasionalmente."

A partir dessas duas histórias sobre os antepassados da irmã Hinckley, podemos ter uma idéia de sua herança extraordinária e personalidade única. A irmã Hinckley tem a mesma sensibilidade ao Espírito que o bisavô e o mesmo espírito de trabalho e sacrifício do avô.

Ao longo dos anos, minha esposa e eu tivemos o privilégio de viajar em muitas designações com o Presidente e a irmã Hinckley. Em nossas viagens, observamos que a irmã Hinckley sempre se mostra alegre e positiva. Seu entusiasmo e dedicação nitidamente elevam o ânimo de seu marido. Freqüentemente as viagens são longas e cansativas. Os roteiros nem sempre são os mais agradáveis. As acomodações não são sempre de quatro estrelas, sendo às vezes, bem pior que isso. Mas em meio ao tumulto, desconforto e provações, a irmã Hinckley sempre mantém a tranqüilidade e a alegre disposição que lhe é natural. Sempre que descemos do avião para saudar os santos em nosso local de destino, seu amor e bondade são contagiantes. O apoio que dá ao marido líder do sacerdócio tornou-se um padrão a ser imitado e sem dúvida tem o melhor dos efeitos.

A irmã Barbara Smith fez o seguinte comentário quando o casal Hinckley, acompanhado dos filhos, comemorava as bodas de ouro durante o cumprimento de uma designação: "Geralmente o Presidente Hinckley ficava exausto no final de um dia repleto de reuniões, que incluía um jantar com os líderes locais. [A irmã Hinckley] conversava um pouco com o marido e os líderes, saía discretamente para ver se tudo estava bem com os filhos. Percebemos nessa rotina o modo cuidadoso com que a irmã Hinckley conseguiu, através dos anos, atender às necessidades dos filhos e ao mesmo tempo apoiar o marido em seu importante trabalho no reino de nosso Pai" [Barbara B. Smith e Shirley W. Thomas, Women of Devotion (Mulheres Dedicadas), Salt Lake City, Bookcraft, 1990, p. 5].

Que exemplo para todas as mulheres cujo marido é líder do sacerdócio!

Apesar de toda a pressão do trabalho na Igreja que pesa sobre a família Hinckley, a irmã Hinckley sempre conseguiu manter um equilíbrio entre seus dois chamados eternos: o de esposa e o de mãe. Seu sucesso como mãe é comprovado pelos filhos da família Hinckley: Dick, Clark, Kathleen, Virginia e Jane. Cada um dos filhos é motivo de honra para os pais.

A irmã Hinckley disse o seguinte a respeito de ser mãe:

"É às mães de crianças pequenas que desejo falar primeiro. Estes são anos de ouro para vocês. São anos em que provavelmente farão o mais

importante trabalho de sua vida. Não desejem que o tempo de cuidar dos filhos pequenos passe depressa. A vida são as coisas que lhes acontecem enquanto estão fazendo outros planos. Esta época é uma grande oportunidade para ajudarem na edificação do reino. Quando ensinam seus filhos a amar o Pai Celestial, estão desempenhando uma das mais importantes tarefas de sua vida. Se puderem ser donas de casa de tempo integral, agradeçam por isso. Caso contrário, devem fazer o que lhes parecer melhor para sua família. Quanto a mim, jamais senti a necessidade de desculpar-me pelo papel de dona de casa de tempo integral.

É uma época muito atarefada para vocês. Já vi mulheres enfrentando todo tipo de condições: mulheres chinesas consertando estradas, mulheres européias trabalhando nos campos, mulheres asiáticas varrendo as ruas. Em minha opinião, porém, (. . .) a mulher mórmon é uma das mais trabalhadoras do mundo. Ela planta hortas e faz conservas do que colhe; costura em casa e pechincha nas compras; participa de obras de caridade; leva o jantar para as mães com filhos recém-nascidos e para os enfermos da vizinhança; cuida dos pais já idosos; escala montanhas com os lobinhos; vai assistir ao campeonato de juniores de que os filhos participam; senta-se ao lado da filha enquanto ela estuda piano; faz o trabalho do templo; e preocupa-se em atualizar seu diário. Sinto o peito arder de orgulho ao ver essas mulheres na Igreja no domingo, algumas chegando às 8h30 da manhã, com os filhos arrumados e asseados, os braços carregados de material didático, dirigindo-se para a sala de aula onde ensinarão os filhos de outras mulheres. Mantêm a casa limpa com pouca ou nenhuma ajuda, procurando ser a namorada do marido quando ele volta para casa à noite. Lembrem-se, porém, minhas jovens amigas, que estão hoje fazendo o trabalho que Deus espera de vocês. Sejam gratas por esta oportunidade." ["Building the Kingdom from a Firm Foundation" (Edificar o Reino em Firme Alicerce), Mary E. Stovall e Carol Conrwall Madsen, organizadoras, As Women of Faith: Talks Selected from BYU Women's Conferences (Mulheres de Fé: Seleção de Discursos das Conferências de Mulheres da Universidade Brigham Young), Salt Lake City, Deseret Book Co., 1989, p.5].

Ser mãe é o mais nobre e importante de todos os chamados.

Irmã Hinckley, a senhora é uma inspiração para todos nós, procurando sempre as verdades que o Senhor nos revelou para nosso crescimento e desenvolvimento aqui na mortalidade. Seu desejo de conhecer essas verdades fez com que se empenhasse no estudo do evangelho. Sempre que havia oportunidade, a senhora se matriculava em cursos do instituto para aprofundar seus conhecimentos. Esse conhecimento é claramente evidente em seus discursos e aulas para os santos. É especialmente evidente em seus discursos para pequenos grupos de missionários de tempo integral. Esses são os seus melhores discursos. Como suas palavras inspiradoras, e como eles seguem suas instruções!

Em meio a toda a confusão existente no mundo atual acerca do papel da mulher, a senhora se ergue como exemplo digno para aquelas que ainda se esforçam para encontrar o equilíbrio correto na vida. Que elas possam ouví-la declarar quão maravilhoso é ter oitenta anos de idade, podendo olhar para trás e ver uma vida plena de realizações, crescimento, compreensão, fé, devoção e satisfação. São suas as palavras: "Ao contrário do que se costuma dizer, estes são anos dourados, se tivermos boa saúde. Nesta idade, minhas caras contemporâneas, já não precisamos competir com ninguém. Não precisamos provar mais nada. Só precisamos desfrutar tudo que a vida nos dá. Quantas já contaram aos filhos como é maravilhoso ter esta idade?" ["Building the Kingdom" (Edificar o Reino), p.10.]

O Presidente Hinckley elogiou-a quando o Quórum dos Doze Apóstolos reuniu-se no Templo de Salt Lake, no dia em que foi ordenado e designado Presidente da Igreja. Lembro-me de ouvi-lo dizer o seguinte: "Ela é uma mulher de grande fé, uma mãe maravilhosa. Como eu a amo!"

Irmã Hinckley, que maravilhoso exemplo para todos nós. Que o Senhor continue a abençoá-la com boa saúde e vida longa. Que todos tenhamos o mesmo entusiasmo que sente pelo evangelho de nosso Senhor e Salvador, é minha humilde oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Encontrar o Perdão

Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Os passos do arrependimento (. . .) produzem pureza, paz mental, respeito próprio, esperança e, finalmente, uma nova pessoa, com uma vida nova e uma profusão de oportunidades.

Recentemente, viajando por uma estrada desconhecida, encontrei uma grande placa que dizia: "Pista Acidentada Adiante". De fato o era. Se não fosse pelo aviso, a experiência teria sido desastrosa. A vida é assim também. Está cheia de pontos acidentados. Alguns são testes para fortalecer-nos. Outros são o resultado de nossa desobediência. Advertências úteis também nos podem salvar de desastres na vida. Uma estrada danificada apresenta os mesmos obstáculos para todos os viajantes, até que alguém a conserte. A estrada da vida é diferente. Cada um de nós encontra desafios únicos para o nosso próprio desenvolvimento. Ademais, nossas próprias escolhas erradas podem colocar mais barreiras no caminho. Ainda assim, temos a capacidade de aplanar o caminho, tapar os buracos e embelezar nosso curso. O processo chama-se arrependimento; o destino é o perdão.

Se ignoraram as advertências e sua vida foi danificada ou prejudicada por uma estrada irregular—há disponibilidade de ajuda. Por meio dessa ajuda, pode-se renovar e reconstruir uma vida danificada. Pode-se recomeçar e mudar o curso de um caminho em declive, sinuoso e frustrante para uma super-estrada em direção à paz e à felicidade.

Gostaria de ajudá-los a encontrar esse alívio. A fim de fazê-lo, é necessário dar-lhes algumas informações que tornarão o remédio e os passos da cura mais significativos.

Toda decisão errada que tomamos, todo pecado que cometemos é uma violação da lei eterna. Essa violação causa resultados negativos que, geralmente, reconhecemos logo. Também existem outras conseqüências de nossos atos, das quais, talvez, não tenhamos consciência, mas que são reais. Elas podem ter um incrível efeito na qualidade de nossa vida aqui e, com certeza, irão afetá-la grandemente no futuro. Nada podemos fazer, por nós mesmos, para satisfazer as demandas da justiça em relação a uma lei eterna violada; contudo, a menos que se atendam às exigências da justiça, cada um de nós sofrerá conseqüências negativas intermináveis.

Somente a vida, os ensinamentos e, particularmente, a expiação de Jesus Cristo podem libertar-nos dessa situação difícil. Não há outro meio. Todos cometemos enganos pequenos ou grandes que, se não forem resolvidos, nos afastarão da presença do Senhor. Por esse motivo a expiação de Jesus Cristo é o acontecimento mais significativo que já ocorreu ou que jamais ocorrerá. Esse ato altruísta, de conseqüência infinita, realizado por uma pessoa glorificada, tem impacto eterno na vida de cada filho e filha de nosso Pai Celeste—sem exceção.[1] Ele rompe as ligaduras da morte. Justifica sermos finalmente julgados pelo Mestre.[2] Pode evitar uma eternidade sob o controle do diabo.[3] Abre os portões da exaltação e da vida eterna para todos os que se qualificam para o perdão por meio de arrependimento e obediência.[4]

O Redentor pode saldar nossa dívida individual com justiça e conceder perdão por meio do misericordioso caminho do arrependimento.[5] É absolutamente essencial que nos arrependamos completamente para que a Expiação opere seu completo milagre em nossa vida. Entendendo a Expiação, verão que Deus não é um ser ciumento que se deleita em perseguir aqueles que cometem deslizes. Ele é um Pai absolutamente perfeito, piedoso, compreensivo, paciente e clemente. Ele está disposto a rogar, aconselhar, fortalecer, elevar e fortificar. Ele ama cada um de nós de tal maneira que permitiu que Seu Filho perfeito, sem pecado, absolutamente obediente e totalmente justo sofresse agonia e dor indescritíveis e se entregasse em sacrifício por todos.[6] Por causa dessa expiação podemos viver em um mundo onde reina justiça absoluta em sua esfera, para que o mundo tenha ordem. Essa justiça, porém, é amenizada pela misericórdia alcançada com a obediência aos ensinamentos de Jesus Cristo.

Quem não necessita do milagre do arrependimento? Esteja sua vida levemente marcada ou muito desfigurada por erros, os princípios da recuperação são os mesmos. A extensão e a severidade do tratamento adequam-se às circunstâncias. Nossa meta, certamente, deve ser o perdão. O único caminho possível para alcançar essa meta é o

arrependimento, pois está escrito: "(. . .) *Nenhum outro caminho ou meio há pelo qual o homem possa ser salvo, a não ser por meio do sangue expiatório de Jesus Cristo (. . .)*

O Senhor (. . .) não [virá], porém, [redimir Seu povo] em seus pecados, mas redimi-los de seus pecados.

E ele tem poder, recebido do Pai, para redimi-los de seus pecados *por causa do arrependimento.*"[7]

A obediência e a fé no Salvador concedem-nos poder para resistir às tentações. Helamã ensinou: "(. . .) É sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces; para que, quando o diabo lançar a fúria de seus ventos, (. . .) quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos açoitarem, isso não tenha poder para vos arrastar [à] angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificados, que é um alicerce seguro; e se os homens edificarem sobre esse alicerce, não cairão."[8]

Obtém-se o perdão por meio do arrependimento. O que é o arrependimento? Como consegui-lo? Quais as suas conseqüências? Estas parecem perguntas simples, mas é evidente que muitos não sabem como arrepender-se.

Em *O Milagre do Perdão*, Spencer W. Kimball dá ótimos conselhos de como obter-se o perdão por meio do arrependimento. Esse guia ajudou muitos a encontrarem o caminho de volta. Ele identifica cinco elementos essenciais do arrependimento.

Tristeza pelo pecado. Estudem e ponderem para determinar como o Senhor define a seriedade de sua transgressão. Isso trará a tristeza e o remorso que curam. Trará também um desejo sincero de mudar e a disposição de submeter-se às exigências do perdão. Alma ensinou: "(. . .) A justiça exerce todos os seus direitos e a misericórdia também reclama tudo quanto lhe pertence; e assim ninguém, a não ser o verdadeiro penitente, é salvo."[9]

Abandono do pecado. É uma decisão inflexível e permanente de não repetir a transgressão. Mantendo este compromisso, não é preciso tornar a experimentar o amargo ressaibo desse pecado. Lembrem-se: "(. . .) Mas à alma que peca, retornarão os pecados anteriores."[10] Joseph Smith declarou: "O arrependimento é algo que não pode ser tratado com leviandade todo dia. Pecar diariamente e arrepender-se diariamente não é agradável à vista de Deus."[11]

Confissão do pecado. É sempre necessário confessarmos nossos pecados ao Senhor. Se forem transgressões sérias, como imoralidade, é preciso confessá-las a um bispo ou presidente de estaca. Por favor, entendam que confissão não é arrependimento. É um passo essencial, mas não é suficiente. A confissão parcial, mencionando os erros menores, não ajudará a resolver uma transgressão oculta mais séria. Essencial ao arrependimento é a disposição de contar tudo que fizeram ao Senhor e, quando necessário, a Seu juiz do sacerdócio. Lembrem-se: "O que encobre suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia."[12]

Restituição do pecado. Deve-se restituir ou restaurar, tanto quanto possível, tudo o que se roubou, danificou ou desonrou. A restituição feita com boa vontade é, para o Senhor, uma prova concreta de que nos comprometemos a fazer todo o possível para nos arrependermos.

Obediência a todos os mandamentos. A obediência plena trará o poder total do evangelho a sua vida, com força para concentrarem-se no abandono de pecados específicos. Isso inclui coisas que talvez não considerem parte do arrependimento, como freqüentar as reuniões, pagar o dízimo, servir e perdoar o próximo. O Senhor disse: "(. . .) Aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado."[13]

Gostaria de acrescentar um sexto passo: **Reconhecimento do Salvador.** De todos os passos necessários para o arrependimento, testifico que o mais importante é a convicção de que recebemos perdão por causa do

Redentor. É essencial saber que somente sob as Suas condições podemos ser perdoados. Observem a declaração de Alma: "(. . .) Mas eis que clamei a ele e achei paz para minha alma."[14] Recebereis ajuda ao exercerdes fé em Jesus Cristo.[15] Isso significa confiar Nele e em Seus ensinamentos. Satanás deseja que acreditem que as transgressões sérias não podem ser completamente vencidas. O Salvador deu a vida para que os efeitos de toda transgressão fossem tirados de nós, com exceção do derramamento de sangue inocente e da negação do Espírito Santo.

O fruto do verdadeiro arrependimento é o perdão, que abre a porta para fazermos todos os convênios, realizarmos as ordenanças desta Terra e desfrutarmos as bênçãos resultantes. Quando uma alma arrependida se batiza, todos os seus pecados anteriores são perdoados e não precisam ser lembrados. Quando o arrependimento for completo e a pessoa estiver limpa, surgirá uma nova visão da vida e de suas

gloriosas possibilidades. Como é maravilhosa a promessa do Senhor: "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro."[16] O Senhor é, e sempre será, fiel a suas palavras.

Não fiquem satisfeitos por suas transgressões não serem do conhecimento de outras pessoas. Isso é como um avestruz com a cabeça enfiada na areia. Ele vê somente trevas e sente-se confortavelmente escondido. Na verdade está ridiculamente visível. Da mesma forma, todos os nossos atos são vistos por nosso Pai Celestial e Seu Amado Filho. Eles sabem tudo sobre nós.

O adultério, a fornicação, o homossexualismo e outros pecados graves semelhantes a estes não são estilos de vida alternativos aceitáveis. São pecados sérios. Os maus-tratos físicos e os abusos sexuais são pecados sérios. Esses pecados graves exigem um arrependimento profundo, a fim de serem perdoados. O Presidente Kimball ensinou: "Para todo perdão existe uma condição. O curativo precisa ser tão amplo quanto a ferida. O jejum, as orações e a humildade devem ser iguais ou maiores do que o pecado."[17] "Não se pode pensar que Deus absolverá os pecados graves com apenas alguns pedidos. É provável que Ele espere até haver um arrependimento longo e permanente."[18]

A pessoa que transgride seriamente, não encontra satisfação ou conforto duradouros no que faz. Encobrir a transgressão com um disfarce talvez pareça resolver o problema, mas não resolve. O tentador está decidido a tornar públicas suas iniqüidades nos momentos mais prejudiciais. As mentiras tecem uma teia que fica cada vez mais apertada, até se tornar uma armadilha que Satanás acionará em detrimento da pessoa.

Às vezes os passos do arrependimento são difíceis e dolorosos no início, como lavar uma roupa muito suja. Mesmo assim, eles produzem pureza, paz mental, respeito próprio, esperança e, finalmente, uma nova pessoa, com uma vida nova e uma profusão de oportunidades.

Esta escritura irá ajudá-los a saber o que fazer: "Não obstante, jejuavam e oravam freqüentemente e tornavam-se cada vez mais fortes em sua humildade e cada vez mais firmes na fé em Cristo, enchendo a alma de alegria e consolo, (. . .) resultante da entrega de seu coração a Deus."[19]

Para terminar, com ternura e sinceridade de coração, convido cada um a rever sua vida ponderadamente. Desviaram-se dos padrões que sabem trazer felicidade? Existe um canto escuro em sua vida que precisa ser limpo? Estão fazendo o que sabem ser errado? Enchem a mente de pensamentos impuros? Quando ela está silenciosa e podem pensar claramente, sua consciência pede que se arrependam?

Para que tenham paz nesta vida e felicidade na eternidade, por favor, arrependam-se. Abram o coração ao Senhor e peçam-Lhe que os ajude. Receberão as bênçãos do perdão, receberão paz e o conhecimento de que foram purificados e curados. Encontrem coragem para pedir ao Senhor força para arrependerem-se agora. Testifico solenemente que Jesus é o Redentor. Sei que Ele vive. Testifico que Ele os ama e irá ajudá-los. Obtenham Seu perdão, arrependendo-se agora. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. Ver Mosias 5:10–13.
2. Ver 2 Néfi 2:10.
3. Ver 2 Néfi 9:7–9.
4. Ver 2 Néfi 2:5–8.
5. Ver Alma 42:15.
6. Ver Hel. 5:9.
7. Hel. 5:9–11.
8. Hel. 5:12.
9. Alma 42:24.
10. D&C 82:7.
11. *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 144.
12. Prov. 28:13.
13. D&C 1:32.
14. Alma 38:8.
15. Ver Alma 11:40; 2 Néfi 9:22–24.
16. D&C 58:42.
17. *O Milagre do Perdão*, São Paulo, [Centro Editorial Brasileiro], 1974, p.334
18. *The Teachings of Spencer W. Kimball* (Ensinamentos de Spencer W. Kimball), org.Edward L. Kimball, Salt Lake City; Bookcraft, 1982, p. 85.
19. Hel. 3:35.

Celebrar os Convênios

Bonnie D. Parkin
Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

Os convênios ajudam-me a ver o quadro completo, não apenas os interesses imediatos. (. . .) Ajudam-me a ser uma influência significativa na vida de outras pessoas.

Presidente Hinckley, como líder das moças da Igreja quero, em nome delas, dizer que nós o amamos e apoiamos como nosso profeta.

Caros irmãos e irmãs, estar aqui tão pouco tempo depois de ter sido chamada é como ser jogada dentro de um lago gelado das montanhas — ainda estou tentando refazer-me do choque. Note-se que sou mãe de quatro filhos. Isso mesmo. Filhos. Seria mais fácil imaginar que eu seria chamada para o cargo de líder dos lobinhos. Em vez disso, meu antigo sonho de ter filhas tornou-se duplamente real: primeiro, por meio de quatro noras maravilhosas; segundo, por intermédio de meio milhão de moças espalhadas pelo mundo inteiro. Cada uma delas é única, individualmente apreciada pelo Pai Celestial e reconhecida perante Seus olhos. Como sei que isso é verdade? Porque o Pai Celestial estendeu Sua terna mão dos céus para oferecer amparo e auxílio a mim, Bonnie Parkin; porque a luz de Seu Filho aqueceu-me a alma; porque fiz promessas e convênios que mudaram minha vida, sempre que os cumpri.

Os convênios renovaram sua vida. Vocês se alegram com eles?

Recentemente viajamos até Pasadena, na Califórnia, para a bênção de nossa primeira neta, Jordan Emily. Foi uma experiência única, por dois motivos: Primeiro, porque meu marido e eu pensávamos que os membros da família Parkin fossem incapazes de gerar meninas; segundo, essa bênção foi o primeiro passo oficial de sua jornada mortal como filha de Deus. Sentimos imensa alegria ao prever todo o potencial de sua vida aqui nesta Terra.

Jordan é uma menina afortunada. Seus pais foram selados no templo sob o novo e eterno convênio. Se permanecerem fiéis ao compromisso firmado, Jordan será a beneficiária desse convênio, podendo viver em um lar cheio de paz, amor, proteção e compreensão. Nascer sob o convênio não é um privilégio de todos os membros da Igreja, mas as bênçãos do convênio estão à disposição de todos aqueles que se tornarem merecedores.

Esperamos que a vida da pequena Jordan, como fiel membro da igreja, passe progressivamente pelos seguintes estágios: um bebê que recebe a bênção do sacerdócio; uma filha de Deus que recebe os convênios do batismo; uma moça que cumpre essas promessas iniciais e procura tornar-se digna de fazer e cumprir convênios sagrados; uma mulher que faz os convênios do templo; uma esposa que é selada pelo Santo Espírito da Promessa; por fim, uma filha exaltada que retorna ao lar para os braços abertos de seu Pai Celestial. Essa é nossa jornada como santos.

Falamos muito sobre fazer e cumprir convênios, mas o que são eles exatamente? No batismo, demonstramos estar "dispostos a carregar os fardos uns dos outros, para que fiquem leves; (. . .) chorar com os que choram; (. . .) consolar os que necessitam de consolo e servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares (. . .)" (Mosias 18:8–9). Isso é apenas o início! No templo, fazemos convênio de ser obedientes, de sacrificar, de manter-nos moralmente limpos, de contribuir para a propagação da verdade, de ser castos, de orar, de viver o evangelho e de ser fiéis para sempre.

O Pai Celestial conhece cada um de nós pessoalmente. Os convênios que fazemos com Ele são postos em prática individualmente. O Presidente Howard W. Hunter disse: "Sempre fico impressionado ao perceber que o Senhor nos trata de maneira individual e personalizada. Fazemos muitas coisas em grupo na Igreja, (. . .) mas (. . .) as mais importantes são realizadas individualmente. Abençoamos os bebês um de cada vez, mesmo quando são gêmeos ou trigêmeos. Batizamos e confirmamos as crianças uma de cada vez. Tomamos o sacramento, somos ordenados ao sacerdócio e recebemos as ordenanças do templo individualmente — como *indivíduos* que estão desenvolvendo um relacionamento [pessoal] com o Pai Celestial (. . .) Os céus dão importância ao indivíduo e a cada pessoa em particular" [*Eternal Investments* (Investimentos

Eternos), discurso para a equipe do SEI, 10 de fevereiro de 1989, p. 4; grifo nosso]. Tais compromissos individuais, estabelecidos diretamente com o Pai Celestial, merecem ser celebrados. E consagrados! Lembram-se do que aconteceu quando Alma convidou seu povo a fazer tais convênios? Eles celebraram! "Bateram palmas de alegria". Pergunto-me por que nossos convênios se parecem mais com obrigações do que privilégios.

Quais foram os sentimentos que tivemos na última vez que tomamos o sacramento? Meditamos sobre os convênios feitos na fonte batismal e no templo? O sacramento permite-nos renovar nossos convênios. Sendo assim, se os cumprirmos com honra e exatidão, poderemos sentir-nos tão limpos e puros como quando fomos batizados; tão comprometidos com o selamento no templo como quando éramos recém-casados; tão amados por Deus como a querida e pequena Jordan ao receber seu nome e bênção. Os convênios nos renovam.

Será que os convênios influenciam nossas ações do dia-a-dia? Deveriam. Mesmo que tenhamos de lutar para cumpri-los.

Ouvimos falar de santos que se mantiveram fiéis aos convênios, mesmo enfrentando grande oposição. Ao fazê-lo, sentiram renovado vigor e paz, não somente para a vida futura, mas nesta vida. Isso acontece porque, tal como a quebra de convênios, a fidelidade aos convênios cria hábitos.

Todos já sofremos males, injustiça, dor e sofrimento. Conheço uma mulher que sofreu muito. Seu marido foi-lhe infiel. Ela sofreu e ficou muito magoada. Passaram-se anos, mas a vida lhe sorriu, porque permaneceu fiel a seus convênios.

Existem momentos de tempestade e de bonança na vida. A "esperança (. . .) vem pela fé e é uma âncora para a alma dos homens, tornando-os seguros e constantes, sempre abundantes em boas obras, sendo levados a glorificar a Deus." (Éter 12:4). Os convênios ancoram-nos em rocha sólida, a qual, em meio às tormentas, torna nossas promessas não apenas significativas para a eternidade, mas vitais para nossos dias. Já sentiram o desejo de entoar o cântico do amor que redime por causa de seus convênios?

Numa reunião da Sociedade de Socorro, um grupo de mulheres estava trocando idéias sobre como ensinar a juventude a fazer e cumprir convênios. Uma das mulheres, que enfrentava dificuldades com a filha adolescente, ficou ouvindo as outras falarem de fé, oração, bom exemplo e as escrituras. Por fim, exclamou: "Já tentei tudo isso! E não funcionou!" Brandamente acrescentou: "No momento, o amor é a única coisa que está tendo algum efeito em nossa vida." Essa boa irmã confiava que, de alguma forma, seu convênio de ser caridosa (mesmo tratando-se da própria filha) faria uma diferença. E faz.

Outra jovem, Katie, estava acampando. Sentia-se amargurada e abandonada devido a enormes problemas familiares. Seu testemunho vacilava perigosamente. Uma líder atenciosa, contudo, esforçando-se para viver à altura de seu santo chamado, escreveu um bilhete a Katie, dizendo: "Eu amo você. Acredito em você. Sei que tem um testemunho, pois já a vi prestá-lo de várias maneiras." Escreveu então uma lista dessas maneiras. O bilhete foi recebido na hora certa; Katie encontrou forças para viver seus convênios porque alguém se esforçou para viver os dela.

Mark, um adolescente de minha ala, ergueu-se recentemente na reunião de jejum e falou sobre como estava encontrando forças para viver seus convênios. Resumiu sua fórmula de modo sucinto e memorável. Ele disse: "Uma escritura por dia e Satanás se distancia".

Qual é a recompensa de manter-nos fiéis aos convênios? O bondoso rei Benjamim declarou: "(. . .) por causa do convênio que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo (. . .) E sob este nome vós sois

libertados (. . .)". (Mosias 5:7–8). E seremos "(. . .) redimidos por Deus e contados com os da primeira ressurreição, para que [tenhamos] a vida eterna—". (Mosias 18:9)

Irmãos e irmãs, a fidelidade aos convênios faz com que nos lembremos daquele que nos ajuda a carregar nosso fardo, e este se torna mais leve.

Se falharmos no cumprimento dos convênios, não percamos o ânimo! O Salvador quer que cumpramos nossas promessas e ofertou-nos uma expiação infinita. Se não estamos entoando no coração o cântico do amor que redime, retornemos aos nossos convênios e celebremo-los. Todos podem tornar-se puros como nossa neta. A renovação dos convênios nos despertará, como um banho de água gelada num dia de calor. Lembremo-nos de que milhões de membros da Igreja em todo o mundo estão conseguindo cumprir diariamente seus convênios, apesar de toda a oposição. Todos podemos fazer o mesmo.

Se apenas uma única coisa de tudo que eu disse hoje for lembrada, que seja a importância de sermos fiéis a nossos convênios e de celebrá-los. Meus convênios são a expressão de minha fé; são a razão de eu estar aqui diante de vós neste momento. Os convênios ajudam-me a ver o quadro completo, não apenas os interesses imediatos. Quando meus filhos serviram como missionários, vi os convênios levarem adiante a obra do Senhor. Os convênios ajudam-me a ser uma influência significativa na vida de outras pessoas. Meus convênios não são negociáveis. Tornam mais fácil decidir-me pela justiça. Oro humildemente para que nossos convênios se tornem grande motivo para celebração e grande fonte de força em nossa vida. Prossigamos com honra e justiça, para que a mão do Senhor esteja carinhosamente a nossa espera, quando dela necessitarmos. Considero extremamente preciosos os convênios que Ele fez comigo, e, de todo o coração, espero conseguir manter-me fiel a eles. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Reflexões sobre a Páscoa

Élder Andrew W. Peterson
dos Setenta

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação. Portanto, não te envergonhes do testemunho do Senhor (. . .)" (II Tm. 1:7–8).

Daqui a duas semanas celebraremos a Páscoa e espero que nossa atenção se volte para Jesus Cristo. Para muitas pessoas, esta será uma Páscoa como outra qualquer, mas, para alguns, será um período de meditação, reflexão e avaliação.

Há uma Páscoa em particular da qual me lembro vividamente, há vinte e sete anos, quando eu era missionário na Missão Argentina-Norte. A missão enviara missionários à região sul da Bolívia. Passei aquele domingo de Páscoa de 1968 em Quiriza, Bolívia, um povoado situado nos contrafortes do Altiplano do sul do país. Lembro-me dos preparativos feitos pelos habitantes para aquela Páscoa. A disposição das pessoas, a música, a sensação daquele momento permanecem em minha lembrança até hoje.

Na manhã do domingo de Páscoa, bem cedo, o Élder Arce perguntou-me se poderia acompanhá-lo na visita a uma família que estava pesquisando a Igreja. Pouco depois, andávamos pelas ruas poeirentas daquele povoado, cujas casas de adobe enfileiravam-se pelo caminho. Visitamos a família e com ela examinamos perguntas importantes, como: *De onde viemos? Por que estamos aqui?* e *Para onde iremos depois desta vida?* Para explicá-las, desenhamos figuras com o dedo no chão de terra. O Espírito estava presente; convidamos a família para ser batizada e o convite foi aceito. Naquela tarde, fizemos uma bela reunião batismal. Os batismos foram feitos nas águas barrentas do rio San Juan de Oro, próximo dali. As estações na América do Sul ocorrem ao inverso das dos Estados Unidos: quando aqui é primavera, lá é outono.

Os que iriam ser batizados desapareceram por detrás das grandes e recém-cortadas medas de milho, para só reaparecerem vestidos em

belas roupas brancas de batismo. Tenho gravada na mente, até hoje, a visão daqueles irmãos de pele morena, cabelos escuros e sorriso radiante. Quando reflito na universalidade do convite de Cristo a todas as pessoas de achegarem-se a Ele, ainda fico com os olhos marejados de lágrimas pela forte impressão em mim causada por aquele domingo de Páscoa.

Para mim, ter representado Jesus Cristo quando fui missionário naquele país fez-me pensar nas palavras aos discípulos durante Seu ministério terreno: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste

aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor." (Ver João 10:16.)

Antes de sairmos de Quiriza, Bolívia, rumo à Argentina, fizemos uma fervorosa oração. Eu gostava muito de meu companheiro e, juntos, ajoelhados no chão poeirento de um campo de futebol sob o céu estrelado, revezamo-nos em orações ao Pai Celestial, revelando-Lhe nossos sentimentos mais profundos. Expressamos nosso amor e gratidão por aquele povo, pela missão, por nosso presidente e pelo privilégio de sermos missionários. Prometemos também ajudar as pessoas.

Os anos que se seguiram a minha missão deram-me oportunidade de cumprir tal promessa. Voltei para casa e casei-me com Christine Swensen, minha querida namorada dos tempos de escola, uma companheira maravilhosa, que amo muito. Sendo enfermeira formada, Christine ajudou a terminar a faculdade de odontologia. Quando estava quase me formando e prestes a completar seis anos de casamento, ainda não tínhamos tido filhos. Então, abriu-se uma porta e surgiu a oportunidade de incluirmos Ashley em nossa vida. Nosso querido e amado Ashley.

Um ano depois, viajamos para a Bolívia para buscar Joshua num orfanato. Ele tinha dois anos. Ainda me lembro daquele lindo garotinho caminhando em minha direção com os braços abertos, dizendo: "*Papa, papa*".

Com menos de vinte e quatro horas de vida, trouxemos Megan para casa. Depois, voltamos à Bolívia para buscar Daniel, que tinha cinco meses quando o seguramos nos braços pela primeira vez.

Vários anos mais tarde, quando eu era presidente da Missão México Merida, Jennifer entrou para a família: uma linda menininha guatemalteca de duas semanas, nascida no México. Jennifer tocou o coração de nossos missionários e dos membros do sul do México. Natalie Joy (Natalie "Alegria") uniu-se à família três semanas antes de terminamos nossa missão. O nome do meio, Joy (*Alegria*), é um lembrete indelével do testemunho que recebemos de que ela deveria fazer parte da família.

Depois de dezesseis anos de casamento e seis adoções, nasceram em nossa família Anne e Andrew, para alegria e felicidade de seus irmãos e irmãs. Nossa família é eternamente grata pelo poder de selamento e união existentes no templo, que estão à disposição dos membros da Igreja de Cristo.

Por eu ter feito promessas ao Senhor sob o céu estrelado da Bolívia na Páscoa de 1968, Chris e eu não passamos um dia sequer sem abraçar nossos filhos e sentir o amor de Deus por todos os Seus filhos. Hoje, como na Páscoa de 1968, a Páscoa de 1995 nunca será esquecida.

Seis meses atrás, os membros da Igreja apoiaram o Presidente Howard W. Hunter como décimo quarto Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Naquela conferência, fui apoiado como novo membro do Quórum dos Setenta. No princípio de março, o Presidente Hunter faleceu. Tenho uma vívida lembrança dele. Nunca esqueceremos do que o Presidente Hunter disse aos meus filhos quando fui designado: "Nós amamos vocês. Queremos que se sintam bem entre nós, como se fôssemos uma família." Após a designação, o Presidente Hunter e seus conselheiros, Presidente Hinckley e Presidente Monson, cumprimentaram cada um de nossos filhos—um momento inesquecível. Seis meses depois, dirijo-me a todos os presentes neste Tabernáculo, para falar-lhes pela primeira vez como Autoridade Geral.

E o Presidente Gordon B. Hinckley foi apoiado como décimo quinto Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Durante uma visita à América do Sul, vinte e sete anos atrás, o Élder Gordon B. Hinckley disse algumas palavras aos missionários. Naquela época ele era mais jovem; era Apóstolo havia apenas sete anos. Na ocasião, leu uma escritura e fez uma admoestação: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação. Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor (. . .)" (II Tm. 1:7–8).

O Élder Hinckley exortou-nos a não ter medo nem vergonha do testemunho de Cristo. Como missionário, sua admoestação foi tocante para mim na ocasião e é igualmente importante para todos nós hoje. O Senhor levantou um novo profeta, que não tem medo e está repleto de poder, amor e moderação. Com seu exemplo, o Élder Hinckley lembra-nos de nunca nos envergonharmos do testemunho do Senhor.

Que esta seja uma Páscoa de meditação, reflexão e avaliação. Que tomemos a decisão de sermos obedientes às admoestações dos profetas que guardam as chaves do reino. Um de meus hinos prediletos diz:

"Minha alma hoje tem a luz,
Um esplêndido clarão;
Brilha mais que o sol no céu azul,
Pois vem da salvação."
(*Hinos*, 1985, nº 151)

Jesus é minha luz. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Uma Mesa Rodeada de Amor

Élder LeGrand R. Curtis
dos Setenta

Pensem no potencial de uma família ajoelhada ao redor de uma mesa (sem televisão), orando, rogando ajuda, agradecendo ao Pai as bênçãos recebidas.

Muito se tem escrito sobre a importância do lar. O Élder Marion G. Romney disse que "no fundo dos males fatais da sociedade está a instabilidade familiar".[1] Reconhecemos que algumas casas são grandes, muito bem equipadas e até luxuosas. Outras são bem pequenas e humildes, com instalações limitadas. Ainda assim, como nos lembra um de nossos queridos hinos, "pode o lar ser como o céu, se nele existe amor; (. . .) onde é bom estar" (*Hinos*, 1991, nº 189).

Um dos móveis mais importantes encontrados na maioria dos lares é a mesa da cozinha. Pode ser pequena, grande, ou ter a forma de um pequeno balcão, com pouco espaço para a comida e os utensílios. Aparentemente, sua função principal é ser o lugar onde os membros da família se alimentam.

Nesta ocasião especial, porém, desejo chamar a atenção de todos para uma utilidade superior da mesa da cozinha, onde podemos receber bem mais do que apenas alimento para nosso bem-estar físico.

Uma família, geralmente, é composta de duas ou mais pessoas de idades diferentes, mas seus membros precisam reunir-se, de preferência não só para comer, mas para orar, conversar, ouvir e relatar ocorrências, aprender e crescer juntos. O Presidente Gordon B. Hinckley reafirmou isso claramente: "Meu apelo—e desejaria ser mais eloqüente ao externá-lo—é para que salvemos as crianças. Há crianças demais padecendo de dor e medo, de solidão e desespero. As crianças precisam da luz do sol. Precisam de alegria. Precisam de amor e cuidados. Precisam de bondade, de conforto e de afeição. Todos os lares, independentemente do valor monetário da construção em si, podem prover um ambiente de amor que se transformará num ambiente de salvação."[2]

A maioria dos membros da família está sujeita às várias forças do mundo fora do lar, assim como à influência do rádio, televisão, vídeos, músicas e muitas outras coisas que levamos para dentro de casa.

Imaginem uma família reunida ao redor de uma mesa, talvez a mesa da cozinha, conversando sobre o evangelho, comentando as mensagens da reunião sacramental, falando da última Liahona, conversando sobre a escola, conversando sobre a conferência geral, discutindo alguma lição da Escola Dominical, ouvindo boa música, conversando sobre Jesus Cristo e Seus ensinamentos. A lista poderia ser maior. Não só os pais, mas todos os membros da família agiriam sabiamente ao permitir que todos os presentes tivessem ampla oportunidade de participar.

Pensem no potencial de uma família ajoelhada ao redor de uma mesa (sem televisão), orando, rogando ajuda, agradecendo ao Pai as bênçãos recebidas—ensinando a pessoas de todas as idades a importância de termos um Pai Celestial amoroso. A oração familiar junto com as crianças pode muito bem desenvolver adultos que algum dia estarão orando com sua própria família.

O Presidente Thomas S. Monson reafirmou isso com clareza: "O Senhor ordenou que façamos oração em família, quando disse: 'Orai ao Pai no seio de vossa família, sempre em meu nome, a fim de que vossas mulheres e vossos filhos sejam abençoados.' (3 Néfi 18:21)

Observemos uma típica família de santos dos últimos dias oferecendo orações ao Senhor. Pai, mãe e todos os filhos ajoelham-se, baixam a cabeça e fecham os olhos. Um doce espírito de amor, união e paz enche a casa. Imaginemos o pai ouvindo seu pequeno filho pedir a Deus que seu pai sempre faça o que é certo e seja obediente aos mandamentos. Será que esse pai achará difícil honrar a oração de seu precioso filho? Imaginemos uma adolescente ouvindo sua mãe suplicar ao Senhor que a filha seja inspirada ao selecionar os amigos e que se prepare para o casamento no templo. Será que essa filha não procurará honrar a humilde súplica da mãe que tanto ama? Quando pai, mãe e cada um dos filhos oram sinceramente para que os bons filhos homens da família vivam de maneira digna, de modo a,

no devido tempo, receberem o chamado de embaixadores do Senhor no campo missionário da Igreja, não começamos a ver como esses filhos crescem com um enorme desejo de servir como missionários?"[1]

Como muitos já disseram: "De modo algum podeis deixar vossos filhos e pais saírem de casa diariamente para o mundo, sem se reunirem para conversar com o Senhor." Os pais prudentes devem examinar seus horários e estabelecer que, no mínimo uma vez por dia, toda a família se reunirá para as bênçãos da oração. Os menores aprendem rapidamente a fazer a oração e passam a conhecer os valores preciosos da oração familiar.

Eu já disse antes que "o lar deve ser um lugar feliz, pelo esforço de cada um em mantê-lo assim. Afirma-se que a felicidade começa em casa, e devemos esforçar-nos para fazer do lar um lugar feliz e agradável para nossos filhos. Um lar feliz é centralizado nos ensinamentos do evangelho. Isso requer esforço e dedicação constantes de todos os que dele fazem parte."[4]

Um adolescente que tinha uma vida bastante ocupada, certa vez queixou-se do tempo gasto com orações familiares. A mãe, muito sábia, ao orar no dia seguinte, intencionalmente omitiu o nome daquele filho. Ao fim da oração, o filho perguntou: "Mãe, e eu? Fico fora da oração?" A mãe explicou que estava apenas atendendo a sua reclamação. O filho queixou-se: "Não me deixe de fora."

Vizualizemos uma família em volta de uma mesa, com as escrituras abertas, discutindo diversas verdades e lições. Essa, de fato, é uma mesa rodeada de amor!

Os educadores concordam que as crianças precisam ler muito mais fora das escolas. Podemos abençoar nossos filhos lendo as escrituras com eles diariamente—na mesa da cozinha.

Arranjar tempo para reunir-se à mesa da cozinha pode requerer da família consideráveis ajustes e um planejamento detalhado, mas o que poderia ser de maior importância para a união da família, para seu crescimento espiritual, para as pontes que ligam os familiares enquanto conversam, ouvem e opinam, todos cercados de amor? Nosso maior sucesso reside simplesmente em tentarmos—vez após vez.

Há muitas forças no mundo hoje procurando dizimar a família e o lar. Os pais inteligentes devem lutar para fortalecer seus laços familiares, aumentar a espiritualidade dentro de casa e concentrar-se em Jesus Cristo e na freqüência ao templo. O Presidente Howard W. Hunter disse-nos:

"Oro para que nos tratemos uns aos outros com mais bondade, cortesia, humildade, paciência e perdão. (. . .) Exorto os membros da Igreja a fazerem do templo do Senhor o grande símbolo de sua vida e o local supremo de seus mais sagrados convênios. O meu mais profundo desejo é que todos os membros da Igreja se tornem dignos de entrar no templo."[5]

A orientação do Presidente Hunter pode ser realçada pelo que acontece em volta da mesa da cozinha.

Em nosso lar, devemos treinar como tratar os outros. Como Goethe tão bem disse: "Se tratas [um indivíduo] como ele é, ele permanecerá como é, mas se o tratas como ele [pode] e [tem capacidade] de ser, ele se tornará o que deve ser."[6]

O Presidente Boyd K. Packer declarou: "Introduzir algumas coisas celestiais no lar é garantir a transformação gradual dos membros da família em membros ativos da Igreja. A noite familiar é, com certeza, destinada a esse propósito—uma reunião feita no lar, passível de ser planejada de modo a atender às necessidades de cada um, e que é, ou melhor, pode ser, uma reunião religiosa tanto quanto as reuniões da capela."[7] Este conselho também concorda com o que o Élder Dean L. Larsen nos disse: "Nossas capelas não são o único lugar em que se pode adorar. Nossa casa deve ser igualmente um lugar de devoção. Seria bom se todos os dias pudéssemos voltar para nossa 'igreja doméstica'. Não deveria haver outro lugar em que o Espírito do Senhor fosse mais bem recebido e mais facilmente acessível do que em nosso lar."[8]

Ao trabalharmos para realizar tudo isso no lar, seria bom lembrarnos da importante declaração do Presidente Harold B. Lee: "O trabalho mais importante do Senhor que fareis, será dentro das paredes de vosso próprio lar."[9]

Meu apelo de hoje é que cada um de nós esteja atento ao próprio lar e à mesa da cozinha, e esforçando-se continuamente para estabelecer o céu dentro de sua casa e vindo a Jesus Cristo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1. *A Liahona*, outubro de 1972, p. 8.
2. *A Liahona*, janeiro de 1995, p. 63.
3. Thomas S. Monson, *Pathways to Perfection* (Caminhos para a Perfeição) (Salt Lake City, Deseret Book Co., 1973, p. 26.
4. *A Liahona*, janeiro de 1991, p. 12
5. *A Liahona*, setembro de 1994, p. 2.
6. Emerson Roy West, *Vital Quotations* (Citações Vitais) (Salt Lake City: Bookcraft, 1968), p. 171.
7. *Ensign*, fevereiro de 1972, p. 71.)
8. *A Liahona*, janeiro de 1990, p. 71.
9. *A Liahona*, julho de 1992, p. 38.

Apostasia e Restauração

Élder Dallin H. Oaks
do Quórum dos Doze Apóstolos

O propósito da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é ajudar todos os filhos de Deus a entenderem seu potencial e alcançarem seu destino mais elevado.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e outras igrejas cristãs têm muitas crenças em comum. Existem, porém, diferenças que explicam por que nossos missionários pregam a outros cristãos, por que construímos templos além de igrejas e por que nossas crenças nos proporcionam felicidade e força suficientes para enfrentarmos os desafios da vida e da morte. Desejo falar sobre alguns dos importantes acréscimos que nossas doutrinas fazem à fé cristã. Meu tema é apostasia e restauração.

No ano passado, pesquisadores descobriram uma cidade-fortaleza romana no Sinai, próxima ao Canal de Suez. Apesar de ter sido uma grande cidade em outros tempos, permanecera coberta de areia e esquecida por centenas de anos. [Ver *Remains of Roman Fortress Emerge from Sinai Desert* (Restos de Fortaleza Romana Emerge no Deserto do Sinai), Deseret News, 6 de out. de 1994, p. A20.] Descobertas como essa contradizem a comum hipótese de que o conhecimento aumenta com a passagem do tempo. Na realidade, o conhecimento dos homens com respeito a alguns assuntos regride à medida que algumas verdades importantes são distorcidas ou ignoradas e, finalmente, esquecidas. Por exemplo, os índios americanos, em muitos aspectos, conseguiam viver mais em harmonia com a natureza do que nossa sociedade moderna. Da mesma forma, os artistas e artesãos modernos não têm conseguido reproduzir certas técnicas e materiais superiores do passado, como no caso do verniz do violino Stradivarius.

Seríamos mais sábios se pudéssemos restaurar o conhecimento de certas coisas importantes que foram distorcidas, ignoradas ou esquecidas. Isso também se aplica ao conhecimento religioso e explica a necessidade da restauração do evangelho proclamada por nós.

Quando pediram a Joseph Smith que explicasse os dogmas principais de nossa religião, ele escreveu o que hoje chamamos de Regras de Fé. A primeira regra diz: "Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo." O Profeta mais tarde declarou que "entre os princípios simples e básicos do evangelho" está o de conhecer "com certeza o caráter de Deus". ["Conference Minutes" (Minutas de Conferências), Times and Seasons, 15 de agosto de 1844, p. 614.] Devemos começar com a verdade a respeito de Deus e nosso relacionamento com Ele. Tudo o mais parte disso.

Do mesmo modo que o resto da cristandade, nós acreditamos na Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. Contudo, testificamos que esses três membros da Trindade são seres separados e distintos. Também testificamos que Deus, o Pai, não é apenas um espírito, mas uma pessoa glorificada que tem um corpo tangível, assim como Seu Filho ressuscitado, Jesus Cristo.

Quando as doutrinas que hoje temos na Bíblia foram pela primeira vez transmitidas à humanidade, eram "claras e puras e muito preciosas e de fácil compreensão (. . .)" (1 Néfi 14:23). Mesmo na versão traduzida que herdamos hoje, a linguagem bíblica confirma que Deus, o Pai, e Seu Filho ressuscitado, Jesus Cristo, são seres tangíveis e distintos. Para citar apenas duas dessas doutrinas, a Bíblia declara que o homem foi criado à imagem de Deus e descreve a manifestação de três membros separados da Trindade no batismo de Jesus. (Ver Gênesis, 1:27; Mateus 3:13–17.)

Ao contrário de nós, muitos cristãos rejeitam as idéias de um Deus individual e tangível e da Trindade formada por três seres separados. Acreditam que Deus é um espírito e que a Trindade é um só Deus. Em nossa visão, esses conceitos são evidências do afastamento da verdade a que chamamos Grande Apostasia.

Afirmamos que os conceitos identificados por termos não constantes das escrituras, como "o incompreensível mistério de Deus" e "o mistério da Santíssima Trindade", são atribuíveis às idéias da filosofia grega. Esses conceitos filosóficos causaram uma transformação no cristianismo nos primeiros séculos após a morte dos Apóstolos. Por exemplo, os filósofos da época argumentavam que a matéria física era maligna e que Deus era um espírito sem sentimentos ou paixões. Para as pessoas que acreditavam nessas

afirmações, entre elas homens instruídos que se tornaram influentes conversos do cristianismo, foi difícil aceitar os ensinamentos singelos do cristianismo primitivo: um Filho Unigênito que professava ser a imagem expressa de Seu Pai Celestial e que ensinava Seus seguidores a serem um, assim como Ele e o Pai eram um; e um Messias que morreu numa cruz e mais tarde apareceu a Seus seguidores como um Ser ressuscitado de carne e ossos.

O conflito entre o mundo especulativo da filosofia grega e a fé e prática simples e literal dos primeiros cristãos produziu sérias contendas que ameaçavam agravar as divisões políticas do império romano, que se fragmentava. Isso levou o Imperador Constantino a convocar o primeiro concílio da igreja, em 325 d.C. A realização do concílio de Nicéia representa o evento isolado mais importante após a morte dos Apóstolos para a formulação do moderno conceito cristão da deidade. O Credo de Nicéia apagou o conceito do Pai e do Filho como seres separados, definindo Deus, o Filho, como sendo "a mesma substância que o Pai".

Outros concílios se seguiram e, com as decisões e escritos de clérigos e filósofos, surgiu uma mistura de filosofia grega e doutrina cristã, na qual os cristãos ortodoxos daquela época perderam a plenitude da verdade a respeito da natureza de Deus e da Trindade. Persistem conseqüências nos vários credos do cristianismo que proclamam uma Trindade de apenas um ser e descrevem esse único ser ou Deus como "incompreensível" e "sem corpo, partes ou paixões". Uma das características distintas da doutrina da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é sua rejeição de todos esses credos pós-bíblicos. [Ver Stephen E. Robinson, *Are Mormons Christians?* (São os Mórmons Cristãos?) Cidade de Salt Lake, Bookcraft, 1991; *Encyclopedia of Mormonismo* (Enciclopédia do Mormonismo), ed. Daniel H. Ludlow, 4 vols., Nova York, Macmillan Publishing Co., 1992, verbetes consultados: "Apostasy", "doctrine", "God the Father", "Godhead".]

No processo do que chamamos Apostasia, o Deus tangível e pessoal do Velho e do Novo Testamentos foi substituído pela deidade abstrata e incompreensível definida por concessões aos princípios especulativos da filosofia grega. A linguagem da Bíblia permaneceu, mas os assim chamados "significados ocultos" de palavras bíblicas passaram a ser explicados com o vocabulário de uma filosofia estranha a suas origens. Na linguagem dessa filosofia, Deus, o Pai, passou a ser Pai apenas num sentido figurado, deixando de existir como Ser compreensível e piedoso. Além disso, a identidade distinta de Seu Filho Unigênito foi absorvida numa abstração filosófica que tentou estabelecer uma substância comum e um relacionamento incompreensível. Essas descrições de uma filosofia religiosa são, certamente, pouco diplomáticas, mas apresso-me a acrescentar que os santos dos últimos dias não dirigem essas críticas às pessoas que professam essas crenças. Acreditamos que a maioria dos líderes e seguidores religiosos são crentes sinceros, que amam a Deus e que O entendem e servem da melhor maneira que lhes é possível. Devemos muito aos homens e mulheres que mantiveram viva a luz da fé e do ensino através dos séculos até os dias de hoje. Precisamos apenas comparar a luz menor existente entre os povos pouco familiarizados com os nomes de Deus e de Jesus Cristo para percebermos a grande contribuição feita pelos mestres cristãos através dos tempos. Nós os reverenciamos como servos de Deus.

Depois, aconteceu a Primeira Visão. Um menino sem estudos, buscando conhecimento na fonte original, viu dois personagens de brilho e glória indescritíveis, e ouviu um deles, apontando para o outro, dizer: "Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O." (Joseph Smith 2:17). A instrução divina dada nessa visão iniciou a restauração da plenitude do evangelho de Jesus Cristo. Deus,

o Filho, disse ao menino-profeta que todos os "credos" das igrejas daquela época "eram uma abominação a Sua vista" (v. 19). Afirmamos que essa declaração divina foi uma condenação dos credos, não dos seguidores fiéis que neles acreditavam. A Primeira Visão de Joseph Smith mostrou que os conceitos da época a respeito da natureza de Deus e da Trindade eram falsos e não poderiam levar seus adeptos ao destino que Deus desejava para eles.

Após receber inúmeras escrituras e revelações modernas, esse profeta dos dias atuais declarou: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito." (D&C 130:22)

Essa crença não significa que alegamos ter maturidade espiritual suficiente para compreender Deus, nem que equiparamos nosso corpo mortal imperfeito a Seu Ser glorificado e imortal; mas, compreendemos os fundamentos que Ele revelou a respeito de Si próprio e dos outros membros da Trindade. E esse conhecimento é essencial para nossa compreensão do propósito da vida mortal e de nosso destino eterno como seres ressurretos após a vida mortal.

Na teologia da igreja restaurada de Jesus Cristo, o propósito da vida mortal é preparar-nos para entender nosso destino como filhos e filhas de Deus, a fim de nos tornarmos como Ele. Tanto Joseph Smith como Brigham Young ensinaram que "nenhum homem (. . .) conhece a si mesmo a menos que conheça a Deus, e não pode conhecer a Deus a menos que conheça a si mesmo." [Journal of Discourses (Coletânea de Discursos), 16:75; ver também *The Words of Joseph Smith* (As Palavras de Joseph Smith), Andrew F. Ehat e Lyndon W. Cook, Provo, Centro de Estudos Religiosos, Universidade Brigham Young, 1980, p. 340.] A Bíblia descreve os mortais como "filhos de Deus" e "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo". (Romanos 8:16–17). Declara, também, que "com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados" (Rom. 8:17) e que, "quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele (. . .)". (I João 3:2). Tomamos esses ensinamentos bíblicos literalmente. Acreditamos que o propósito da vida mortal é adquirirmos um corpo físico e, por meio da expiação de Jesus Cristo e da obediência às leis e ordenanças do evangelho, qualificar-nos para a condição glorificada, ressurreta e celeste que é chamada exaltação ou vida eterna.

Como outros cristãos, acreditamos num céu ou paraíso e em um inferno, após a vida mortal, mas, para nós, essa divisão dos justos e dos iníquos é apenas temporária, enquanto os espíritos dos mortos aguardam a ressurreição e julgamento final. O destino de cada um após o julgamento final é diferente. Nosso conhecimento, por meio da restauração, do caráter distinto dos três membros da Trindade dá-nos a chave para entendermos a diversidade da glória dos ressuscitados.

No julgamento final, os filhos de Deus serão designados ao reino de glória para o qual sua obediência os qualificou. Em suas cartas aos Coríntios, o Apóstolo Paulo descreveu esses lugares. Ele contou ter tido uma visão na qual "foi arrebatado ao terceiro céu" e "ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar." (II Coríntios 12:2,4). Mencionando a ressurreição dos mortos, ele descreveu "corpos celestes", "corpos terrestres" (I Cor. 15:40) e "corpos telestes" (I Cor. 15:40 JST), cada um pertencendo a um diferente grau de glória. Ele comparou essas diferentes glórias ao sol, à lua e às diferentes estrelas (ver I Cor. 15:41). Aprendemos, com as revelações modernas, que esses três diferentes graus de glória estão particularmente relacionados aos três diferentes membros da Trindade.

O grau mais baixo é o domínio teleste, daqueles que "não receberam o evangelho, nem o testemunho de Jesus, nem os profetas (. . .)" (D&C 76:101) e que tiveram de sofrer por suas iniqüidades. Mas mesmo esse grau tem uma glória que "ultrapassa a todo o entendimento (. . .)" (D&C 76:89). Seus ocupantes recebem o Espírito Santo e a administração de anjos, pois mesmo aqueles que foram iníquos serão, no final, "herdeiros [desse grau de] salvação." (D&C 76:88)

O grau de glória seguinte, o terrestre, "em todas as coisas ultrapassa a glória do teleste, em glória, em força, em poder e em domínio." (D&C 76:91). O terrestre é a morada daqueles que foram "os homens honrados da terra (. . .)" (D&C 76:75). Sua característica mais marcante é que os qualificados para a glória terrestre "recebem da presença do Filho (. . .)" (v. 77). Conceitos do conhecimento de todos os cristãos poderiam assemelhar esse reino mais elevado ao céu, devido à presença do Filho.

Ao contrário do cristianismo tradicional, juntamo-nos a Paulo para afirmar a existência de um terceiro e mais elevado reino. A revelação moderna descreve-o como o reino celeste—o lar daqueles cujos corpos são celestiais, cuja glória é a do sol, a glória de Deus (. . .)" (D&C 76:70). Os que se qualificarem para esse reino de glória "habitarão na presença de Deus e Seu Cristo para todo o sempre." (D&C 76:62). Aqueles que cumprirem os requisitos elevados deste reino, incluindo fidelidade aos convênios feitos em um templo de Deus e ao casamento para a eternidade, serão exaltados com o estado divino indicado como "plenitude" do pai ou vida eterna (D&C 76:56, 94, ver também D&C 131; 132:19–20). (Essa vida eterna ou vida de Deus deve ser do conhecimento de todos os que já estudaram a antiga doutrina e crença cristã da deificação ou apoteose.) Para nós, a vida eterna não é uma união mística com um deus-espírito incompreensível. A vida eterna é a vida em família com um amoroso Pai Celestial, com nossos progenitores e nossa posteridade.

A teologia do evangelho restaurado de Jesus Cristo é abrangente,

universal, misericordiosa e verdadeira. Após as necessárias experiências da vida mortal, todos os filhos e filhas de Deus serão, no final, ressuscitados e irão para um reino de glória. Os justos, a despeito de sua denominação ou crença religiosa, irão no final para um reino de glória cuja maravilha está além de nossa compreensão. Mesmo os iníquos, ou quase todos eles, no final irão para um reino de glória maravilhoso—embora inferior. Tudo isso ocorrerá por causa do amor de Deus por Seus filhos e por causa da expiação e da ressurreição de Jesus Cristo, "o Qual glorifica o Pai e salva todas as obras de Suas mãos (. . .)". (D&C 76:43)

O propósito da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é ajudar todos os filhos de Deus a entenderem seu potencial e alcançarem seu destino mais elevado. Esta Igreja existe para proporcionar aos filhos e filhas de Deus os meios de entrarem para a exaltação no reino celestial.

Esta é uma igreja cujas doutrinas e práticas concentram-se na família. Nossa compreensão da natureza e propósito de Deus, o Pai Eterno, explica nosso destino e nosso relacionamento em Sua família eterna. Nossa teologia começa com genitores celestiais. Nossa mais elevada aspiração é ser como eles. Sob o misericordioso plano do Pai, tudo isto é possível por meio da expiação do Unigênito do Pai, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Como genitores terrenos, participamos do plano do evangelho fornecendo um corpo mortal a filhos espirituais de Deus. A plenitude da salvação eterna é um assunto familiar.

É a realidade dessas gloriosas possibilidades que nos faz proclamar a mensagem do cristianismo restaurado a todas as pessoas, mesmo a bons cristãos praticantes de outras crenças. Por isso construímos templos. Essa é a fé que nos dá força e alegria para enfrentarmos os desafios da vida mortal. Oferecemos estas verdades e oportunidades a todas as pessoas e testificamos sua veracidade em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Temos Um Trabalho a Fazer

Presidente Gordon B. Hinckley

A Igreja necessita de sua força. Ela necessita de seu amor e lealdade e devoção. Ela necessita de um pouco mais de seu tempo e energia.

Irmãos e irmãs, apenas algumas palavras para concluirmos. Em primeiro lugar, gostaria de dizer-lhes que participamos de um milagre. Ao escutar todos que participaram, observei que não houve repetição de temas. Cada homem e mulher que falou escolheu o próprio assunto. Não se designou a qualquer dos oradores o tema de seu discurso. Ainda assim, eles todos formam um todo belo e maravilhoso. Sinto-me profundamente grato ao Senhor pelas maravilhosas bênçãos que derrama sobre nós. Ouvimos conselhos sábios e inspirados. Recebemos ensinamentos e fomos edificados.

Há uma semana, realizou-se neste tabernáculo a conferência das moças. Quão inspirador foi contemplar o rosto delas, de milhares delas! Não é possível fazê-lo sem sentir-se paz e certeza em relação ao futuro desta obra. O tema da conferência foi um apelo às moças para lerem as escrituras. Lembro-me de minha própria juventude. Nem os rapazes nem as moças liam muito as escrituras, naquele tempo. Que maravilhosa mudança se operou! Surge uma nova geração, familiarizada com a palavra do Senhor. Ao crescer em um ambiente mundano, carregado de imoralidade e imundície de todos os tipos, nossos jovens, em sua maioria, estão enfrentando o desafio de viverem no mundo sem participar de seus males. O mesmo que se passa com as moças acontece com os rapazes. Ontem à noite, o tabernáculo estava cheio de pais e filhos, e centenas de milhares reuniram-se em outros locais da Igreja. É maravilhoso sentir-se a vibração desta geração de jovens. Obviamente, há alguns que não se encaixam. Isso acontece desde a guerra nos céus descrita por João, o Revelador. O ponto em questão era o livre-arbítrio, como ainda o é hoje. Naquele momento, bem como agora, tinha-se de fazer escolhas.

"E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e seus anjos;

Mas não prevaleceram , nem mais o seu lugar se achou nos céus.

E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele." (Apocalipse 12:7–9)

A antiga luta continua, a

O Presidente Gordon B. Hinckley dirige uma sessão da conferência.

implacável batalha que tem origem no livre-arbítrio. Alguns, infelizmente, fazem a escolha errada. Muitos, no entanto, escolhem o certo, e entre eles encontram-se inúmeros de nossos rapazes e moças. Eles merecem nossa gratidão e necessitam dela. Precisam de nosso encorajamento. Precisam do tipo de exemplo que podemos tornar-nos diante deles. Que sejam abençoados ao procurarem levar uma vida de virtude, de aprendizado, de crescimento com fé e propósito, permanecendo, o tempo todo, "Sempre fiéis (. . .) [à] fé (. . .), Sempre valentes, [lutando com ardor]". (Ver *Hinos*, 1990, nº 183.)

Na conferência das Moças foi dado destaque às palavras de Alma, encontradas no capítulo trinta e dois do livro de Alma. Seus ensinamentos incluem estas palavras: "(. . .) se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes uma partícula de fé (. . .)". (V. 27)

Meus caros companheiros, muitos mais entre nós precisamos despertar e exercitar nossas faculdades e conscientizar-nos das grandes e eternas verdades do evangelho de Jesus Cristo. Cada um de nós pode sair-se um pouco melhor do que no momento. Podemos ser um pouco mais bondosos e gentis. Podemos ser um pouco mais misericordiosos. Podemos perdoar mais. Podemos deixar de lado as fraquezas do passado e seguir adiante com energia renovada e mais disposição de melhorar o mundo a nossa volta, em nossos lares, em nossos locais de trabalho, em nossas atividades sociais. Temos uma obra a realizar e temos muito trabalho. Arregacemos as mangas e coloquemos mãos à obra, com compromisso renovado, depositando nossa confiança no Senhor.

Vinde, ó santos, sem medo ou temor;
Mas alegres andai.
Rude é o caminho ao triste viajor,
Mas com fé caminhai.
(*Hinos*, 1990, nº 20)

É-nos possível fazê-lo, se formos fervorosos e fiéis. Podemos fazer mais do que temos feito até agora.

A Igreja necessita de sua força. Ela necessita de seu amor e lealdade e devoção. Ela necessita de um pouco mais de seu tempo e energia.

Não peço a ninguém que dê mais às custas de seu empregador. Temos a obrigação de ser homens e mulheres absolutamente honestos e íntegros no trabalho para os que nos empregam.

Não peço a ninguém que o faça às custas da família. O Senhor irá responsabilizá-los por seus filhos. Sugiro, isso sim, que passemos menos tempo ociosos, dedicando-nos à atividades infrutíferas como assistir a programas de televisão ocos e vazios. Podemos utilizar esse tempo de modo melhor, e as conseqüências serão maravilhosas. Não hesito em assegurar-lhes isso.

Amados irmãos e irmãs, ao voltarmos para nossos lares, que o façamos em segurança e ponderemos as coisas que ouvimos nos últimos dois dias. Que tenhamos a determinação de tentar, com um pouco mais de afinco, ser um pouco melhores. Saibam que compreendemos seus problemas. Estamos cientes de que muitos carregam pesados fardos. Suplicamos ao Senhor por todos. Juntamos nossas orações às suas, a fim de que encontrem soluções para seus problemas. Deixamos com todos uma bênção, sim, uma bênção apostólica. Abençoamo-los para que o Senhor lhes conceda Sua graça, para que haja alegria e paz em seus lares e em suas vidas, para que haja uma atmosfera de amor, respeito e apreço entre maridos e mulheres, entre filhos e pais. Confiem em Deus para que vivam (ver Alma 37:47) com alegria, segurança, paz e fé.

Na abertura desta sessão, o coro cantou um hino maravilhoso. "Fé dos nossos pais, sagrada fé, Seremos fiéis a ti até a morte!" (*Hymns, 1985, nº 84.*) Gostaria de deixar-lhes este pensamento: "Fé dos nossos pais, sagrada fé, Seremos fiéis a ti até a morte!" Que Deus os abençoe, meus queridos amigos, nesta gloriosa obra, oro humildemente em nome Daquele a quem todos servimos, sim, o Senhor Jesus Cristo. Amém. □

REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO
25 de março de 1995

Pôr à Prova a Palavra de Deus

Virginia H. Pearce
Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

Decida, consigo mesma, que arranjará tempo para a leitura das escrituras (. . .) E depois ao fazê-lo, observe os sentimentos que acompanham sua decisão.

Queiram abrir o Livro de Mórmon em Alma, capítulo 31. O profeta Alma foi para a terra de Antiônum, a fim de ensinar o povo zoramita. Muitos deles queriam adorar a Deus, mas estavam confusos e desanimados. Alma desejava mudar a vida dessas boas pessoas. Acreditava que ouvir e pôr à prova a palavra de Deus seria a melhor maneira de se tornarem felizes e satisfeitas. Ele acreditava que a palavra realmente modificava a mente do povo se eles a pusessem à prova. Alma, capítulo 31, versículo 5:

"Ora, como a pregação da palavra exercia uma grande influência sobre o povo, levando-o a praticar o que era justo—sim, surtia um efeito mais poderoso sobre a mente do povo do que a espada ou qualquer outra coisa que lhe houvesse acontecido—Alma, portanto, pensou que seria aconselhável pôr à prova a virtude da palavra de Deus."

A palavra de Deus poderia ser um outro modo de dizer "escrituras."

Alma usou uma semente para exemplificar a palavra. Ensinou aos desanimados zoramitas que se [dessem] lugar em [seu] coração para que uma semente [fosse] plantada" (Alma 32:28), e observassem depois que ela vinha acompanhada de bons sentimentos, começariam a compreender e a vida passaria a ser diferente para eles.

Poderia essa ser uma forma de dizer: "Decida consigo mesma que arranjará tempo para a leitura das escrituras. E depois ao fazê-lo, observe os sentimentos que acompanham sua decisão? Alma então ensinou que "à medida que a árvore começar a crescer" (Alma 32:37), precisará ser tratada com muito cuidado. Seria um modo de dizer: "Cultivem o desejo de ler. Façam algumas coisas que as mantenham lendo e as levem a novas formas de compreensão. Permitam que outras pessoas as influenciem com seu entusiasmo e ajudem-nas a aprender mais com as escrituras, de modo que a palavra continue a crescer"?

Alma ensinou que, se esse tratamento continuasse por muito tempo, brotariam frutos maravilhosos. Vejamos Alma, capítulo 32, versículo 42:

"E por causa de vosso esforço e de vossa fé e de vossa paciência em cultivar a palavra para que crie raiz em vós, eis que pouco a pouco colhereis o seu fruto, que é sumamente precioso, que é mais doce que tudo que é doce, que é mais branco que tudo que é branco, sim, e mais puro que tudo que é puro; e banquetear-vos-eis com esse fruto, até vos fartardes, de modo que não tereis fome nem tereis sede."

Seria essa forma de dizer: "Quando vocês continuarem a ler e aplicarem o que leram, sua vida acabará se transformando de uma forma

inimaginável. Os revezes diários serão substituídos pelo conhecimento de o quanto Deus as ama.

E vocês irão banquetear-se e fartar-se?

Cada hino, cada escritura lida, cada história narrada e todos os conselhos dados esta noite têm o objetivo de incentivar cada uma de nós a (1) tomar a decisão pessoal de ler as palavras de Deus, de entender melhor (2) como cultivar e apreciar a leitura das escrituras e (3) reconhecer os bons sentimentos e mudanças que advirão da leitura regular das escrituras. Nas palavras de Alma, (1) dar lugar (2) cultivar a palavra (3) banquetear.

[As palavras de Irmã Pearce encerraram-se com seis moças lendo, em Alma 32:27–28, 42:]

"Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes uma partícula de fé, sim, mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, deixai que esse desejo opere em vós (. . .)

Compararemos a palavra a uma semente (. . .), se derdes lugar em vosso coração para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira, ou seja, uma boa semente, se não a lançardes fora por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, eis que ela começará a inchar (. . .); e quando tiverdes essa sensação de crescimento, começareis a dizer a vós mesmos:

Deve ser uma boa semente, ou melhor, a palavra é boa, porque começa a dilatar-me a alma; sim, começa a iluminar-me o entendimento, (. . .) começa a ser-me deliciosa. (. . .)

E por causa de vosso esforço e de vossa fé e de vossa paciência em cultivar a palavra para que crie raiz em vós, eis que pouco a pouco colhereis o seu fruto, que é sumamente precioso, que é mais doce que tudo que é doce, (. . .) e mais puro que tudo que é puro; e banquetear-vos-eis com esse fruto, até vos fartardes, de modo que não tereis fome nem tereis sede." Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Banquetear-se com a Palavra de Deus

Bonnie D. Parkin
Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

As escrituras (. . .) irão iluminá-las, elevá-las, consolá-las e fortalecê-las. Irão envolvê-las num manto de amor celestial.

Poderia haver visão mais bela do que a de mães e filhas sentadas lado a lado? Quando olho para o rosto de cada pessoa presente neste Tabernáculo e imagino o grande número de jovens reunidas nas capelas em todo o mundo, fico realmente assombrada. Para uma pessoa como eu, criada numa fazenda em Herriman, Utah, esta é uma visão comovente.

Irmãs, quero contar-lhes um segredo. Adoro comer. Quando a comida está bem temperada, quando foi preparada da maneira correta e servida de modo atraente, sinto-me no paraíso! Engordo só de ler um cardápio.

Sabiam que o Senhor não espera que façamos regime? É verdade! Examinem 2 Néfi 9:51. Observem atentamente a última linha. Diz: "(. . .) deixai que vossa alma se deleite na abundância." Mas na abundância de quê? Chocolate?

Vejam bem: na abundância da palavra de Deus. Quando foi a última vez que se banquetearam com a palavra? Podemos nos fartar sem sentir culpa, sabiam disso?

Uma das melhores partes de meu novo chamado é participar de um banquete espiritual com a presidência. Iniciamos a reunião estudando as escrituras. A irmã Hales começa, perguntando-nos: "Alguém trouxe as escrituras?" Alguém sempre traz. Procuramos referências remissivas, pesquisamos no Guia de Estudo das Escrituras, aplicamos idéias a nossa vida, e pensamos em nossas jovens.

Estudar as escrituras é uma forma de convidar o Espírito para estar conosco. É uma ocasião em que nos sentimos mais próximas uma da outra, em que além de um lápis vermelho para marcar os versículos, expressamos nossos sentimentos, nossa compreensão do evangelho e nossos desejos. Tornamo-nos mais unidas, mais capazes de servi-las. Em suas reuniões de presidência das Abelhinhas, Meninas-Moças, Lauréis ou de presidência das Moças vocês participam desse tipo de banquete? Experimentem começar essas reuniões com um pensamento das escrituras. Acho que ficarão surpresas com a espiritualidade dessa experiência.

Eu não estudava muito as escrituras quando jovem. Gostaria de tê-lo feito. Somente quando me mudei

para Seattle, no Estado de Washington, percebi que estava faminta de saber o que as mulheres espirituais de nossa ala sabiam. Queríamos ter filhos justos, que fossem "ensinados por suas mães" a não duvidar (Alma 56:47). Como um bom jantar, o evangelho torna-se mais interessante se acompanhado de um amigo. Eu tinha Louise Nelson. Banqueteavamo-nos juntas.

Lembro-me de ler histórias das escrituras para meus filhos sentada num velho sofá. Ao estudarmos, o poder das escrituras começou a permear nossa vida. Aprendi que Rute deixou a família para se unir aos fiéis, que Saria criou filhos no deserto, que Ester arriscou a vida para salvar outras pessoas e, o mais importante, que Maria deu à luz seu filho num estábulo e colocou-O numa manjedoura. Aprendi que Deus realizou milagres na vida de outras pessoas e que poderia fazer maravilhas na minha também.

Descobri as escrituras mais tarde do que alguns, mas descobri-as.

Hoje, como ao ler um bom cardápio, ainda sinto fome de palavras sábias. Por que não ganhar um pouco de peso espiritual?

Não é sempre fácil. Há coisas que ainda não entendo, mas, quando olho para tudo isso, implorando a companhia do Senhor, as escrituras enchem-me o espírito com o Espírito.

Elas farão o mesmo pelas jovens: irão iluminá-las, elevá-las, consolá-las e fortalecê-las. Irão envolvê-las num manto de amor celestial. Como sei disso? Porque elas fizeram o mesmo comigo. É a promessa do Pai Celestial para nós. Significa comer à mesa do Senhor.

Queridas irmãs, convido-as a pôr à prova a palavra de Deus, a banquetear-se com ela. Como disse Jesus: "Examinai as Escrituras (. . .) são elas que de mim testificam." (João 5:39)

Sei que Ele vive, que nos ama e que ainda está estendida a Sua mão. Que eu sirva a todas as jovens e a Ele, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Banquetear-vos-eis com Esse Fruto"

Janette C. Hales
Presidente Geral das Moças

As escrituras nos ajudarão a melhorar nossa conduta quando passarmos a conhecer o Salvador, Jesus Cristo.

Pouco depois de ter sido chamada como presidente geral das Moças, recebi uma carta de uma jovem de Nairóbi, Quênia, na África Oriental. Sylvia, na época com quinze anos, contou-me que seu pai falecera num acidente de carro e disse:

"Quando ele morreu, senti como se uma parte de mim tivesse morrido também. Tudo isso me tornou uma pessoa diferente, de quem não gosto. Afetou meus estudos e minha natureza espiritual. Minhas notas estão piorando. Detesto a escola. Há vezes em que esqueço de orar. Estou perdendo minha confiança em Deus. Todo o amor, entusiasmo e segurança que costumava sentir desapareceram.

Irmã Hales, por favor, ajude-me. Sinto que se não fizer algo, se não obtiver ajuda, destruirei a mim mesma."

Senti a urgência da súplica de Sylvia, mas eu estava a milhares de quilômetros de distância. Cuidadosamente, escrevi-lhe uma carta, esperando que minhas palavras de fé ajudassem-na a resgatar sua confiança no Pai Celestial. Depois, sugeri: "Leia as escrituras diariamente. Após ler as escrituras todos os dias, por favor, escreva-me e conte-me se isso a ajudou a sentir-se melhor."

Semanas mais tarde, Sylvia disse: "Eu tinha parado de ler as escrituras; quando as lia, era como se não conseguisse entendê-las e colocava-as de lado. Sua carta deu-me o desejo de (. . .) estudar mais diligentemente as escrituras. Estou descobrindo um alimento espiritual muito valioso. Obrigada pela sugestão."

Sylvia recebeu ajuda quando se sentiu desesperada e sozinha, mas achou também que as escrituras poderiam ajudá-la a melhorar sua vida. Mais tarde, disse:

"Decidi trabalhar arduamente para me tornar uma pessoa melhor. Tenho que sobrepujar alguns de meus traços de caráter negativos, substituí-los por qualidades e não me deixar abater pelas pessoas que querem me humilhar e destruir minha fé, especialmente na escola onde sou a única jovem SUD."

Persistindo em seu compromisso de ler as escrituras Sylvia deu-se conta de que o Pai Celestial a

guiaria ao tomar decisões.

Mais tarde, ela disse: "Tenho estado ocupada, mas não me esqueci das escrituras. Quero ter a fé do irmão de Jarede ou de Néfi, que lhes permitiu saber a vontade do Senhor em relação a eles. Estou pensando em como fortalecer minha fé. Fiz dezesseis anos."

Com o passar dos meses, a compreensão de Sylvia sobre as escrituras foi-se aprofundando e ela mostrou o desejo de ajudar outras pessoas. "Adoro ir à Igreja", disse ela, "e a melhor parte é quando trabalho com as crianças da Primária. Adoro ouvi-las cantar, ler e dizer o que sentem."

Quando Sylvia passou a ajudar os outros, começou a entender melhor o Salvador. Contou-me que leu sobre o ministério final de Cristo na Terra, a crucificação e a ressurreição, vindo a entender mais claramente a missão de Cristo no mundo e Seu grande amor por nós. Sylvia continuou a enfrentar desafios e a pressão dos amigos, mas encontrou uma fonte de ajuda permanente nas escrituras. Quando soube do falecimento de minha mãe, escreveu-me uma carta, incentivando-me a fortalecer minha fé.

A sugestão feita a ela três anos atrás, de ler as escrituras, foi uma ajuda muito maior do que eu poderia ter dado pessoalmente. A leitura das escrituras ajudou-a em sua crise imediata, mas as escrituras tornaram-se também um auxílio permanente que estará sempre com ela. Sylvia aprendeu que o Pai Celestial não a abandonará.

As escrituras abençoaram outros. Muitas pessoas aqui presentes já leram o livro *The Hiding Place* (O Esconderijo), de Corrie ten Boom. As escrituras foram uma resposta para ela numa época muito mais triste do que qualquer de nós jamais enfrentará.

Corrie e sua irmã, Betsy, tinham uma vida cristã na Holanda, antes da Segunda Guerra Mundial. Sua resposta à brutalidade com relação aos judeus foi a de escondê-los na própria casa. Quando o esconderijo foi descoberto, as irmãs foram enviadas a um

campo de concentração, onde sofreram toda a privação imposta aos prisioneiros judeus. Estranhamente, Corrie conseguiu guardar uma Bíblia e dirigia a leitura das escrituras entre os outros prisioneiros. Seu sofrimento físico tornou-se "cada vez mais intenso", mas descreveu sua vida interior de maneira exatamente oposta. Em suas próprias palavras: "Nossa Bíblia era o centro de um círculo infinito de ajuda e esperança. Como crianças abandonadas, agrupadas em torno de uma fogueira flamejante, achegavamo-nos às escrituras, buscando luz e calor para nossa alma. Quanto maior a escuridão a nossa volta, mais brilhante, verdadeira e linda resplandecia a palavra de Deus (. . .)

A vida (. . .) dividiu-se em duas partes: uma, exterior, cada vez mais terrível; a outra, a vida com Deus, tornava-se cada dia melhor, verdade sobre verdade, glória sobre glória." [Corrie ten Boom, *The Hiding Place* (O Esconderijo), New York City, Bantam Books, 1974, pp. 194–95.]

Outros como Sylvia e Corrie ten Boom testificaram acerca do poder das escrituras. Por conhecer e acreditar nas palavras do Pai Celestial, o próprio Salvador foi um exemplo para nós. No capítulo quarto de Lucas, diz-se que quando Jesus jejuou quarenta dias e foi tentado pelo demônio, este sugeriu que se o Senhor fosse o Filho de Deus, que transformasse uma pedra em pão. Mesmo depois de jejuar quarenta dias, Jesus disse: "(. . .) nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus." (Lucas 4:4). Ele conhecia as palavras dos profetas.

Satanás tentou Jesus novamente, oferecendo-Lhe poder e glória se Ele o adorasse. Jesus resistiu à tentação e respondeu: "(. . .) está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás." (Lucas 4:8). Jesus conhecia a vontade do Pai e Suas palavras fortaleceram-No num momento de tentação.

As escrituras também fortalecerão as jovens em períodos de tentação. Elas nos foram dadas a fim de nos ajudar a conseguir paz e segurança em épocas de crise, ajudar-nos a encontrar soluções para os desafios diários e fortalecer-nos em épocas de tentação. As escrituras nos ajudarão a melhorar nossa conduta quando passarmos a conhecer o Salvador, Jesus Cristo. As jovens da Igreja foram incentivadas a assumir o compromisso de ler as escrituras regularmente este ano.

Imaginem só, quinhentas mil jovens, no mundo inteiro, com as escrituras abertas. Vejo esses livros abertos em acampamentos, conferências de jovens, nas aulas dominicais, em maratonas de leitura e jovens lendo as escrituras em lares para idosos. As jovens podem ler as escrituras

para os irmãos e irmãs menores ou para os avós cuja vista esteja fraca. Vejo as escrituras sobre travesseiros, em mesinhas de cabeceira, nas noites familiares. O coração de Alma ficaria enternecido ao ver as jovens reunidas em capelas e nas sedes de estaca com as escrituras nas mãos. Poderiam todas abrir comigo o Livro de Mórmon no capítulo trinta e dois de Alma? Lerei o versículo 27 e leremos juntas o versículo 28.

"Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes uma partícula de fé, sim, mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, deixai que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma que possais dar lugar a uma porção de minhas palavras.

Compararemos a palavra a uma semente. Ora, se derdes lugar em vosso coração para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira, ou seja, uma boa semente, se não a lançardes fora por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, eis que ela começará a inchar em vosso peito; e quando tiverdes essa sensação de crescimento, começareis a dizer a vós mesmos: Deve ser uma boa semente, ou melhor, a palavra é boa porque começa a dilatar-me a alma; sim, começa a iluminar-me o entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa."

No versículo 37, lemos que depois de havermos plantado a semente e ela começar a crescer, devemos "(. . .) [tratar] dela com muito cuidado, para que crie raiz, para que cresça e dê frutos." O versículo 41 nos diz como cultivar a palavra com fé, diligência e paciência e esperar pelo fruto. É minha oração que cada jovem desta Igreja obtenha a promessa do versículo 42, que diz que quando tivermos plantado e cultivado a semente nós nos "[banquetearemos] com esse fruto, até [nos] fartarmos, de modo que não [teremos] fome nem [teremos] sede."

Essa é a promessa do Pai Celestial para nós, se aceitarmos o convite de pormos à prova Sua palavra. Presto testemunho dessa promessa em nome de Jesus Cristo. Amém. □

A Recompensa Vale a Pena

Melanie Eaton
Ala Leland, Estaca Spanish Fork Utah West

A orientação que obtenho por meio do estudo das escrituras é uma influência tranqüilizadora e proporciona paz a minhas atividades diárias.

Participo de corridas em terreno acidentado. Às vezes, correr cinco mil metros em terreno acidentado pode parecer uma eternidade. Aprendi a perseverar até o fim e a agüentar o trabalho árduo e muitos desafios físicos e emocionais. Às vezes minha mente gritava pedindo que parasse e desistisse da corrida ou do treinamento exaustivo; eu tinha, porém, que perseverar até o fim, mental e fisicamente. Percebi que, ainda que seja muito difícil participar de uma corrida ou terminar um treinamento difícil, nada se iguala à satisfação de saber que não desisti.

Em 3 Néfi, capítulo 15, versículo 9, Jesus disse aos nefitas:

"Eis que sou a lei e a luz. Confiai em mim e perseverai até o fim e vivereis; porque àquele que perseverar até o fim, darei vida eterna."

O conceito de persistência também se aplica ao estudo das escrituras. Nem sempre tem sido fácil estudá-las. Elas sempre pareciam difíceis demais e o terreno, acidentado demais. No seminário, encorajaram-me a adquirir o hábito de ler as escrituras dez minutos todos os dias. Garantiram-me que, no final, valeria a pena. Iniciei o treinamento. Todas as vezes que lia o Livro de Mórmon, encontrava mensagens diferentes relativas aos problemas de minha vida. Sentia-me muito empolgada e, hoje, espero que sintam esse entusiasmo. Sei que não é fácil. Todas passamos por isso, mas prometo-lhes que, se abrirem as escrituras e as lerem todos os dias, sem exceção, irão sentir o mesmo entusiasmo e o mesmo testemunho. Uma das maiores bênçãos provenientes desse estudo é nos achegarmos mais ao Pai Celestial e a Jesus Cristo.

Por meio das escrituras o Espírito Santo induz-me a fazer escolhas certas todos os dias. Em 2 Néfi, capítulo 32, versículo 3, lemos:

"Os anjos falam pelo poder do Espírito Santo; falam, portanto, as palavras de Cristo. Por isto eu vos disse: Banqueteai-vos com as palavras de Cristo; pois eis que as palavras de Cristo vos dirão todas as coisas que deveis fazer."

Se perseverarem até o fim e fizerem do estudo das escrituras um hábito para toda a vida, poderão dizer com Paulo:

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé." (II Timóteo 4:7)

Presto testemunho de que o esforço vale a pena. Amo o Livro de Mórmon e as verdades nele contidas. Levei alguns anos e levarei muitos outros para aprender a aplicar as escrituras à vida diária; porém, a orientação que obtenho por meio do estudo das escrituras é uma influência tranqüilizadora e proporciona paz a minhas atividades diárias. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Confiar no Senhor

Andrea Allen
Ala Forest Hills, Estaca Brigham City Utah

O Senhor nos orientará e nos ajudará se buscarmos ajuda e respostas com real intenção e com sinceridade.

Tenho uma amiga que está passando por momentos difíceis. No início do ano, enfrentou muitos problemas e eu não sabia como ajudá-la. Em minhas orações, pedi ao Pai Celestial que a abençoasse e que me ajudasse a ser sua amiga. Certo dia, ela se zangou comigo e não compreendi a razão. Não sabia como reagir. Não queria dizer algo que viesse a estragar nossa amizade, principalmente porque sentia que ela precisava de mim naquele momento. Porém, depois que se zangou comigo, achei que seria muito difícil continuar a ser sua amiga. Pensei em desistir, pois estava desanimada.

Uma tarde, no seminário, li a seguinte escritura em Mosias:

"Ora, se Deus, que vos criou, de quem depende vossa vida e tudo o que tendes e sois, concede-vos todas as coisas justas que pedis com fé, acreditando que recebereis, oh! então, quanto mais não deveríeis repartir os vossos bens uns com os outros!" (Mosias 4:21)

Naquele momento soube que ela precisava e ainda precisa dos *bens que posso repartir*, que são a amizade e o testemunho. Por isso resolvi não desistir dessa amiga. Converso com ela todos os dias, *oro por ela* e tenho fé que meus esforços resultarão em algo positivo. Sinto-me muito grata por haver orado e recebido orientação por meio das escrituras.

Nós, moças, deparamo-nos com desafios, escolhas e situações difíceis. Muitas vezes nos achamos suficientemente fortes para encontrarmos a solução sozinhas. Mas não somos suficientemente fortes . . . não sozinhas. No entanto, o Senhor nos orientará e nos ajudará se buscarmos ajuda e respostas com real intenção e com sinceridade. Precisamos deixar o Senhor nos ajudar. Precisamos confiar Nele e em *Sua vontade*. Depois de termos feito Sua vontade, encontraremos alegria e felicidade genuínas. Saberemos que agimos da maneira correta.

Se abrirem as escrituras no Capítulo 3 de Provérbios, versículos 5 a 6, juntas poderemos ler e saber que o Pai Celestial deseja que confiemos Nele:

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas."

Tenho um testemunho a respeito das escrituras. Sei que se "(confiarmos) no Senhor" e as lermos fervorosamente, receberemos orientação e ajuda relativa àquilo que devemos fazer ao enfrentarmos qualquer dificuldade. Sei que agindo assim, sentiremos o amor do Salvador. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Moças lêem um texto de escritura durante a Reunião Geral das Moças no Tabernáculo de Salt Lake, em 25 de março.

Ele Estará Lá para Ajudar

Hilarie Cole
Ala Oito West Jordan, Estaca West Jordan Utah

Estudando as escrituras diariamente, lembro-me de ter fé no Pai Celestial.

Somos todas diferentes. A cada uma de nós foram dados talentos e desafios. Algumas têm limitações físicas ou mentais; outras sentem-se sós ou vêm de lares onde os princípios do evangelho não são ensinados. O Pai Celestial ama a todas nós e por isso nos deu uma fonte de conforto e força—as escrituras.

Queridas amigas, sinto-me grata pela oportunidade de falar sobre minha experiência com as escrituras.

Fui abençoada por ter crescido em um lar onde as escrituras são parte importante da vida. Freqüentei muitas atividades da Igreja e ouvi amigos e familiares prestarem testemunho a respeito do poder que existe nelas. Senti o desejo de obter um testemunho pessoal do poder e da veracidade das escrituras.

No entanto, isso não foi fácil. Devido a um problema de aprendizagem, era-me difícil ler as palavras e ainda mais difícil compreendê-las. Muitas vezes ficava desconcertada e frustrada. Não gostava de ir à reunião das Moças porque me sentia pouco à vontade. Tinha receio que me pedissem para ler algo. Era mais cômodo ficar em casa com minha família; porém, continuava frustrada.

Orei pedindo ajuda e encontrei esta escritura. Se abrirem comigo o Livro de Mórmon em Morôni 7:33, irão descobrir a resposta que recebi.

"E Cristo disse: Se tiverdes fé em mim, tereis poder para fazer tudo quanto me parecer conveniente."

Que promessa maravilhosa! Se eu tivesse fé no Senhor, Ele me ajudaria. Ele me ajudaria a compreender as escrituras. Essa era a chave. Um versículo de cada vez, um dia de cada vez, comecei a compreender. Melhorei até na escola. Graças ao estudo do Livro de Mórmon, consegui completar o segundo grau. Ainda tenho o problema de aprendizagem e enfrento desafios todos os dias; no entanto, estudando as escrituras diariamente, lembro-me de ter fé no Pai Celestial.

Não importa onde morem ou de que tipo de família venham, o Pai Celestial ama todos e estará a seu lado para ajudá-las e fortalecê-las sempre que precisarem Dele. Sei disto porque Ele tem estado a meu lado. Amo minha família, que conhece as dificuldades que enfrento. Sou grata pelos líderes que trabalharam comigo. Sei que a Igreja é verdadeira. Sei que as escrituras estão a nossa disposição para aprendermos. Sei que Cristo vive. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Ser um Líder que Promova o Crescimento

Karen Maxwell
Ala 2 Estaca Salt Lake Monument Park Norte

As jovens (. . .) receberão a empatia e muita ajuda prática de líderes que já conquistaram os atributos da paciência e da diligência.

Sou líder de estaca das Moças e, como as demais líderes das alas e estacas de todo o mundo, tenho procurado maneiras significativas de cultivar a palavra de Deus. Felizmente, podemos utilizar a fórmula de Alma no capítulo 32, versículo 41, que diz:

"Se, porém, cultivardes a palavra, sim, cultivardes a árvore quando ela começar a crescer, com vossa fé, com grande esforço e com paciência, esperando o fruto, ela criará raiz; e eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna."

Alma recomenda paciência, grande diligência e fé àqueles que procuram cultivar a palavra. A paciência deve vir da humildade; não podemos forçar esse processo. O Presidente Boyd K. Packer lembra-nos:

"Podemos criar um ambiente que favoreça o crescimento de uma planta; podemos cultivá-la e protegê-la, mas não podemos forçar seu desenvolvimento. Não podemos ser impacientes na aquisição de um grande conhecimento espiritual. Precisamos deixá-lo crescer; ajudá-lo a crescer, mas não forçá-lo; caso o façamos, seguiremos por um caminho que talvez nos induza ao erro." (*Ensign*, jan. 1983, p. 53.)

Ao envolvermos as jovens no planejamento de serões, grupos de leitura e maneiras criativas de compartilhar suas idéias, estamos encorajando o crescimento que certamente perceberão quando colocarem à prova a palavra de Deus. Podemos criar oportunidades de lermos em conjunto, registrarmos experiências pessoais, mostrarmos nossos talentos musicais e artísticos e prestarmos testemunho. Podemos testificar e ficar por perto.

Um grupo de presidentes das Moças lamentou que, depois de um bom começo pondo à prova a palavra de Deus, tivesse sido necessária uma injeção de entusiasmo algumas semanas mais tarde. É nesse momento que a "grande diligência" torna-se importante. Devemos continuar a planejar, atividades centralizadas no evangelho tendo em vista um propósito. Nós mesmas precisamos ler mais as escrituras! Num grupo de líderes de ala que se empenhara nessa tarefa, uma líder das Moças comentou: "Detesto admitir, mas, para mim, é realmente difícil." As demais do grupo, obviamente, gostaram de sua honestidade, visto que relataram, depois, seus próprios esforços nessa área e a necessidade de estabelecer metas realísticas. Certamente as jovens daquela ala receberão a empatia e muita ajuda prática de líderes que já conquistaram os atributos da paciência e da diligência.

Finalmente, devemos ter fé que Jesus Cristo pode e tocará o coração das jovens ao trabalharmos juntas para a comemoração mundial das Moças. A fé tem sempre um elemento de ação. João 7:17 dá-nos a esperança de que "se [uma jovem] quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá que ela é de Deus (. . .)". (Essas podem não ser as palavras exatas, mas tenho certeza de que Néfi as aprovaria, já que ele também aplicava as escrituras a si mesmo.) Os projetos de serviço e de progresso pessoal são verdadeiros cultivadores da palavra ou da doutrina. O empenho em viver o evangelho é o que realmente sustém nossos esforços para conhecer e cultivar a palavra de Deus.

A fé certamente deve incluir orações pelas jovens e com as jovens em seus esforços. Meu pai compôs uma música que contém a seguinte oração:

"Ó Senhor, desejo ouvir a palavra
que me enviaste em Tua misericórdia.
Remove o selo de meu coração para
que eu o ofereça a Ti;
Dá-me um espírito desejoso de buscar, para que eu me achegue a Ti.
Cura meus ouvidos surdos; remove
a cegueira de meus olhos.
Aumenta minha alegria em Ti, para
que em Ti eu me regozije, Santo de Israel,
Para que eu santifique o Teu nome."
[Merrill Bradshaw, "The Restoration" (A Restauração).]

Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Uma Época de Fazer Escolhas

Presidente Thomas S. Monson
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Tomem o Senhor como guia. Não dêem ouvidos à voz persuasiva do maligno (. . .) Lembrem-se do convite dócil e sempre legítimo do Redentor: "Vem, e segue-me."

Que multidão impressionante e inspiradora de moças, com suas mães e líderes, reunidas esta noite, nesta ocasião sagrada. Todos nos sentimos inspirados pela beleza, sim, pela grandiosidade do que escutamos, vimos e sentimos no decorrer desta conferência. Peço o auxílio do Pai Celestial ao ter este privilégio de dirigir-vos algumas palavras.

Sei que é importante para mim ter em mente sua perspectiva. Aprendi essa verdade com uma neta de sua idade. Falava eu a sua família a respeito da importância de ter-se um número suficiente de rapazes e moças em uma ala, a fim de aumentar as oportunidades sociais e de juntos aprenderem os princípios do evangelho. Comentei: "Sabem que quando o Élder Joseph Wirthlin era bispo aqui na cidade de Salt Lake, ele tinha um quórum de sacerdotes completo, com quarenta e oito rapazes?"

Minha neta, que escutava sem muito falar, exclamou de repente: "Que maravilha!"

Aprendi a dar valor à importância de ter-se o ponto de vista correto. Já se disse que os jovens querem mudar o mundo e os mais velhos querem mudar os jovens!

Oh, os sonhos de nossa juventude! Quão belos são e quão efêmeros! Nos dias de hoje, entretanto, alguns jovens vagam num mar de incertezas, com as ondas da tentação ameaçando tragá-los. Um jornalista de destaque nacional nos Estados Unidos descreveu a situação da seguinte maneira: "Os fatos refletem os dias em que vivemos (. . .) dias em que se fazem concessões, em que os princípios se enfraquecem; dias em que se rotula o pecado como sendo apenas um erro, em que a moralidade é relativa e em que o materialismo valoriza o oportunismo e a redução de responsabilidades.

As moças perguntam em silêncio: "O que posso fazer para garantir minha felicidade eterna? Pode ajudar-me?" Ofereço quatro sugestões:

1. *Estudem com diligência;*
2. *Escolham com cuidado;*
3. *Orem com fervor;*
4. *Ajam com sabedoria.*

Primeiro, **estudar com diligência.** Tudo o que se disse esta noite indica as sagradas escrituras como um guia infalível em nossa vida. Familiarizem-se com as lições ensinadas pelas escrituras. Aprendam o contexto das parábolas do Mestre e as admoestações dos profetas. Estudem-nas como se lhes falassem diretamente, pois isso é verdade. Por exemplo: Escutemos o calmo mas persuasivo apelo do Apóstolo Paulo ao aconselhar o jovem Timóteo: "Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza."[1]

Fazer um curso intensivo de escrituras não tem a mesma eficiência que a leitura diária e a aplicação das escrituras em nossa vida. Além disso, aprendemos muitas lições ao estudarmos a boa literatura. Um dos mais conhecidos musicais de nossos tempos é Um Violinista no Telhado, de Joseph Stein.

A alegria da dança, o ritmo da música, a excelente representação dos atores, tudo isso cede lugar quando Tevye, o pai, diz o que, em minha opinião, torna-se a mensagem da peça. Ele reúne suas encantadoras filhas perto de si e, na simplicidade do cenário rural, dá-lhes conselhos enquanto pensam a respeito do futuro. "Lembrem-se: em Anatevka, cada um de nós lembra-se de quem é e do que Deus espera que se torne." Considerando nossa vida terrena, será que não poderíamos levar em consideração a afirmativa de Tevye e replicar: "Aqui, cada uma de nós sabe quem é e o que Deus espera que ela se torne." *Estudem com diligência.*

Em segundo lugar, **escolher com cuidado.** Todas principiaram um empreendimento vital e assombroso quando partiram do mundo espiritual e entraram no estágio da mortalidade. Pais amorosos deram-lhes as boas-vindas. Professores inspirados ensinaram-lhes a verdade. Amigos verdadeiros deram-lhes conselhos. Ainda assim, as escolhas na vida são individuais. Não há escolhas insignificantes, pois nos tornamos aquilo em que pensamos. As escolhas determinam nosso destino.

Muitos anos atrás, tive em minhas mãos um guia para tais escolhas. Era um volume de escrituras comumente chamado de Combinação Tríplice, contendo o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. O livro fora presente de um pai extremoso à bela filha, que crescia e se desenvolvia e que, cuidadosamente, seguia os conselhos do pai. Na primeira folha do livro, o pai escrevera, de próprio punho, estas inspiradas palavras:

Minha querida Maurine:

Para que tenha uma medida constante para julgar entre a verdade e os erros das filosofias dos homens e cresça em espiritualidade, aumentando seu conhecimento, dou-lhe este livro sagrado para que o leia com freqüência e o preze por toda a vida.

Seu pai que a ama, Harold B. Lee

Moças, escolham os amigos com cuidado, pois eles ajudam a determinar seu futuro. Esforcem-se para honrar pai e mãe, como o Pai Celestial deseja que o façam. Eles as amam e, conscientemente, não as desviariam do caminho certo.

No clássico de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, Alice encontra-se em uma encruzilhada com dois caminhos diante dela, ambos seguindo em frente, mas em direções opostas. Ao deparar-se com um gato, Alice pergunta: "Que caminho devo tomar?"

Responde o gato: "Depende de onde queres ir. Se não sabes aonde queres chegar, não importa o caminho que sigas."

Diferentemente de Alice, cada uma de nossas moças sabe aonde quer chegar. O caminho que tomamos faz toda a diferença, pois aquele que seguirmos nesta vida certamente conduzirá ao que seguiremos na próxima. *Escolham com cuidado.*

Em terceiro lugar, **orar com fervor.** Cada uma de nossas moças é uma filha de Deus, criada a Sua imagem. Sua jornada é celestial. O Pai Celeste deseja que entrem em contato com Ele freqüentemente, por meio de oração sincera e fervorosa. Lembrem-se: Nunca estão sós. Não se esqueçam jamais que são amadas. Não tenham dúvida: Alguém, certamente, importa-se com vocês.

Seus desafios são reais; suas preocupações, importantes; sua necessidade de obter respostas, vital. A juventude deve familiarizar-se com a seção 9 de Doutrina e Convênios. Ela contém uma lição para cada uma. Ao ponderarem sobre uma decisão, dirijam-se ao Pai Celestial da maneira aconselhada ao Profeta Joseph Smith pelo Senhor. O Senhor diz ao Profeta Joseph Smith na seção 9: "Mas, eis que Eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois Me deves perguntar se é correto e, se for, Eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo." E o Senhor continua: " Mas, se não for correto não sentirás isso, mas terá um estupor de pensamento que te fará esquecer o que for errado (. . .)"

Este conselho irá guiá-las. Ele tem-me guiado sempre. *Orem com fervor.*

Em quarto e último lugar, **ajam com sabedoria.** Tomem o Senhor como guia. Não dêem ouvidos à voz persuasiva do maligno, que as induz a afastarem-se dos padrões, dos ensinamentos recebidos no lar e da filosofia de vida que adotaram. Lembrem-se do convite dócil e sempre legítimo do Redentor: "Vem, e segue-me." Sigam-No, e estarão agindo com sabedoria e serão eternamente abençoadas.

Em sua jornada pela vida, notarão que não são as únicas viajantes.

Há outros que necessitam de sua ajuda. Há pés a firmar, mãos a segurar, mentes a estimular, corações a inspirar e almas a salvar.

Estive recentemente com uma amiga adolescente, Jami Palmer, minha conhecida há muitos anos, que se está recuperando de um câncer. Ela resistiu ao diagnóstico; submeteu-se à cirurgia e à dolorosa quimioterapia. Hoje, está resplandecente, bela e olhando para o futuro cheia de confiança e fé. Fiquei sabendo que no momento mais difícil, quando o futuro lhe parecia sombrio, a perna onde se localizava o câncer necessitava de diversas cirurgias. Um passeio planejado por sua classe das Moças muito tempo antes, incluindo uma íngreme subida, estava fora de cogitação—pensava ela. Jami disse às amigas que teriam de fazer o passeio sem ela. Tenho certeza que sua voz estava embargada e o coração decepcionado. As outras moças, no entanto, responderam com firmeza: "Não, Jami, você vai conosco!"

"Mas não consigo andar", foi sua resposta aflita.

"Então vamos carregá-la até lá em cima!" E assim o fizeram.

Hoje, o passeio é apenas uma lembrança, mas a realidade significa muito mais. O poeta escocês James Barrie declarou: "Deus deu-nos as lembranças para que tivéssemos as rosas do verão no inverno de nossa vida." Nenhuma dessas preciosas moças esquecerá jamais o dia extraordinário em que, tenho certeza, um Pai Celestial cheio de amor olhou em sua direção, aprovando-as com um sorriso e demonstrando Sua alegria.

Que nosso Pai Celestial as abençoe sempre, valiosas moças, que Ele inspire sempre suas queridas mães, guie suas professoras e cuide sempre de vocês, é minha sincera oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

NOTAS

1 I Timóteo 4:12.

2 Doutrina e Convênios 9:8,9.

3 Lucas 18:22.

A Luz Interior de Cada Uma

Presidente Gordon B. Hinckley

Quão maravilhoso é pensar que cada uma aqui presente é uma filha de Deus, uma moça de herança divina e de destino divino!

Queridas companheiras nesta grande obra, moças e mães maravilhosas, meu discurso desta noite não estava no programa. Ainda assim, agradeço a oportunidade de acrescentar algumas palavras às excelentes mensagens escutadas hoje aqui. Deram-se muitos bons conselhos, dos quais podemos tirar imenso proveito. Espero nunca nos esquecermos das coisas ouvidas aqui, pois servirão para direcionarmos nossa vida.

Agradeço pelo destaque dado à leitura das escrituras. Espero que isso se torne algo mais agradável que um simples dever; que se transforme em uma paixão pelas palavras de Deus. Prometo-lhes que, quando as lerem, sua mente será iluminada e seu espírito elevado. A princípio, poderá parecer monótono, mas transformar-se-á em uma maravilhosa experiência com pensamentos e palavras de natureza divina.

Acredito nunca ter havido outra congregação semelhante a esta em todo o mundo, com exceção de conferências das Moças anteriores aqui no Tabernáculo. Há centenas de milhares de moças reunidas neste sábado à noite, em locais espalhados por toda a Terra. Quão maravilhoso é pensar que cada uma é uma filha de Deus, uma moça de herança divina e de destino divino!

Quando a irmã Hinckley e eu éramos mais novos e menos duros e frágeis, costumávamos ir a bailes. Ela poderia dizer-lhes que esse hábito cessou logo após nosso casamento. Devo confessar que gostava de estar com ela mais do que propriamente de dançar.

Naquela época havia uma música popular, cuja letra dizia logo no início:

> *"Alguém te ama, quero que saibas,*
> *Ele quer estar contigo onde quer*
> *que vás."*
> (Charlie Tobias and Peter De Rose, *"Somebody Loves You,"* Edwin H. Morris & Co., Inc., 1932)

Interpreto essas palavras como tendo um sentido diverso daquele atribuído pelo autor original. Desejo que saibam—todas, a despeito de onde estejam—que são amadas. O Pai Celestial, de cuja natureza divina partilham, ama-as. Ele deseja que Seu Santo Espírito as acompanhe

onde forem, se o convidarem e cultivarem-no.

Há algo de divino dentro de cada uma. As moças têm um enorme potencial, e essa qualidade faz parte da natureza que herdaram. Cada uma foi dotada por seu Pai Celestial com uma tremenda capacidade de fazer o bem no mundo. Treinem as mentes e mãos, para estarem prontas a bem servir na sociedade da qual fazem parte. Cultivem a arte da bondade, da solicitude, do serviço. Refinem dentro de si a qualidade da compaixão, que faz parte dos atributos divinos que herdaram.

Algumas talvez não se sintam tão atraentes, belas ou charmosas como gostariam. Ergam-se acima de tais sentimentos, cultivem a luz que têm dentro de si, e ela brilhará, com um esplendor que será notado pelos outros.

Não precisam jamais sentir-se inferiores. Não precisam jamais sentir que nasceram sem talentos ou sem oportunidades de expressá-los. Cultivem os talentos que possuem, e eles irão crescer e refinar-se, tornando-se uma expressão de seu verdadeiro eu, apreciado pelos outros.

Em resumo, esforcem-se um pouco mais a fim de demonstrarem o divino que há dentro de si.

Agradeço-lhes pelo que há de bom em suas vidas, pelo desejo que têm no coração de fazerem o que é certo, por serem fervorosas, amáveis e bondosas. Temos toda confiança em cada jovem. Nós as amamos e oramos por todas. Damos-lhes nossa bênção em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Eles Falaram para Nós

Relatório da 165º Conferência Geral Anual em 1º e 2 de abril de 1995

Presidente Gordon B. Hinckley: Amo o povo desta Igreja, de todas as idades, de todas as raças e de muitas nações.

Amo as crianças. Elas são as mesmas em qualquer lugar do mundo. A despeito da cor de sua pele e das circunstâncias em que vivam, elas têm em si a beleza que vem da inocência e do fato de até bem pouco tempo estarem vivendo com o Pai Celestial. Quão encantadoras são as preciosas crianças(. . .).

É hora de sermos fortes(. . .). É o momento de termos consideração, bondade, honestidade e cortesia uns para com os outros em todos os tipos de relacionamento. Em outras palavras, de nos tornarmos mais semelhantes a Cristo.

Presidente Thomas S. Monson, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência: Apoiamos hoje o Presidente Gordon B. Hinckley como Presidente da Igreja e profeta, vidente e revelador de Deus. Sei que o Presidente Hinckley foi chamado por nosso Pai Celestial como profeta e que ele nos guiará pelos caminhos traçados pelo Salvador. O trabalho prosseguirá, e o povo será abençoado.

Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência: Tive o grande privilégio de conviver, em várias designações da Igreja, com o Presidente Gordon B. Hinckley, durante quarenta anos. Conheço-lhe o coração. Conheço-lhe a alma. Sei de sua fé, dedicação e grande capacidade. Sei de seu amor pelo Senhor e pela santa obra de Deus. Tenho imensa afeição e estima pessoal por ele. Também sei que foi preordenado e maravilhosamente preparado para ser o Presidente desta Igreja em nossa época.

Élder David B. Haight, do Quórum dos Doze Apóstolos: O Presidente Gordon B. Hinckley agora veste o manto entregue ao Profeta Joseph Smith. Ele foi preordenado para este elevado e santo chamado nos conselhos pré-mortais.

Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze Apóstolos: Quando justamente o descrevemos como tendo um bom discernimento, bom humor, boa vontade, e como sendo bom ouvinte, o adjetivo comum é bom. A bondade é, portanto, a chave da formação do Presidente Hinckley, a quem prazerosamente apóio como nosso Presidente, profeta, vidente e revelador.

Élder Joseph B. Wirthlin, do Quórum dos Doze Apóstolos: Presto testemunho de que o Presidente Hinckley foi preordenado, levantado e preparado por Deus para anunciar sua palavra ao povo, a fim de que tenham vida eterna. Eu o conheço bem desde a juventude e tenho observado pessoalmente que na textura de seu nobre caráter não há um fio sequer de má qualidade.

Élder Robert D. Hales, do Quórum dos Doze Apóstolos: Sempre houve uma necessidade desesperadora da voz firme e tranqüilizadora de um profeta de Deus: alguém que nos faça conhecer a vontade do Senhor, mostrando-nos o caminho da segurança espiritual e da paz e felicidade pessoal(. . .). Testifico-vos que o Presidente Gordon B. Hinckley é (. . .) nosso profeta hoje.

Élder Roberto Ayala, dos Setenta: Somos felizes, hoje, por termos a oportunidade de apoiar um novo profeta e seus conselheiros, que amamos e sustemos. Nos próximos dias, em quase todas as nações da Terra, mesmo nos povoados e cidades mais remotos, nossos membros também terão o privilégio de erguer a mão, com prazer, para apoiá-los da forma que fizemos hoje. □

Élder Henry B. Eyring

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Quando era criança e estava chegando à idade do batismo, Henry B. Eyring sentou-se com as pernas enfiadas no encosto da cadeira para ouvir um orador na igreja. "Virei-me para olhar para ele", recorda Élder Eyring. "Sabia que o que ele estava dizendo vinha de Deus e era verdade. Fez-me arder o coração."

Agora, com sessenta e um anos de idade, Henry B. Eyring preenche a vaga no Quórum dos Doze Apóstolos, criada com a reorganização da Primeira Presidência após a morte do Presidente Howard W. Hunter, em 3 de março.

Nascido a 31 de maio de 1933 em Princeton, Nova Jersey, Henry, ou Hal, como era chamado, foi o segundo dos três filhos de Henry e Mildred Bennion Eyring, criado numa casa cheia de música, descobertas intelectuais e desenvolvimento espiritual. "A fé religiosa ressaltava o estudo científico em nosso lar", diz o Élder Eyring, cujo pai lecionava química na Universidade de Princeton, e cuja mãe era uma talentosa professora e musicista. Durante a Segunda Guerra Mundial, as reuniões domingueiras do pequeno ramo local da Igreja eram realizadas na casa da família Eyring.

Em 1945, os Eyrings mudaram-se para a Cidade de Salt Lake, em Utah, onde Henry Eyring foi diretor da Escola Graduada da Universidade de Utah. Os meninos da família Eyring—Edward, Henry e Harden—não eram mais os únicos portadores do Sacerdócio Aarônico na igreja.

"Estudei física porque meu pai disse que era importante entender as ciências", diz o Élder Eyring, que se formou em física pela Universidade de Utah, em 1955. Terminada a faculdade, o Élder Eyring serviu dois anos na Força Aérea dos Estados Unidos em Albuquerque, Novo México. Ao mesmo tempo em que prestava o serviço militar, o tenente Eyring serviu como missionário de distrito na Missão dos Estados do Oeste. Trabalhando à noite e nos fins de semana, ele ensinou o evangelho a muita gente.

Depois do serviço militar, Élder Eyring freqüentou a Universidade de Harvard, em Boston, Massachusetts, onde fez mestrado em administração de empresas, em 1959, e doutorado na mesma área, em 1963. Enquanto estava em Harvard, conheceu Kathleen Johnson, filha de Joseph e Laprele Lindsay Johnson, de Palo Alto, Califórnia. Casaram-se no Templo de Logan, em 1962, vindo a ter seis filhos—Henry, Stuart, Matthew, John, Elizabeth e Mary. Os Eyrings sempre deram grande valor à vida familiar. Projetos para as manhãs de sábado, como montar uma estante ou plantar flores, complementavam as noites familiares quando as crianças eram pequenas. Incentivavam as descobertas intelectuais e o crescimento espiritual e, para que houvesse equilíbrio, praticavam esportes. "Jamais me dediquei a um esporte que não pudesse praticar com meus filhos", diz ele. Assim, o tênis, o basquete e a natação tornaram-se atividades da família.

A escolha de sua carreira baseou-se no desejo de ensinar e levou-o à posição de professor da Escola Graduada de Administração da Universidade de Stanford, incluindo um ano como do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Cambridge. Também serviu durante quatro anos como bispo da Ala Stanford Um, uma ala de estudantes pertencente à Estaca Palo Alto. "Em 1971, depois de nove anos em Stanford, tive a oportunidade de servir como presidente do *Ricks College* (Faculdade Ricks) em Rexburg, Idaho", diz o Élder Eyring, que, durante um desastre no Reservatório de Idaho Teton, ajudou a remover lama ao lado dos alunos. "Seis anos mais tarde, em julho de 1977, iniciei um período de oito anos de trabalho no Sistema Educacional da Igreja—três como comissário assistente e cinco como comissário de educação."

O Élder Eyring serviu como representante regional e membro da Junta Geral da Escola Dominical. Em abril de 1985, foi chamado como Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente e, em outubro de 1992, foi chamado para servir no Primeiro Quórum dos Setenta. Como Setenta, tornou a trabalhar como comissário de educação. Sexta-feira, 31 de março, quando recebeu seu chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, estava também servindo como segundo conselheiro na presidência da Área América do Norte Oeste.

"Quando se sabe que algo é verdadeiro, deve-se agir de acordo com esse conhecimento", disse ele uma vez. Anos atrás, a verdade ardeu no coração do jovem Henry B. Eyring, e o Élder Eyring continua a agir de acordo com essa verdade, como sempre fez. □

Élder W. Craig Swick

Dos Setenta

Craig Swick ajudou a construir uma capela da Igreja, pela primeira vez, quando servia como missionário no sul da Bolívia, em 1968. "Tivemos que transportar madeira, concreto e vidro em burros, por um desfiladeiro nas montanhas", recorda ele.

Depois da missão, o Élder Zwick juntou-se à construtora de seu pai, na Cidade de Salt Lake, que mais tarde passou a suas mãos e foi dirigida por ele. Além de hospitais e escolas, a Construtora Zwick reformou os Templos de Chicaco Illinois e de Manti e construiu o Templo de Portland Oregon e a Biblioteca da História da Família de Salt Lake, o Museu de História e Arte da Igreja e o Centro Sul de Visitantes, na Praça do Templo.

"Quando os membros são edificados sobre um alicerce sólido de integridade pessoal, de famílias firmes e dignidade para entrar no templo", observa o Élder Zwick, "pode ocorrer um crescimento notável. Acho que continuaremos a ver a Igreja elevar-se com grande poder nesta geração."

Por ocasião de seu chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, Élder Zwick servia como diretor executivo do Departamento de Transportes de Utah. Nascido com uma irmã gêmea na cidade de Salt Lake, em 30 de junho de 1947, formou-se em Administração na Universidade de Utah, em 1971. Ele e Janet Johnson, a quem conhecera na escola secundária, casaram-se no Templo de Salt Lake em 21 de novembro de 1969. Depois de trabalhar no Oregon e na Califórnia, o casal estabeleceu-se na Cidade de Salt Lake em 1972. Seus quatro filhos variam entre quinze e vinte e três anos, e a família aprecia as atividades ao ar livre, como esquiar na neve, mergulhar e andar de bicicleta.

Em 1989, o Irmão Zwick foi chamado para presidir a Missão Chile Santiago Sul. Serviu também em dois sumos conselhos, três bispados e uma presidência de missão de estaca. Serviu na junta de diretores da Sinfônica de Utah e do *Associated General Contractors of America* (Associação de Empreiteiros dos Estados Unidos), e também como membro da Fundação de Utah para a Educação e no Conselho de Viagens Aéreas de Utah. Foi vice-presidente da *Okland Construction Company*.

"Meus pais ensinaram-me a trabalhar com afinco e a seguir o Espírito, e minha esposa me ofusca em muitas coisas significativas", diz Élder Zwick. "Tenho um forte testemunho do Livro de Mórmon e dos profetas de hoje." □

Élder Bruce D. Porter

Dos Setenta

"Quando eu era jovem", diz Élder Bruce D. Porter, "costumava fazer visitas de mestre familiar com meu pai. Às vezes as distâncias eram grandes, então tínhamos muito tempo para conversar. Nossas conversas sobre o evangelho tiveram um grande impacto sobre mim." Bruce, que nasceu em 18 de setembro de 1952 em Albuquerque, Novo México, diz que deve aos pais o princípio de seu testemunho.

Esse testemunho aprofundou-se quando serviu na Missão Alemanha Dusseldorf. "Meus dois presidentes de missão lutaram no exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial", explica o Élder Porter. "Um deles foi prisioneiro de guerra na Rússia. Fiquei tão impressionado com suas experiências que decidi estudar assuntos soviéticos quando voltei para casa.

Casa, naquela época, era a Universidade Brigham Young, onde ganhou uma bolsa de estudos. Lá, numa aula de religião, conheceu Susan Elizabeth Holland. Os dois casaram-se no Templo de Washington, em 2 de fevereiro de 1977.

"A partir do dia em que nos casamos", diz a Irmã Porter, "tornei-me a prioridade de sua vida, depois do Senhor, e por causa disso temos um relacionamento muito forte e uma grande amizade."

Seu compromisso com o Senhor tornou-se evidente durante os anos em que serviu como presidente de ramo, na Alemanha, como bispo, na Virgínia, e, até recentemente, como conselheiro em uma presidência de estaca na BYU.

Depois de passar um verão na Rússia, num programa de intercâmbio de estudantes, Bruce foi para a Universidade de Harvard, onde fez doutorado em ciência política, com ênfase em assuntos soviéticos. Trabalhou para o governo federal no Comitê de Armamento do Senado dos Estados Unidos e como diretor executivo da Junta para Transmissões Internacionais Via Satélite.

Ele e a mulher mudaram-se recentemente com a família para Provo, Utah, onde assumiu, na BYU, o lugar de professor-assistente, especializado em política russa.

Sobre o chamado para prestar testemunho do nome do Senhor em todo o mundo, o Élder Porter diz: "A base de meu testemunho é o conhecimento que tenho de que Jesus Cristo vive e é nosso Salvador." □

A *ceia em Emaús*, de Diego Rodríguez de Silva y Velásquez (1599-1660)
Cortesia do Metropolitan Museum of Art, Nova York
"E aconteceu que, estando (o Salvador ressuscitado) com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram." (Ver Lucas 24:13-35.)

FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Ordenado em 5 de março de 1995 como Presidente da Igreja, o Presidente Gordon B Hinckley, *ao centro*, foi apoiado em assembléia solene durante a 165ª Conferência Geral Anual, realizada em 1 e 2 de abril de 1995. Foram também apoiados o Presidente Thomas S. Monson, como Primeiro Conselheiro, e o Presidente James E. Faust, como Segundo Conselheiro.

RELATÓRIO DA
165ª CONFERÊNCIA GERAL ANUAL
ABRIL DE 1995

95987859